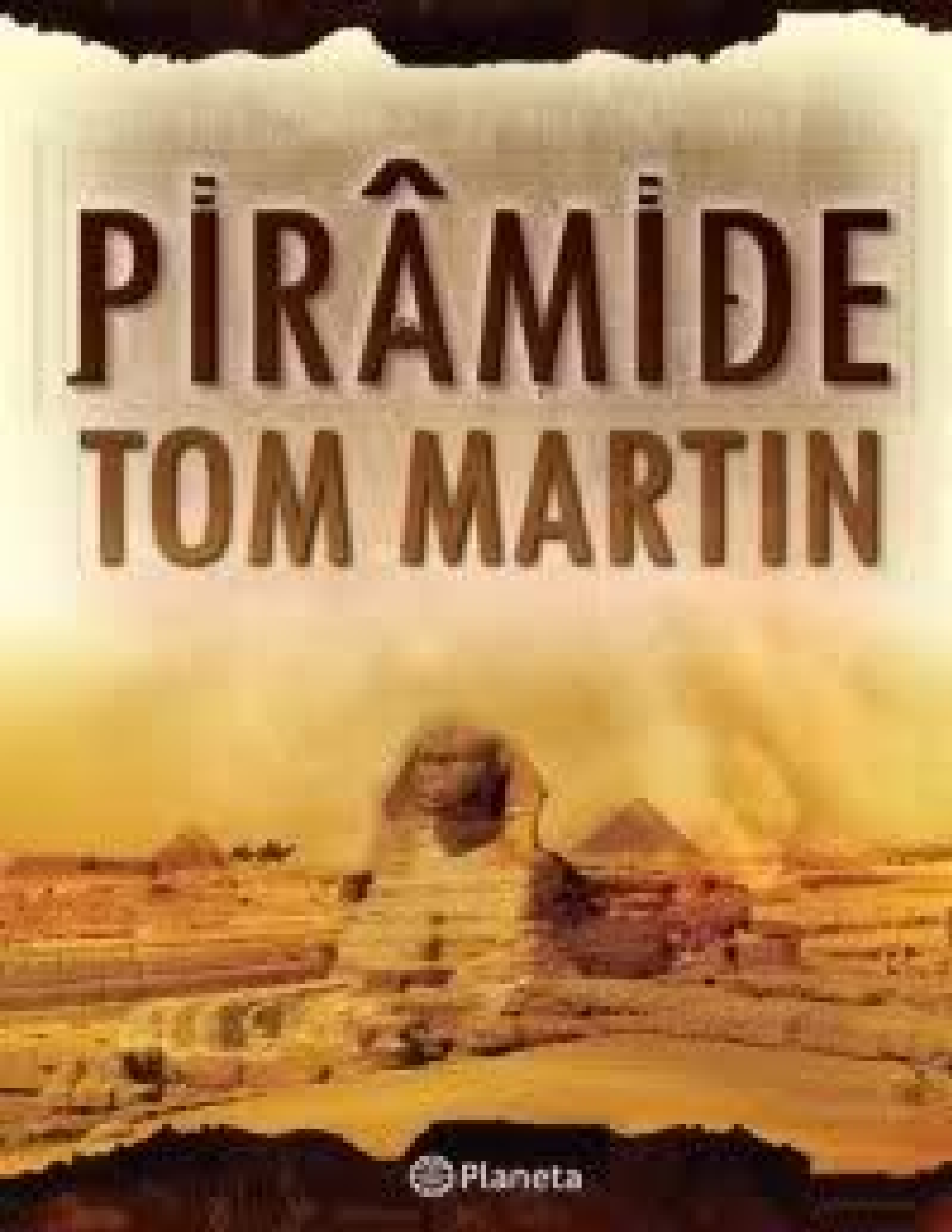
PİRÂMİDE

TOM MARTIN



Planeta

PRÓLOGO

Lá do alto, respirando o ar rarefeito dos Andes, o professor Kent contemplava pela última vez a beleza das antigas ruínas de Machu Picchu, que ficavam a 9 mil metros de altura. Fazia apenas dez minutos que ele dormira profundamente na cama confortável do Hotel Ruínas, próximo ao mundialmente famoso patrimônio histórico da Unesco, quando, de repente, sem qualquer cerimônia, fora arrancado do sono por dois estranhos.

Antes que conseguisse gritar por socorro, eles o amordaçaram e o arrastaram para fora da cama. Sem dizer uma única palavra, conduziram-no à força e descalço pelo corredor, passando por uma saída de incêndio, que acabou por levá-los à rua, onde o frio da noite era glacial. *"Então eles finalmente vieram atrás de mim depois de todos esses anos."* Era uma afirmação terrível. Nos últimos meses, começara a duvidar da própria sanidade, mas aquele rapto noturno lhe provava que as descobertas que fizera eram tão importantes quanto pensava...

Durante muito tempo, suspeitara de que, se continuasse a trabalhar naquelas descobertas, acabaria despertando as forças do mal. Cada uma que fazia o deixava cada vez mais tentado a pôr um ponto final na sua permanência neste planeta.

"Para onde estão me levando?"

O ar congelante da noite arrancava-lhe o calor do corpo trêmulo, professor Kent tropeçou enquanto era arrastado pelos braços por um caminho estreito e íngreme, em direção ao interior da região montanhosa. Ao lado daquele facínora corpulento que o empurrava ladeira acima em meio à escuridão, Kent tinha um aspecto deplorável. A barba branca e o cabelo ralo se emaranhavam com o suor, e o rosto pálido era quase o de um fantasma. Entretanto, mesmo passando por aquilo, a visão dos arredores era consoladora. Iluminada apenas pela lua, a paisagem irradiava uma beleza intensamente sagrada.

Chegaram a um platô, e o mais baixo dos raptores, que se arrastara ao longo do caminho, virou-se, tirou uma pequena caixa do bolso do casaco e a abriu. Em meio à escuridão, professor Kent não conseguia ver o que havia dentro dela. O

bandido mais corpulento, que prendia Kent por uma algema, de repente forçou o

homem apavorado a ajoelhar-se.

Tomado de pânico, professor Kent começou a relutar, mas o homem gigantesco o empurrou com tanta força que ele acabou deitado com o rosto no mato, pregado ao chão. Pouco tempo depois sentiu a mão violenta de alguém arrancar-lhe a mordaça.

Quando viu o outro raptor agachado a seu lado, segurando uma seringa, Kent começou a gritar. Lentamente - muito lentamente, ao que parecia -, o homem elevou a seringa à altura do seu rosto. À luz da lua, via-se a gotícula de um líquido semelhante a mercúrio brilhando na ponta do instrumento. Em seguida, o homem mais baixo disse com voz sibilante no ouvido do professor:

- Quer acrescentar mais alguma coisa ao seu rol de mentiras, velhote?

Tinha sotaque estrangeiro, embora não fosse possível dizer a procedência. Professor Kent ergueu o pescoço o mais que pôde, até que, com o canto do olho, conseguiu ver o rosto de quem o interrogava. Com grande esforço, proferiu, em tom áspero, uma pergunta.

- Se o que digo são mentiras, então por que vieram atrás de mim?

O homem sinistro riu com escárnio. Então, inclinou-se para a frente e roçou a ponta da seringa no pescoço do professor.

Kent mal sentiu o arranhão, mas sabia que era o suficiente; logo depois, seus pulmões começaram a se comprimir.

Ao perceber que o veneno lhe penetrava as veias, subitamente sentiu-se livre de um tremendo fardo. Agora, tudo o que queria era que o deixassem morrer em paz; entretanto, seu algoz continuava com as zombarias.

- Professor Kent, você é um demônio. E os demônios devem ser mandados de volta ao inferno, que é o lugar deles.

-Já chega! - guinchou o homenzinho. O cúmplice empurrava a cabeça do professor em direção ao mato. Kent sentia que estava às portas da morte.

- Não quero ouvir suas mentiras. Já passou pela sua cabeça que o passado e o futuro são propriedade particular e não lhe pertencem, professor Kent? Eles

pertencem à gente mais importante que você - havia ódio na voz do carrasco. - Você achou que era mais esperto que nós? Passou pela sua cabeça que algum dia poderia revelar o que descobriu?

Enquanto falava, algo brilhou na mão do carrasco. Era uma lâmina de barbear.

"O que ele está fazendo?", pensou o professor, voltando-se para o homem com um olhar cansado. "Ele já me condenou à morte com o veneno."

O homenzinho continuou a falar, com a voz destilando sarcasmo.

- Somos generosos. Acreditamos que, tal como Sócrates, o filósofo grego, a quem deram a oportunidade de decidir seu próprio destino, você também deveria merecer a mesma prerrogativa... Não lhe propomos uma morte terrível. Isso poderia despertar curiosidade, um interesse repentino nas aplicações desconhecidas das suas assim chamadas "teorias".

Um suicídio é bem menos apelativo que um assassinato, não acha?

Dito isto, professor Kent sentiu que a mão do gigante o soltava. Por uma questão de instinto, tentou mover-se, mas seu corpo não respondeu ao impulso, estava paralisado.

Sem muita cerimônia, o perseguidor o virou, deixando suas costas voltadas para o chão. Buscou sua mão direita e rasgou-lhe o pulso usando a lâmina de barbear. O sangue escorreu pelo chão da floresta, começando a jorrar da ferida. O facínora levou o membro direito de volta ao chão. Em seguida, apanhando a mão esquerda, pôs a lâmina sobre a palma e fechou os dedos em torno dela. Com cuidado, pousou a mão no chão.

- Deixemos o castigo por suas blasfêmias a cargo de Deus. Seu tempo na Terra chegou ao fim, velhote.

O professor reuniu todas as forças que tinha para tentar abrir a mão e deixar a lâmina cair; contudo, nada aconteceu. Ali estava ele, paralisado. Seu próprio algoz.

- Não há Deus bíblico que possa me punir. Minha prova será encontrada... - a voz do professor foi sumindo enquanto os músculos de suas cordas vocais sucumbiam ao veneno.

O homenzinho dirigiu-se com rispidez ao companheiro:

- A teimosia desse homem não acaba nunca? De onde ele tira essa crença doentia? Parece uma barata, é impossível exterminá-lo.

Agachou-se e tocou levemente o pescoço do professor com um pedaço de tecido.

- Quem diria que um simples acadêmico poderia causar tanto problema?! Precisamos voltar ao hotel e vasculhar o quarto dele. Temos que destruir tudo que possa servir como prova.

Olharam o corpo imóvel por mais alguns segundos, e então desapareceram em silêncio noite adentro.

Professor Kent, com o corpo completamente incapacitado, olhava as estrelas. Durante anos ele estudara o céu como parte de sua busca da grande verdade, e mesmo agora, apesar de seu estado de debilidade, sua mente selecionou todas as configurações das constelações. À medida que suas forças se esvaíam, ele pensava em sua última descoberta.

"Então, minha intuição estava certa. Desvendei o último mistério. Mas isto quer dizer que o mundo corre um sério risco. Os mapas estão seguros? Com a minha partida, alguém entenderá o que significam?"

Em seguida, tudo escureceu.

PRIMEIRA PARTE

1

Eram 11h55 de uma manhã de março, uma terça-feira ensolarada e atipicamente quente. Catherine Donovan, aos 29

anos, uma das professoras titulares mais jovens da Universidade de Oxford, atravessou o vão entre os enormes portões de madeira da portaria e penetrou a quietude do belo quadrilátero anterior do All Souls College. A luz do sol se derramava na grama, aquecendo a parede de pedra, enquanto os sinos da universidade badalavam vigorosamente, anunciando a chegada do meio-dia.

O All Souls College, onde Catherine tinha sua cadeira, embora fosse o mais prestigiado, era também o mais reservado dentre as trinta e cinco faculdades da Universidade de Oxford. Esta faculdade não tinha estudantes de graduação, ao passo que a maioria das outras tinha pelo menos duzentos, e as maiores chegavam a contar com quatrocentos. Em linhas gerais, o All Souls era a moradia exclusiva dos eruditos de categoria internacional, e seus membros seletos dedicavam-se a difundir conhecimentos sobre assuntos que podiam variar de física nuclear a arte islâmica.

A única possibilidade de um forasteiro fazer parte deste grupo de elite era passar por um rigoroso processo de recrutamento realizado em um lugar qualquer do mundo acadêmico.

Contudo, para aqueles que conseguissem, valia à pena. Os membros eram tratados como reis. A adega era uma das melhores, e aqueles que ocupassem os apartamentos da faculdade ainda podiam escolher ser despertados por um mordomo pela manhã. Ele lhes traria chá, torradas e o jornal do dia, tudo servido em uma bandeja de prata. Entretanto, o melhor de tudo isso era o fato de nenhum dos membros ser obrigado a lecionar - cada um podia dedicar-se a fazer descobertas inovadoras na especialidade de sua escolha.

Para Catherine, uma bela mulher, jovem e de origem americana, o All Souls era um ambiente particularmente estranho. Os outros membros, acostumados a toda espécie de excentricidade, consideravam-na apenas mais uma desajustada num colegiado de desajustados; sendo assim, acolheram-na, satisfeitos em saber que já era uma das maiores autoridades em seu próprio campo de pesquisa: astronomia.

Catherine Donovan consultou o relógio. "Faltam cinco minutos para o início da palestra."

Entrou rapidamente no alojamento e, vasculhando seu escaninho, agarrou a correspondência da manhã: dois comunicados corriqueiros enviados pelo departamento de astronomia e um envelope grande, marrom, que se percebia claramente fora enviado do exterior. Examinou o envelope às pressas e logo reconheceu a letra do professor Kent. A última coisa que queria era se atrasar para a última palestra do período letivo, por isso, enfiou o envelope na bolsa e, a passos largos, contornou o quadrilátero em direção ao auditório.

Como sempre acontecia nas palestras da dra. Donovan, o belo e antigo salão de pedra, localizado na região central da faculdade, estava lotado de alunos vindos de toda a universidade. Suas palestras eram, sem sombra de dúvida, as mais populares do departamento. Ela as ministrava por livre e espontânea vontade, porque apreciava ter um pouco de contato com os alunos. E eles respondiam a isto comparecendo religiosamente, com o número de estudantes crescendo à medida que as séries de palestras prosseguiam. Um dia antes, durante o intervalo para o café na sala dos professores, alguns dos colegas com quem tinha mais contato haviam feito comentários maldosos sobre o assunto. Disseram ter ouvido dois alunos descrevendo-a como a professora mais atraente da universidade.

Com cabelos castanhos na altura dos ombros, malares delicados e salientes e a graça de uma atleta, ela chamaria a atenção em qualquer lugar, e sabia disso.

Nesta manhã, contudo, Catherine estava nervosa. Segundo a tradição, a última palestra do período letivo era sempre usada para motivar os alunos para o longo período de férias. Hoje, ela pretendia surpreendê-los com a explicação de um dos mistérios mais intrigantes do cosmos - um mistério que poderia ter implicações verdadeiramente assustadoras para toda a humanidade. Os alunos formavam uma turma brilhante, mas ainda eram muito jovens, por isto era importante que se reforçasse o quanto o conhecimento humano ainda era frágil em face do desconhecido.

Do alto, no atril próximo ao qual estava, Catherine estudava aquela porção de rostos olhando para ela. E, limpando a garganta, começou:

- Boa tarde a todos. Muito obrigada por terem vindo. Hoje quero começar perguntando se algum de vocês é capaz resolver um dos maiores enigmas de

todos os tempos.

Um burburinho animado tomou conta da sala e os olhos dos alunos, cheios de expectativa, fixaram-se nela.

- Como todos sabem, a estrela mais brilhante no céu à noite é Sírius. Há uma ou duas estrelas mais próximas do nosso sistema solar, mas nenhuma brilha com tanta intensidade.

Talvez seja por isso que Sírius ocupa uma posição de destaque em quase todas as mitologias do mundo antigo - Catherine lançou um olhar sobre o mar de alunos. *"Ótimo, parecem entusiasmados."* Com um tom conspirador na voz, prosseguiu:

- Mas talvez, eu disse "talvez", haja outras razões.

Uma vez mais interrompeu a palestra, desta vez para tomar um gole de água do copo que estava sobre a mesa ao lado. Olhou para baixo, em direção ao *laptop,* e apertou uma tecla. Logo após, surgiu a projeção de um *slide* sobre a enorme tela branca encostada à parede atrás de si.

O *slide* continha duas imagens dispostas lado a lado. A primeira correspondia à fotografia de um desenho feito sobre a areia ou terra fofa. Na segunda, percebia-se claramente que fora produzida usando os mais sofisticados programas de computador aplicados à astronomia. Era a ilustração de um objeto distante no céu enquanto se deslocava, imponente, em sua rota milenar. Havia também um segundo objeto, menor que o primeiro. Sua rota parecia desenvolver-se numa espiral ao redor do vizinho maior, como se estivesse preso à uma força de atração com a qual estivesse lutando para escapar.

Catherine ergueu os olhos para certificar-se de que as imagens podiam ser vistas com clareza na tela.

- Bem, à medida que as distâncias entre as estrelas diminuem, Sírius fica cada vez mais perto de nós. Alguém sabe exatamente qual é essa distância?

Catherine observou a platéia novamente. Um jovem com os cabelos desgrenhados, que estava na terceira fila, levantou a mão. Ela exibiu um sorriso encorajador, mas no momento em que aqueles doces olhos verdes encontraram os dele, o rapaz parecia ter perdido o rumo. Sorrindo com cumplicidade, embora com um certo traço de impaciência na voz, ela tentou, com delicadeza, persuadi-

lo a falar.

-Sim?

Com o rosto enrubescido, ele começou a gaguejar a resposta:

- É... É 2,67 parsecs de distância... que correspondem a 8,7

milhões de anos-luz, ou 52 trilhões de milhas.

Catherine ficou impressionada.

- Sim! Muito bem. Obrigada. Então, em 1844, Friedrich Bessel, o astrônomo alemão, supôs que Sírius deveria ter uma gêmea invisível. Ele passara muito tempo fazendo medições muito criteriosas dos movimentos lentos de Sírius e percebera uma pequena turbulência em seu curso. Pensou que isso só poderia ser causado pela atração de uma vizinha invisível, mas não conseguiu provar sua idéia. Naquela época, ninguém foi capaz de construir um telescópio com o qual se pudesse enxergar um sistema estelar localizado à distância de Sírius.

Catherine aproximou-se da projeção na tela.

- Foi apenas em 1862 que o americano Alvan Clark, fabricante de telescópios, usando uma de suas invenções, viu, pela primeira vez na história da humanidade, a indistinta companheira de Sírius - provando, portanto, que a teoria de Bessel estava correta. Mas foi a primeira vez? - ela perguntou em tom de mistério. A pergunta provocou um burburinho animado entre os alunos, e uma vez mais Catherine fez uma interrupção repentina.

- Atualmente, sem dúvida podemos enxergar os dois objetos com muita clareza usando nossos telescópios de última geração. Chamamos a estrela maior, a verdadeira Sírius -

aquela que enxergamos a olho nu - Sírius A, e Sírius B sua companheira corpulenta e invisível. Bem, a pergunta que tenho para vocês hoje é muito simples, mas se puderem respondê-la corretamente, a NASA provavelmente os nomeará chefes de pesquisa - dando um suspiro profundo e em seguida falando pausadamente, Catherine fez a pergunta: - Se Sírius B

não é visível a olho nu, por que existe uma tribo africana que vem mantendo um

registro astronômico completo e preciso desta estrela há 2 mil anos?

A platéia que enchia o auditório explodiu numa manifestação de surpresa.

- A tribo a que me refiro é conhecida como Dogon. Eles vivem em uma região que hoje conhecemos por Mali, na África Ocidental. Em sua antiga tradição oral, a resplandecente estrela Sírius é acompanhada de um objeto extraordinariamente pesado e muito escuro denominado Po. E

importante ressaltar que Sírius B é, de fato, uma estrela branca anã. Ela contém a mesma quantidade de matéria do nosso Sol, mas é pequenina se comparada a ele; pensem nela como uma colher de chá sujo peso é de aproximadamente um quarto de tonelada. Portanto, isto nos leva a crer que os Dogon não só sabiam que Sírius B existia, o que por si só já é estranho, mas que também era um tipo de estrela particularmente pesada... E

mais, sabiam ainda que Sírius B leva 50 anos para completar uma volta ao redor de sua gêmea maior - Catherine sorriu ao perceber os olhares de surpresa que vinham da platéia. - As crenças do povo de Dogon, se assim podemos nos referir à sua astronomia, foram comunicadas ao mundo exterior pela primeira vez na década de 1940, por intermédio de um antropólogo francês; mas sabemos, sem sombra de dúvida, que suas teorias têm pelo menos 1.800 anos, e é quase certo que sejam muito mais antigas. Os Dogon usavam diagramas de areia para ilustrar os movimentos celestes. Em minha palestra, lhes direi como essas ilustrações foram preservadas. Mas, aqui, vocês podem ver, nada mais, nada menos, que o diagrama das órbitas entrelaçadas de Sírius e sua contraparte escura no lado esquerdo do *slide*. E aqui, do lado direito, está o registro astronômico contemporâneo dos movimentos de Sírius A e B.

A platéia ficou novamente atônita.

- Como vocês podem perceber, há uma correspondência perfeita. Hoje em dia, sabemos que o ciclo orbital de Sírius B, ou Po, corresponde a exatamente 49,1 anos. Portanto, a estimativa de 50 anos, feita por uma tribo neolítica, foi muito boa. E o conhecimento dos Dogon sobre o cosmos não parou por aí. Por exemplo, eles afirmavam que Júpiter tem quatro luas e que Saturno tem anéis. Bem, tal como Sírius B, os anéis de Saturno e as luas de Júpiter não podem ser vistas a olho nu, é preciso ter um telescópio, um que seja apropriado para isto.

Então, alguém consegue explicar como os Dogon sabiam todas essas coisas?

O salão lotado caiu no mais absoluto silêncio. No fundo, Catherine sabia que um dia encontrariam uma explicação científica e racional para o conhecimento dos Dogons sobre Sírius. Afinal de contas, era praticamente inconcebível que, nas profundezas do passado primitivo, a humanidade já pudesse ter sido detentora da tecnologia avançada exigida para a visualização da estrela menor. Não obstante, este ainda era um de seus mistérios cósmicos preferidos, e causava sempre o efeito desejado. Boquiabertos, os alunos sentados nas duas primeiras fileiras da frente, com os olhos arregalados, esticavam os pescoços tentando ver se alguém que estava mais atrás tinha alguma idéia da resposta. Silêncio total.

Naquele instante, como se fosse uma deixa para alguém, a porta que ficava na extremidade posterior do salão se abriu. A platéia toda virou-se nos assentos.

Era um dos mensageiros do alojamento. Ele parecia um pouco ansioso e tossiu nervosamente antes de erguer a mão em um gesto confuso.

Catherine olhou para trás em direção à sala.

- Por favor, a senhora me dá licença?

Um tanto contrariada, Catherine ajeitou o caimento da saia com a mão, desceu do atril a passos largos e, sentindo certo embaraço, atravessou o salão para encontrar o mensageiro. Ele caminhou em sua direção e os dois se encontraram no meio do caminho.

- Sinto muito interrompê-la, senhora. O diretor deseja vê-la com urgência.

- O quê? Não dá para esperar mais meia hora?

- Senhora, ele disse que não. Ele disse ter péssimas notícias.

O coração de Catherine começou a bater descompassado.

Virando-se para a sala, dirigiu-se à platéia uma vez mais:

- Com licença, turma. Parece que aconteceu algo muito sério, estou sendo chamada com urgência à sala do diretor. Sinto muito. Eu realmente espero que este mistério... e acreditem, é realmente um mistério... os mantenha inspirados nas próximas semanas. Estou certa de que gastarão cada minuto das férias lendo a bibliografia para o próximo período letivo, mas, se tiverem um momento de

folga, vejam se conseguem resolver o enigma de como os Dogon descobriram Sírius B. Se conseguirem, estarão dispensados do último período letivo!

2

O alojamento do diretor do All Souls era uma suíte imponente, cujos cômodos tinham as paredes revestidas de carvalho, que ficava de frente para o belo jardim, com seus canteiros verdes cheios de flores e seu gramado secular impecável. Aos 65 anos de idade, o diretor era um veterano na vida acadêmica. Era um homem ativo, grisalho, com um nariz grande e sobrancelhas espessas. Sua postura impunha respeito. Além de estar a cargo da administração diária da faculdade, também era um eminente filósofo e lógico.

Hoje, contudo, encontrava-se na triste posição de portador de terríveis notícias. Um oficial de polícia de Thames Valley acabara de informá-lo que o professor Kent, um ótimo colega e amigo, fora encontrado morto na região montanhosa de Machu Picchu, no Peru. Causa da morte: ataque do coração.

Entretanto, era quase certo que este ataque fora causado por uma tentativa de suicídio. Apesar disto, o policial avisara que era melhor não entrar em detalhes no momento porque as investigações tinham apenas começado, e que o escritório de ligação em Lima estava acompanhando o caso junto à polícia peruana.

Sentado à escrivaninha grande e antiga, feita de carvalho, com os ombros curvados e a cabeça baixa, o diretor apoiava a testa na mão esquerda e massageava a sobrancelha suavemente.

Dando um suspiro profundo, viu-se, pela primeira vez, até onde a memória alcançava, completamente inseguro com relação a qual seria a melhor maneira de lidar com os acontecimentos.

"O que é que eu vou dizer a Catherine? O professor era como um segundo pai para ela."

Naquele momento, bateram na porta.

- Entre.

Catherine estava radiante como sempre e, vendo sua postura jovem, o diretor sentiu novamente uma ponta de remorso. Por que coubera a ele dar aquela notícia horrível? O rosto da jovem já tinha um ar apreensivo e preocupado.

- Por favor, diretor, o que aconteceu?

- Querida, sinto informá-la que o professor Kent está morto.

Catherine jogou-se na cadeira mais próxima, com o rosto lívido.

Mas logo se recompôs:

- Como? Quando?

- Aparentemente, ele morreu no Peru faz duas noites, em Machu Picchu... Próximo às ruínas Incas. A polícia esteve aqui, os policiais acabaram de sair. Mandei chamá-la imediatamente.

Os olhos de Catherine tinham a expressão aparvalhada de alguém profundamente chocado.

- Não acredito! Quero dizer, o que aconteceu? Deve haver alguma coisa errada. O professor me disse que ia para o México, seu retorno estava previsto para ontem à noite!

O diretor tentou usar de toda diplomacia.

- Não temos certeza de nada até o momento. Entretanto, a polícia peruana chegou à conclusão de que foi suicídio.

Em instantes a expressão de Catherine passou do choque à incredulidade. Sentando-se ereta na cadeira, ela voltou a falar:

- Não! Não é possível. Jamais! Isto tudo é um grande erro.

O diretor ficou de pé e contornou a escrivaninha. Sem saber o que mais podia fazer, encheu um copo com água e o levou para ela.

- Sinto muito, querida. A polícia está encarregada de tudo... É

melhor você tentar relaxar.

Catherine, balançando a cabeça, levantou a cabeça e olhou para ele.

- O professor Kent não tinha ninguém. Sua única irmã morreu faz três anos. Não

há ninguém a quem avisar, ninguém para providenciar o enterro. Isto é muito triste... Mas eu quero saber mais. Tem coisa errada. Garanto que tem. E quase impossível que o professor tenha cometido suicídio... Eu mesma quero falar com a polícia.

O diretor deu-lhe um sorriso amável.

- Catherine, minha querida, entendo bem como se sente. Mas esperemos para ver o relatório completo que virá do Peru.

Estou certo de que o escritório de contato da polícia britânica em Lima tem tudo sob controle. Se você quiser, assim que o relatório chegar, eu a acompanharei à delegacia. Não há muito que eu possa fazer hoje... Ainda tenho algumas reuniões esta tarde, não posso cancelá-las, embora esta seja minha vontade...

O rosto jovem de Catherine tinha um ar determinado.

- Não, eu entendo. Obrigada por não ter esperado para me contar. Você fez a coisa certa. Tenho que garantir que tudo corra bem. Ele era meu melhor amigo neste país. Você sabe disto. Tenho que ir para casa e decidir o que fazer.

Sim, é claro querida. Este é um dia muito triste. Terrível... O

professor Ken era um excelente acadêmico e, mais do que isto, um homem de uma bondade extraordinária. Sinto muito, muito mesmo.

Catherine levantou-se da cadeira, apanhou a bolsa e caminhou até a porta. Quando agarrou a maçaneta, o diretor se dirigiu a ela novamente:

- Uma última coisa...

Ela se virou para olhar para ele. Parecia que o tom de sua voz mudara um pouco... Ou talvez fosse só seu estado de espírito?

- O professor lhe disse alguma coisa quando se viram pela última vez? Ou quem sabe ele lhe deu alguma coisa?

Alguma coisa dentro de Catherine lhe dizia para ficar alerta.

- Desculpe, o que você quer dizer com isto?

O velho catedrático lançou-lhe um olhar firme:

- Só quero dizer que talvez houvesse alguma coisa em que ele estivesse trabalhando e sobre a qual lhe contou, ou talvez tenha lhe dado alguma coisa? Eu poderia entregar isto à polícia... Talvez ajudasse...

Mantendo a serenidade, ela retribuiu o olhar contemplativo na mesma moeda:

- Não, nada de que me lembre... A última vez que o vi foi há mais ou menos dez dias. Tomamos chá em sua fazenda na região de Cotswolds. Nada de presentes ou qualquer outra coisa. E posso garantir, ele estava com o mesmo bom humor de sempre.

Ao abrir a porta e pisar no vestíbulo, ela ouviu a voz seca do diretor atrás de si:

- Que coisa terrível, terrível...

Catherine fechou a porta com firmeza. Seu coração estava aos pulos. Olhava para cima e para baixo enquanto caminhava pelo corredor. Então, certa de que não havia ninguém por perto, abriu a bolsa: a carta vinda do Peru ainda estava lá.

3

Catherine dirigiu-se para o alojamento do professor Kent. Ela possuía uma chave, pois quase sempre usava seu escritório e biblioteca bem abastecida quando ele estava fora, em suas viagens. Na verdade, mesmo quando ele estava no país, costumava trabalhar em casa - uma casa de campo em Oxfordshire, a base perfeita para suas pesquisas. Era uma legítima construção com todo o charme de Cotswold, com um jardim colorido cercado de muros de pedra e campos ondulantes. Ela tivera tantos momentos felizes lá, e agora pensava na casa, erguendo-se vazia, sem jamais voltar a receber o professor.

Ela saiu do prédio e caminhou pelo quadrilátero, atravessando a passagem medieval que levava à escadaria que dava para o alojamento do professor. Enquanto caminhava pelo gramado, uma torrente de memórias lhe veio à cabeça. Era insuportável pensar naquela notícia...

- Posso ajudá-la, querida?

Era a voz do faxineiro da faculdade. Catherine sentiu sua mão em seu braço. Quando deu por si, percebeu que estava parada no meio do gramado com o rosto banhado em lágrimas.

- Desculpe Fred. Estou um pouco confusa - ela tentou sorrir e fez o possível para secar as lágrimas.

- Você quer alguma coisa?

- Não... Desculpe, vou ficar bem agora... Irei até o alojamento do professor Kent e me sentarei um pouco.

Um minuto depois Catherine entrou nos cômodos forrados de livros. Sem saber o que fazer, sentou-se na poltrona de que mais gostava, próxima à lareira, e tentou entender o que estava acontecendo. Ali estava ela, na paz e na tranqüilidade do aconchegante escritório do professor em Oxford, enquanto a milhares de quilômetros dali ele tivera um fim terrível em alguma região montanhosa isolada. A hipótese de suicídio não fazia sentido... O que é que eles queriam dizer com isto? Era terrível demais considerar a possibilidade de aquilo ter acontecido... Não fazia sentido. Sua cabeça disparou, e ela fez um esforço

tentando se lembrar se ele dissera alguma coisa, ou pelo menos dera alguma dica de que tivesse aquilo em mente, na última vez que o vira.

Mas não havia nada. Ela o visitara na fazenda há apenas duas semanas. Ele fora amável e eloqüente como sempre. Falara da faculdade e lhe mostrara uma orquídea rara enviada por um amigo, colocando-a perto da janela da cozinha, com a esperança de florescesse e se desenvolvesse. Dissera-lhe que gostaria de revê-la depois da viagem, queria apresentá-la a um velho amigo que tinha interesse na área de estudos com que ela trabalhava. E, no final, despediram-se.

Ela puxou a bolsa para o colo e, tirando o envelope, analisou-o de novo com todo o cuidado. Sim, era mesmo a letra do professor. Por que cargas d'água não contara ao diretor sobre isto? O que a impedira?

Nervosa, Catherine rasgou o envelope para abri-lo. Dentro havia uma pasta plástica contendo uma pilha de mapas. No alto de cada um dos mapas, preso a eles havia um pedaço de papel do tamanho aproximado de um postal. Percebia-se que nele havia algo escrito.

Ansiosa, Catherine deslizou a mão para o interior da pasta e tirou o pedaço de papel, virando o lado certo para cima.

Quando viu o que estava escrito, gelou por dentro.

Caso eu não volte.

Eureka

40 10 4 400 30 9 30 70 100 5 200 3010 40 1 80 5

100 400 40 10 50 10 200 300 100 8 70 9 1 50 300 10

20 800 10 300 10 200 0051172543672

"O que é que está acontecendo? Que diabos significa tudo isso?"

Catherine levantou-se e dirigiu-se rapidamente à escrivaninha.

Empurrando os papéis do professor para o lado, dispôs o conjunto de mapas sobre a mesa. Havia sete no total. *"Meu número de sorte"*, ela pensou, com

tristeza. Espalhando-os, começou a examiná-los mais detidamente. Havia três mapas gerados por computador - do tipo que se vê nos atlas. Os outros quatro eram, sem sobra de dúvida, cópias de documentos antigos. Estava óbvio que os originais eram mapas muito velhos, provavelmente pré-medievais, e mostravam diferentes localidades do mundo.

À primeira vista não conseguiu reconhecer os lugares representados em nenhum deles, mas estava claro que se tratava de mapas legítimos, e não apenas ilustrações criativas.

Eles mostravam litorais, sistemas fluviais, cadeias de montanhas e ilhas. A qualidade do papel era inconsistente, assim como a qualidade das cópias.

Quando Catherine tornou a ler o bilhete e olhou para aqueles mapas misteriosos sem entender absolutamente nada, ficou desesperada.

"O que estes mapas representam? E o que significa o bilhete do professor?"

4

James Rutherford olhou para o relógio no canto da tela de seu *laptop:* 12h55. Recolheu os livros da escrivaninha com muita pressa, jogou-os dentro da bolsa e desligou o computador.

Precisava deixar a biblioteca imediatamente. Tinha um compromisso com o professor Kent, um dos líderes intelectuais da universidade, e não perderia este encontro por nada.

Rutherford conhecera o professor Kent apenas duas semanas atrás, quando estivera em um jantar oferecido por um dos seus colegas e, por acaso, sentara-se ao lado do professor. Eles logo entabularam uma conversa animada, pois o professor tinha grande interesse em mitologias antigas. Na verdade, era um interesse incomum, dado que não tinha nada a ver com sua área de especialidade, ou assim pensara Rutherford. Mas o que o impressionou foi o conhecimento do assunto que o professor demonstrou ter. Passaram três horas conversando sobre a mesma coisa.

James Rutherford era um dos maiores especialistas da universidade em mitologia mundial. Embora todos na universidade soubessem que o velho professor era um erudito, ele também era conhecido como ecologista. Mas esta especialidade parecia muito distante do universo de Rutherford, dos textos antigos e do estudo dos mitos e lendas estranhos e fantásticos. E isto o intrigava.

Somente dois dias depois da conversa durante o jantar o professor o contatara, inesperadamente, para marcar um encontro. Rutherford acabara de retornar ao espaçoso apartamento ao norte de Oxford, o bairro mais acadêmico da cidade, após uma longa corrida pelos parques da universidade.

Ao entrar no apartamento, encontrou Anne, sua empregada, passando o aspirador no chão.

James jogou-se exausto numa poltrona. Aos 38 anos, era esbelto, estava em boa forma e tinha a cabeça coberta com uma cabeleira farta e escura. Cuidava da alimentação, e lhe diziam que parecia mais jovem do que realmente era, mas, 16

quilômetros de corrida eram 16 quilômetros de corrida.

- Alguém veio visitá-lo.

Rutherford ficou todo animado.

- Infelizmente, não era uma jovem.

Anne achava que James devia se casar, sossegar e ter uma família, em vez de desperdiçar o tempo "estudando livros velhos", como ela costumava dizer.

- Bom, não perderei a esperança... Então? Quem era a visita, se não era a mulher dos meus sonhos?

- Era o professor Kent, do All Souls - Anne apanhou um envelope que estava sobre a mesa da cozinha e o entregou a Rutherford: - Ele lhe deixou este bilhete.

Pulando da poltrona, James apanhou o envelope das mãos de Anne e caminhou até a ampla sacada, que tinha uma vista para as quadras de esporte da faculdade e colinas ondulantes por trás. Ali, a sós, começou a ler o bilhete.

Caro dr. Rutherford,

Apreciei muito nossa conversa durante o jantar outro dia. Sem querer abusar de sua boa vontade, eu gostaria de continuar nossa conversa sobre mitologias antigas.

Creio que fiz um avanço considerável. Acredito ter descoberto, escondida em todos os mitos e religiões do mundo, uma terrível mensagem vinda do passado. Essa mensagem, que consegui decifrar, é um alerta de um povo extinto há muito tempo - um alerta para nós de que podemos, desta vez, evitar o cataclismo que os destruiu. É vital para a sobrevivência da humanidade que divulguemos essa mensagem, ou seremos, nós e nosso planeta, vítimas do mesmo cataclismo. Os antigos sabiam que a humanidade ressurgiria das ruínas e que, um dia, conseguiria entender o conteúdo da mensagem. Entretanto, há forças em ação cujo desejo é impedir sua divulgação, e acredito que descobri o motivo.

Eu teria muita satisfação em recebê-lo em meu alojamento na faculdade para tomarmos um café qualquer dia da semana que vem. Que tal terça-feira às 13 horas? A menos que não possa, espero vê-lo em breve.

Com os mais sinceros cumprimentos,

Prof. Kent

Rutherford mal podia acreditar no que via. As afirmações do professor Kent eram estarrecedoras. Ali estava um acadêmico de primeira linha - nada mais, nada menos, que um cientista -

e um homem cauteloso, afirmando que encontrara provas que não só rompiam os velhos preconceitos relacionados à história do desenvolvimento da humanidade, mas também provava que a humanidade estava mortalmente ameaçada.

Tudo aquilo parecia muito estranho; contudo, com o passar dos anos Rutherford se esforçara para manter a mente aberta.

Fazia seu o lema da Royal Society: *Nullius in verba* - Não confie na palavra de ninguém.

5

Catherine estava desorientada. Que diabos devia fazer?

Observou o escritório do professor: as estantes, a mobília, e seus olhos começaram a se encher de lágrimas. Tudo a fazia se lembrar que jamais tornaria a encontrar seu velho amigo.

Recordou a primeira que visitara o amigo em sua fazenda, há muitos anos. Ela fizera a graduação em Yale com bolsa da Rhodes e, como era um amigo íntimo de seus pais, o professor Kent oferecera-se para cuidar dela enquanto estivesse na Inglaterra. Já naquela época ele ostentava a barba branca que se tornara sua marca registrada.

- Ah, minha vida de eremita cientista não se ajustaria a muita gente - ele disse, rindo. Eles haviam saído para uma caminhada pelo jardim rico em flores e arbustos baixos, com um pequeno lago no centro, e em seguida cruzaram os campos iluminados pelo sol em direção aos dois grandes bosques contíguos à propriedade. A paisagem era espetacular, à moda inglesa, e Catherine entendia bem a razão de o professor Kent achá-la tão inspiradora.

- Sem dúvida, não preciso de 140 mil metros quadrados. Não pertenço à burguesia latifundiária. Só comprei esta quantidade de terra por causa do que aconteceu no último lugar em que morei. Nos últimos dez anos em lá residi, eu o vi ser destruído como se tivesse sido devastado por Genghis Khan. O coração daquele lugar foi arrancado quando o correio e o *pub* desapareceram, a escola do vilarejo também, e então o belo campo que havia nos arredores caiu nas mãos das grandes empresas. Quando cheguei lá, os campos e prados eram o orgulho da cidade no verão, com papoulas vermelhas vibrantes e acianos de um azul-vivo crescendo lado a lado em meio ao dourado do trigal. Em um dia de verão, sob um céu azul-cobalto, é quase certo que não houvesse um espetáculo mais impressionante e intenso deste lado de Júpiter! Mas há muito não mais existem os prados de flores silvestres, e em lugar deles estão vastas faixas de grama e parques industriais sem vida.

O professor tinha um jeito elegíaco de falar, pensou Catherine.

Ele falava de laços antigos que uniam as pessoas à terra e às estações, e da perda

brutal desses laços, o que fazia que alguns dos acadêmicos zombassem dele. Quando atraiu discípulos do movimento ecológico em

Oxford, que iam visitá-lo de bicicleta, o tutor sênior o apelidou de guru da faculdade e riu-se dele à mesa. Mas Catherine sempre o achara um homem muito tranqüilo e doce.

Eles haviam descido até o rio e se sentado na margem, ouvindo o doce canto das águas. Ela se lembrou de que ele tirara os sapatos. Ao ver o eminente acadêmico molhando os pés na água, aquela atitude pareceu-lhe quase cômica.

- Neste planeta, para onde quer que você olhe a situação é a mesma. Florestas sendo derrubadas, pantanais drenados. A poluição é endêmica. Todos os dias há espécies entrando em extinção, o campo magnético da terra está sofrendo mudanças, com sabe-se lá que conseqüências. A camada de ozônio que protege todos os seres vivos da radiação ultravioleta está sendo destruída rapidamente, e o simples ar que respiramos tem cada vez menos oxigênio e cada vez mais gás carbônico, um veneno que está nos intoxicando e aumentando a temperatura do planeta. Por que estamos fazendo isso? Porque estamos ligados à idéia de crescimento econômico, e nossas instituições são absolutamente incapazes de reconhecer o problema pelo que é e encará-lo de frente. Isto exige muita imaginação e sacrifício. Por que você não experimenta pôr os pés na água, querida? Está uma delícia.

Sorrindo, Catherine tirara os sapatos e as meias e ficara com os pés descalços pendurados tocando a água. Ele estava certo, era muito bom sentir a água na pele. E, sem dúvida, ela lhe dissera, era a visitante americana, por isto era importante avaliar os hábitos locais.

- Isso mesmo! Você vai descobrir que esses hábitos fazem todo o sentido. Um dia lindo e quente como este na Grã-

Bretanha não se desperdiça - o professor respondeu. - Mas, para responder a isto - prosseguiu ele, mais sério -, temos de enxergar que nossa sociedade industrial, seu fascínio pelo crescimento e pela tecnologia, faz que cada vez mais percamos de vista os verdadeiros objetivos da vida. Devemos acordar e perceber que é a verdadeira estrutura de nossa sociedade que permite o surgimento dessas grandes concentrações de poder.

Concentrações que competem com suas próprias vidas, vidas estas que são mais

que a soma de suas partes. Hoje, no século XXI, nosso objetivo deveria ser o de garantir que o poder se disperse, que os grandes vórtices destrutivos do poder jamais possam se desenvolver. Porque, caso se desenvolvam, seremos sugados para dentro deles, e isto nos destruirá. Mas não sou otimista; o poder tem seus princípios e sabe como apelar para os piores aspectos da natureza humana.

Catherine, sentada com os pés apoiados na água fresca, contemplando os campos à sua frente, entendeu o que ele queria dizer.

- Eu a estou aborrecendo - o professor voltou a falar. - E devo-lhe um chá. Que coisa terrível atrair uma nova aluna para sua casa e não parar de falar de trabalho, sem oferecer nem mesmo um refresco!

Eles caminharam descalços pelo longo gramado à margem do prado e chegaram de volta ao jardim, rindo e relaxados.

- Com toda a certeza, não era isto o que esperava quando me disseram que eu viria para Oxford. Obrigada, professor.

A terrível realidade do presente trouxe Catherine de volta, arrancando-a daquelas lembranças felizes. Alguém batia na porta do escritório com toda força...

6

Em pânico, Catherine enfiou o bilhete dentro da bolsa e empilhou os mapas sobre a escrivaninha e os escondeu, às pressas, sob alguns papéis. Então, respirando fundo, caminhou até a porta e a abriu. Havia um belo homem alto, com os cabelos escuros, aguardando pacientemente no vestíbulo. Ele sorriu para ela e estendeu-lhe a mão. Tinha a voz suave e reconfortante:

- Olá! Sou o dr. James Rutherford, nos vimos uma vez no coquetel do diretor. Sou classicista no Brasenose College.

Catherine ficou desorientada. Ela *realmente* se lembrava daquele rosto; afinal, não havia muitos acadêmicos jovens e atraentes. Mas o impacto causado pela notícia ainda não passara, e ela não estava preparada para uma conversa amistosa. Sem saber o que fazer, abriu a porta, e Rutherford entrou na sala. Parecia preocupado, e antes que Catherine tivesse tempo de dizer qualquer coisa, ele falou novamente:

- O faxineiro acaba de me dar a notícia. Sinto muito. É difícil acreditar que seja verdade.

No mesmo instante, Catherine abriu um pouco a guarda.

Suspirou e balançou a cabeça. E por um momento esqueceu-se do bilhete e dos mapas.

- Sim. E terrível. Eu...

Ficaram em silêncio por alguns segundos, até que Rutherford explicou-lhe o propósito da visita.

- Desculpe. Não quero parecer inconveniente. O faxineiro me disse que você estava aqui, e eu apenas quis lhe perguntar se sabe de mais alguma coisa a respeito do que aconteceu. Há algo que eu possa fazer?

Catherine caminhou de volta à escrivaninha, e percebeu que o canto de um dos mapas aparecia sob a pilha de papéis. Tentou ficar numa

posição tal que o visitante não pudesse vê-la.

- Não, mas obrigada. E um tremendo choque, e embora estivesse entre seus amigos mais íntimos, não sei nada mais que você. Tudo isso é um completo mistério; não faz sentido algum.

Rutherford ainda estava de pé, meio sem jeito, próximo à porta:

- Sabe, eu tinha uma reunião marcada com ele, combinada há pouco tempo. Conhecia pouco o professor, digo, eu o conheço da TV, é claro, e li seus livros, mas o encontrei apenas uma vez. Fiquei muito lisonjeado quando ele me enviou um bilhete propondo esta reunião e dizendo que queria minha opinião profissional sobre alguma coisa... Olhe, sinto muito. Vou indo.

É muito estranho, ele parecia um homem tão feliz.

James virou-se para ir embora. Mas Catherine pensava:

"Talvez James Rutherford possa ajudar. Talvez ele saiba reconhecer os mapas antigos. Afinal, ele é um grande classicista".

A cabeça de Catherine, sedenta por uma solução para o mistério, aceitou a idéia de imediato. Não tinha nada a perder.

- Olhe, na verdade *talvez você possa* me ajudar.

- Claro, posso tentar. O que posso fazer? Você gostaria que eu entrasse em contato com os amigos do professor na faculdade e lhes desse esta notícia horrível?

Ela hesitou por um momento. "Posso confiar nele? E muita coincidência que ele tivesse uma reunião com o professor justamente esta manhã, ou há algo mais sinistro acontecendo?"

Antes que conseguisse lhe mostrar os mapas e o bilhete, era preciso saber por que a reunião com o professor Kent havia sido marcada para hoje.

- Você se importaria de me dizer qual era o assunto que o professor queria discutir com você?

Ao fazer a pergunta, Catherine analisou o rosto do visitante, tentando perceber algo que lhe fornecesse mais elementos sobre quem ele era. Rutherford encolheu os ombros.

- Não, de maneira alguma. Permita-me lhe mostrar o bilhete que ele deixou para mim.

Sondando o interior do bolso da jaqueta, Rutherford puxou a mensagem que o professor deixara com Anne. Caminhou até Catherine e entregou-lhe o bilhete. Enquanto passava os olhos pela mensagem, seu rosto crispou-se.

Ergueu os olhos.

- Essas afirmações do professor são muito ousadas. Você sabe mais alguma coisa sobre elas? Já havia conversado com ele sobre essas idéias antes, em outros encontros?

Rutherford tentou lembrar-se.

- Bem, para começar, tivemos apenas uma conversa.

Entretanto, sempre o admirei muito. Acredito que aquilo que ele diz que estarmos fazendo acabará nos destruindo... Mas ele não me conhecia. Apenas aconteceu de nos sentarmos lado a lado à mesma mesa durante o jantar no Balliol College. Assim que soube de meu interesse em mitologia clássica, conversamos até o fim da refeição. Ou, mais precisamente, ele me fez perguntas e eu tentei respondê-las.

- Que tipo de perguntas?

- Bem, ele estava mais interessado nas histórias dos antigos cataclismos. Estava certo de que tinham alguma importância para o trabalho que estava desenvolvendo. Por exemplo, a história da inundação sofrida por Noé na bíblia. Ele acreditava que aquela inundação foi um desastre ambiental ocorrido na antigüidade.

- O que você quer dizer? Há outros mitos no mundo que falem da inundação que possa confirmar esta teoria?

- Sem dúvida - Rutherford não conseguiu evitar um riso sarcástico. - Há pelo

menos uns setecentos e tantos.

- Tudo isso? Então a história de Noé não é a única?

- Esta é a maior falácia do ano. A qualquer lugar do mundo que você vá encontrará exatamente a mesma história.

- A qualquer lugar?

Rutherford, grato pela oportunidade de poder ajudar, encheu-se de entusiasmo e começou a falar:

- Sim. A China, por exemplo. Eles têm um mito sobre a inundação que é quase idêntico ao nosso. A história conta como os homens se tornaram arrogantes e ignoraram os deuses, e como estes se vingaram, virando o universo de cabeça para baixo e sacudindo-o como a um brinquedo, de modo que as estrelas, os planetas e a terra rolassem pelo céu.

Veio a chuva e toda a terra foi coberta pela água.

Os olhos de Catherine se arregalaram de surpresa. Mas, mas antes que pudesse pressionar Ruhterford a lhe dar mais detalhes, ele desandou a falar novamente.

- Um pouco mais perto de nós, na Europa, os gregos têm um mito muito interessante sobre a inundação; têm até mesmo seu próprio Noé, que se chama Deucalião. E também os celtas e os *vikings*... E os indianos. Deixe-me lhe contar sua versão.

Manu, o herói da história, vê um pequeno peixe numa poça d'água perto de sua casa. Na verdade, o peixe é o deus Vishnu, que pede a Manu para protegê-lo dos perigos do mundo e promete-lhe que receberá uma grande recompensa caso atenda ao seu pedido. Manu apanha o peixe e o coloca em uma grande poça. Mas, no dia seguinte, o peixe crescera tanto que Manu teve de levá-lo para um lago. Logo o peixe não coube mais no lago. Finalmente, Manu tem de colocar o peixe no mar. Em retribuição, Vishnu alerta Manu de que está para vir uma enchente e lhe diz para construir um barco bem resistente, ordena- -lhe que reúna sementes de todas as plantas do mundo, bem como pares de todos os animais, e em seguida suba a bordo da embarcação. Quando chega a inundação, Manu é salvo, e Vishnu arrasta o barco pelos oceanos e o põe sobre uma montanha no norte. Manu, Deucalião, Noé... Devo dizer que temos a mesma pessoa ou figura

mítica. Você quer mais exemplos?

Catherine deu um sorriso encorajador. Estava impressionada.

Rutherford voltou a falar, desta vez com um tom pensativo na voz:

- Acho que o professor Kent, além de crer que todos esses mitos tinham raízes em fatos reais, acreditava que eles eram usados para transmitir a mesma mensagem, a *mesma mensagem secreta,* e que nossos ancestrais, por meio desses mitos, nos alertam, por meio do abismo do tempo, para uma catástrofe iminente.

- Então é por isso que ele disse no bilhete acreditar que tinha decifrado a mensagem secreta dos povos antigos.

- Sim, creio que sim. Eu estava muito ansioso para descobrir.

E muito comum que os novatos numa área de especialidade façam descobertas e acreditem ser a maior de todos os tempos.

Eu esperava que o professor fosse um segundo Heinrich Schliemann.

- Quem foi ele?

- Schliemann foi o arqueólogo que em 1871 descobriu o local da antiga cidade de Tróia. Ele era um amador. Tinha sido um empresário muito bem-sucedido, e quando completou 50 anos, já estava rico, e percebeu que não precisava mais trabalhar.

Então, decidiu voltar à universidade e formou-se em letras clássicas na Sorbonne, em Paris. Lá estudou a *Ilíada*, que é a história de Tróia. Chegou ã conclusão de que parte da história não era apenas um mito, mas verdade; que o poeta Homero realmente falava de uma cidade e de uma guerra, e que Aquiles e Helena de Tróia haviam realmente existido, não eram apenas fruto da imaginação de um poeta. Não é preciso dizer que ninguém acreditou nele, e que a comunidade acadêmica zombou dele por toda a cidade. Mas, após três anos de pesquisa na região do mar Egeu, Schliemann encontrou as ruínas de Tróia e provou que todos estavam errados. Pensei que o professor Kent pudesse se tornar um novo Schliemann...

Sabe como é, um novato na área faz uma descoberta surpreendente porque ele,

ou ela, não se deixa abater pelos preconceitos herdados, porque é alguém que segue sua intuição.

Catherine estava absorta. Algo lhe dizia que a pesquisa esotérica do professor tinha alguma relação com os estranhos mapas, e sua intuição lhe dizia que James Rutherford era digno de confiança. Mas ainda havia dúvidas. Olhou bem dentro dos olhos de James, inspirou o ar bem devagar, e tomou uma decisão. Mostraria os mapas a ele; contudo, por enquanto guardaria segredo sobre o bilhete.

- Quero lhe mostrar algo importante. Isto vai parecer estranho, mas está relacionado ao que aconteceu hoje. Você é um classicista. Conhece alguma coisa sobre mapas antigos?

Rutherford foi pego de surpresa.

- É... Sim, um pouco.

Catherine dirigiu-se à escrivaninha e tirou os mapas que estavam debaixo da pilha de papéis. Dispondo-os sobre a mesa novamente, ficou mais convencida do que nunca de que representavam lugares que realmente existiam.

- Quero que olhe para estes mapas e me diga se os reconhece ou se têm algum significado para você. Embora tudo isso pareça muito estranho, *é* importante. O professor Kent os enviou para mim pouco antes de morrer.

Rutherford caminhou até a escrivaninha e começou a examinar com atenção cada um deles. Passado mais ou menos um minuto, olhou para ela com uma expressão séria:

- Creio que não posso ajudá-la.

Catherine ficou desolada.

Em seguida, ele sorriu:

- Apesar disso, há alguém que pode. O dr. Von Dechend, professor emérito da área de geografia. Estive em umas duas de suas palestras, ele é muito capaz.

Os olhos de Catherine brilharam.

- É claro! Von Dechend! Como não me lembrei dele? Ele está aqui, no All Souls.

Rutherford ficou surpreso.

- Você o conhece?

- Sim, conheço. Isto nem me passou pela cabeça. Nunca tratamos de trabalho, mas sempre converso com ele na sala dos professores.

Rutherford ficou sério, não queria que isto representasse o fim daquele encontro com a bela e intrigante Catherine Donovan.

Fora bom demais, e muito diferente de sua rotina acadêmica cotidiana.

- Você gostaria que eu a acompanhasse? Talvez ainda possa ajudá-la, embora não tenha feito muito até agora.

Catherine não sabia o que dizer. Em que estava se envolvendo? Algum tempo antes estivera dando a última palestra do ano letivo, e no momento seguinte tentava entender a trágica morte de seu amigo e o fato de que ele, sem sombra de dúvida, estivera envolvido em alguma pesquisa estranha. E, agora, parecia estar prestes a seguir seu rastro na escuridão...

Olhou para James. Estava grata por sua postura tranqüila, reconfortante; à medida que pensava no mistério que envolvia a morte do professor, sentia um certo frio no estômago... Mas, sentindo-se otimista pela primeira vez desde que deixara a palestra, Catherine tomou uma decisão.

- Sim, eu gostaria muito.

SEGUNDA PARTE

7

O edifício emblemático que abriga as Nações Unidas em Nova York ergue-se tal uma sentinela no encontro da Rua 46 com a Primeira Avenida, bem próximo às margens do East River, de onde se tem a mais bela vista de Manhattan. Dos andares superiores do edifício vê-se o Central Park a oeste, e a leste tem-se uma vista dos subúrbios esparsos do Queens, do Brooklyn e da charmosa rede de pontes que ligam a ilha de Manhattan à sua costa oriental. O edifício foi projetado após o fim da Segunda Guerra, e a construção dos trinta e nove andares foi concluída em 1962. O mundialmente famoso salão de reuniões da Assembléia Geral, que tem um assento para cada uma das nações do mundo, fica no terceiro andar, no coração da estrutura.

Poucos sabem que o prédio das Nações Unidas, além de quase tocar o céu, também penetra o solo. No total, onze níveis de porões feitos de aço reforçados com concreto estão enterrados na lama da Ilha de Manhattan. Três níveis têm garagens suficientes para guardar os muitos veículos diplomáticos que vêm e vão em um fluxo constante entre as diversas embaixadas estrangeiras e o escritório geral da ONU. Outro nível hospeda os enormes sistemas de encanamento e ar-condicionado necessários ao funcionamento de um edifício daquele porte. Mas, abaixo de todas essas camadas, cuja utilidade é funcional, há ainda mais andares submersos, criados, com vistas ao futuro, nos dias que antecederam a crise dos mísseis de Cuba, para acolher toda a Assembléia em caso de um grave ataque à cidade de Nova York. Com acesso a partir de um sistema de elevadores separado, situado na ala nordeste do prédio, todas as instalações primordiais dos andares superiores estão replicadas no subsolo, como é o caso de qualquer instalação americana, federal ou militar, de grande importância; há um amplo refeitório; três andares de espaços para escritórios e um andar todo dedicado aos alojamentos.

Entretanto, o mais importante é a existência de uma réplica do famoso Salão da Assembléia Geral à disposição caso haja uma catástrofe mundial imprevista.

Este salão de reserva, situado no sétimo andar do subsolo, jamais foi usado para receber a Assembléia Geral. Logo após os ataques de 9 de setembro de 2001, o secretário-geral das Nações Unidas realmente cogitou desta idéia, mas concluiu que a maior parte das pessoas entenderia isto de outro modo, e, em conseqüência, todas as instalações de emergência deveriam ser mantidas

completamente vazias e trancadas a sete chaves.

Era terça-feira de manhã do mês de março, mais precisamente sete horas, pelo horário de Nova York, e os dois elevadores espaçosos que levavam aos andares subterrâneos tinham funcionado sem parar nos últimos sessenta minutos. Desde as seis da manhã via-se uma fila mais ou menos constante de limusines e BMWs, parados na área externa em frente ao edifício da ONU, ali despejando passageiros. Eram todos homens, que chegavam sozinhos vestindo ternos caros. A maioria deles era caucasiana, no entanto, parecia haver representantes de todas as raças do planeta. Sem olhar para nenhum lado, eles caminhavam a passos largos na direção do cordão de isolamento reforçado que fica em frente à entrada principal, desde o atentado de 11 de setembro, e, exibindo rapidamente suas credenciais, eram conduzidos às enormes portas giratórias de vidro e engolidos pelos raios de sol nelas refletidos.

Além das portas de vidro, a alguns passos dali, atravessando o átrio de mármore chega-se à ala nordeste do edifício e aos elevadores que levam aos andares inferiores. Nenhum dos funcionários do edifício da ONU, fosse da segurança ou de qualquer outro setor, sequer piscavam ao observar a torrente de elegantes recém-chegados; até porque, era muito comum ver homens de meia-idade e bem vestidos vagueando pelos corredores marmorizados do poder. O edifício da ONU recebe mais visitantes por ano do que quase todos os outros prédios públicos do mundo e, em todo caso, cada um desses visitantes que chegavam pela manhã parecia ter a autorização adequada para passar pela segurança.

Todos os visitantes sabiam exatamente aonde estavam indo, e usavam seus cartões de acesso, previamente expedidos, para que pudessem tomar os elevadores. Por volta de 7h15 da manhã, o sétimo andar inferior lembrava uma colméia. O salão reserva da Assembléia Geral, jamais usado antes, estava sediando uma reunião sem qualquer luxo, marcada de última hora. Por volta de 7h30 da manhã, havia quase 300 pessoas reunidas no salão subterrâneo, sentadas na ferradura com fileiras de cadeiras azuis. A reunião da Corporação estava para começar.

Na frente, atrás da mesa do orador, no assento destinado ao secretário das Nações Unidas, um homem de rosto macilento, cabelos escuros, aparentando 60 anos, aguardava com paciência o início da sessão; tinha as mãos entrelaçadas sobre a mesa e os olhos fixos no entorno do salão.

Este era Miller, o secretário da Corporação, e, nesta qualidade, fazia parte de suas atribuições, nas raras ocasiões em que seus serviços eram requisitados, convocar as reuniões do Conselho Governamental Global. Hoje era uma dessas ocasiões.

Precisamente às 7h40 da manhã, ele empurrou a cadeira para trás e pôs-se de pé. Tinha mais ou menos um metro e setenta de altura e, tal como todos os outros homens no salão, parecia um banqueiro bem-sucedido de Wall Street ou um advogado todo-poderoso. Sua única característica marcante eram as pálpebras pesadas sobre os olhos escuros, que esquadrinhavam o salão por trás de um par de óculos de lentes grossas.

Parecia agitado. Sob circunstâncias normais, ele estaria trocando gentilezas com os convidados que chegavam e apertando-lhes as mãos, mas hoje o equilíbrio de sempre estava comprometido. Saiu furtivamente do salão de debates e começou a caminhar para cima e para baixo em frente aos elevadores, exibindo o cenho franzido de quem está concentrado.

Não era comum que o Conselho ultra-secreto da Corporação lhe pedisse para convocar uma reunião do Conselho Governamental Global. Não tinha havido uma reunião como esta desde a queda da União Soviética. Qual era o significado de tudo aquilo? O que o Conselho tinha a dizer? Quem eles enviariam como seus representantes?

Mas, antes que Miller tivesse mais tempo para pensar, o silêncio do corredor foi quebrado pelo som da campainha do elevador. O representante do Conselho havia chegado. Assim que as portas do elevador se abriram, o secretário Miller sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Ali, sozinho na estrutura tumular do elevador, estava o senador Kurtz.

Miller mal conseguiu disfarçar o choque. O senador era um político importante e muito conhecido. Tinha um relacionamento estreito com muitos daqueles que compunham o círculo íntimo do presidente, e como tal sempre aparecia nos *talk shows* da televisão. Contava com o apoio da comunidade religiosa de seu círculo eleitoral no sul, o que lhe oferecia a retaguarda necessária para ascender aos altos escalões da política. Seus interesses particulares na segurança e na indústria bélica eram do conhecimento de todos, além de ser muito provável que ele se tornasse o próximo Secretário da Defesa.

Embora a Corporação pudesse se orgulhar de contar com duas dúzias de senadores e congressistas, além de representantes políticos de todas as correntes ideológicas do mundo, jamais se vira antes um membro importante da Administração com um cargo no Conselho.

O próprio secretário Miller era um bom exemplo do tipo de homem que formava a espinha dorsal da Corporação. Ele era um financista que, em seus domínios, exercia o tipo de poder que faria inveja a um imperador romano. Herdou do pai o controle da Grippen AG, um banco suíço privado, possuía grandes concentrações de terras aforadas de empresas de exploração de recursos naturais, e empregava milhares de pessoas em todo o mundo. Apesar disso, era uma eminência parda; não era, de modo algum, o tipo de homem que desejava estar em evidência.

Miller era um servo fiel da Corporação, e sua lealdade fora recompensada inúmeras vezes, mas não tomava parte nas decisões finais ou na nomeação dos membros no âmbito do Conselho, e sequer tinha conhecimento de como se os elegiam. Na verdade, não sabia dizer quantos membros o Conselho já tivera. Mas estava certo de que não era comum que um político da importância do senador Kurtz estivesse tão publicamente envolvido. Aliás, havia muitas pessoas ligadas à administração do senador Kurtz, incluindo o próprio presidente dos Estados Unidos, que ficariam escandalizadas com o raio de ação da Corporação.

Dando um passo à frente, o secretário Miller engoliu seco.

- Bem-vindo senador. É um prazer tê-lo aqui hoje.

O senador saiu do elevador. Com um metro de oitenta de altura, parecia estar em boa forma e com ótima saúde, tal qual a impressão que se tinha dele pela televisão. Fora um atleta de sucesso na faculdade quando jovem e era óbvio que ainda se exercitava. Percebia-se o encanecimento dos cabelos, outrora pretos, nas têmporas. Apesar disso, ainda era um homem atraente, tinha um ar másculo e nobre. Ele estendeu a mão ao secretário:

- Você deve ser o secretário Miller.

- Sim senhor, isto mesmo. Bem-vindo. É uma grande honra...

Os olhos escuros do senador percorreram o corredor. Os membros do Serviço Secreto responsáveis por sua segurança o aguardavam no andar térreo. Não

havia exceções, nem mesmo para um membro em serviço ligado ao Senado dos Estados Unidos.

O secretário Miller falou com certo nervosismo na voz:

- Está tudo pronto. Reuni o Conselho Diretor da Corporação conforme o pedido do Conselho.

Trocadas as gentilezas, o senador Kurtz falou novamente, agora com um tom frio na voz:

- Você garante que não podemos ser encontrados aqui? - olhou ao redor e então prosseguiu asperamente: - Embora pareça irônico usar o escritório central das Nações Unidas como rampa de lançamento para nossa ascensão decisiva ao poder, seria desastroso chamar a atenção sem nenhuma necessidade a esta altura dos acontecimentos.

O secretário, parecendo um tanto afrontado, indicou o caminho que levava ao salão principal, como o faria um pajem a um rei.

- A escolha do local não foi uma brincadeira. O edifício das Nações Unidas oferece a perfeita cobertura para nossas idas e vindas. O terreno é de propriedade da Autoridade dos Portos da Cidade de Nova York, sob nosso controle. Mas como sempre acontece, será nossa primeira e última reunião neste local.

O senador relaxou um pouco e deu um sorriso acolhedor:

- Bom trabalho, bom trabalho. Daqui a pouco tempo não precisaremos mais ter toda essa preocupação... - ele agitou a mão esquerda num gesto expansivo. - Nosso super-diretor deve continuar a existir em condições extralegais durante mais alguns dias; isto é tudo. Na segunda-feira pela manhã, na aurora do equinócio da primavera, poderemos dispensar este enigma - fez uma pausa e, em seguida, dirigindo-se ao secretário com rispidez, como se quase esperasse que ele mentisse, perguntou-lhe: - E o professor?

Os olhos de Miller se fecharam imperceptivelmente, sentindo um desconforto considerável sob o escrutínio do olhar fixo do senador. Cada um dos nervos que tinha no corpo o informavam de que aquele não era um bom lugar para estar.

Mas, por que, estando a um passo do sucesso, o senador se mostrava tão

obcecado com o professor e com a erradicação de todas as provas do trabalho desenvolvido pelo acadêmico?

Que ameaças poderiam trazer um conjunto de mapas antigos?

Tudo o que o secretário Miller podia concluir era que o Conselho tinha suas próprias razões ocultas. Para ele, no entanto, tudo era obscuro. Ele olhou diretamente nos olhos do senador e, engolindo seco, balançou a cabeça:

- Está feito.

O senador Kurtz resmungou, demonstrando aprovação, e franziu o cenho:

- Não foi nada bom, secretário, nada bom. Mas o que foi mesmo que Shakespeare disse... "As necessidades devem..." -

então, de repente, virou-se e bateu nas costas do secretário. -

Nada de culpa, secretário. Estamos em guerra, e o professor representava uma ameaça direta aos interesses da Corporação.

As guerras são complicadas e sujas; sempre há vítimas.

Podia-se perceber o esboço de um sorriso no canto da sua boca. Mas o sinal de um sorriso, quase tão rapidamente quanto surgira, desapareceu, substituído pelo cenho franzido em sinal de desconfiança. Uma vez mais, o olhar frio do senador se concentrou no secretário. O tom antes brincalhão e reconfortante passara a frio e desconfiado:

- Permita-me lembrar-lhe algo, secretário, algo de suma importância. Não há nada mais perigoso neste mundo para a nossa causa do que iniciativas particulares. Nada. O professor é um caso específico. Uma das bênçãos de nossa Constituição é a de permitirmos que as pessoas tenham certa liberdade de ação, certa liberdade. Alguns considerariam isto um excesso de liberdade.

O secretário Miller ficou paralisado.

- E isto é, sem dúvida, algo muito bom. - o senador Kurtz prosseguiu: - Mas o problema é que as pessoas têm idéias na cabeça. Isto acontece porque elas não estão numa posição da qual possam enxergar todo o problema. Somos os únicos

que podemos entender isto. E sinto dizer-lhe, mas não podemos nos dar ao luxo de correr riscos. Se isto significar que as pessoas têm de ser silenciadas, este será o preço deveremos pagar. Cite uma guerra na qual não tenha havido mortes e eu lhe mostrarei uma rápida derrota... Tenha sempre em mente a visão de todo o problema. É preciso que a Corporação complete seu trabalho para o bem da humanidade. O que é bom para a Corporação é bom para a América. Deus pôs os recursos naturais à nossa disposição, precisamos explorá-los antes que alguém o faça.

Os dois homens começaram a se afastar do elevador, caminhando na direção da sala de reuniões. O senador Kurtz tocou o ombro do secretário, um gesto muito parecido com aquele que faz um treinador ao conduzir um dos jogadores ao campo.

- Se as pessoas tivessem a menor idéia do que o futuro lhes reserva dentro de muito pouco tempo, nosso governo perderia o controle da noite para o dia. O desastre de Nova Orleans pareceria um piquenique comparado ao que poderia acontecer, e todos os nossos esforços se tornariam inúteis de uma hora para outra. Não estou exagerando. Haveria tumultos nas ruas, a civilização entraria em colapso. Estupros, saques e anarquia se seguiriam a esse colapso. Os assassinatos se tornariam corriqueiros. Cabe a nós escolher o momento em que esse caos ocorrerá.

O secretário Miller murmurou seu assentimento, enquanto se aproximavam da porta que levava à sala de reuniões. O

senador Kurtz parou novamente, como se um pensamento desagradável tivesse lhe passado pela cabeça:

- Mas devemos seguir em frente. O conselho exige que você mantenha os antigos companheiros do professor sob vigilância. A prioridade agora é localizar e destruir o resto dos mapas. Qualquer um que tenha estado no mesmo lugar que eles terá de ser monitorado. Os agentes adequados foram inteirados disto e enviados à faculdade? Suponho que você já queimou o mapa que caiu em nossas mãos no Peru, não?

- Sim, senador, é claro, conforme seu pedido.

O senador Kurtz ajeitou a gravata e inspirou profundamente antes de falar em particular com o secretário uma última vez:

- Muito bom. Está tudo em ordem. Tudo o que a Corporação faz visa ao interesse público, mas deve permanecer a portas fechadas... O mundo funciona assim. Agora, conduza-me à reunião. Chegou a hora de dar as boas notícias. Temos apenas seis dias até a aurora do equinócio da primavera, e então finalmente terá chegado o momento...

8

Catherine e James subiram o último lance de escadas, chegando, enfim, ao patamar superior da décima segunda escadaria. Catherine, um pouco sem ar, arfou de satisfação:

- Ufa! Ele está livre... - a única porta de madeira do andar estava aberta. - Não está curtindo seu carvalho.

Rutherford franziu o cenho:

- Ele não está o quê?

- Ah, é uma expressão antiga. Todos os conjuntos de cômodos têm duas portas. Uma externa, feita de carvalho, e uma interna. Se você fechar a porta externa, significa que não está disposto a receber visitas, está "curtindo seu carvalho".

Vamos.

Rutherford parou no topo da escada. Com a mão segurando o corrimão, olhou para Catherine:

- Você acha que devemos lhe contar sobre a morte do professor Kent, se é que ele já não sabe?

Catherine estava decidida a resolver as coisas. As dúvidas de antes haviam sido substituídas por uma determinação férrea.

- Não, acho que não... Se ele ainda não sabe, não devemos tocar no assunto. Estamos aqui apenas para pedir informações sobre os mapas - Catherine bateu na porta com firmeza.

Passado algum tempo, ouviu-se o ranger das dobradiças da porta de carvalho maciço, revelando uma antes-sala pequena e escura e um vulto rechonchudo e de baixa estatura. Dr. Von Dechend tinha uns sessenta e poucos anos, cabelos que começavam a ficar grisalhos e um bigode ruivo e extravagante que começava a desbotar. Vestia um belo terno de três peças em *tweed* escama de peixe ligeiramente surrado. Inclinou-se para a frente e tentou enxergar quem eram os

dois por trás de um par de óculos de armações grossas. O odor da fumaça recém-saída do cachimbo enchia o ar. Um ou dois segundos depois, seu rosto iluminou-se:

- Catherine! Que surpresa boa! Entre, entre e tome um pouco de chá! E quem é o rapaz que a acompanha... Um novo namorado, suponho?

Catherine sentiu-se ruborizar:

- Não. Este é um colega meu do Brasenose, James Rutherford, um classicista e um especialista no mundo antigo.

Dr. Dechend os conduziu ao aconchegante escritório, ciente de que aquela não era uma visita de cortesia. Catherine expressava uma tensão incomum. Trocadas as gentilezas de praxe e preparado o chá, e estando todos acomodados nas poltronas de couro em volta da lareira vazia, o catedrático foi direto ao ponto:

- Então, o que a preocupa?

Catherine lançou um olhar cheio de preocupação para Rutherford e em seguida começou a falar:

- Estivemos pensando se você talvez poderia dar uma olhada em alguns mapas e ver se consegue reconhecê-los - e, com todo o cuidado, colocou o envelope com os mapas sobre a mesa.

Von Dechend acendeu o cachimbo, trocou os óculos de armação grossa pelos de leitura e começou a retirar os documentos do envelope, espalhando-os diligentemente sobre a mesa. Percebeu nos dois jovens visitantes uma ansiedade que ia além da mera curiosidade acadêmica. *"Espero que eu consiga reconhecer o que essas coisas representam", pensou ele, "do contrário, deixarei duas pessoas muito desapontadas"*.

Direcionando a luminária para baixo de modo que pudesse ver o primeiro mapa, dr. Von Dechend começou a analisar os documentos que tinha diante de si.

- Humm. Muito, muito interessante. Muito interessante mesmo

- e olhou para Catherine por cima dos óculos. - Desculpe a pergunta. Onde foi que você conseguiu estes mapas?

Por uma fração de segundo, ela hesitou, e olhou diretamente nos olhos de Rutherford. Ele levantou as sobrancelhas como se dissesse que a decisão de contar ou não cabia a ela.

- Com o professor Kent.

- Ahhh! Com o Kent! Mas por que cargas d'água ele estaria interessado nestes mapas?

- Bem, se o senhor nos falasse um pouco deles talvez conseguíssemos descobrir o porquê.

- Muito bem, mas prepare-se. Estes não são mapas comuns.

São o que poderíamos chamar os mapas mais perturbadores da história.

9

O secretário Miller levantou-se e testou o microfone sobre a mesa com uma leve batida. Aos poucos, o burburinho no enorme salão de debates cessou. Limpando a garganta, Ele declarou:

- Senhores, com a palavra o senador Kurtz.

Com todo o respeito, posicionou o microfone na frente do senador Kurtz e sentou-se. Ouviu-se um leve murmúrio de aprovação vindo da platéia quando o senador levantou-se da cadeira. Pegando o microfone, ele começou a falar:

- Obrigado, secretário Miller, e obrigado a vocês, senhores, por virem até aqui hoje. Ainda acredito que, mesmo estando na era da videoconferência, na verdade nada substitui os encontros e as conversas cara a cara, e talvez até mesmo a possibilidade de tomarmos uma cerveja juntos. Espero que o secretário nos permita fazer isto depois.

Em apoio às palavras do senador, uma onda de risos atravessou a sala. O senador Kurtz voltou os olhos para o secretário e lhe deu um sorriso indulgente antes de prosseguir:

- Ora, alguns de vocês percorreram um longo caminho para chegar a esta reunião e, por isso, quero começar assegurando-lhes de que qualquer esforço feito para chegar até aqui terá valido a pena. Hoje estamos prestes a passar do ponto do qual não poderemos retroceder.

Ao ouvir as palavras do senador, a platéia ficou extasiada.

- Na segunda-feira de manhã, às 8h05, acontecimentos resultarão na completa destruição do *status quo* global e em nossa ascensão ao poder no mundo todo. Estou falando do golpe de misericórdia.

Um murmúrio de expectativa encheu a sala. O secretário Miller passou os olhos pela multidão. Kurtz já os tinha nas mãos. Sem dúvida, era um exímio orador. Era fácil imaginá-lo na televisão, aterrorizando e perdoando a platéia em rede nacional.

O secretário consultou o relógio e, levantando-se calmamente da cadeira, saiu sorrateiramente pela porta. Ninguém percebeu.

O discurso do senador estava deixando os presentes trespassados ao ouvir os desdobramentos do plano. Um segurança corpulento abriu a porta quando o secretário se aproximou e, saindo para o corredor, caminhou por ele em silêncio.

Apesar de ter suas próprias dúvidas com relação à perseguição do professor e seus companheiros, tinha um trabalho a fazer.

Até o momento ninguém havia dado conta dos mapas que pertenciam ao professor, e era possível que alguém, em algum lugar, estivesse olhando para eles naquele momento. Chegara o momento de acionar os agentes na Inglaterra.

10

Dr. Von Dechend apontou um dos mapas sobre a mesa.

Catherine e Rutherford tinham um olhar vago. Estava evidente que eles mal podiam distinguir as faixas de terra dos eventuais rios e ilhas.

- O conhecimento empírico ocidental é semelhante a uma enorme barragem construída a partir de muitos, muitos tijolos empilhados um a um - começou o velho homem. - Vez por outra, os cientistas se defrontam com algum conhecimento que simplesmente não se encaixa no lugar reservado a ele na barragem. O mapa de Piri Reis, este diante de nós, é um ótimo exemplo disto. Ninguém, repito, *ninguém,* sabe explicar o tijolo que não se encaixa na pilha representada pelo mapa de Piri Reis - dr. Von Dechend ajeitou os óculos e continuou: -

Este mapa foi feito em Constantinopla, em 1513, por Piri Reis, o almirante da esquadra turca, desenhado sobre pele de gazela.

Ele mapeia a costa oriental da América do Sul, ocidental da África e nordeste da Antártica, quando ainda era um paraíso tropical, antes que ficasse coberta de neve. É óbvio que Piri Reis não fez a pesquisa sozinho. Ele diz que usou diversos mapas oriundos dos arquivos do império Otomano. Bem, podemos ter quase certeza de que o único período em que a costa da Antártica ficou sem gelo foi entre 14.000 e 4.000 a.C.

Depois *disso,* tivemos a Era do Gelo e a Antártica ficou completamente enterrada debaixo de bilhões de toneladas de gelo, tal como é hoje. E é por isto que dá para entender os problemas que este mapa pode causar. É impossível que a costa tenha sido mapeada em qualquer época *depois de* 4.000

a.C., porque a Antártica estava coberta de gelo e continua assim até hoje. Mas, apesar disto, o período *anterior a* 4.000

a.C. é conhecido como Idade da Pedra. Em suma, este simples mapa parece minar as estruturas da história do mundo tal como a conhecemos.

- Mas isto é incrível - disse Catherine lançando um olhar para Rutherford, que

também parecia chocado.

- Sem dúvida. É por isto que o considero o mapa mais perturbador de todos os tempos. Nos corredores desta universidade; de fato, em todas as universidades do mundo ocidental - Von Dechend fez um gesto no ar, apontando para as paredes da sala e além a civilização começa na Suméria em 4.000 a.C. A última era do gelo terminou propriamente por volta de 8.000 a.C., e como o gelo se retraiu, a umidade foi liberada na atmosfera e a vida retornou à terra. Os povos caçadores do período Neolítico, que tinham atravessado o longo inverno da era do gelo, de uma hora para outra descobriram que a vida ficara um pouco mais fácil. Este fato levou, na Suméria e nas terras do crescente fértil, que ficam na região atualmente conhecida por Iraque, ao assentamento das primeiras comunidades agrícolas. Antes disso, de acordo com a história ortodoxa, a humanidade, até 4.000 d.C., era

"atrasada", e, com toda certeza, incapaz de fazer um mapeamento preciso do mundo. Desde aquela época, a

"civilização", e pronuncio esta palavra com toda ênfase, evoluiu até os dias de hoje, com seu progresso marcado por bombas nucleares, espaçonaves e guerras mundiais.

"Bem se vê que não é um adepto do progresso", pensou Rutherford. "Mas isto é surpreendente. Como o professor teve acesso a esses mapas? E o que ele pretendia fazer com eles?"

- Como vocês podem ver - concluiu Von Dechend -, esta versão da história e o mapa Piri Reis não se encaixam e, por isto, ele simplesmente fica de fora.

- Então, por que a versão convencional da história ainda prevalece? - perguntou Rutherford. - Por que você não conta a todos sobre este mapa?

Dr. Von Dechend lançou-lhe um olhar lacônico:

- Meu jovem, Max Planck, o físico mundialmente famoso, uma vez disse o seguinte - o professor limpou a garganta de um modo teatral: - "Uma nova verdade científica não triunfa pelo convencimento daqueles que se opõem a ela, fazendo com que enxerguem a luz, mas, antes, porque seus oponentes acabam morrendo, e nasce uma nova geração que se familiariza com ela".

"Se isso fosse verdade", pensou Catherine, "então as verdades esquecidas fizeram o passado desaparecer, deixando-o para trás. Assim como certas pessoas podem simplesmente ser eliminadas para que a visão de mundo dos assassinos prevaleça".

Aquela idéia a assustou, e seus pensamentos se voltaram para o professor. "As *pessoas não são mortas por suas idéias, são?"* Muito perturbada, fez um esforço para se concentrar em Von Dechend, que se levantara.

- Permitam-me mostrar-lhes uma carta interessante sobre este assunto curioso. Está aqui em algum lugar... Deixe-me ver... É

uma carta do tenente-coronel Ohlmeyer, da Força Aérea dos Estados Unidos, para um certo professor Charles Hapgood, do Keene College, em New Hampshire, um catedrático especialista em mapas antigos. Este professor pedira ao tenente que comparasse o mapa Piri Reis com seu trabalho de medição de terras na Antártica, uma tarefa jamais empreendida antes. A resposta de Olmeyer fala por si.

Von Dechend caminhou com dificuldade até a estante, alcançou e puxou um arquivo contendo um feixe de cartas. Ele o pôs sobre a mesa para que ambos as lessem.

6 de julho de 1960

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS

Base da Força Aérea de Westover

Caro professor Hapgood,

Seu pedido feito a esta organização para que avaliássemos determinadas características incomuns do mapa Piri Reis, datado de 1513, foi reavaliado. A alegação de que a porção inferior do mapa retrata a Costa da Princesa Marta localizada na região da Terra da Rainha Maud, bem como a Península de Palmer, é razoável. Acreditamos que esta seja a mais lógica e a mais correta de todas as possibilidades de interpretação do mapa. O detalhe geográfico mostrado na parte inferior do documento está em perfeita consonância com os resultados do perfil sísmico traçado ao longo da calota polar pela expedição suíço-britânica à Antártica em 1949. Isto indica que o litoral havia sido mapeado antes que fosse

coberto pela calota polar, que nesta região atualmente tem em torno de mil e seiscentos metros de espessura. Não fazemos idéia de como podemos conciliar os dados deste mapa com o suposto estágio em que se encontravam os conhecimentos geográficos em 1513.

Harold Z. Ohlmeyer,

Tenente-coronel, Força Aérea dos Estados Unidos Rutherford não pôde mais se conter:

- Mas isto é extraordinário! Por que nunca ouvimos falar deste mapa? Por que ele não despertou mais interesse?

James levantou-se, tomado de perplexidade, e atravessou a sala. Catherine reparou nos ombros largos e fortes de Rutherford, notou também como os cabelos caíam desalinhados sobre o colarinho. Von Dechend balançou a cabeça com veemência e continuou:

- Bem, por mais engraçado que possa parecer, quando Hapgood fez sua descoberta, por cortesia da Força Aérea dos Estados Unidos, ele entrou em contato com Albert Einstein.

Deve ter pensado que se precisasse de endosso, por que não obtê-lo do próprio pai da física moderna.

- Eisntein! Nossa! Hapgood realmente não estava para brincadeiras! - Rutherford exclamou.

- Exatamente. E ele escolheu o homem certo. Einstein, como todos os legítimos pensadores, sempre se mostrou receptivo a novas idéias, mesmo que porventura não estivessem de acordo com as leis científicas da época. Dê uma olhada nisto. É um trecho da apresentação que Einstein escreveu para um dos livros de Hapgood.

Von Dechend retirou mais um livro da estante, abriu-o na página certa e o passou para os dois.

Eu quase sempre recebo correspondências de pessoas que desejam me consultar sobre suas idéias não publicadas. Não preciso dizer que essas idéias raramente têm validade científica. Entretanto, a primeira correspondência que recebi do sr.

Hapgood deixou-me perplexo. Sua concepção é original, muito simples e, se o que diz for realmente verdade, de suma importância para tudo que está relacionado à história da superfície da Terra...

A. Einstein

Catherine e James entreolharam-se. Von Dechend estava sentado com as pernas abertas, recostado na cadeira, e tinha os olhos ligeiramente fechados.

- Nosso professor Hapgood - ele prosseguiu - estava interessado nos mapas Piri Reis porque pensava que o ajudaria a provar sua teoria de deslocamento da crosta terrestre. Ele acreditava que, de tempos em tempos, toda a crosta da terra sofre deslocamentos. Vocês já ouviram falar do deslocamento das placas tectônicas, não ouviram?

Ambos balançaram a cabeça em sinal de afirmação.

- Na região em que as placas se encontram, em geral há grande atividade vulcânica - respondeu Catherine.

- Isso mesmo. A falha de San Andreas, que atravessa a Califórnia, é um exemplo de uma das regiões em que duas placas se encontram. Devido a ela, a Califórnia sofre tremores de terra regularmente. Seja como for, Hapgood acreditava que as placas individuais não só se chocavam e se atritavam umas contra as outras, mas que às vezes todas as placas se movimentavam ao mesmo tempo. Imagine a crosta terrestre, a litosfera, como a casca de um ovo gigante. Em determinados pontos a litosfera tem apenas 48 quilômetros de espessura.

Abaixo dela, há rocha derretida, metais e todo tipo de gases e líquidos que saem pelas feridas. Ora, teoricamente, não há razão para afirmar que Hapgood não estava certo. O

argumento apresentado por ele para afirmar que a Antártica fora descongelada devia-se ao fato de que estivera em um lugar completamente diferente, em torno de 30° para o norte.

Interessante, não? E tem mais. Einstein seguiu o mesmo raciocínio, pois acreditava que o mapa Piri Reis era real.

Contudo, nem Hapgood nem Einstein tentaram explicar quem poderia ter estado

lá por volta de 4.000 a.C., e sido capaz de fazer o verdadeiro mapeamento. Isto permanece um mistério.

Catherine e Rutherford não tiraram os olhos dos mapas enquanto o dr. Von Dechend examinava o restante deles.

Falando consigo mesmo, de um modo divertido e cheio de entusiasmo, balançou a cabeça exibindo um ar de seriedade, e recuou:

- Ele tem todos eles! - exclamou o professor de geografia em sinal de surpresa.

- O que quer dizer com isto? - perguntou Catherine com afobação.

- Kent conseguiu reunir cópias de todos os mapas mais estranhos do mundo. Veja!

Com todo o entusiasmo, Von Dechend agora espalhava os mapas sobre a mesa olhando-os um por vez.

- Aqui temos um mapa desenhado por Mercator, o maior cartógrafo de todos os tempos, que também mostra a Antártica como ela era antes de ficar coberta de gelo; ele representa suas características geográficas com grande precisão. E aqui temos o grande mapa Buache. Este é particularmente inexplicável!

Buache o publicou em 1737, afirmando que usara muitos mapas antigos, que estão desaparecidos desde aquela época.

Na verdade, ele mostra a Antártica livre de gelo como dois continentes divididos por um canal de água. Mais uma vez, foi apenas no século XX que se provou a veracidade deste fato, quando foi realizada uma grande medição de terras.

Catherine e Rutherford olharam-se com perplexidade.

Estavam ambos intrigados, os mapas tinham sérias implicações. Tal qual o mistério dos Dogon, que Catherine descrevera horas antes, os mapas pareciam propor questões para as quais não havia resposta. A diferença estava em que, neste caso, não era apenas uma charada acadêmica. Este conjunto impressionante de mapas era a única pista que tinham para descobrir por que o professor estava morto.

11

Alguém bateu na porta e Von Dechend deu meia-volta. Uma empregada, de origem filipina e compleição miúda, entrou carregando uma bandeja na qual havia um bule grande de chá, uma jarra de leite e três xícaras com os pires.

- Ah, Molly. Você nos trouxe chá. Ótimo!

Von Dechend interrompeu o que estava fazendo e empurrou os mapas para um dos lados da escrivaninha. A empregada deixou ali a bandeja e saiu.

- Lapsang souchong.1 Estão servidos? Catherine e James balançaram a cabeça em sinal de afirmação, agradecendo enquanto eram servidos pelo professor.

Tomando goles do chá e logo sentindo-se revigorado, Rutherford sentiu que devia ao menos tentar fazer um esforço em favor da visão convencional do que seja história.

- Mas não seria possível que essas terras tivessem sido mapeadas por povos migrantes pré-históricos? Talvez, enquanto viajavam pelo mundo, em 5.000 ou 6.000 a.C., tenham registrado o que viram - ele perguntou.

Von Dechend lançou-lhe um olhar malicioso.

- Sim. Consigo imaginá-los agora! Flutuando em seus barcos feitos de pele de vaca, enquanto as ondas gigantescas do Atlântico Sul os atingem. Posso vê-los procurando os compassos, canetas e papéis. Céus, me esqueci!... Ainda não 1 Chá preto produzido na China.

tinham inventado caneta, papel e compasso. Bom, talvez eles usassem cascas de árvore, conchas ou placas de pedra e entalhassem nelas os mapas. Mas, ainda assim, diga-me, como eles sabiam onde estavam? Digo, de acordo com a versão contemporânea da história, estamos falando dos povos primitivos da Idade da Pedra, que não tinham nenhuma tecnologia, nem mesmo conhecimento. Como, em meio a toda aquela enorme quantidade de água, eles podiam saber onde estavam?

- Desculpe, mas não entendi.

- O que vocês dois sabem a respeito de latitude e longitude? -

perguntou Von Dechend.

- Não muito - Rutherford respondeu.

Catherine, cuja especialização em astronomia a tornava uma entendida nesta área, não conseguia entender por que estavam discutindo aquilo:

- Sei o que representam, mas não consigo entender que relação tem isto com o que estamos falando.

- Bem, talvez você possa explicar os conceitos de latitude e longitude ao nosso amigo aqui. Posso lhe garantir, é muito importante que ele entenda.

Catherine olhou para cada um dos dois homens, expirou e começou a falar:

- Vamos lá. Longitude e latitude são a rede de pesca imaginária que cobre o planeta. Às linhas horizontais que vão de leste a oeste chamamos latitude, e às verticais, de norte a sul, longitude. Tudo bem até aqui?

- Sim. Eu as vi desenhadas nos mapas-múndi - disse Rutherford, confiante.

- Agora, imagine que eu desejasse lhe dizer em que lugar do mundo eu estava. Poderia lhe dar minhas coordenadas nessa rede e você então conseguiria localizar minha posição exata.

- Faz sentido.

- Primeiro, seria necessário que tivéssemos um meridiano principal. Um grau zero do qual pudéssemos fazer todas as medições. Poderíamos fazer isto a partir de qualquer linha longitudinal, à nossa escolha, que vá de norte a sul, contanto que nós dois usemos a mesma linha. Acontece que, graças ã Grã-Bretanha já ter um dia dominado os mares, a linha de longitude que vai de norte a sul passando pelo Observatório Real de Greenwich hoje em dia é considerado o grau zero.

Então, se estiver em Nova York estará a 74° a oeste de Greenwich, e se estiver em Hong Kong, a 100° a leste de Greenwich, e assim por diante. Tudo bem?

- Sim. Claro como água até agora - Rutherford sorriu para ela.

- Agora é que as coisas ficam mais complicadas. Não vou tentar explicar por que, já que é muito complicado e não temos tempo para isso, mas para definir sua longitude é preciso saber como marcar o tempo no ponto de partida e ter condições de marcá-lo durante *todo* o percurso, e é necessário fazê-lo com muita precisão. Isto pode parecer fácil, mas não é. Até o século XVIII, os melhores relógios perdiam um minuto por hora, o que era desesperador, porque até mesmo alguns minutos podiam confundir os cálculos do capitão de um navio em dezenas de quilômetros, fazendo-o perder o rumo. Imagine o quanto os navegantes estariam distantes após alguns dias. O

que dizer, então, após alguns meses. Como a maior parte dos relógios era movida a pêndulos, já se esperava não funcionas-sem muito bem em alto-mar, sendo jogados de um lado para o outro, sem contar as variações em sua velocidade devido às alterações de temperatura e umidade. Ao longo de toda a história da humanidade, os marinheiros sonharam com um aparelho que marcasse o tempo e resolvesse esses problemas.

Então, finalmente, depois que duzentos marinheiros morreram em um naufrágio cinematográfico, o Conselho da Longitude, um departamento do governo britânico, ofereceu uma quantia substancial, no valor de 20 mil libras esterlinas, a qualquer um que conseguisse manter a precisão de 30 milhas náuticas durante uma viagem de seis semanas às índias Ocidentais. Um homem chamado John Harrison adiantou-se. Ele levou quase 40 anos para, finalmente, e por acaso, chegar ao projeto final do cronômetro. Entretanto, quando conseguiu o que queria, ele o tinha quebrado - explicou Catherine.

- Impressionante. E quando foi que isto aconteceu?

- Por volta de 1760.

Catherine olhou para o dr. Von Dechend. Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação.

- Seja como for, creio que sei aonde o D. Von Dechend quer chegar. Antes desta invenção, ninguém, nem os romanos, nem os antigos chineses, nem os sumérios, nem qualquer outra civilização...

- De que se tem notícia - ressaltou Von Dechend.

Catherine ergueu as sobrancelhas e continuou:

- De que se tem notícia, sabia determinar a longitude com tanta precisão.

Von Dechend tomou um gole do chá e olhou para eles de um jeito malicioso.

- Então, como é que se explica o fato de que acidentes geográficos tão fielmente descritos pelos mapas de Kent foram tão precisamente posicionados nas devidas latitudes e longitudes?

Catherine uma vez mais teve a mesma sensação de medo.

"Ah, não! Chega de questionar a história que conhecemos."

Von Dechend, entretanto, se divertia com aquilo.

- Sim. Esta é uma ótima pergunta. Todos estes mapas apontam a localização precisa das terras que descrevem. Mesmo o mapa Zeno, desenhado por volta de 1380, mapeia a Groenlândia e os mares da Islândia, e oferece a localização exata de ilhotas, destacadas na cor castanho-avermelhado, localizadas nos confins dos Mares do Ártico, nas longitudes e latitudes exatas.

Como se explica isto?

Agora, Von Dechend caminhava empertigado pela sala com certo ar de inspiração causado pela contemplação dos antigos cartógrafos.

- Você provavelmente já viu diversos mapas-múndi. Alguns em que todos os países parecem muito longos e finos, outros em que estão mais espalhados. Todos os mapas representam uma esfera - ou parte de uma esfera - sobre um pedaço de papel para mapas. Isto é muito difícil. Na verdade, é impossível prescindir de um conhecimento complexo e avançado de matemática, assim como de sofisticados aparelhos de marcação de tempo que Catherine descreveu.

Quando estes mapas foram feitos, o que deve ter acontecido após 14.000 a.C. e 4.000 a.C., a história convencional nos diz que não havia civilizações cujo desenvolvimento estivesse tão avançado a ponto de ser capazes de fazer algo que exigisse tamanho grau de sofisticação. Hapgood desejava esclarecer as coisas, e procurou o professor Strachan, no Instituto de Tecnologia de Massachussetts - o professor virou-se para os dois e os olhou com firmeza. - Strachan declarou que a precisão e a eficácia dos mapas significavam que eles só poderiam ter sido feitos por uma civilização muito avançada, com conhecimento de trigonometria

esférica, e com instrumentos para a medição precisa da longitude e da latitude.

Portanto, de que outra maneira podemos explicar o grau de perfeição e exatidão destes mapas que chegaram até nós vindos da escuridão da pré-história? A evidência é incontestável. Houve, em tempos remotos, antes do surgimento de qualquer cultura conhecida, uma civilização realmente avançada. Além disso, independente do grau de desenvolvimento a que tenha chegado, houve algum motivo para essa civilização ter desaparecido.

Catherine ficou assombrada.

- Mas isto é impossível! Para começar, por que não há vestígios, ruínas dessa civilização?

Von Dechend encolheu os ombros:

- Não sei. Tudo que posso fazer é explicar-lhes a verdade por trás dos mapas. Sou um humilde geógrafo.

Todos se calaram, mas o professor interrompeu o silêncio:

- Imaginem que essa sociedade era tão avançada que não precisava prospectar minas para obter metais ou fazer perfurações para encontrar petróleo... Imaginem que ela usava a energia eólica e a renovável da madeira. Imaginem se ela decidisse, de maneira consciente, não prejudicar a Terra como fazemos. Então, o que sobraria? Provavelmente, muito pouco.

Catherine não sabia o que dizer.

"Tudo o que eu desejava era descobrir por que o professor tinha estes mapas, e acabei topando com alguma coisa completamente estranha e aterrorizante." Ela precisava de pelo menos uma resposta de caráter prático.

"Mas, para começar, por que o professor Kent tinha estes mapas? Isto é um grande mistério, um mistério para o qual não consigo encontrar nenhuma explicação."

12

Segurando com firmeza o envelope contendo os mapas, Catherine desceu as escadas que levavam ao alojamento do dr.

Von Dechend, saindo no ensolarado quadrilátero principal.

Jamais sentira tamanho pavor. Seu mundo parecia estar desmoronando. Rutherford a acompanhava, ainda confuso com tudo o que tinham ouvido. A explicação que o dr. Von Dechend dera para os mapas o deixara muito perturbado, e não conseguia parar de pensar no bilhete que o professor Kent lhe escrevera.

Parecia-lhe que a única conclusão plausível era a de que os mapas tinham relação direta com o que escrevera.

Se realmente havia um recado sendo enviado de um tempo remoto, então a conclusão lógica a se chegar era a de que realmente houvera, num passado muito distante, anterior à história de que se tem notícia, uma grande civilização. E os mapas davam a impressão de ser a prova da existência dessa civilização que desaparecera nas areias do tempo. " *Talvez o professor realmente tivesse descoberto um alerta, viajando pela história, desse povo hiper-civilizado aos filhos do futuro de que eles também estavam fadados ao mesmo destino terrível",* pensou Ruhterford. Mas tudo aquilo parecia tão estranho...

Catherine soltou um suspiro profundo, não sabia o que fazer.

Ainda não decidira se era uma boa idéia contar a Rutherford que o professor estava certo de que corria perigo. Isto não significava que não confiasse em James, mas, sim, que não tinha coragem de enfrentar as conseqüências. Se lhe mostrasse o bilhete e lhe contasse as suspeitas que tinha; na verdade, se contasse a qualquer outra pessoa, a partir de então seria impossível voltar atrás.

Em um tom quase desesperado, ela começou a falar:

- James, tenho mais uma pergunta estranha para lhe fazer.

Você é um classicista, pode me dizer o que sabe sobre a palavra "eureka"?

Rutherford ficou surpreso. "Catherine está me escondendo alguma coisa sobre o que está acontecendo."

Mas, mesmo assim, ele queria ajudá-la, e deu-lhe um sorriso receptivo.

- Eureka? Bom, acho que não adianta perguntar por que você quer saber isso.

- Não. Mas confie em mim. É importante.

Rutherford riu e balançou a cabeça, enquanto Catherine prosseguia:

- Tudo que sei é que foi Arquimedes quem a disse pela primeira vez. Ele sentou-se em sua banheira e, de repente, se deu conta de como a massa corporal de um homem desloca a mesma quantidade de líquido.

Ele então gritou "eureka", que significa "consegui", pulou fora da banheira e correu nu pelas ruas pulando de alegria.

Rutherford voltou-se para ela pensativo:

- Creio que você acaba de me contar a versão plagiada do que aconteceu.

- O que você quer dizer?

- Bem, não foi Arquimedes quem disse "eureka" pela primeira vez, foi Pitágoras, ao descobrir a relação entre o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo e a soma dos outros dois lados. A versão de Arquimedes em sua banheira como protagonista é uma invenção posterior à de Pitágoras, e muito apreciada pelos catedráticos.

- Como você sabe que foi Pitágoras e não Arquimedes?

- Gritar "eureka" só faz sentido se dito por Pitágoras, porque ele tinha senso de humor!

Catherine estava confusa. "O que senso de humor tem a ver com isso?"

- O que você quer dizer com isto?

- Pitágoras tinha interesse na gematria, o desvendamento de mensagens secretas.

"Gematria?", pensou Catherine, refletindo sobre a palavra. Ela jamais ouvira falar naquilo.

- Como é possível haver uma mensagem secreta em uma única palavra? A mensagem deve ser muito curta.

- Sim, neste caso é. Na verdade, mais parece um trocadilho.

Deixe-me explicar. Mas vou precisar de papel e caneta.

- Certo. Mas se não se importar, gostaria muito de sair daqui.

Estou começando a ficar meio claustrofóbica - respondeu Catherine. - Podemos ir à sua casa?

Rutherford parou de andar e, ao encontrar os olhos profundos e sinceros de Catherine, alguma coisa lhe disse que a explicação que lhe daria tinha realmente muita importância.

Ele assentiu com a cabeça, decidido a atender seu pedido.

13

Um homem alto, esbelto, com seus quarenta e poucos anos, usando chapéu de feltro preto e um sobretudo de *cashmere* azul-escuro sobre um terno cinza, encontrava-se de pé no alojamento do All Souls, praticamente envolto na escuridão.

Seu nome era Ivan Bezumov. Estava ali, em pé, fazia meia hora, mal se movendo, quase sem respirar, esperando, com a paciência de uma ave de rapina, os olhos perscrutando cada pessoa que atravessava o quadrilátero.

Quando Catherine e Rutherford caminharam em sua direção, Bezumov esforçou-se para ouvir o que diziam.

"Finalmente! É ela. Não posso falhar. Ela é a única ligação com a pesquisa do professor."

Quando estavam a mais ou menos cinco metros de distância, Bezumov inspirou e ingressou no quadrilátero. Tentando aparentar tranqüilidade e amabilidade, deu um largo sorriso e tirou o chapéu.

- Olá! Sou Ivan Bezumov. Você deve ser Catherine Donovan.

Ignorando completamente a presença de Rutherford, Bezumov cumprimentou Catherine com um caloroso aperto de mão e prosseguiu:

- O professor falava muito de você.

O sotaque russo de Bezumov era inconfundível. Catherine parecia confusa. Rutherford deu um passo firme à frente e estendeu a mão.

- James Rutherford.

- Ah, sim. Pois não - Bezumov virou-se para Catherine: - Eu era colega do falecido professor. O que aconteceu foi uma tragédia, e devo dizer-lhe que sinto muito - ele acrescentou. -

Estava esperando por você no alojamento. Imaginei que acabaria aparecendo. Entendo que o momento não é oportuno, mas é importante que nos falemos.

Posso convidá-la para um chá?

"Quem é este homem estranho?", pensou Catherine. "É óbvio que o que tem a fazer não é tão importante que não possa ser deixado para depois do funeral do professor Kent. Não parece muito adequado à ocasião que ele apareça aqui dessa maneira pedindo para falar comigo."

- Creio que tenha razão, senhor Bezumov, esta não é mesmo uma boa hora. Mas talvez daqui a mais ou menos uma semana? O senhor ficará em Oxford por pouco tempo?

Bezumov começou a ficar muito ansioso. Vasculhou abruptamente o bolso do casaco de *cashmere*. Em resposta àquela atitude, Catherine e Rutherford se afastaram.

- Aqui está. Esta é uma carta de apresentação do professor.

O estranho aproximou o papel para perto do rosto de Catherine. Nele, escrito em tinta verde, havia um bilhete com a caligrafia do professor. Sem tirá-lo da mão de Bezumov, ela o leu desconfiada.

Querida Catherine,

Meu colega Ivan Bezumov está chegando a Oxford, vindo de São Petersburgo. Temos trabalhado juntos em um projeto nos últimos tempos. Por favor, preste-lhe todo o auxílio que puder enquanto ele estiver em Oxford e forneça-lhe o que ele precisar.

Obrigado,

Kent

"Isto é estranho", Catherine pensou. "É tão esquisito e formal, muito diferente do jeito de o professor se expressar."

Antes que ela conseguisse entender tudo aquilo, o russo recomeçou a falar:

- Dra. Donovan, estive pensando se já esteve no alojamento do professor após seu falecimento? Sabe, eu e o professor estávamos desenvolvendo um trabalho muito importante antes de ele morrer.

Bezumov olhou para baixo na direção do envelope com os mapas que Catherine carregava na mão esquerda.

- Eu gostaria de saber se poderia reaver umas anotações importantes.

Movida por um impulso, Catherine aproximou o envelope do corpo. Bezumov percebeu sua reação e, enquanto continuava a falar, não pôde evitar olhar na direção do documento.

- Eu repito. Sinto muito importuná-la em um momento como este, mas ele deixou alguma coisa? Documentos ou anotações?

Quem sabe, uma pasta?

Os lábios de Bezumov entreabriram-se novamente, esboçando um sorriso leve e suplicante. Seu olhar agora fixava-se no pacote que Catherine carregava. Ela começava a achar o comportamento do homem extremamente assustador, pensando no bilhete que Bezumov produzira.

"O professor nunca se referiu a ele mesmo como Kent para mim. Ele estava", ela sentiu um nó na garganta, "sendo forçado a escrevê-lo? Foi ele mesmo quem o escreveu?".

Após os acontecimentos estranhos da manhã, Catherine não ficaria surpresa se Bezumov o tivesse falsificado. Sua cabeça rodava e, de repente, sentiu-se muito cansada e enjoada.

- Olhe, por que não procura o diretor? Estou certa de que ele terá satisfação em ajudá-lo. Terei prazer em falar com o senhor dentro de alguns dias.

Quando Catherine olhou ao redor do quadrilátero, procurando uma saída, ficou espantada ao ver o diretor observando-os da janela da biblioteca. Mas, antes que pudesse processar o fato, ele já desaparecera.

Bezumov estava ficando desesperado.

- Dra. Donovan, por favor, permita-me ser honesto com a senhora. Preciso dos documentos. É mais importante do que a senhora pode imaginar. Preciso muito de sua ajuda.

Rutherford deu um passo à frente novamente, interpondo sua estrutura atlética entre Bezumov e Catherine.

- Senhor Bezumov, a dra. Donovan não sabe nada a respeito dos documentos a que o senhor se refere. Sugiro que faça o que ela lhe disse e fale com o diretor. E creio que seria melhor se demonstrasse um pouco mais de compaixão pelas pessoas que ainda estão sofrendo com a perda de um ente querido.

Assim falando, Rutherford começou a afastar Catherine do frenético russo. Numa última tentativa, Bezumov procurou no bolso do casaco e puxou um cartão.

- Espere! Desculpe-me - ele pegou uma caneta-tinteiro e, tirando a tampa, escreveu no cartão. - Este é o número de meu celular. Telefone-me. Poderei ajudar. Dra. Donovan, por favor, se tiver os documentos, guarde-os bem. Outros poderão vir atrás deles; é possível que não sejam tão educados quanto eu, mas virão.

Catherine pegou o cartão enquanto seguia em frente. Ela o pôs no bolso e, sem olhar para Bezumov, com Rutherford esgueirou-se pela porta baixa do alojamento, saindo na High Street. Bezumov observou-os sair com um olhar de pura angústia, apertando a aba do chapéu. Teria de encontrar outro modo para se aproximar de Catherine.

14

Quando o senador Kurtz saiu do elevador e cruzou rapidamente o saguão de mármore em direção à entrada do edifício das Nações Unidas, olhou, por cima do ombro, para o secretário Miller.

- Gostou do discurso, secretário?

- Sim, senador, perfeitamente adequado à situação. Mas, se me permite uma pergunta, foi bom anunciar os detalhes do plano antes de o colocarmos em prática? Hoje ainda é terça de manhã. Podemos confiar em todos os delegados estrangeiros?

Ainda faltam seis dias para a manhã da próxima segunda-feira.

O senador riu em tom de troça.

- Isso não tem a menor importância. Ninguém pode fazer nada para nos deter, ainda que eu lhes contasse toda a verdade.

O secretário engoliu seco. O senador sorria com um ar de mistério, e parou diante das grandes portas de vidro localizadas na entrada anterior, virando-se para encará-lo como se quisesse reforçar seu ponto de vista, enquanto o fluxo constante de pessoas entrando e saindo pelas portas passavam pelos dois lados deles.

- Sua tarefa agora é inteirar os delegados de suas obrigações individuais e coordenar suas ações - o senador parou de falar e, com os olhos apertados, continuou: - Seja muito cauteloso.

O momento está chegando - ele olhou pela porta de vidro tentando enxergar o tumulto da cidade. - Voltaremos a nos encontrar no Cairo, no domingo à tarde, mas nos falaremos antes disso. Por enquanto, certifique-se de que não há repercussões das descobertas do professor.

Dito isto, virou-se e, acompanhado de seus seguranças, sumiu pela porta, confundindo-se com as pessoas e os ruídos do dia.

O secretário o acompanhou com hesitação, acompanhando-o pelas portas, sem saber o que dizer. Quando a limusine parou, o senador olhou para o céu e sorriu:

- O fim está próximo, secretário. Aconselho-o a preparar seu espírito.

O secretário Miller observou a cena num silêncio atordoante, enquanto o senador entrava na parte de trás da limusine que o aguardava. O carro partiu no tráfego da Praça das Nações Unidas e, enquanto o via desaparecer, o secretário sentiu um mal-estar surgindo no estômago. Os pensamentos do professor morto o assombravam. Que ameaças poderiam representar um velho e alguns mapas? E por que o senador o aconselhara a preparar seu espírito? Aquelas eram palavras estranhas para a cabeça da mais poderosa irmandade secular. Estranhas e completamente impróprias. Quem realmente era o senador? As coisas não se encaixavam, nada fazia sentido.

A única coisa ainda certa era que, dentro de seis dias, na segunda-feira à tarde, o mundo sofreria mudanças irreversíveis e, pelo menos ele, pretendia ficar do lado vitorioso.

15

Rutherford abriu a porta de seu apartamento e convidou Catherine:

- Por favor, entre.

- Obrigada. Seu apartamento é uma graça - Catherine elogiou, com o pensamento longe, tentando recorrer às amenidades sociais. - Nossa, você tem ainda mais livros que eu!

- Sabe como é... Acredito que quanto mais livros você tem, mais intimidados ficam os alunos! Posso servir-lhe alguma coisa?

- Ahn... Um copo de água seria ótimo, obrigada.

Rutherford foi em direção à cozinha, enquanto Catherine acomodava-se no sofá maior, olhando para as fileiras de livros ao redor da sala, metade dos quais parecia ter sido escrita em grego e latim, além de outras línguas antigas. Pegou uma coletânea dos versos traduzidos de Catulo,2 e o folheava, na verdade sem ler as palavras, quando Rutherford retornou à sala. Ele sentou-se ao seu lado e pôs o copo com água, a caneta e o papel sobre a mesa à frente dos dois.

- Onde é que eu estava? Gematria. Humm... - Rutherford coçou a cabeça, parou para pensar durante alguns instantes e começou a falar com muita franqueza: - Em muitos aspectos, a gematria é semelhante a um jogo. Mas também é mais do que isto, é muito séria. Correspondia a um código secreto usado pelos videntes do mundo antigo, que a consideravam dotada de propriedades mágicas. Mas, primeiro, antes de tratarmos do aspecto místico da gematria, deixe-me explicar-lhe suas bases literárias. Os filósofos do mundo antigo entendiam o conhecimento partilhado entre as disciplinas como fazemos, porque pensavam que, no fundo, todas elas estavam interligadas por uma fórmula secreta na qual está baseado todo o universo. Eles teriam ficado horrorizados com o modo de ensinarmos as matérias em conteúdos estanques, porque pensavam que um dos principais objetivos da educação era demonstrar a unidade do conhecimento. Observando a natureza, eles notaram que determinados números continuavam a subir sem parar; nas notas da escala musical e no movimento dos planetas, o mesmo punhado de números e de fórmulas fortalecendo os alicerces de tudo. Descobrindo quais números e fórmulas eram críticos, as leis do cosmos podiam

ser extraídas e em seguida comunicadas de maneira 2 Caio Valério Catulo (84 a. C.-54 a. C.), sofisticado e controverso poeta veronense que viveu em Roma, durante o final do período republicano. (N. T.)

clara e simples. Entretanto, era comum esses números e proporções, que expressam o funcionamento oculto do universo, estarem escondidos em linguagens escritas. Cada letra do alfabeto grego antigo, bem como dos alfabetos hebraico e árabe, tem seu valor numérico. Histórias, poemas e textos religiosos eram todos compostos usando letras e palavras de valores específicos. Por isto, o que parece uma simples história é, de fato, também uma espécie de receptáculo do conhecimento mais profundo das fórmulas que explicam a natureza do universo.

Catherine ouviu tudo aquilo fascinada.

- Então, quer dizer que há livros antigos contendo mensagens secretas disfarçadas nas próprias palavras de suas histórias? -

ela perguntou.

- Sim, exatamente. E isto mesmo o que eu quis dizer.

- Por acaso eu conheço algum desses livros? Você pode me dar um exemplo?

Rutherford não conseguiu conter o riso.

- Já ouviu falar da Bíblia?

- A Bíblia! Verdade?

- Sem dúvida. A Bíblia foi originalmente escrita em grego.

Muitas pessoas não percebem isso, mas passagens inteiras são construídas usando a gematria, tornando possível àqueles que entendem o que se passa a obtenção de um estalo para desvendar a verdadeira mensagem por trás da história. Por exemplo, este é definitivamente o caso dos escritores dos evangelhos, que escolheram os nomes das personagens e frases-chave de modo que os valores numéricos gemátricos tivessem um significado específico. Eles estavam transmitindo conhecimento por meio de código.

- Você então está me dizendo que a história da vida, morte e ressurreição de Jesus não é apenas isto?

- Bem... Isto seria simplificar muito as coisas. Mas, sim, é isto.

Catherine mal podia acreditar no que ouvira.

- Mas se isto é realmente verdade, então a Bíblia estaria cheia de palavras que têm significados mais profundos.

- E é verdade. Deixe-me lhe dar alguns exemplos. Contudo, voltemos antes ao exemplo que deu origem a esta discussão. A exclamação "eureka", ou "eureka", feita por Pitágoras em grego. Ela realmente se refere aos lados do triângulo retângulo cinco, três e quatro, que ele usou para provar seu teorema.

Rutherford desenhou com destreza o alfabeto grego sobre o papel, com um número abaixo de cada letra.

α β γ δ ε ζ Θ

Ϟ

ι

κ λ μ υ

1 2 3 4

5 7 8 9 10 20 30 40 50

ξ ο π ρ

σ ς τ υ φ

χ ψ ω

60 70 80 90 100 200 300 400 500 600 700 800

- Se você usar os valores numéricos das letras que acabei de escrever e somá-los, então encontrará a palavra "ευρεκα", ou seja, 534. Coincidência? Acho que não.

Rutherford sorriu para Catherine quando viu o olhar de espanto em seu rosto.

- Entendeu? Pitágoras queria apenas demonstrar o conhecimento que tinha de um modo memorável, além de também criar um trocadilho! Isto representa muito bem o modo de pensar daquela época. Toda a história do mundo seria muito diferente se as pessoas parassem de tentar entender os mitos e as religiões ao pé da letra e, em vez disso, encontrar os significados ocultos - Rutherford rabiscava o papel furio-samente enquanto falava. - Este é um bom exemplo: Jesus

"Ιϑσους" 888 mais Mary "Μαριαμ" 192 = o espírito santo "ΤΟ

Πεμα Αγιον" 1.080, que corresponde também ao raio da lua em quilômetros. Claro, não há nenhuma coincidência nisto. A lua ressuscita a cada sete dias e é, portanto, o símbolo perfeito da ressurreição. Do mesmo modo, Maria também é simbolizada pela lua e pelo renascimento. Ou, então, pegue agora 1.746: é o número da assinatura do Novo Testamento.

Ninguém sabe por que, mas os evangelhos estão infestados de frases-chave que somam este valor. Por exemplo, uma grão da semente de mostarda "ΚΟΚΚΟΣ σιναπωσ", ou o tesouro de Jesus

"ο θ σ

ϑ αυρος". Eu poderia continuar com os exemplos indefinidamente.

O corpo de Catherine formigava de entusiasmo:

- Então, você quer dizer que a história da Bíblia foi criada para se ajustar aos números?

- Claro que não! - ele respondeu. - Eu mesmo sou um freqüentador assíduo da capela da faculdade. Os evangelhos estão cheios de sabedoria divina, se assim permitirmos que expressem seus ensinamentos de amor e paz. O que quero dizer é o seguinte: é bem possível que os evangelistas tenham escolhido os nomes das personagens centrais, bem como certas frases, para que se encaixassem no esquema gemátrico.

Assim, eles também estão passando outras mensagens sobre a natureza do universo e os sistemas numéricos que o governam.

- Mas por que esconder essas mensagens?

- Bem, partindo do pressuposto de que nossos ancestrais eram muito inteligentes, e devem mesmo ter sido, então previram que, com o passar dos anos, determinados seguidores super zelosos das idéias de Jesus poderiam realmente perder a verdade de vista. Então, tomaram o cuidado de enterrá-la no próprio texto de maneira que a verdadeira mensagem pudesse sobreviver, ainda que oculta.

A cabeça de Catherine rodava. Ela olhava para aquelas listas estranhas de números e de palavras, todas escritas com a caligrafia caprichada de James.

Não havia, contudo, tempo para pensar nas implicações dos comentários de Rutherford naquele momento, algo lhe dizia que não havia tempo a perder.

Estava certa de uma coisa: a gematria era a chave que precisava para desvendar a estranha e enigmática mensagem do professor Kent.

16

Catherine inspirou como se acabasse de tomar uma decisão, e virou-se para olhar diretamente nos olhos de Rutherford.

- James, quero lhe mostrar uma coisa muito importante. É a razão de eu ter pedido sua ajuda - ela tirou o bilhete da bolsa e o pôs sobre a mesa. - Algo terrível está para acontecer.

Conheço o professor Kent desde menina. Meus pais eram acadêmicos em Yale, e ele era um grande amigo, como se fosse um membro da família. Nós dois éramos muito próximos. James, o diretor me disse que a polícia acredita na hipótese de suicídio. Mas o professor não tinha nada de suicida. Tal atitude, para ele, era um anátema. Depois, quando abri o envelope com os mapas, encontrei este outro bilhete.

Veja.

Caso eu não volte.

Eureka

40 10 4 400 30 9 30 70 100 5 200 3010 40 1 80 5

100 400 40 10 50 10 200 300 100 8 70 9 1 50 300 10

20 800 10 300 10 200 0051172543672

- Estou lhe contando tudo isso porque é óbvio que ele confiava em você, assim como eu.

Ao ler o bilhete, passou pela cabeça de Rutherford que finalmente entendera o interesse de Catherine na gematria.

Mas não conseguia tirar os olhos da primeira frase. *"Caso eu não volte."*

Ele engoliu seco. Não tinha muita certeza se queria se envolver naquilo. O que alguns momentos atrás parecera uma aventura intelectual instigante, de repente se transformara em algo sinistro e assustador.

As descobertas, o convite do professor, os estranhos mapas e, agora, este bilhete enigmático que sugere, com toda clareza, que ele acreditava estar em perigo. Catherine precisa de ajuda, e me procurou. Talvez o professor estivesse envolvido em alguma coisa, algo muito importante para a humanidade.

Mas isto é ruim, muito ruim."

Quando fixou os olhos no bilhete, voltando os pensamentos para os acontecimentos ocorridos pela manhã, Rutherford percebeu o que Catherine também pensava. Sem nem mesmo lhe dizer uma palavra, pôs o código gemátrico sobre a mesa ao lado do bilhete e recapitulou os números contidos na mensagem do professor Kent por meio da seqüência reversa.

Assim que cotejou os primeiros números com a tabela de conversão, ambos sabiam que seus instintos estavam certos. O

código produziu um nome: Miguel Flores.

Tomada de entusiasmo, Catherine agarrou um lápis e traduziu o resto dos números em palavras.

Miguel Flores Lima Peru Ministério do Patrimônio Histórico 0051172543672

Rutherford observava tudo, cada vez mais assombrado.

"Meu Deus, tudo se encaixa. O professor está se comunicando conosco de além-túmulo."

Catherine endireitou-se e soltou o ar, olhando para a frente, com o pensamento longe.

- Mas o que é que isto quer dizer? E por que o final do código não tem tradução? Parece não fazer sentido algum.

Rutherford respondeu, exibindo uma expressão de medo mortal,

- E um número de telefone... no Peru... Creio que devemos ligar.

17

Ambos olharam para o telefone sobre a escrivaninha.

Rutherford ligou o viva-voz e discou. Ambos prenderam a respiração e prestaram atenção nos toques de chamada. Então, houve um estalo, como de uma conexão sendo feita a milhares de quilômetros dali.

- *Hola. Buenos dias.*

- *Hola! Habla inglês?*

- Sim, eu falo inglês. Quem é?

- Bom dia, Señor Flores. Meu nome é dra. Catherine Donovan, falo de Oxford, Inglaterra. Estou aqui com meu colega, James Rutherford. Perdoe-me por lhe telefonar sem avisar. Gostaria de conversar com o senhor sobre o professor Kent.

Houve uma longa pausa, e então a voz respondeu num tom de profunda suspeita:

- Quem lhe deu meu número?

- Ahn... Nós o encontramos. Somos amigos do professor Kent.

- O que é que está acontecendo? Quem é você? Onde está o professor Kent?

Rutherford e Catherine se entreolharam, chocados. Sem saber o que mais podia dizer, Catherine prosseguiu:

- Señor Flores, o professor Kent está morto.

Houve um silêncio terrível.

- Señor Flores, por favor, ajude-nos. Precisamos falar com o senhor sobre o professor. O senhor estava desenvolvendo algum trabalho com ele?

Não houve resposta.

- Senñr Flores, o senhor está aí?

- Você disse que seu nome é Catherine? - o homem respondeu com uma pergunta.

- Sim, é isto mesmo.

- Meu Deus, o professor disse que talvez você telefonasse...

Houve outra pausa e em seguida o peruano falou, mas tanto Catherine quanto Rutherford ouviam-se com clareza os sinais de medo em sua voz.

- Não é aconselhável conversarmos por telefone. Isto tem relação com coisas muito perigosas. Nosso trabalho não está concluído.

- Podemos encontrá-lo?

- Venha para Lima. Telefone-me quando chegar aqui. Por favor, não diga meu nome a mais ninguém.

E, então, ouviu-se um estalo, e a ligação caiu.

Rutherford olhou para Catherine:

- Isto foi muito, muito estranho.

- Ele parecia estar com tanto medo... Quanto mais o tempo passa, mais assustadoras as coisas ficam - Catherine balançou a cabeça, sua voz soava trêmula, mas parecia determinada. -

Bem, há apenas uma coisa a fazer. Se Flores se recusa a conversar por telefone, temos de ir até lá e nos encontrar pessoalmente com ele. Você vem comigo?

Rutherford, com o cenho franzido, olhou para trás. No espaço de apenas 12 horas, ele tinha a impressão de que conhecia Catherine há anos. Sentiu uma onda de afeição ao contemplar-lhe o rosto cheio de preocupação, mas que o olhava com tranqüilidade.

- Irei de qualquer jeito - ela continuou. - E irei só, caso tenha de ser assim. Entendo que não queira se envolver. Você provavelmente tinha outros planos para as férias.

Naquele momento, James somente pensava que no mundo real ele era um catedrático com muito trabalho a fazer. "Mas *Catherine precisa de ajuda. Não posso deixá-la partir sozinha. E se ela tiver coragem suficiente, não poderei simplesmente fugir."* Ele rangeu os dentes.

- Quando partimos? - Rutherford perguntou, quase não acreditando no que dizia.
- Fico imaginando como seria passar umas férias na América do Sul. Tenho trabalhado tanto ultimamente, já há dois anos não saio do país.

O rosto de Catherine se iluminou com um grande sorriso.

- Deixe-me acessar a internet e lhe darei a resposta em um minuto. Faça as malas, soldado!

18

Nas profundezas das entranhas do edifício da ONU, o secretário Miller retornava às pressas ao salão onde acontecia a reunião da Assembléia Geral. Quando se aproximava das portas, ouviu um homem bem vestido chamá-lo da outra extremidade do corredor.

- Senhor, querem lhe falar ao telefone com urgência.

O secretário deu meia-volta e seguiu o jovem até um escritório amplo com muitas escrivaninhas e terminais de computador desocupados. Em uma das paredes havia quatro telas de plasma gigantes, o que levava à óbvia conclusão de que seriam usadas para teleconferências, e na parede oposta havia um enorme mapa-múndi. Acima da porção superior do mapa lia-se, inscritas em um brasão, as seguintes palavras: QG DE APOIO ÀS COMUNICAÇÕES INTERNACIONAIS

DAS NAÇÕES UNIDAS

Em um dos cantos havia uma sala cujas paredes eram revestidas de espelhos, onde se via uma grande mesa de reuniões. O secretário Miller caminhou às pressas em direção à sala e, fechando a porta atrás de si, foi até a mesa e apanhou o telefone. O assistente rapidamente transferiu a ligação. Com impaciência, o secretário atendeu com uma voz rude:

- Sim?

- Desculpe-me pelo incômodo, secretário. Só o faço porque o senhor me instruiu a lhe telefonar caso houvesse qualquer suspeita, por mínima que fosse - do outro lado da linha falava o diretor de Ali Souls.

Percebia-se que o secretário começava a ficar irritado.

- Prossiga. Vamos logo com isso.

- O professor tinha uma amiga. Uma amiga íntima. Ela também é um membro do corpo docente da faculdade.

- E ?

- Algo me diz que ela suspeita de alguma coisa.

- As pessoas sempre suspeitam de alguma coisa. Ela tem alguma prova?

- Não posso afirmar ainda. Mas um de seus agentes acaba de me informar que ela fez reservas para si e para um acompanhante em um vôo para o Peru. Pode ser que apenas esteja indo para trasladar o corpo do acadêmico, ou falar com a polícia. Ela estava muito preocupada. Apenas julguei que devia lhe comunicar o ocorrido.

Houve uma longa interrupção na conversa. O secretário olhou fixamente para um mapa-múndi que adornava a parede. Ele tinha tantas coisas para fazer, tantas coisas para preparar. Os assuntos triviais e enfadonhos desses acadêmicos começavam a incomodá-lo. Mas não conseguia esquecer as palavras do senador Kurtz: "Não há nada mais perigoso para nossa causa do que iniciativas particulares".

O rosto do secretário crispou-se de aflição. Esfregou a testa com a mão que estava livre e fixou o olhar na parte do mapa que retratava a América do Sul. Como é que alguém seria capaz, sem levar em conta o grau de comprometimento com uma causa, de destruir os planos do Conselho para instituir a nova ordem mundial?

Embora a confiança de Miller em Kurtz fosse cada vez menor, ainda assim curvava-se à sua sabedoria. Suspirando com impaciência, voltou a atenção para o telefonema.

- Teremos de lidar com essas ovelhas desgarradas no Peru.

Não pode haver erros. Não a percam de vista até que ela entre no avião. E mantenha um registro de todos com quem ela conversar. Entre em contato comigo se algo mais chamar sua atenção.

- Sem dúvida, secretário - o diretor respondeu, mas seu interlocutor já desligara.

O secretário tinha outras preocupações além do destino dos acadêmicos. Quanto mais pensava no que o senador lhe dissera quando deixavam o prédio, mais desconfiado ficava. O

que aconteceria na segunda-feira?

A tomada do poder seria violenta e sangrenta. Infelizmente, isto seria inevitável. Mas o objetivo não era causar o fim do mundo. Longe disto. Mas representar o início de novos tempos. As antigas formas de governo, corruptas e demagógicas, chegariam ao fim, e o domínio direto da Corporação prevaleceria. Pelo menos sempre fora este o plano.

Algo ia muito mal, e ele tinha de tomar uma decisão. Será que o senador Kurtz estava agindo sozinho? Será que deveria tentar entrar em contato com o Conselho sem o conhecimento do senador? Não.

Isto seria burrice, ele não viveria até o final do dia, muito menos até a próxima segunda-feira.

Não havia, entretanto, nenhum outro caminho. Mas, em sua conversa com o senador, não fora totalmente verdadeiro...

Pouco a pouco, o secretário Miller tirou os olhos da escrivaninha e os voltou para o canto da sala onde havia um belo armário de madeira; atrás daquelas portas trancadas estava seu atarracado e feio cofre pessoal. "Não, *ainda não"*, ele pensou. Era muito arriscado. Teria de ser seu último recurso. Primeiro ele deveria tentar descobrir mais coisas sobre o senador, tentar descobrir qual era sua verdadeira motivação.

19

Tão logo o avião cortou as nuvens sobrevoando o Peru, Catherine acordou. Por alguns instantes, o ronco dos motores a deixaram um pouco atordoada, fazendo-a virar a cabeça para um lado e outro, meio sonolenta, tentando entender onde estava. Logo em seguida reconheceu as vozes dos alegres mochileiros ingleses sentados na fileira de trás e, em razão da descarga de adrenalina, voltou à plena consciência. Houve um estalo na cabine de intercomunicação e a voz do capitão soou no ar, avisando que a aeronave sofrerá um ligeiro desvio em sua rota para o sul a fim de evitar uma turbulência ao norte do Peru, mas agora viajavam neste rumo novamente, a mais ou menos 48 quilômetros da costa, e aterrissariam em menos de uma hora.

Catherine voltou a fechar os olhos e respirou lentamente. Ela sonhara com o professor Kent, e tentava desviar sua atenção do ruído da aeronave e dos passageiros para que pudesse relembrar o sonho antes que desaparecesse para sempre da memória.

No sonho, ela estava de volta à fazenda do professor. Eles estavam sentados juntos na cozinha, conversando e rindo como sempre faziam.

Ele ainda vestia calças salpicadas de lama e um par de galochas; era seu uniforme quando estava em sua casa de campo.

Ela fora até lá para o almoço costumeiro de toda semana. O

cheiro de frango assado vinha do forno, e ele acabara de abrir uma garrafa de vinho tinto, colocando-a sobre a sólida mesa de carvalho, preparando tudo para o banquete. Aquela manhã, ele parecia mais inspirado do que o normal e, como sempre, Catherine apreciava estar em sua companhia. Para ela, um dos maiores prazeres daquela amizade era que a cada encontro sempre aprendia alguma coisa. Ela jamais tinha a sensação de que ele fazia uma preleção, mas, ao contrário, demonstrava estar vivo e comprometido com o mundo ao seu redor.

No sonho, ela retomava uma conversa que haviam tido uma vez sobre as ferramentas que economizam tempo no trabalho.

O professor, com o talento que tinha, lhe explicara o verdadeiro significado

desses avanços tecnológicos:

- Platão, o pai da tradição ocidental, disse que a mão é um *organon,* que em inglês significa instrumento. Designar a mão de *organon* é simplesmente denominá-la um instrumento do proprietário. Platão dizia que a mão é um *organon, o* martelo é um *organon,* e a mão que usa o martelo é um *organon.*

Entretanto, o espremedor de suco que encontramos em muitas cozinhas hoje em dia é algo muito mais sinistro. Ele dá a impressão de ser um *organon,* mas na realidade, ele é uma das muitas manifestações do gigante sistema que está devorando nosso mundo.

Catherine fingiu não acreditar no que ouvia porque às vezes gostava de fazer o papel de advogado do diabo.

- Ora! Com toda certeza isto é apenas um instrumento inofensivo para tornar mais rápida uma tarefa enfadonha, para ganhar tempo nos afazeres diários. E o resultado final é um suco saudável. Não acha que *devemos* comprar espremedores de suco?

Ele lhe sorriu, gostava que ela com ele debatesse qualquer coisa. O professor tinha um modo gentil de discordar, mas não se importava de ser forçado a fazer valer seu ponto de vista.

Gostava de convencer as pessoas, ou pelo menos tentar, com seus argumentos bem fundamentados, sempre concentrado na visão holística do mundo da qual ele nunca se afastava.

- Bem, Catherine, quer você goste ou não, a era dos instrumentos passou e agora estamos na dos sistemas.

Façamos a seguinte colocação: você espreme suas laranjas e prepara um suco delicioso e saudável. Maravilha! Mas se você analisar o espremedor mais detidamente, poderá observar seus aspectos mais perturbadores. A eletricidade que o faz funcionar chega à sua casa por meio de uma rede de fios e cabos de força, que são alimentados pelas estações de força, que dependem da pressão da água, das tubulações ou caixas d'água, que por sua vez necessitam de represas, plataformas costeiras, em países distantes. Toda a cadeia só garante uma entrega imediata e adequada se cada uma de suas partes puder contar com exércitos de engenheiros, planejadores, especialistas em finanças, que também podem

recorrer aos governos, às universidades; na verdade, à todas atividades produtivas, até mesmo aos militares, como já vimos muitas e muitas vezes. Aquele que pensar que está apenas usando um espremedor de sucos está muito enganado. O espremedor é um disfarce; ele não é um aparelho que espreme o suco com mais facilidade, mas o produto final de um dos milhões e milhões de tentáculos do grande sistema que está envolvendo todo este mundo, cujo cerco se fecha mais e mais a cada dia.

- Meu Deus! - exclamou Catherine, esquecendo-se de que tentava fazer o papel de advogada do diabo. - Isto parece muito preocupante.

O professor balançou a cabeça em sinal de afirmação, mostrando um sorriso triste no rosto.

- Sim. E, deste modo, por meio de tais disfarces de caráter insidioso, como a batedeira, a lava-roupas, o carro, e assim por diante, esses tentáculos invadem nossa vida cotidiana e nos forçam a servir o sistema que, na verdade, em um futuro não muito distante, acabará nos destruindo. Há muito perdemos o direito de escolha. Os sistemas, de acordo com sua natureza, crescem e adquirem vida própria, acabando por criar seus objetivos, diferentes daqueles aos quais deveriam servir. Hoje eles correspondem a imensos sistemas globais com ambições agora muito distantes das belas palavras que os profetizaram.

O objetivo de nosso sistema global atual é forçar cada vez mais pessoas a dependerem da energia que ele fornece.

Usando o sistema, estamos assinando um cheque em branco -

o professor caminhou até a mesa e encheu dois copos com vinho. - E lembre-se: a natureza é o banco do qual se sacam todos os cheques. Mas deixe-me lhe servir alguma coisa para comer, querida. Um amigo aqui do vilarejo trouxe-me um frango criado em sua fazenda orgânica. Ficam sempre deliciosos. Espero que você goste!

Com os olhos embaçados e muito triste por saber que não haveria mais conversas como aquelas, Catherine levantou a persiana para deixar a luz da manhã entrar. Abaixo deles, o Altiplano Peruano estendia-se até onde a vista alcançava. Era um panorama impressionante. Entretanto, em seguida, como que para deixá-la confusa, seus olhos começaram a lhe pregar peças. Olhando para baixo, ela pensou ver algo de formato estranho estendido no chão, milhares de

quilômetros abaixo dali. Dava a impressão de ser o contorno de um beija-flor gigante.

Catherine esfregou os olhos cansados e olhou novamente, esperando que a alucinação tivesse desaparecido. Mas ela permanecia ali, e ao lado do contorno do pássaro havia uma espécie de flor enorme. Um pouco mais à frente havia figuras de grandes proporções: um peixe colossal e um majestoso condor, que se assemelhavam a diversas figuras geométricas e, por fim, duas linhas paralelas. Elas eram absolutamente retas e pareciam se estender em direção ao infinito.

"Estou vendo coisas? E são incríveis!"

-James, veja isso! Que diabos são aquelas figuras desenhadas no chão?

Rutherford olhou detidamente para aquele lugar impressionante.

- Ah, meu Deus! Não faço a menor idéia!

À esquerda de Rutherford, acomodado no assento do corredor, estava um cavalheiro peruano, bem vestido, aparentando uns 60 anos. Tinha a tez moreno-clara e um típico nariz inca. Ele ouvira a conversa dos dois e, com um sotaque carregado, disse em inglês:

- Aquelas são as famosas linhas de Nazca. Bem-vindos ao Peru!

Rutherford ficou confuso.

- As linhas de Nazca? Nunca ouvi falar nisso!

Catherine queria saber mais.

- Nem eu. Como é possível enxergá-las daqui de cima? Devem ser enormes. Só aquelas linhas devem ter uns 800 metros de comprimento! E são tão retas!

O peruano sorriu, seus olhos piscavam devido à intensidade da luz do sol.

- Senhorita, elas são ainda mais longas do que isso. Têm mais de oito quilômetros de comprimento e são absolutamente retas. Sobem e descem as colinas, atravessam as ravinas e jamais se desviam do rumo certo.

Catherine estava surpresa.

- Mas, para que servem, e quando foram feitas?

- Bem se vê que nunca esteve no Peru, *señorita* - o velho cavalheiro abriu um largo sorriso. - Você terá de se acostumar a ouvir falar nisso enquanto estiver aqui, mas creio ser algo que ninguém sabe explicar!

20

Alguns minutos depois, Catherine virou-se para Rutherford após consultar o guia de viagem. Com uma expressão séria e o cenho franzido, disse:

- As linhas de Nazca são os geoglifos da América Latina. Há centenas de desenhos gigantes, e ninguém consegue explicar como foram feitos. Além das centenas de figuras de peixes e animais conhecidos, há outras geométricas desenhadas com perfeição. O mais estranho é que elas só podem ser apreciadas, ou mesmo identificadas, quando vistas do alto, como estamos fazendo agora. Ao nível do chão, devido ao seu enorme tamanho, é quase impossível conhecer suas dimensões, e não há pontos altos nas terras ao redor de Nazca, porque são planas, e a razão pela qual foram criadas antes de o homem inventar o avisão parece não ter explicação.

Catherine parou de falar por alguns segundos. Rutherford estava mergulhado em pensamentos. Ela nem precisava perguntar, mas o fez mesmo assim:

- Está pensando a mesma coisa que eu?

Rutherford balançou a cabeça em sinal afirmativo. Seu forte e belo rosto tinha o cenho franzido.

- Se você quer dizer que isto a faz se lembrar da teoria do professor, dos antigos enviando mensagens para o futuro, então a resposta é sim. Estou pensando exatamente o mesmo que você. É extraordinário.

Catherine tornou a olhar pela janela e para baixo, na direção dos desenhos que passavam um a um abaixo deles. Surgiu um enorme pássaro e em seguida um paralelogramo de proporções colossais. Ela deixou o livro cair sobre o colo, sentindo um nó na garganta. Tudo aquilo começava a pesar.

"Como é que alguém pode atravessar todos os estágios de sua educação, ensino médio, curso universitário, doutorado e finalmente tornar-se um acadêmico, e então, no espaço de vinte e quatro horas, ver todo o seu mundo desmoronar? Por que ninguém me contou essas coisas antes? Os mapas, as linhas de Nazca, o fato de que a Bíblia tem mesmo um código usado para transmitir a sabedoria dos antigos?"

Ela sentiu o toque consolador da mão de Rutherford em seu braço.

- Catherine? Catherine? Você está bem?

O calor do contato humano e o som daquela voz a trouxeram de volta ao presente. Ela virou-se para olhá-lo e tentou forçar um sorriso, mas a pressão começava a ficar forte demais.

James tinha uma expressão séria no rosto.

- Catherine, precisamos manter a calma. Não devemos ter medo. Lembre-se do professor. Ele enveredou por este caminho, e nós devemos segui-lo. Devemos confiar na verdade e ignorar tudo que pensávamos saber até agora.

Agora Catherine dava ao amigo um sorriso sincero. Estava muito feliz por tê-lo a seu lado.

- James, obrigada. Desculpe, é que... Sabe, aconteceu muita coisa em muito pouco tempo. Muita coisa mudou... Para mim, pelo menos.

- Eu sei, e concordo com você. Não faço idéia no que tudo isso vai dar, e se penso nas conseqüências, me dá muito medo.

Temos que evitar ficar imaginando o que vai acontecer; devemos seguir em frente e esperar para ver o que descobrimos.

Catherine voltou a olhar para baixo, a fim de apreciar a paisagem surreal do platô, que ainda estava lá, zombando dela com seus misteriosos hieróglifos. Com outro objetivo, ela reabriu o livro e leu em voz alta:

- Muitos tentaram datar as linhas de Nazca, mas é uma tarefa impossível de ser levada a cabo. Não há nenhum material orgânico usado nos desenhos; por isso a datação por rádiocarbono está descartada. Tudo o que há para prosseguir nas pesquisas são cacos de cerâmica que foram descobertos em alguns dos sulcos e trincheiras feitos pelo homem. As figuras em si também levantam questões. Por exemplo, por que muitas das criaturas retratadas não são encontradas nos Andes? Há um condor, mas, afora isso, há todo um conjunto de animais impróprios, incluindo uma baleia, um macaco, espécies estranhas de pássaros e, o mais estranho de tudo, a representação perfeita de uma aranha muito pequena e rara que vive apenas nas profundezas da floresta amazônica. A aranha é

particularmente importante, porque os astrônomos calcularam que a posição desse artrópode e a posição das linhas retas adjacentes a ela servem como um modelo da constelação de Órion e de suas estrelas vizinhas.

Catherine fechou o livro. Como astrônoma, aquilo fechava a questão.

- James, quem quer tenha feitos esses desenhos, uma coisa é certa: pertencia a uma civilização muito desenvolvida. Para entender os céus e mapear a constelação de Órion desta maneira, é preciso um alto grau de sofisticação.

Rutherford balançou a cabeça, indicando que não entendera.

- Sim, e quanto ao fato de metade dos animais não ser de origem andina?

De repente, Catherine teve uma idéia. Inclinou-se para a frente e se dirigiu novamente ao cavalheiro peruano. Ele estava concentrado na leitura do jornal.

- Com licença, *señor,* posso lhe fazer uma pergunta? - o homem abaixou o jornal e olhou-a com um sorriso animador. -

O que os peruanos dizem sobre essas linhas?

Os olhos escuros do cavalheiro analisaram o rosto da jovem com todo cuidado. Catherine, com um olhar suplicante, teve a sensação de que a resposta dependeria do juízo que ele fizesse dela.

- *Senõrita,* já *sabemos* quem desenhou essas linhas. Foram os Viracocha, os semideuses que primeiro governaram o Peru.

Eles vieram do mar há muitos, muitos milhares de anos.

Criaram as leis e ensinaram muitas coisas às pessoas. Os arqueólogos americanos e os espanhóis que vieram depois deles pensaram que quando falamos dos Viracocha nos referimos a mitos, mas esta não é a verdade. Não há registros escritos sobre essas pessoas, mas sabemos que aqui estiveram.

Ele balançou a cabeça em um gesto assertivo e em seguida voltou a ler o jornal.

Rutherford, com os olhos arregalados de espanto, aproximou-se de Catherine e sussurrou:

- Acho que você acaba de descobrir em que devemos concentrar nossa atenção. Quem foram esses Viracocha? Será que eles realmente existiram?

Catherine assentiu com a cabeça e sussurrou em resposta:

- Sim, você está certo. É bem possível que eles sejam a chave desta parte do mistério. Talvez os Viracocha sejam as pessoas que deixaram a mensagem de alerta aos mitos do mundo.

Talvez as linhas sejam parte daquela mensagem.

Rutherford, olhando fixamente para Catherine e desviando olhar para o espaço azul infinito, resmungou quase que consigo mesmo:

- Sim! Isso mesmo. É incrível... - e tornou a olhar para ela: -

Tenho a sensação de que nosso amigo Miguel Flores tem muito a nos dizer sobre tudo isso.

21

O aeroporto de Lima estava em ritmo de festa. Assim que Catherine e Rutherford passaram pelas portas giratórias que marcavam a saída da Alfândega peruana seus sentidos foram logo atacados. O que mais impressionava eram as pessoas.

Depois de passar pelo aeroporto de Heathrow com seus executivos elegantes arrastando sua bagagem impecável e a sensação de que as pessoas se movem de um lado para o outro como uma bolinha de fliperama, o caos do aeroporto de Lima era revigorante. O barulho era ensurdecedor, o calor escaldante, e os milhares de índios peruanos, muitos deles vestindo os tradicionais poncho e chapéu de feltro, tudo contribuía para que eles realmente tivessem a sensação de que acabavam de pisar em solo tropical.

Driblando os vendedores ambulantes, Catherine e James chegaram ao ponto de táxi e, após uma breve espera, conseguiram se abrigar no ambiente tranqüilo de um carro. Era um veículo à moda dos modelos americanos, amarelo, espaçoso, conduzido por um homem de aparência amistosa, que devia ter seus vinte e poucos anos. Ofegantes por todo o esforço que tinham feito para chegar até ali, Catherine instruiu o motorista a levá-los à cidade.

O motorista sorriu e deu a partida no carro. O táxi partiu, fazendo todo tipo de ruídos enquanto se movia, e seguiu em direção à suja e movimentada rodovia principal que levava à Lima. Quando saíram do perímetro do aeroporto, as construções à margem da estrada começaram a mudar, havia favelas para todos os lados.

A paisagem terrível surpreendia Rutherford. Era a paródia de uma cidade americana ou européia, tudo feito pelas mãos do homem, mas, em vez de ser usada com o objetivo para o qual fora criada, tinha sido adaptada para um propósito mais simples. O capô de um carro era o telhado de uma casa, um barril vazio era a banheira. Grupos de crianças encardidas brincavam com o lixo jogado nas ruas.

"Então, estas são as famosas favelas da América do Sul", ele pensou.

Catherine estava trespassada. Aquela era uma visão apocalíptica em contraste

com a beleza serena de Oxford.

"Como é que as pessoas podem viver em condições tão miseráveis?" Ela se virou para Ruhterford:

- Acho que os Viracocha não gostariam nem um pouco disso se tivessem a chance ver o país hoje.

- Não, de jeito nenhum. É deprimente - ele respondeu enquanto observava com horror as fileiras de habitações precárias pelas quais passavam. - Acho que devemos ir direto para o Ministério do Patrimônio Histórico e encontrar Flores.

Podemos pensar em encontrar um hotel depois, o que você acha?

- Boa idéia. Mas uma xícara de café cairia bem. Não dormi quase nada no avião.

Rutherford vasculhou sua mochila e puxou a agenda na qual tomara nota do endereço do Ministério do Patrimônio Histórico. Com um sorriso nos lábios, entregou-a a Catherine e fez um sinal com a cabeça para o motorista:

- É melhor você fazer isto, do contrário, sabe-se lá onde nós iremos parar!

Catherine riu e falou com o taxista. Em seguida, deitou a cabeça no apoio do banco e fechou os olhos. "Logo ficaremos sabendo qual é o segredo partilhado pelo professor Kent e por Miguel Flores. E teremos dado mais um passo para entender por que o professor morreu..."

O Ministério do Patrimônio Histórico ficava em um edifício de arquitetura neoclássica, de proporções gigantescas, imponente, ao norte da bela e caótica Plaza Mayor, situada no coração de Lima, nos cruzamentos de quatro das ruas mais movimentadas da capital. Por conseqüência, a praça ficava lotada, de manhã à noite, repleta dos mais diversos veículos, todos ansiosos para chegar ao seu destino; caminhões que vinham do campo, ônibus locais e carros particulares, todos tentando avançar, aparentemente negligenciando as placas e os guardas de trânsito.

Depois de pelejar para contornar a praça e ziguezaguear no tráfego, o táxi finalmente deu um solavanco e parou aos pés de uma enorme escadaria. Catherine pagou o motorista, enquanto Ruhterford lutava para tirar a bagagem do porta-malas.

Ansiosos para entrar no edifício e fugir da poluição e do barulho, os dois subiram as escadas aos trancos e barrancos.

No alto do lance de escadas havia um par de imensas portas de ferro, ambas abertas. Um pouco à frente havia um conjunto de portas de vidro protegendo o interior do Ministério da barulheira do trânsito e do odor desagradável da fumaça produzida pelo óleo diesel. Acima das portas de ferro havia um emblema de bronze retratando um condor gigante, e, abaixo, as palavras "Ministerio de Antiguedades" em alto relevo.

O átrio correspondia a um vestíbulo sombrio, cavernoso e mal iluminado, com uma aura de silêncio sepulcral. O chão era de mármore, assim como as paredes, e o teto tinha a altura daqueles vistos em catedrais. Não havia quase nenhuma mobília além da mesa, atrás da qual estava uma recepcionista, e um sofá. Afora isso, o Ministério do Patrimônio Histórico parecia deserto.

Eles caminharam até a mesa da recepcionista. Catherine limpou a garganta antes de se dirigir à recepcionista morena tipo *mignon.*

- *Buenos dias,* estamos aqui para falar com Miguel Flores, por favor. Meu nome é Cahterine Donovan, e este é James Ruhterford, somos da Universidade de Oxford.

A secretária parecia muito incomodada, e começou a falar rapidamente em espanhol.

- Você consegue entender o que ela diz? - perguntou Ruhterford a Catherine.

- Não. Ela está falando muito rápido. Espera... Ela está chamando alguém.

A secretária falou rapidamente ao telefone e, então, passou o fone para Catherine.

- *Hola! Habla inglês*? - Catherine perguntou.

Garantindo que sim, o homem do outro lado da linha respondeu em inglês, com um tom suave e tranqüilizador:

- Alô, aqui é o substituto do Ministro do Patrimônio Histórico.

Imagino que a senhora tenha vindo falar com o *Señor* Flores?

Catherine virou-se para Ruhterford e lhe deu um sorriso cheio de cumplicidade. Ele a observava enquanto ela ouvia a voz do outro lado. De repente, Catherine perdeu a cor, e a mão, ainda segurando o fone, pendeu para o lado. Ela se virou para James, não mais sorria, e seus olhos começavam a derramar lágrimas, seu rosto tinha um ar de absoluto medo.

- Flores foi atingido por um carro esta manhã a caminho do trabalho. Está morto.

22

O som inconfundível dos sapatos tocando o mármore os alertou de que o ministro substituto se aproximava.

Caminhando a passos largos e vigorosos, na direção dos dois vinha um homem baixo, de tez escura e bigode, usando um terno preto e gravata. Parecia estar na casa dos quarenta.

À medida que se aproximava, Catherine teve uma intuição, e sussurrou rapidamente para Rutherford:

- Não diga a ele por que estamos aqui.

O homem caminhou na direção de Catherine e a cumprimentou com um aperto de mão. Em seguida, virou-se para Rutherford e fez o mesmo, o tempo todo exibindo um sorriso falso e tentando cair nas graças dos dois. Tinha anéis de ouro nos dedos e um dente de ouro. O sotaque era carregado e jogava um charme que dava a impressão de ter sido milimetricamente treinado.

- Bem vindos, bem vindos. Perdoem-me por ser o porta-voz desta tragédia. Sou Raphael Mantores. Trabalho no Departamento do Señor Flores. A senhora acaba de falar comigo ao telefone. Por favor, sentem-se.

Rutherford e Catherine sentiram-se quase aliviados por lhes dizer o que fazer. Traumatizados, caminharam em direção ao sofá e se sentaram.

- Por favor, *Señor* Mantores, pode nos dizer o que aconteceu com o *Señor* Flores? - perguntou Catherine.

O homem suspirou. Ela teve a impressão de que ele representava, mas talvez fosse apenas seu medo e sua desconfiança.

- Ah, isso é terrível. Todos os dias ele desce do ônibus do outro lado da praça e a atravessa, em vez de contorná-la. Hoje foi atingido por um carro.

Rutherford não conseguia acreditar no que ouvia.

- O carro que o atingiu parou para socorrê-lo?

- Quer saber se o carro parou? Ah! Estamos em Lima! Não, não parou, seguiu em frente.

- Houve testemunhas?

- Em Lima as pessoas não param. Foi um acidente. O que poderia ter sido feito? A polícia chegou algum tempo depois, mais ou menos meia hora. É uma área muito movimentada...

Eles não são os homens da polícia de Nova York. Levaram-no para o hospital, mas era tarde demais.

Catherine, ainda mal sendo capaz de processar as informações, disse:

- Mas isto é horrível! Ninguém se deu o trabalho de dizer o que aconteceu ou anotar a placa do carro?

- Em que isso ajudaria, *señorita.* Provavelmente se trata de um carro sem licença, como a maior parte dos veículos em Lima.

A polícia não conseguiria encontrá-lo. Diga-me, a senhorita veio aqui para ver o *Señor* Flores? Sinto muito que sua visita tenha sido em vão. Posso ajudá-la? Não recebemos muita gente de Oxford aqui. É uma honra.

O sorriso "estudado" voltara ao rosto de Mantores. Catherine olhou para Rutherford, a paranóia começava a tomar conta deles. Ela respondeu pelos dois:

- Não, obrigada. Por favor, não se preocupe. Queríamos conversar com o *Señor* Flores sobre os Incas, mas não é importante. Quando chegarmos ao hotel encontraremos um guia.

Mantores voltou a oferecer ajuda.

- Mas, *señorita,* talvez eu possa convencê-la a visitar algumas de nossas modernas atrações turísticas? O Peru tem mais a oferecer do que apenas a herança deixada pelos Incas, como a *señorita* deve saber.

Correndo os olhos pelo átrio cavernoso, quase certa de que algum inimigo desconhecido surgiria por detrás das portas, ela gaguejou:

- Não, não, muito obrigada. Nós nos sairemos bem sozinhos.

- Bem, se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar durante sua permanência aqui, por favor, não hesite em me telefonar. Aqui está meu cartão. Sinto muito que sua visita tenha começado assim - ele olhou para as mochilas que ainda tinham as etiquetas de identificação de bagagem da companhia aérea e lhes deu um largo sorriso. - Desejo sinceramente que as coisas melhorem.

- Obrigada, *Señor* Mantores. Vai dar tudo certo. Vai dar tudo certo - Catherine, contudo, não acreditava nisso.

23

Rutherford e Catherine estavam em pé no topo da escada do lado de fora das enormes portas duplas e estudavam o mar de carros que circulavam lentamente pela praça embaixo. Ouvia-se o disparo constante das buzinas; a barulheira era quase intolerável; o cheiro da fumaça liberada pela queima do *diesel* insuportável.

Rutherford largou a mochila no chão e parou para observar o caos da Plaza Mayor. Ali, em pé, ele estava completamente exposto à vastidão da praça. De repente, sentiu-se vulnerável, e seus instintos o alertaram para que se escondesse, voltasse para o interior do prédio, desaparecesse.

Catherine balançava cabeça em sinal de negação, seus pensamentos indo e vindo. "Flores deve ter sido assassinado.

É uma coincidência muito grande que tenha sido atropelado vinte e quatro horas depois de nosso telefonema. Mas como alguém poderia saber que entramos em contato com ele? O

telefone estava grampeado? E se estivesse? Por quem? Por quê? Quem quer que tenha sido deve ter tudo muito bem organizado. Na verdade, internacionalmente organizado, e também muita disposição para pôr um basta no que quer que o professor e Flores estivessem envolvidos. Flores dissera ao telefone que eles não estavam prontos. Prontos para quê?"

Então, toda aquela ponderação fria a levou às profundezas dos domínios do medo. Catherine foi invadida por um sentimento de horror. "Mas, *se eles mataram Flores simplesmente para falar conosco, então, certamente..."*

Tomada de pânico, olhou ao redor. Sentiu vontade de chorar, queria se esconder... E, de repente, pensou novamente no professor, um homem afável e compassivo, assassinado a sangue frio por razões que ela ainda não entendera. A raiva se opunha ao medo no momento em que sua determinação se renovou.

"Eles não vão nos tirar do caminho com tanta facilidade. Não conseguirão nos intimidar."

Catherine tentou, a todo custo, pensar no próximo passo.

- Você acha que adiantaria falar com a polícia, ou a embaixada britânica?

- Não - Rutherford respondeu com firmeza, olhando para ela. -

Que provas nós temos?

Catherine sentou-se na mochila. Não sabia a quem recorrer.

Sentia que um abismo se formava entre eles. Ela mal conhecia James Rutherford, e ele mal conhecera o professor.

"Pobre James. Deve estar tentando entender o que está fazendo aqui. Mas deve haver uma solução em algum lugar, ou, pelo menos, uma pista de como devemos prosseguir."

Rutherford caminhava pelo revestimento de pedra que pavimentava o topo da enorme escadaria:

- Catherine, acredito que devemos voltar para o aeroporto. O

que quero dizer é que tentamos... Outra pessoa deve assumir o caso. A CIA, o MI6, não sei. As pessoas que entendem dessas coisas - ele parou, e se virou de modo que pudesse se dirigir a ela diretamente. Catherine estava mergulhada em pensamentos.

De repente, a jovem deu um salto, pondo-se de pé.

- Você pode me esperar aqui um pouco e tomar conta da mochila? Os mapas do professor estão dentro dela.

Rutherford deu meia-volta.

- O quê! O que é que você está fazendo? Ei! Por que está voltando lá pra dentro? Espere...

Tarde demais. Catherine desaparecera pela fresta das colossais portas de ferro, de volta à escuridão do átrio.

Sozinho no alto da escadaria, Rutherford sentiu-se com a corda no pescoço.

24

Señor Mantores caminhava com passadas rápidas pelo corredor rumo a seu amplo escritório no terceiro andar. O

charme suntuoso de alguns minutos atrás não mais existia.

Mergulhando a mão no bolso do paletó, ele tirou um lenço e enxugou as sobrancelhas, e voltou a guardá-lo, todo ensopado.

Com um semblante de terror, caminhou lentamente até a porta do escritório, parou, girou a maçaneta e, dando um suspiro profundo, entrou.

Sentado na confortável poltrona executiva revestida de couro, que ficava atrás da mesa, estava o homem que matara o professor Kent. O assassino vestia terno preto e camisa branca.

Seus braços curtos, mas musculosos, estavam cruzados sobre o peito numa postura bastante agressiva. Próximo à janela, um segundo ocidental de aparência sinistra, vestido de preto, tentava enxergar a Plaza por entre as aletas da persiana. Era o comparsa de compleição miúda que também estivera nas ruínas de Machu Picchu naquela noite escura. Os dois homens tinham um quê de militar, o cabelo cortado rente à cabeça, o rosto magro castigado pelo sol. O homem de compleição menor, ao ver o aterrorizado Mantores, olhou-o com uma cara de poucos amigos antes de bombardeá-lo com uma pergunta:

- Então? Missão cumprida? Posso dizer ao secretário Miller que acabou?

O Ministro Substituto do Patrimônio Histórico ficou reduzido a nada. Toda a confiança que demonstrara para Catherine e Rutherford no saguão desaparecera. Sua voz tremia:

- Sim, *señor.* Falei com eles. Não lhes disse nada, a não ser que Flores morrera em um acidente de trânsito. Ficaram chocados. Creio que não ficarão no Peru por muito tempo.

- Você *acha*, ou *sabe* que não ficarão muito tempo?

O rosto de Mantores encheu-se de pânico. A voz tornou-se suplicante e um tanto mais alta:

- *Señor,* a pista está morta. Não há nada que eles possam encontrar. Voltarão para casa, tenho certeza.

De repente, o cúmplice, que até aquele momento estivera concentrado na vista da janela, deu meia-volta:

- A garota está voltando para o prédio. Sozinha - então, voltou-se para a janela e afastou as aletas com a ponta dos dedos.

O companheiro que estava sentado falou asperamente:

- Mantores, por que diabos ela está entrando no prédio de novo?

Mantores estava à beira de um colapso.

- Señor, não sei. Por favor, falarei com ela. Deixe-me descer novamente...

O homem que estava sentado o olhou com raiva:

- Não. Isto é muito importante - e empurrou a cadeira para trás, levantando-se. - Nossas ordens são claras. Nós nos certificaremos de que nada escape ao nosso controle. Venha conosco.

Dois minutos depois Catherine reapareceu pelas portas, com um sorriso no rosto e brandindo na mão direita um pedaço de papel com algo escrito.

- O que é isso? - a voz de Rutherford soava como uma ordem, mas ele estava confuso.

- Este é o endereço da família de Flores. Eu disse à recepcionista que gostaria de enviar flores.

Rutherford mal podia crer no que acabara de ouvir. Ela estava realmente planejando continuar a jornada. Sua coragem era inegável.

- Foi assim tão fácil?

- É, na verdade foi - Catherine deu um largo sorriso. - Mas, para ser sincera,

quero entregá-las pessoalmente. Anda, vamos.

Catherine chegou até onde estava a mochila e a jogou no ombro. Rutherford observou-a descer a escada para apanhar um táxi. Chegando à calçada, ela se virou para ver onde ele estava, e percebeu que seu amigo hesitava, e foi capaz de entender. "Mas *eu preciso que você venha James, por favor."*

Ela suspirou e o chamou:

- Escuta, James, por favor, vamos visitar a família de Flores.

Podemos ir para o aeroporto depois, eu prometo. Não posso voltar para casa sem seguir esta pista. Jamais vou me perdoar se não fizer isto.

Rutherford olhou para aquele rosto suplicante, e seu bom-senso desapareceu.

- Certo. Vamos à casa dos Flores agora, e depois direto para o aeroporto. Combinado? E nada de demorar lá.

25

Era quase meio-dia da quarta-feira, as ruas de Lima estavam cheias de carros. Como acontece durante dez dias do ano, o sol se escondia atrás da famigerada neblina costeira, vinda do Pacífico, que invade a cidade e a envolve numa névoa branca.

Os locais a chamam *garoupa*, que significa barriga de burro, e sua força opressiva intensifica o efeito asfixiante da poluição e do calor.

O caminho que tinham de seguir conduziu Catherine e Rutherford pelo centro colonial antigo da cidade. Era o retrato do esplendor de outros dias. Passaram por lindas mansões de madeira que haviam se transformado principalmente em construções que abrigavam órgãos ministeriais e museus.

A velha Lima é pequena, e em alguns minutos o táxi já atravessava as ruas sujas e movimentadas da parte moderna da cidade com seus edifícios sombrios feitos de concreto e ruas dilapidadas. Havia sinais de pobreza por toda parte e, à medida que o carro passava pelos engarrafamentos, ambulantes que vendiam de tudo - de cabides de plástico a isqueiros - se amontoavam em torno do carro que se movia lentamente.

Vinte minutos mais tarde, depois de parar em uma floricultura para que Catherine pudesse comprar alguns lírios, o táxi virou em uma esquina apertada e seguiu em frente por uma ruela deserta, no coração de um dos bairros residenciais. O

motorista esticava o pescoço para um lado e para outro, permitindo que o veículo deslizasse suavemente pela rua suja.

- Ah! É aqui - finalmente anunciou o motorista. - É naquela porta, a verde.

Catherine e Rutherford olharam desconfiados para um sobrado de concreto espremido numa fileira de outras casas, todas com o mesmo estilo sombrio. Catherine entregou ao motorista a quantia combinada e saiu do carro. A rua vazia a deixou nervosa. Olhou ao redor, e então virou-se para falar com o motorista.

- Você pode nos esperar aqui até a hora de irmos embora?

- É claro, *señorita.* Pode levar o tempo que quiser.

O motorista índio desligou o carro, ligou o rádio e deitou a cabeça no banco, cobrindo os olhos com o boné de *baseball.*

Tinha um sorriso no rosto. Catherine e Rutherford caminharam até a porta.

Rutherford deu um passo para trás e olhou a rua de um lado e de outro enquanto Catherine tocava a campainha. Passados aproximadamente 30 segundos, ouviu-se o som de uma chave girando na fechadura. A porta entreabriu-se. Via-se o rosto de uma mulher olhando pela fresta. Os olhos estavam vermelhos, provavelmente por ter chorado, pensou Catherine.

A mulher tinha belas e marcantes feições incas, a sobrancelha espessa, o nariz firme, as maçãs do rosto altas, e a pele muito escura. Catherine imaginou que tivesse por volta de 35 anos.

- *Hola, señora, habla inglês?*

A mulher continuou inescrutável. Catherine insistiu:

- *Nosotros somos amigos de Miguel Flores.*

A menção ao nome de Flores fez com que o rosto da mulher se iluminasse. Logo pareceu mais receptiva e ao mesmo tempo mais vulnerável.

- *Ustedes conocían a Miguel? Vocês conheciam Miguel?*

Catherine sentiu-se péssima por desrespeitar o luto da mulher.

- *Si,* señora. Sentimos muito por sua perda...

Rutherford observava tudo em silêncio. Na verdade, aquilo lhe parecia uma situação muito embaraçosa que se desenrolava lentamente.

Finalmente, após uma espera de quase um minuto, a corrente desprendeu-se da porta e a mulher, olhando para a rua com um ar de ansiedade, os convidou a entrar. Fechando e trancando a porta atrás de si, ela gritou alguma coisa para os

fundos da casa em quíchua, a língua dos incas, ainda falada na forma de diversos dialetos pelos povos indígenas das províncias andinas do Peru.

De uma porta que ficava no final do corredor surgiu um belo índio de baixa estatura, também com seus trinta e poucos anos, secando as mãos em um pano. Seu rosto expressava grande ansiedade, e sua voz era premente e intensa, falando inglês com rapidez e fluência.

- Minha irmã disse que conheciam meu irmão. Quem são vocês, e o que querem?

Catherine não sabia muito bem o que dizer.

- Ahn... Sentimos muito vir aqui, assim, nesta hora. Estamos aqui porque precisamos muito falar com vocês.

O índio parecia muito triste, mas depois de analisar Catherine dos pés à cabeça e em seguida fazer o mesmo com Rutherford, acabou dizendo:

- Certo. Mas vocês não podem demorar.

Catherine e Rutherford o acompanharam até uma sala espaçosa, com dois sofás e uma grande biblioteca sobre história, cultura e arte inca. Nas paredes viam-se fotografias exuberantes de paisagens peruanas, evidentemente tiradas de diversas regiões do país: das selvas, da costa e, as mais impressionantes de todas, da Cordilheira dos Andes.

Catherine ofereceu ao inescrutável homem os lírios que havia comprado.

- Estas flores são para vocês. Para dizer a verdade, não conhecíamos seu irmão. Falamos com ele uma única vez. Meu nome é Catherine Donovan, e este é James Rutherford. Somos da Universidade de Oxford. Chegamos ao Peru esta manhã.

Esperávamos encontrar seu irmão hoje. Não tínhamos sequer marcado um horário.

Os olhos escuros do peruano olhavam ora para um ora para outro dos ocidentais. Sua desconfiança era evidente.

- Obrigada pelas flores. Por favor, sentem-se.

Entregou as flores à irmã e puxou uma cadeira. Não dizia nada. Na verdade, parecia muito desconfortável com a situação.

- Se não conheciam meu irmão, então qual é o motivo da visita?

Catherine engoliu em seco.

"Temos que tirar alguma informação deste homem. Apesar de ser muito estranho estarmos aqui, do desrespeito ao momento difícil pelo qual estão passando, é imprescindível conseguirmos alguma coisa."

- Um amigo que temos na Inglaterra, o professor Kent, vinha trabalhando em alguma coisa com seu irmão antes de morrer -

Catherine parou de falar para ver como o peruano reagia, mas ele apenas a olhava fixamente com aqueles olhos escuros e atentos. Então, continuou: - Olhe, eu sei que isso não deve fazer nenhum sentido para você, mas o nome de seu irmão foi encontrado em um código entre a papelada de nosso amigo após sua morte. Telefonei para o seu irmão, mas ele não quis falar sobre o assunto ao telefone; orientou-nos a vir para cá.

Catherine parou de falar novamente, porque agora o índio se levantara de repente. Ele caminhou lentamente até a lareira e então se virou para eles.

- *Señorita*, a última vez que vi o professor Kent, ele estava sentado exatamente onde você está agora, mas isto é outra história. Não posso ajudá-la. Creio que devemos encerrar esta conversa. Não me interessa saber mais nada sobre vocês. Por favor, gostaríamos muito que fossem embora.

Catherine, entretanto, estava chocada.

- Você *conhecia o* professor Kent?

- Não, eu o vi apenas duas vezes, aqui na casa de Miguel. Meu irmão o trouxe para que pudessem conversar em particular sobre o trabalho que desenvolviam. Agora, por favor, eu lhes peço...

Rutherford interveio:

- *Señor* Flores, eu realmente sinto muito pela morte de seu irmão. Mas há algo

muito ruim acontecendo aqui. Você não pode simplesmente ignorá-lo. Precisamos de sua ajuda.

Achamos que o professor Kent foi assassinado, e precisamos saber o que ele e seu irmão estavam fazendo. Não podemos permitir que tenha morrido em vão.

Estava claro que o índio encontrava-se entre a cruz e a espada.

Rutherford sentia que ele desejava falar, mas o medo o impedia, então decidiu pressioná-lo:

- Estaríamos sendo muito invasivos se lhe fizéssemos algumas perguntas sobre o trabalho que seu irmão vinha desenvolvendo com o professor?

O índio olhou para ele e deu um sorriso triste:

- Não seria nenhuma intrusão. O trabalho de Miguel era muito importante para mim também. Este não é o problema... - a voz do índio sumiu. Ele claramente não sabia o que fazer, e então, como se chegasse à conclusão de que não poderia enterrar a cabeça na terra tal qual um avestruz, olhou para os dois e balançou a cabeça em sinal de negação, e fez um gesto com o braço: - Desculpem. Miguel ontem me disse que se lhe acontecesse alguma coisa, eu não deveria falar com ninguém.

Estamos com muito medo. Foi um dia muito ruim. Muito ruim.

Catherine sentiu uma súbita empatia pelo pobre homem.

- *Señor* Flores, perdoe-nos a intrusão. Só queremos entender o que está acontecendo. O professor era como um pai para mim, também perdi um ente querido.

O índio suspirou:

- É complicado. O trabalho que desenvolviam era secreto.

Mas, por onde posso começar? - por alguns instantes o homem pareceu perdido em pensamentos. - Apesar de nosso nome, somos uma legítima família quíchua de Cuzco, a antiga capital inca no alto dos Andes. Nosso avô adotou um nome espanhol.

Somos muito diferentes para índios vindos da zona rural, afortunados pelo fato de ambos termos feito o ensino médio e Miguel ter estudado na Universidade de Cuzco. Ele se tornou arqueólogo e historiador, e eu trabalhei, até pouco tempo atrás, em uma instituição filantrópica em Cuzco. O trabalho de nossa vida, aliás, toda nossa vida, foi dedicada ao nosso povo, os quíchua, os descendentes dos incas.

Catherine deu um suspiro de alívio. " *Ele está falando..."*

Em um tom sério, profundo, Flores prosseguiu. Falava devagar, e deliberadamente escolhia cada palavra com todo cuidado. Seus olhos ora se concentravam em Catherine ora em Rutherford.

- Conhecemos a história de nosso povo. Conhecemos as histórias do passado, e desde que éramos pequenos caminhamos por entre as ruínas de Cuzco, de Ollantaytambo e de Tiahuanaco, a cidade dos Viracocha, próximo ao lago Titicaca. Conhecemos a história de nosso povo de um jeito que nenhum acadêmico espanhol ou americano sentado em seu escritório rodeado de livros jamais será capaz de conhecer.

Mas também temos os livros, como vocês podem ver. Não desconhecemos a erudição contemporânea. Apenas não concordamos com ela.

O rosto do índio agora irradiava determinação. E com uma firmeza recém-descoberta, ele prosseguiu:

- Durante muitas gerações após a conquista, os espanhóis, e particularmente a igreja católica, fizeram tudo o que podiam para apagar todas as provas de que nossa civilização um dia existiu. Os monumentos e os templos religiosos foram destruídos, os livros religiosos queimados, os sacerdotes massacrados e as pessoas convertidas sob a ameaça da espada.

Passadas duas gerações, não havia restado praticamente nada, e até hoje nossos filhos aprendem a versão ortodoxa de nossa história, a versão católica. O professor Kent entendia esta injustiça. Não foi necessário lhe contarmos que antes dos incas houve uma outra civilização ainda mais importante. Não sei como, mas ele já sabia disso, e queria encontrar a prova. E nós a temos. O professor Kent era um homem muito culto; ele nos disse que a verdade que lhe revelaríamos ajudaria a pôr à tona uma verdade ainda mais importante, uma verdade que pode salvar a humanidade.

Ao ouvir a revelação de Flores, Catherine já decidira o que fariam a seguir.

- *Señor* Flores, também podemos conhecer a verdadeira história? Queremos dar continuidade ao trabalho do professor.

- *Señorita*, por favor, chame-me de Hernan. Perdoe a hostilidade com que os tratei de início, mas não estamos seguros aqui. Se quisermos continuar conversando, ou mesmo pensando nessas coisas, então devemos sair de Lima imediatamente e partir para Cuzco.

Naquele momento, a irmã de Hernan reapareceu na porta.

Parecia estar a ponto de se desmanchar em lágrimas, e começou a falar freneticamente na língua dos quíchua e a apontar para os dois ocidentais. Hernan parecia constrangido e, ao mesmo tempo, muito preocupado com a tristeza da irmã.

Usando palavras doces e falando com toda calma, segurou-lhe as mãos, acalmando-a pouco a pouco, enquanto a tirava da sala.

Rutherford mal percebeu. Estava preocupado com outras coisas.

"Agora há dois homens mortos. O que Flores acha que pode ter acontecido?"

Hernan reapareceu, balançando a cabeça em sinal de desânimo. Antes que tornasse a falar, Rutherford, tentando ser o mais delicado possível, lhe disse:

- *Señor* Flores, há uma coisa que gostaria de lhe perguntar.

Você tem alguma idéia de quem pode ser o responsável pelas mortes do professor Kent e de seu irmão?

Hernan chacoalhou a cabeça vigorosamente, e consultou o relógio.

- Não, creio que não. Mas não importa saber quem são. O que importa é que eles existem. São poderosos, e estão preparados para fazer qualquer coisa. Não estou paranóico. Agora estamos todos correndo perigo. Acreditem no que eu digo.

O índio tinha novamente um olhar vago. Catherine analisou seus malares altos e seus olhos escuros. De certo modo, apesar da terrível tragédia representada pela

morte do irmão, o homem ainda conseguia manter a dignidade.

- Hernan, muito, muito obrigada por sua ajuda. Você se importaria de nos deixar a sós por alguns minutos para conversarmos?

- Não, por favor, fiquem à vontade. Tenho de ir ao hospital agora, mas se decidirem ir para Cuzco, o vôo sai às 17h30. Se precisarem de alguma coisa, é só pedir.

Hernan deixou a sala. Catherine explodia de entusiasmo, parecia que o caminho voltava a se abrir para eles. Virou-se para Rutherford com um sorriso no rosto, mas imediatamente seu coração se partiu. Era evidente, pela expressão de James, que ele chegara a uma conclusão muito diferente da sua.

26

Catherine tinha um olhar suplicante. Ela estava desesperada para continuarem:

-James, eu realmente acho que deveríamos acompanhar Hernan...

Rutherford, com a voz cheia de tensão, a interrompeu antes que tivesse condições de prosseguir:

- Vou lhe dizer o que está acontecendo de verdade. Esses maníacos, quem quer que eles sejam, já assassinaram Miguel Flores e o professor Kent. E não pensarão duas vezes para nos matar; não representamos nada para eles. São pessoas que fazem o que bem entendem nos quatro cantos do mundo, você sabe disso. E nem sequer sabemos o que procuramos.

Ele se levantou e começou a caminhar para lá e para cá em frente à lareira.

Catherine não sabia o que dizer. Tentando persuadi-lo, começou a falar:

- Isto não é verdade. Sabemos muito bem o que procuramos, um segredo antigo escondido nos mitos do mundo. Se continuarmos a seguir a trilha deixada pelo professor Kent, então tenho quase certeza de que descobriremos mais coisas.

Ela estava preocupada. Era o primeiro desentendimento que tinham. Percebeu uma vez mais o quanto precisava do apoio daquele amigo. Mas estava desesperada para seguir em frente, além de furiosa por ele estar sugerindo o contrário. Entretanto, em pé, ao lado da lareira,com os braços cruzados, Rutherford parecia mais decidido do que nunca.

- Catherine, referir-se a esta situação como perigosa é o eufemismo do ano. O professor sabia muito bem o quanto esses facínoras são poderosos e implacáveis, sejam eles quem forem ou possam ser. Se não, por que outra razão ele teria escrito o bilhete? Não estaríamos loucos se continuássemos neste caminho?

Catherine não suportava ouvir o que James estava dizendo.

- Entendo seu ponto de vista, mas não posso voltar atrás.

Apesar do perigo, pretendo continuar até descobrir o que significa tudo isto.

Os olhos de Rutherford faiscavam.

- E a nossa segurança? Não tem medo de que a mesma coisa aconteça conosco?

- Estou preparada para correr este risco.

Rutherford, com um sulco na testa causado pelo cenho franzido, expirou lentamente. Virou-se para a janela e olhou o quintal da casa.

De repente, percebeu que não suportava a idéia de não voltar a vê-la. Ela entrara em sua vida menos de quarenta e oito horas atrás e a virara de cabeça para baixo. Sabia que estaria perdido se a deixasse escapar. Decidido a não permitir que isto acontecesse, virou-se para ela novamente:

- Bem, não estou preparado...

Catherine não queria ouvir mais nada. Seu coração estava despedaçado. Com a voz entrecortada pela emoção, ela disse:

- Eu entendo. Foi muita gentileza sua chegar até aqui. Serei eternamente grata.

Por trás daquelas palavras Catherine estava mortificada.

Embora mal se conhecessem, ela não queria perdê-lo. E não era só porque teria de enfrentar os perigos, sozinha.

Rutherford sorria para ela, um sorriso de resignação.

- Deixe-me terminar, dra. Donovan. Não estou preparado para permitir que corra este risco sozinha. Então, ao que tudo indica, terei de acompanhá-la.

27

Catherine e Rutherford passaram a tarde enfiados na casa usando a biblioteca da família Flores. As quatro horas partiram no táxi que os aguardava para pegar o vôo vespertino com destino a Cuzco.

No momento em que o táxi deixava a casa dos Flores e pegava a rua poeirenta, um carro emergiu das sombras de uma estreita rua paralela. Era um Mercedes prata. O motorista era um índio atarracado que usava óculos escuros. Ao seu lado estava o ocidental ameaçador vestido de preto. No banco de trás, seu cúmplice parrudo e o *Señor* Mantores, com a testa banhada em suor. Em silêncio, eles observavam o táxi desaparecer na rua.

O ocidental sentado no banco da frente virou-se para trás de modo que pudesse enxergar Mantores um pouco melhor e, com um resmungo de raiva, disse:

- Aonde diabos eles estão indo agora? Tanto trabalho pra nos livrarmos deles - virando-se para enxergar o veículo que partia rapidamente, murmurou, quase para si: - Eu sabia que devia ter dado um jeito em toda a família Flores naquele momento.

Os olhos de Mantores estavam arregalados de medo. Ele tentou falar, mas as palavras não saíram. O assassino tirou um telefone do bolso interno do paletó e ligou para a América do Norte. Três toques e alguém atendeu.

- Senhor, de acordo com sua ordem, apagamos o Flores. Mas, infelizmente, os acadêmicos fizeram contato com o irmão dele...

Houve uma interrupção enquanto a voz do outro lado falava.

- Positivo. Entendido. Eles não vão escapar desta vez. Sim, sim, senhor, isto vai acabar aqui, no Peru.

28

O vôo para Cuzco é uma experiência incrível. Quando o avião decola do aeroporto de Lima e se afasta da costa, os primeiros contrafortes dos Andes empinam-se de ambos os lados. O

avião sobe cada vez mais e as montanhas ainda se erguem por toda parte, até que a aeronave avança pelas nuvens e voa alto no ar. Ao longe, os picos mais altos furam as nuvens e pontilham o horizonte como ilhas em um mar de espuma branca.

Catherine não estava em condições de apreciar a vista. À

medida que a gravidade e as implicações das duas mortes começavam a ficar claras, ela percebia a sensação de pânico e de medo começando a brotar dentro de si novamente. Eles estavam igualmente seguros ali em cima, entre as nuvens?

Deu uma olhada nos companheiros de viagem. Como Hernan, sentado uma fileira à frente, todos eram índios. Estaria algum deles à serviço do inimigo sombrio?

Mas estava também muito feliz por ter James a seu lado. A calma e o senso prático que mostrara até agora ao lidar com a aventura extraordinária em que se envolveram a fizeram perceber que ele era um homem muito especial. Uma pessoa normal teria voltado para o aeroporto imediatamente ao saber da morte de Flores. Na verdade, para começo de conversa, uma pessoa normal sequer teria vindo. Apesar de suas dúvidas, ele parecia ter sido talhado para os desafios que enfrentavam. A vida entre as bibliotecas e os livros antigos agora dava a impressão de ser muito restrita, limitada. Embora não quisesse admitir isto para si, à medida que o tempo passava ela o achava cada vez mais atraente.

Ao chegar às velhas ruas de Cuzco, pavimentadas de pedra, Rutherford e Catherine lembraram-se de Oxford. O ar tinha uma pureza surpreendente comparado ao de Lima, e por alguns instantes ambos sentiram que haviam se livrado de uma onda de maus presságios.

Enquanto Hernan os levava à cidade velha em um jipe alugado, falava sem parar sobre as antigas civilizações dos Andes. Com uma das mãos ao volante,

conduzia o jipe pelas ruas estreitas, ao mesmo tempo em que gesticulava muito com a outra para destacar os pontos mais importantes do que falava, fazendo o veículo seguir em ziguezague.

- Os incas não foram os criadores disso tudo. Esta é a primeira coisa que vocês devem entender. Embora suas belíssimas obras de arte estejam espalhadas pelos museus do mundo, na verdade eles foram apenas os guardiões de uma cultura muito mais antiga. Os próprios incas admitiram isto. Alguns navegadores espanhóis mais esclarecidos, que testemunharam a destruição total da civilização inca, ficaram emocionados ao tentar registrar as tradições daquele povo no momento em que desapareciam nas areias do tempo.

O jipe mudou de direção brusca e perigosamente, cruzando o meio da rua, quase colidindo com um pequeno ônibus colorido lotado, fazendo com que o carro derrapasse e fosse jogado na direção oposta.

Rutherford agarrou a parte de trás do banco de Hernan.

"Como se não bastasse todo o perigo que já estamos correndo!"

Catherine fechou os olhos por uma fração de segundo quando o ônibus passou zunindo a toda velocidade, deixando de chocar-se com o carro em que estavam por um triz. Olhou para Rutherford e levantou as sobrancelhas. Pelo retrovisor, Hernan percebeu o movimento de Catherine.

- Ai, desculpem. Tomarei mais cuidado. Vocês ainda não estão acostumados com o jeito andino de dirigir.

Ele diminuiu a velocidade do jipe ao mesmo tempo em que continuava a lhes apresentar seu povo:

- Acho que na verdade os espanhóis não acreditavam nas histórias e nas tradições registradas a partir dos relatos orais dos antigos sacerdotes. É provável que as julgassem muito estranhas para ser verdadeiras, - mas elas são. Uma das principais tradições que permearam os povos andinos, e é esta que interessava ao professor Kent, é a de que existiu uma grande civilização muitos milhares de anos antes da nossa.

Mas não se preocupem, vocês mesmos poderão constatar isto...

Enquanto Catherine e Rutherford ouviam o que Hernan dizia, tinham a sensação de estarem sendo transportados para um novo mundo o tempo todo, um mundo de príncipes, conquistadores espanhóis e do infausto colapso da civilização inca. Pelas janelas do carro, Catherine e Rutherford voltavam a atenção paras as roupas de cores vibrantes trajadas pelos camponeses, os descendentes daquele que já foi um dia um grande povo, maravilhados com a pureza do ar, a reclusão absoluta e a beleza ímpar da paisagem andina.

Finalmente, depois de passar pelos subúrbios de Cuzco e chegar às charmosas ruas pavimentadas de pedra da cidade velha, Hernan encostou o jipe na entrada de uma rua muito estreita. Pulou para fora do carro e abriu a porta do passageiro para que Catherine pudesse descer.

- Que bom, finalmente estamos aqui. Vou entrar e levar suas malas para a casa de meu primo, e enquanto isso vocês podem dar uma volta por aí. Vou dizer a ele que são meus amigos.

Seja o que for que decidam fazer, vocês não devem mencionar o nome do professor Kent nem de Miguel. Não quero pôr ninguém mais em risco. Assim que cair a noite, iremos para a casa e vocês poderão dormir lá, mas teremos de partir ao amanhecer. Não posso deixar que vocês sejam vistos aqui.

Catherine, ao descer do jipe, perguntou:

- Não quer que o acompanhemos para podermos conhecer a família de seu primo? Não parecerá mais natural?

Hernan dava a impressão de estar preocupado novamente.

- Não, continuo achando que vocês devem ter o mínimo de contato possível com eles. Assim vocês também podem dar umas voltas pelas redondezas. Mas sejam discretos... Se forem por aquela rua ali - ele apontou a entrada de uma outra rua estreita - e seguirem em frente, chegarão à praça principal, Plaza de Los Almabos. Eu os encontrarei lá, na porta da catedral, dentro de meia hora.

Rutherford esticou bem os braços.

- Ufa! Creio que já estamos viajando sem parar há vinte e quatro horas. Eu adoraria esticar as pernas.

Hernan sorriu para ele.

- Bem, dêem uma volta por aí. Se vocês se perderem, perguntem onde fica a catedral e lhes indicarão o caminho.

Hernan se despediu e voltou para o jipe, logo dando a partida no motor. O veículo partiu fazendo um estrondo e desapareceu virando a esquina. Tão logo ficaram sozinhos, Rutherford e Catherine deram-se conta da tranqüilidade que havia em estar ali em meio às ruas de Cuzco. O primeiro impulso foi o de encher os pulmões com ar fresco. O céu estava cristalino, e pela primeira vez, desde que soubera da morte de Flores, Catherine começara a ficar um pouco mais otimista, um pouco menos claustrofóbica. Virou-se para Rutherford, que observava a alvenaria de uma parede enorme e antiga que se estendia pelo lado esquerdo da rua:

- Você acha que estamos seguros aqui nos Andes?

- Tão seguros quanto possível, mas concordo com Hernan, não acho que deveríamos ficar muito tempo. Venha até aqui e dê uma olhada nesta parede extraordinária.

Em vez de tijolos, a parede era feita de enormes blocos de granito multifacetados, alguns deles com três metros quadrados de tamanho.

Catherine observava aquilo maravilhada.

- Como é que eles conseguiram fazer isso? É uma obra de cantaria inca? - Catherine caminhou até a parede e correu a mão sobre um dos blocos maiores. - Olha, este enorme tem dez lados e é do tamanho de uma mesa de jantar. Incrível! Ele se encaixa perfeitamente nos outros ao seu redor.

Rutherford recuou, maravilhado com a obra feita pelas mãos do homem.

- Não sei dizer. Deve ser de origem inca. Seja como for, com toda certeza não é espanhola nem européia. Imagine tentar apenas movimentar uma das gigantes; algumas dessas maiores devem pesar mais de dez toneladas. Venha, vamos procurar a catedral.

Correndo a mão pela parede, Catherine acompanhou Rutherford na leve subida da rua em direção à praça principal.

"E pensar que apenas um dia antes estive dando minha última palestra do período letivo e pensando nas férias. É apenas quarta-feira à noite, mas Oxford parece ter ficado décadas para trás. Caí em um buraco, fui arrancada da vida confortável que tinha e mergulhei em outro mundo... um mundo cheio de perigos."

Ela lançou um olhar sobre Rutherford e o observou enquanto ele seguia na frente, olhando para um lado e para o outro, enquanto, sempre curioso, analisava a cantaria de Cuzco. Sua presença a tranqüilizava.

Conforme Hernan indicara, a ruela acabava na praça principal, que, diferente da Plaza Mayor, em Lima, lembrava uma cidade fantasma. Era do tamanho de um grande povoado inglês cercado de verde. Rodeada de construções feitas de pedra, era o ponto para o qual convergiam seis ruas pavimentadas de pedra. Catherine alcançou Rutherford e os dois passearam ao redor da praça, desfrutando a sensação de espaço e tranqüilidade, aliviados por estarem longe da atmosfera desagradável de Lima. No momento em que chegaram à outra extremidade da praça, avistaram Hernan se aproximando pela alameda adjacente.

- Olá! - ele gritou. - Belo lugar, não?

Catherine sorriu-lhe.

Rutherford abriu um sorriso largo e gritou de volta:

- É impossível alguma coisa dar errado com um pano de fundo como este. Seria preciso construir algo muito feio para estragar esta vista.

Hernan riu enquanto caminhava ao encontro dos dois.

- Sim, sim. Acho que você está certo.

Os três observaram a praça e atrás dela os telhados da cidade velha desaparecendo no infinito.

Com um ar brincalhão nos olhos, Hernan virou-se para eles e, com um sorriso, fez uma pergunta:

- Aqui em Cuzco os incas construíram um templo para os viracocha. Chama-se

Coricancha. Consegue vê-lo?

Rutherford e Catherine olharam ao redor tentando encontrar uma estrutura de acordo com as características próprias de uma obra inca. Não havia nada que lhes desse uma pista que lembrasse a majestade de um templo.

Hernan apontou diretamente para a igreja.

- Ali está. Os espanhóis construíram a catedral no topo do templo em 1533 com o intuito de reprimir nossa religião.

Conta-se que um dos últimos príncipes incas foi emparedado vivo enquanto eles a construíam. Mas um dia o deixaremos sair. Vocês sabem quem são os viracochas?

Catherine pensou no senhor idoso com quem falara durante o vôo.

- Ouvi esta palavra para descrever o povo que desenhou as linhas de Nazca - ela respondeu.

Hernan olhou-a de soslaio, ligeiramente surpreso.

- É isto mesmo, era o nome dado a um povo. Mas Viracocha também era o nome de um homem, pode-se dizer, o líder desse povo. "Viracocha" significa "espuma do mar". As pessoas que o acompanhavam eram chamadas viracochas.

Fico satisfeito em ver que você não sofreu uma lavagem cerebral pelos guias de viagem. Esta era sua capital, e acima de todas as divindades ele era adorado aqui.

Catherine fez o que pensava ser uma dedução inteligente.

- Ele foi um rei inca?

Hernan balançou a cabeça em sinal de negação.

- Não. E este é o ponto importante. Ele surgiu muito tempo *antes* dos incas. Não sabemos quando; não há registros escritos. Não há provas. Por isto os acadêmicos ocidentais ignoram as lendas dos viracochas e as consideram mitos. Mas é um erro ignorar a existência de Viracocha. Ele deixou suas marcas por

toda a região dos Andes. Andou por toda parte e todos os povos da região contam histórias sobre ele e seus grandes feitos. Ele foi responsável pela cantaria e também pelas prodigiosas características da engenharia civil. Vocês encontrarão ruínas de construções aqui nos Andes que os deixarão boquiabertos.

Rutherford estava confuso:

- Mas não foram os incas que construíram...

Hernan o interrompeu. Tinha o semblante sério, como se falasse de algo da maior importância:

- Não, os incas construíram algumas delas, mas herdaram as habilidades de Viracocha e seus discípulos.

- Mas de onde ele veio? E quando chegou aqui?

O índio lançou o olhar ao redor de toda a praça antes de responder.

- Aí é que está o mistério. Há muitos relatos orais de sua chegada. Até os espanhóis do século XVI mencionaram esses relatos. Todos eles dizem que Viracocha veio do mar com seus seguidores, e viajara seguindo a rota das montanhas em direção ao norte, operando milagres, ensinando a agricultura, construindo templos e até mesmo a grande cidade de pedra chamada Tiahuanaca, e seguiu em frente. Ele também era um curandeiro, tal como Jesus para o cristianismo, e aonde quer que fosse concedia o dom da visão aos cegos e a cura aos mancos, e também tirava espíritos obsessores dos corpos das pessoas. Um conquistador espanhol ouviu dizer que Viracocha tinha uma longa barba branca, o rosto pálido, vestia roupas brancas e trazia uma mensagem de amor e paz.

Catherine sentia-se envolvida numa onda de feitiço místico.

Era como se delineasse, em linhas gerais, a figura do grande Viracocha.

Hernan olhou-a com atenção.

- Sim, ele foi um grande homem e civilizador do meu povo.

Os incas diziam que até sua chegada as pessoas viviam da maneira mais primitiva possível. Eles não tinham animais domesticados, nem plantações; em

resumo, viviam da caça e da coleta. Viracocha chegou e os ensinou a agricultura e a alvenaria, a medicina, a música e a astronomia. Ele trouxe a prosperidade e o fez de modo pacífico. Jamais lançou mão da violência para abrir caminho, como fizeram os espanhóis.

Rutherford quis saber mais:

- Mas por que os Viracochas vieram? Eles nos dão a impressão de que também eram colonizadores, a diferença é que não permaneceram aqui.

- Esta é uma boa pergunta e uma das que mais interessavam ao professor. Todas as velhas histórias dizem que a chegada dos viracochas estava ligada ao grande dilúvio.

Ao ouvir aquilo, Catherine entrou na conversa.

- Você quer dizer que há mitos ligados a dilúvios aqui nos Andes?

- Sim. E logo lhes mostrarei uma prova disto. Há muitas histórias andinas sobre um grande dilúvio, semelhantes à história que sua Bíblia conta. Depois que as águas começaram a baixar, Viracocha apareceu no Lago Titicaca, que é sagrado para os incas. Ali ele construiu uma cidadela em Tiahuanaca.

As ruínas permanecem lá até hoje para todos verem. Depois de construir sua base lá, veio para Cuzco e, sob sua supervisão cuidadosa, os remanescentes foram resgatados daquela catástrofe e começaram a se multiplicar.

- Então, o Lago Titicaca é o verdadeiro cerne da história de Viracocha? - Rutherford estava fascinado.

- Sim. Há muita coisa que precisamos conversar, mas agora devemos ir e comer alguma coisa. Venham, eu os levarei à casa de meu primo. Por favor, lembrem-se: não devemos falar dessas coisas perto de minha família... Para eles, vocês são amigos em período de férias.

Hernan estava satisfeito. Seus dois convidados começavam a entender a verdade por trás da história do Peru.

29

Na casa do primo de Hernan preparava-se o jantar. Era uma antiga habitação construída de pedra típica de Cuzco, com uma grande sala de estar contendo uma grande lareira em uma das extremidades e uma cozinha adjacente, com outros cômodos no andar superior.

O primo de Hernan, Arun, não falava muito espanhol, nem sabia absolutamente nada de inglês. Tinha a compleição típica de um índio, em torno de um metro e sessenta e cinco de altura e músculos bem desenvolvidos. Sorria muito, e parecia ser menos sério que Hernan. Catherine teve a impressão de que jamais deixara Cuzco, nem mesmo conhecia muito bem a cidade de Lima, e muito menos o mundo fora dali. Hernan os apresentou e, com muitos sorrisos e apertos de mão, Catherine e Rutherford conseguiram expressar a gratidão por recebê-los.

Hernan, então, conversou longamente com o primo na língua dos quíchua antes de desaparecer com ele em direção à cozinha e voltar com algumas bebidas em uma bandeja que pôs sobre a mesa no meio da sala.

Catherine sentou-se junto à lareira. Ali, olhando as labaredas, pensou novamente em tudo que haviam aprendido desde a chegada a Cuzco. Rutherford, começando a sentir os efeitos do *jet lag,* enterrou-se em uma outra cadeira e, antes mesmo que pudesse tirar o casaco, caiu em sono profundo. Catherine olhou para o rosto de James, iluminado pela luz do fogo crepitante, deu um suspiro e voltou a atenção para o calor aconchegante do fogo.

Mais tarde, naquela mesma noite, após um delicioso jantar, Hernan ajudou Arun com a louça e então aprontou-se para voltar a sua casa. Ele fazia o possível para manter o bom humor e procurava não falar do mal que os perseguia:

- Bem, espero que apreciem nossa hospitalidade e tenham ficado interessados em tudo que conversamos. Antes que eu me esqueça, creio que vocês acharão útil esta informação - ele tirou da mochila um livro cujo título era *Mitologia Andina,* de autoria de Cudden. - Este é um guia básico para todos os mitos dos Andes. Prefiro chamá-los histórias, porque mitos nos dão a idéia de que não são verdadeiras, o que, como sabemos, está errado. Boa leitura. Passarei aqui às cinco da manhã para apanhá-los.

Logo depois Hernan desapareceu no escuro da noite. Arun voltou à sala e, com um sorriso no rosto, fez um gesto para que Catherine e Rutherford o seguissem aos fundos da casa.

Rutherford, que já estava em pé, passou pela porta atrás dele e seguiu pelo corredor até chegar a um quarto. Havia uma beliche no meio do quarto, e nenhuma outra mobília. A brasa de um fogo quase apagado, mas ainda quente, brilhava na lareira. Arun pôs dois pedaços de lenha seca no fogo e então virou-se para Rutherford, que não precisou entender nem falar a língua de seu anfitrião para entender que aquele era o único quarto da casa, e que, junto com Catherine, deveriam compartilhá-lo. James sorriu para o índio e tentou dizer, com gestos, que poderia dormir no chão da sala principal, mas Arun simplesmente riu e balançou a cabeça em sinal de negação. Estava claro que a hospitalidade não seria negociada.

Naquele momento, Catherine entrou no quarto. Arun sorriu para os dois e saiu do quarto.

Enrubescido de vergonha, Rutherford deu um passo para trás em direção ao corredor:

- Não se preocupe. Dormirei no chão do outro cômodo - e desapareceu no corredor.

Catherine fechou a porta atrás dele. No momento em que fez isso, apoiou a palma da mão aberta na porta e inclinou a cabeça, cheia de preocupação.

30

De acordo com o prometido, Hernan chegou para apanhá-los às cinco da manhã. Com os olhos turvados, os dois foram levados à estação e postos no trem com a promessa de que Hernan os encontraria no dia seguinte em Machu Picchu, logo após o funeral de Miguel.

O antigo trem de quatro vagões deixou a estação lentamente e começou a percorrer o que é uma das maiores extensões ferroviárias do planeta. No decorrer de uma viagem de três horas, a locomotiva de nariz arrebitado arrasta seus quatro vagões curtos por uma trilha ziguezagueante de 120

quilômetros, passando por fazendas e vilarejos, esforçando-se para subir, ladeando os desfiladeiros, que lembram abismos, com paisagens que se estendem em todas as direções por milhares de quilômetros, e atravessar as nuvens para chegar ao Terminal em Machu Picchu. Os telhados de Cuzco inclinavam-se abaixo deles, e mesmo o templo de Viracocha, a catedral, logo perdera a imponência em contraste com os picos andinos e os grandes vales.

Catherine estava nervosa. Desde o momento em que acordara naquela manhã tinha a forte sensação de que estavam sendo seguidos, de que havia uma enorme metralhadora apontada para eles; as engrenagens estavam em movimento, e todo um aparato concentrava todas as suas energias em persegui-los.

Ela perscrutava os rostos daqueles que estavam no vagão, mas eram somente camponeses e turistas. "Não *há nada com que se preocupar. Seja como for, ainda não."* Olhou para Rutherford e deu um suspiro de alívio.

Ele tirara da mochila o exemplar de *Mitologia Andina,* escrito por Cudden, e lia as descrições de Viracocha que destacara na noite anterior. Seus olhos percorriam a página, e sua cabeça disparava o tempo todo. Havia algo familiar, mas não conseguia saber o quê.

Viracocha veio de longe, atravessou o mar. Era branco. Alto e forte, com olhos azuis e uma longa barba branca. Trouxe-nos todos os benefícios da civilização e o fez de modo pacífico. Mas, certo dia, alguns homens de má índole tramaram contra ele. Ao retornar de uma viagem, eles o forçaram a partir descendo o rio em direção ao mar. Algum dia ele retornará.

De repente, James fez uma descoberta.

- Catherine! Acho que descobri uma coisa. Acho que encontrei a resposta para o que o professor procurava.

Neste momento Catherine apreciava a mágica paisagem, e olhou surpresa para ele.

- O quê? O que você quer dizer?

- Acho que descobri um padrão recorrente. Em seu bilhete, o professor Kent disse que descobrira o segredo da verdadeira história do mundo incrustado em mitos e lendas antigos.

Desde então venho queimando os miolos para descobrir exatamente o que ele poderia ter desejado dizer. Qual é esse segredo, esta "verdadeira história" a que ele se refere? Se todos os mitos contêm essa história verdadeira disfarçada em suas histórias, então deve haver temas que se repetem em tradições míticas totalmente independentes umas das outras.

Catherine parecia confusa:

- De que modo?

- Veja. Encontramos a história do dilúvio em toda parte. O

professor realmente acreditava que houve um cataclismo mundial que destruiu uma civilização mais antiga e desenvolvida. Mas que outros mitos são contados de maneira ligeiramente diferente vez após vez, em todo o mundo? E

então, de repente, enquanto lia sobre o mito de Viracocha percebi...

- O quê?

- Que a história contada era a mesma, em linhas gerais, de Osíris, a mais importante de todas as divindades egípcias. É

um padrão, um tema recorrente. E isto faz sentido. Todas as culturas têm muitas, muitas histórias menos importantes, mas os mitos centrais são os mais fortes. Eles duram séculos, até mesmo milênios. Esconda a história verdadeira nesses

mitos e ela não se perderá. Estou certo de que encontrei um paralelo entre Viracocha e Osíris, a divindade egípcia, e deve haver outros mitos centrais como estes existentes em todo o mundo.

- Mas isto é impossível - Catherine exclamou. - Não houve nenhum contato entre as duas culturas; elas estão em lados opostos do Atlântico.

- Bem, ouça o seguinte... - Rutherford leu a seção sobre os conspiradores que depuseram Viracocha e sua partida subseqüente a bordo de um barco em direção à costa. Logo em seguida, começou a recontar o mito de Osíris a Catherine.

- Osíris era o deus da ressurreição. Ele chegou ao Egito com seus discípulos muito, muito tempo atrás, e introduziu todos os benefícios da civilização. Como Viracocha, e Jesus Cristo, era um homem pacífico e jamais tentou forçar quem quer que fosse a adotar seus métodos, mas persuadia as pessoas e liderava pelo exemplo. Passado algum tempo, Osíris decidiu viajar ao exterior, para que pudesse levar a civilização a outros povos primitivos, dizendo aos egípcios que logo estaria de volta, e deixando Seth, seu irmão, encarregado de tudo.

Mas Seth já invejava Osíris, e logo percebeu que aquela seria uma ótima oportunidade de tramar contra ele. O traidor convenceu outros a se juntarem a ele e em pouco tempo já reunira um grupo de setenta e dois conspiradores. Quando Osíris retornou de suas viagens, estavam todos prontos para o ataque. Organizaram uma grande comemoração em sua honra e, no auge da festa, haveria um jogo. Todos os convidados tinham de tentar a sorte entrando em uma caixa de madeira que fora feita especialmente para a ocasião. Aquele que coubesse na caixa seria o vencedor. Mas Seth garantira que a caixa fosse construída para que apenas Osíris coubesse nela.

Depois de todos os outros convidados terem tentado, foi a vez de Osíris, e ele lá entrou e deitou-se. Logo em seguida, os conspiradores fecharam a tampa da caixa e a lacraram para sempre. A caixa foi jogada no rio Nilo, onde foi arrastada pelas águas até chegar ao mar, de onde acabou indo parar em um lugar chamado Biblos. As ligações entre uma história e outra estão aí para todo mundo ver - Rutherford estava convencido. - Mesmo a história de Jesus Cristo tem ecos. O

homem de barba que chega em missão de paz, andando sobre a água, contra quem tramam uma conspiração e o sepultam. E

todas as três histórias nos dizem que em algum momento do futuro eles voltarão.

- Você tem razão, é um mistério.

- Um mistério? É mais que isto! É mais do que uma simples coincidência também. Uma coisa é certa, Viracocha e Osíris são a mesma personagem. É em mitos como este que o código deve estar escondido. O fato de a mesma história ter sobrevivido em duas culturas que não têm relação alguma, durante sabe-se lá por quantos milhares de anos, demonstra que são veículos perfeitos para uma antiga mensagem.

- Mas você consegue entender o que dizem as duas mensagens?

- Não, ainda não. Mas pelo menos agora sabemos por onde começar - Rutherford afundou-se na cadeira, perdido em pensamentos sobre as mitologias do mundo.

À medida que o trem subia lentamente a trilha longa e tortuosa, mais escarpada se tornava a paisagem. As laterais íngremes dos vales eram cobertas de vegetação, e a idéia de deslocar qualquer coisa por aquelas encostas quase verticais para construir um templo no coração das montanhas parecia insano, o que dizer então de movimentar pedaços de pedra gigantes.

Por fim, o trem começou a chiar e a ranger na direção do caminho inclinado que leva a Machu Picchu Puentas Ruinas, a entrada para as famosas ruínas. Catherine olhou para baixo e avistou o rio sagrado dos incas, o Urubamba, que serpenteava abaixo deles, envolvendo a base das montanhas como uma serpente verde e reluzente.

31

A estação se desenhava à frente; havia índios movimentando-se para um lado e para outro na plataforma, e todos no vagão recolhiam suas sacolas e pacotes, preparando-se para deixar o trem. De repente, Catherine não acreditou no que viu. Assim que olhou na direção da plataforma, sentiu o coração parar de bater por um momento. Fechou os olhos, respirou fundo e olhou novamente. Lá estava Ivan Bezumov, vestido com um terno de linho. Inspirou bruscamente e recostou-se enquanto o trem rangia e gemia seguindo seu caminho, passando pelo estranho homem.

Catherine encarou Rutherford com os olhos arregalados.

- Você não vai acreditar, mas tenho certeza de que acabo de ver aquele russo estranho, o tal Bezumov. Ele está na plataforma. Está vindo em nossa direção. O que é que ele pode estar fazendo aqui? Meu Deus, James, o que podemos fazer? Para onde podemos correr?

Rutherford quase pulou de susto.

- Ele está aqui? Não é possível - mas, no exato momento em que disse essas palavras, avistou o russo caminhando resoluto na direção do vagão em que estavam, acompanhado de dois índios troncudos.

No mesmo instante, o trem finalmente deu um solavanco e parou em meio a uma cacofonia de aço guinchando e vapor sibilando. Com a adrenalina correndo nas veias, Rutherford tentou desesperadamente pensar em um jeito de escapar.

Havia apenas uma saída pelo portão, na outra extremidade da plataforma, mas Bezumov e seus comparsas bloqueavam o caminho.

Cruzando o vagão, abriu a porta do outro lado do trem e ficou sem ar, estupefato. A porta escancarou-se acima da vertiginosa encosta formada de pedras empilhadas que se precipitavam a centenas de metros abaixo em direção ao rio.

Mais um passo, e ele teria tropeçado e morrido. Recobrando o equilíbrio, deu meia-volta. Catherine estava paralisada. Era tarde demais, o homem de branco agora estava logo ali, fora do vagão.

Enquanto olhavam para a porta, cheios de pânico, os dois tinham a impressão de que o tempo parara. Ivan Bezumov pisou no trem e abriu a porta. Com o sotaque russo carregado, dirigiu-se a eles:

- Dra. Donovan e dr. Rutherford, bem-vindos a Machu Picchu.

Rutherford perdeu a fala. Pensamentos desconexos explodiam-lhe na cabeça.

"Ele vai atirar em nós? O que ele tem a ver com tudo isso?

Ele matou o professor?" Ao pensar assim, Rutherford sentiu o corpo formigar de tanta incredulidade e horror. "Mas, se ele não vai nos matar, então que diabos está acontecendo?"

Bezumov falou primeiro, abrindo um largo sorriso:

- Por favor, não fiquem tão tristes em me ver. Sinto muito pelo ocorrido em nosso último encontro, fui insensível e esqueci-me das regras de boas maneiras. Permitam que eu me redima.

A raiva superou o medo de Rutherford:

- Bezumov, que raios você está fazendo aqui? Como sabia que estávamos vindo para Machu Picchu? Como é que você chegou aqui?

- Desculpe, não pretendo persegui-lo como um maníaco, é que preciso mesmo falar com vocês. Fui ao escritório do Reitor e ele me disse que vocês tinham partido.

Catherine sentiu um frio na espinha. "Como é que o Reitor sabia que eu vinha para o Peru?"

Bezumov continuou:

- Devido à minha familiaridade com o trabalho do professor, imaginei que mais cedo ou mais tarde vocês acabariam vindo para cá. Peguei o vôo seguinte ao de vocês e vim direto de Lima. Eu os estava aguardando na esperança de que logo chegassem aqui. Quando os vi, fiquei muito aliviado, mas perdoem-me, não tive nenhuma intenção de assustá-los.

Agindo como um nobre inca de outros tempos, Bezumov ordenou aos dois índios que levassem as malas de Catherine e Rutherford. No mesmo instante, James postou-se na porta do trem para bloquear a passagem. Catherine juntou-se a ele; tinha o cenho franzido de raiva, uma raiva de quem não compreende o que está acontecendo. Bezumov ofereceu-lhe a mão e, com um sorriso sedutor, disse:

- Por favor, permita-me levá-la ao meu hotel.

Catherine não se impressionou com o cavalheirismo de Bezumov. A impressão que tivera ao conhecê-lo não tinha sido nada boa, e agora, estando ali, sua presença, aquele rosto magro e ansioso, o nervosismo evidente a perturbavam ainda mais.

- Não, obrigada. Preferimos não ir. Encontraremos um lugar para ficar.

Bezumov balançou a cabeça, demonstrando desapontamento.

- Creio que o ônibus já está cheio de mochileiros, e meu hotel é o único que ainda tem quartos disponíveis. Tenho um carro aguardando lá fora. Permitam-me oferecer-lhes uma carona.

Podemos deixar suas malas no hotel e em seguida sair para um passeio pelas ruínas.

Bezumov virou-se e seguiu rapidamente pela plataforma.

Catherine e Rutherford deixaram o vagão e o observaram enquanto caminhava. Rutherford olhou-o surpreso.

- Quem é ele? Nós nem sequer sabíamos que viríamos para cá até conhecermos Hernan... Você acha que ele está do lado dos inimigos do professor, quem quer que eles sejam? E por que está tão obcecado para falar com você? É incrível, ele viajou metade do mundo contando com a possibilidade de encontrá-

la.

Catherine estava pensativa.

- Não sei. Estou muito confusa. Mas tenho medo dele -

virando-se para ele, olhou-o nos olhos e perguntou: - Bem, o que é que vamos fazer? Devemos tentar fugir? Ele nos encontrará, não acha? Se ele é perigoso, não fará nada até descobrir o que quer saber. Talvez seja melhor conversar com ele, tentar apurar qual era a ligação que tinha com o professor sem lhe dizer nada. Em seguida, temos que sair daqui o mais rápido possível. O que você acha desta idéia?

Catherine ergueu a mão, tocou o antebraço de James e o apertou com delicadeza. Ele ficou quieto por um instante, e então pôs sua mão na de Catherine e assentiu com a cabeça.

32

Enquanto Catherine e Rutherford entravam no carro, o motorista manteve a porta aberta. Bezumov estava sentado no banco da frente, e Catherine podia vê-lo observando-a pelo espelho com toda a atenção. Apesar do medo que tinha daquele russo esquisito, ainda estava furiosa. Um leve sorriso se desenhou no rosto macilento de Bezumov:

- Dra. Donovan, peço-lhe desculpas por ter feito tanto mistério. Quando nos conhecemos, pensei que fosse apenas mais uma acadêmica, por isso não quis conversar com você sobre aquilo em que eu e o professor vínhamos trabalhando.

Agora que veio até aqui, sei que tem conhecimento de alguma coisa. Portanto, podemos ser mais explícitos.

Catherine e Rutherford olhavam para ele. O motorista deu a partida no carro e seguiu em frente pela rua poeirenta, afastando-se da estação e seguindo rumo a Machu Picchu.

Bezumov prosseguiu:

- Pertenço à Academia de Ciências de São Petersburgo, na Rússia. Sou geólogo de formação, mas, como o professor, meu trabalho afastou-me de minha área de estudos inicial.

Tornei-me um especialista em rochas antárticas e, em 1989, liderei uma expedição ao local que vocês, ocidentais, denominam Costa do Príncipe Harold, uma província costeira da Antártida, e fiz uma descoberta importantíssima: encontrei provas de que a flora tropical crescera na Antártida no antigo período Palaeoceno ou Eoceno. Isto, é claro, significava que o clima um dia fora tropical... Para encurtar a história, a União Soviética se dissolveu, meu departamento perdeu os recursos financeiros, e ninguém, além do professor Kent, estava interessado em minha pesquisa. Ele entrou em contato comigo pela primeira vez em 1998, e desde então vínhamos trabalhando com questões relacionadas aos atuais clima e geologia da terra.

Bezumov desprendeu o cinto de segurança e virou-se para poder olhar para eles.

- Quando digo recentes, refiro-me ao período em que teve início a última glaciação. Isto corresponde aos últimos 100

mil anos.

Catherine dava sinais de que não acreditava no que acabara de ouvir.

- Então, por que não mencionou isto da primeira que nos vimos? E por que viajou metade do mundo atrás de nós?

O russo deu um sorriso amarelo e olhou para ela com uma expressão curiosa e indecifrável:

- Minha querida, mais de 15 anos de trabalho chegavam ao fim, quando de repente descobri que o professor estava morto, Creio que você entende o quanto eu estava preocupado com os frutos de nosso trabalho.

Rutherford não estava convencido do que ouvira.

- Se vocês vinham trabalhando juntos, por que você não tinha cópias da pesquisa também?

Bezumov manteve o sorriso, mas agora tinha um ar meio arrogante, quase desdenhoso:

-John... Ah, desculpe, é James, não é? Dois dias antes da morte do professor, ele me telefonou para dizer que descobrira provas cabais para a premissa de que o clima da Antártida, no período anterior a 4.000 a.C., era propício, ou seja, favorável à existência de vida, e não um deserto de gelo. Desde minha primeira viagem, eu jamais conseguira voltar à Antártida, e ninguém tem interesse em minhas teorias. O trabalho ao qual dediquei minha vida, minhas descobertas, correm o risco de ser desconsiderados pela ciência e pelo mundo. Preciso saber o que o professor descobriu.

Catherine tinha um único pensamento: "Os mapas. A prova a que o professor se referia devia ser o conjunto de mapas. Ele deve ter pensado que tinha a última peça do quebra-cabeça, ou deve ter decidido que era o momento de permitir que Bezumov tivesse acesso a suas descobertas."

- Então por que eu? Por que insiste em seguir meu rastro?

Bezumov deu um sorriso contrito.

- Porque você, Catherine, é, sem dúvida, a pessoa mais próxima do professor. Quem mais poderá resolver os negócios dele na Inglaterra se não for você? Você terá acesso a tudo.

Catherine ficou boquiaberta.

"Talvez Bezumov conhecesse muito bem o professor. De que outra maneira ele teria conhecimento do quanto éramos próximos? Mas por que algo ainda me diz para não confiar nele?"

33

As fantásticas ruínas de Machu Picchu ficam no topo de uma montanha que se destaca em um enorme vale envolvido pela selva. Chega-se até lá por um caminho que serpenteia em direção ao norte, em meio a rochas cobertas de líquen que se estendem pelo cume de localização precária. À medida que o caminho serpenteia em sentido descendente por fragmentos de rocha e abrolhos, os declives das montanhas ao redor desaparecem aqui e ali por trás dos redemoinhos roliços e borbulhantes de nuvens. Alguém que tenha pisado esta paisagem surreal jamais se esquece do que viu.

Tão logo Catherine, Rutherford e Bezumov desciam pela trilha escarpada, Machu Picchu revelou-se logo abaixo.

Catherine olhou maravilhada para o mais belo espetáculo que jamais vira. Quem quer que tivesse construído aquelas obras de cantaria as posicionara com perfeição em meio à paisagem rodeada de montanhas e vales e pastagens, calcadas de tal modo que se tornavam tão importantes quanto os megalitos esculpidos. Havia equilíbrio em tudo; tudo estava em harmonia. Rutherford, que estava alguns passos para trás, a alcançou ficou sem palavras de tão surpreso.

- Os incas acreditavam viver na quinta era. Em sua concepção, houvera terríveis cataclismos ambientais causados pela ira de um deus. Como vocês podem ver... - o russo interrompeu o que dizia para tomar fôlego; em seguida, correu a mão no ar num gesto que apontava aquela vista inspiradora - ...eles não eram necessariamente primitivos. Entretanto, a verdadeira impressão que se tem é a de que apesar de Viracocha ter ensinado aos povos andinos como viver em paz, eles realizavam sacrifícios humanos. Parece que sacrificavam as pessoas, e, muitas delas, em altares inspirados nas versões incas das Linhas de Ley. Vocês sabem o que são Linhas de Ley?

Satisfeito por haver algo que realmente soubesse em meio a tudo aquilo, Rutherford quebrou o silêncio:

- Sim, eu as estudei.

- Talvez você possa explicar o que são à dra. Donovan.

Rutherford olhou para Catherine. Ele não queria colaborar com o russo, mas ela aguardava a explicação. Meio a contragosto, então, começou a falar:

- As Linhas de Ley correspondem ao sistema de linhas de energia naturais responsáveis pela conexão de todos os sítios arqueológicos da Inglaterra. Na década de 1920, um homem chamado Alfred Watkins analisou a vista da zona rural e percebeu uma enorme rede de linhas que ligavam todos os antigos lugares sagrados da história britânica uns aos outros.

Encantado com o que pensava ter visto, obteve um mapa produzido pela Ordnance Survey3 e teve a confirmação. Era possível desenhar linhas perfeitamente retas cruzando os mapas da Inglaterra, unindo todos aqueles lugares sagrados.

3 Organização oficial responsável pela produção de mapas na Inglaterra. (N. T.)
Em alguns casos, as linhas se estendiam por todo o país, atravessando o coração de um local após o outro.

Catherine estava muito intrigada:

- Que espécie de locais? Você se refere a lugares como Stonehenge?

Rutherford inclinou a cabeça em sinal afirmativo, sem conseguir conter o entusiasmo que lhe era peculiar.

- Sim, isto mesmo. Este é um exemplo bem apropriado.

Stonehenge, o Monte de São Miguel, Land's End e a Catedral de Salisbury estão precisamente alinhados. Este tipo de alinhamento exato seria muitíssimo difícil de conseguir, mesmo contando com as modernas técnicas de levantamento topográfico, e muitos menos se pensarmos em milhares de anos atrás.

- Para que servem essas linhas?

Rutherford sorriu.

- Ah... Bem... Na verdade ninguém sabe. Não é apenas uma coincidência ou o resultado de uma probabilidade estatística.

O próprio Watkins, um homem essencialmente prático, tinha a teoria de que elas

eram, em sua origem, rotas de comércio.

Bezumov se interpôs, dando a impressão de impaciência.

- Sim, mas há outras teorias. Quase sempre, as Linhas de Ley são alinhadas com as posições de determinadas estrelas em certos dias do ano. Seja como for, os incas tinham algo correspondente às Linhas de Ley: as chamadas *ceques.* Elas representavam os reflexos das constelações e estrelas mais importantes sobre o solo. Essas linhas todas se encontravam no templo de Coricancha, em Cuzco, e de lá se espargiam como os raios de uma roda. Uma das linhas mais longas parte de Cuzco e em seguida percorre 800 quilômetros, certeira como uma flecha, e atravessa Machu Picchu, Ollantaytambo e Sacsayhuaman, antes de acabar cruzando o Lago Titicaca e atingir Tiahuanaca, a cidade envolta nas nuvens.

Rutherford jamais ouvira falar de outros sistemas de linhas.

- Elas existem em algum outro lugar? - ele perguntou. A curiosidade superava sua aversão pelo russo.

Bezumov ficara muito animado com a conversa, era como se estivessem tratando de seu assunto preferido.

- Oh, sim. Os chineses têm as linhas do dragão. Elas são a base para a arte do feng shui, o posicionamento adequado dos objetos na paisagem. Eles acreditavam que *lung mei* era a versão global das linhas da acupuntura que percorrem o corpo humano; as construções e os lugares sagrados eram semelhantes aos pontos de acupuntura, e são um modo de ter acesso ao fluxo de energia. Os aborígines da Austrália têm as *song lines, os* irlandeses, os caminhos das fadas, e ainda há muitos, muitos outros exemplos. Essas linhas envolvem todo o mundo. Tenho minhas próprias teorias com relação à sua utilidade... - de repente, Bezumov mudou de assunto. - Mas há um outro problema. Onde é que estávamos mesmo? Ah, sim!

Machu Picchu. O que quero dizer é o seguinte: os altares de sacrifício, assim como outras construções, mesmo a verdadeira localização do próprio lugar, são todos posicionados de modo tal que fiquem alinhados com as diversas estrelas e constelações em diversos dias cruciais do ano. Por exemplo, o solstício de primavera, ou dia do meio do verão - ele elevou a palma da mão acima dos olhos e estudou o local em silêncio por alguns instantes antes de continuar. -

Agora, dra. Donovan, creio que você conhece o *software* para astronomia conhecido por Skyglobe?

Catherine fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Sim, eu o usei muito ao longo dos anos.

- Bem, como você deve saber, o Skyglobe permite que se tenha a visão exata da configuração do céu em qualquer data no passado.

Rutherford estava impressionado:

- Como é que ele faz isto?

- Bem, os movimentos e as velocidades das estrelas, dos planetas e de outros corpos celestes são totalmente previsíveis.

O Skyglobe pode demonstrar qual era a configuração do céu em qualquer data no passado e a partir de qualquer posição na superfície da Terra.

- É mesmo? Isto é como voltar ao passado.

- Sim, o programa é muito poderoso. Agora, no caso de Machu Picchu, isto é muito útil. Se precisássemos voltar a esta noite, e tentássemos alinhar o altar com alguma estrela ou constelação em particular, teríamos a impressão de que o local não tem nenhuma relação com o céu.

- Como é que você sabe? - Rutherford perguntou.

- Eu e o professor Kent já havíamos tentado, em diversas ocasiões.

Catherine entendia perfeitamente o que o professor e Bezumov vinham tentando fazer.

- Então, teoricamente, vocês usaram o programa de computador para descobrir em que data houve o alinhamento entre o local e as estrelas? - ela perguntou.

Bezumov a fitou com um olhar pensativo.

- Acertou na mosca.

- E o que é que vocês descobriram?

O russo fez uma pausa, olhando para os dois com uma expressão indecifrável:

- Descobrimos que o traçado original de Machu Picchu deve acontecido não há 500 anos, de acordo com o que afirma a arqueologia moderna, mas, sim, em algum momento entre 4.000 e 3.000 a.C.

De tão aturdidos, os dois ficaram em silêncio por alguns instantes, e em seguida Rutherford murmurou:

- O que significa que este não é um local construído pelos incas.

Catherine continuou o raciocínio:

- Tudo aponta para a mesma conclusão. *Houve* uma civilização anterior...

Bezumov parecia muito satisfeito consigo mesmo.

- Sim. Então, agora você sabe em que eu e o professor estávamos trabalhando. Venha e olhe mais de perto.

Depois de mais de duas horas, Catherine e Rutherford finalmente subiram os degraus que os afastavam do local e voltaram ao hotel. Bezumov retornara uma hora antes, deixando-os explorar as ruínas, sozinhos e, enquanto perambulavam de volta ao saguão do hotel, Catherine decidira o que queria fazer a seguir.

- As coisas estão finalmente começando a fazer um pouco mais de sentido. Creio que devemos mostrar os mapas a Bezumov. Ele fez a parte dele na barganha e, de qualquer maneira, isto pode ajudar a esclarecer um pouco mais as coisas.

- Falar com ele é uma coisa, mas se você lhe mostrar os mapas, perderemos nossa única moeda de troca. Quem sabe o que ele será capaz de fazer se não precisar mais de nós?

Catherine caminhou até ele, pegou sua mão direita, pondo-a entre as suas, e a apertou com delicadeza.

- James, confie em mim. Se você estiver certo, e o russo não estiver sendo cem por cento honesto conosco, então é possível que sua reação ao ver os mapas nos

diga alguma coisa.

Sabemos que houve uma civilização antiga, mas estou convicta de que há mais para saber, e Bezumov pode ser aquele que nos ajudará, mesmo que acabe fazendo isto sem intenção.

Rutherford baixou os olhos, olhou para ela e, fingindo indiferença ao contato físico, encolheu os ombros.

- Ainda acho que não é uma boa idéia. Estamos completamente sós aqui. Se alguma coisa sair errado...

Catherine soltou-lhe a mão e continuou a caminhar.

- Devemos tentar - ela insistiu, determinada.

James a observou ir e então, virando-se uma última vez para contemplar aquela visão mágica, deu um profundo suspiro, balançando a cabeça.

"Não me agrada nem um pouco..."

Tão logo entraram no restaurante do hotel, avistaram Bezumov já sentado à mesa. Um garçom estava lhe servindo um copo de água. No momento em que os viu, saltou da cadeira e, fazendo um gesto expansivo com a mão, os convidou a se sentar. Ao sorrir-lhes, a acolhida foi mais que amistosa. Em seguida, percebeu que Catherine carregava o envelope contendo os mapas. Seus olhos se iluminaram no mesmo instante.

- Ah! Vejo que tem alguma coisa para mim, não?

Catherine caminhou até onde estava Bezumov, com Rutherford logo atrás, e pôs o dossiê sobre a mesa.

- Sim, o professor Kent enviou-me estes mapas do Peru pouco antes de morrer.

Os olhos de Bezumov ficaram ainda mais arregalados, e sua boca abriu-se num sorriso ganancioso. Agarrando o guardanapo, começou a limpar as mãos com toda a pressa. De repente, o sotaque russo começou a ficar mais forte à medida que perdia a compostura.

- Você disse mapas? Mas isto é fantástico...

Catherine começou a abrir o envelope. Bezumov balançava as mãos com impaciência. Os mapas foram retirados do envelope e Catherine afastou-se para que o russo pudesse reinar absoluto sobre os preciosos documentos.

Como se estivesse possuído por alguma força sobrenatural, seus olhos pareciam estar prestes a saltar das órbitas. Com toda a reverência, como se lidasse com delicadas cinzas, dispôs os mapas sobre a mesa. Analisou detidamente cada um deles, colocando-os de lado para passar para o próximo, o tempo todo resmungando consigo mesmo em russo.

Rutherford, em pé a uma pequena distância da mesa, notara a transformação. "Então este é o verdadeiro homem que existe por trás daquela aparente placidez. De certo modo, ganancioso, quase voraz. E é evidente que está atrás de alguma coisa em particular... O será que ele procura?"

Então, de maneira totalmente inesperada, Bezumov interrompeu o que fazia.

- Eu sabia! As pirâmides de Gizé, é claro!

Rutherford e Catherine aproximaram-se para ver melhor o que lhe causava tamanho entusiasmo. Parecia um mapa-múndi comum, mas no canto superior direito havia a legenda

"Suposto Meridiano do Mapa de Piri Reis. Propriedade da Força Aérea dos Estados Unidos". A linha do mapa que indica a longitude zero, em vez de passar pelo Observatório de Greenwich em Londres, atravessava o deserto, adjacente ao Cairo.

- Gizé! Por que não confiei na minha intuição?

Catherine e Rutherford olharam-se perplexos.

Catherine foi a primeira a falar:

- O que isto quer dizer?

Com um sorriso cruel, o russo virou-se para ela.

- Isto significa, minha querida, que alguma criatura que trabalha nas forças armadas dos Estados Unidos se deu ao trabalho de calcular o ponto em que os criadores do mapa de Piri Reis situaram seu grau zero, o equivalente, para eles, ao Observatório de Greenwich. E este ponto é a pirâmide de Gizé...

Rutherford ainda estava confuso.

- Mas o que há de tão extraordinário no fato de Gizé ter sido o meridiano principal na antigüidade?

Bezumov o encarou com um olhar sinistro. A força e a estranheza daquele olhar foram tais que Rutherford deu um passo para trás.

- Isto significa que o Egito, ou a Grande Pirâmide de Gizé, para ser mais preciso, fica no centro do mundo antigo. Esta informação é de suma importância.

Os olhos de Bezumov brilhavam intensamente, perdidos no infinito. Ele parecia preocupado, como se falasse apenas consigo mesmo.

- Essas obras de arte e arquitetônicas de proporções monumentais, as linhas de Nazca, Angkor Wat no Camboja, Kathmandu, a cidade antiga nos Himalaias, e as ilhas sagradas misteriosas do Oceano Pacífico, Nan Medol, Yap e Raiatea, estão todas ligadas umas às outras, partes de uma grande máquina, e o centro, o cérebro dessa máquina foi localizado em Gizé, nas pirâmides. Este foi o ápice das civilizações antigas. E dentro de quatro dias, na segunda-feira, ao nascer do sol, haverá o equinócio de primavera. Tenho de estar lá!

Aquele que controlar Gizé controlará o mundo...

Bezumov parecia ter se esquecido de que Rutherford e Catherine estavam ali. Apoiou as mãos na beirada da mesa e empurrou a cadeira para trás. Olhou para cima por alguns instantes, como se fizesse uma prece silenciosa ou tomasse uma decisão, e, de repente, abaixou os olhos em direção a Catherine e Rutherford.

- Ah! Toda essa emoção me deixou exausto. Por favor, me dêem licença. Nossa, acho que o *jet lag* me pegou. Preciso subir e me deitar.

Depois, despediu-se, inclinando levemente a cabeça e, dando meia-volta, retirou-se rapidamente do restaurante do hotel e desapareceu na escuridão do corredor à frente.

Catherine e Rutherford entreolharam-se, pasmos.

- Que diabos você pensa que aconteceu ali? E o que é que ele quis dizer com "uma grande máquina", parece conversa de doido - disse Catherine.

Rutherford olhou para o vão da porta pelo qual o russo acabara de passar.

- Não tenho a menor idéia, mas uma coisa eu sei. Bezumov tem um objetivo bem específico, e não me refiro apenas ao amor de um acadêmico pelo conhecimento. Quanto à sanidade, dado o que acabamos de ver, eu diria que ele está, sem sombra de dúvida, fora de seu juízo perfeito.

- O que são aqueles lugares a que ele se referiu? Como é que eles se encaixam?

Rutherford, que estava com o cenho franzido por um profundo sulco, explicou:

- Eles correspondem a outros lugares antigos. Angkor Way representa uma das ruínas mais espetaculares de todo o mundo. Fica no coração da selva cambojana.

- Ruínas de quê? De pirâmides?

- Não, de pirâmides não. É um enorme conjunto de setenta e dois palácios de pedra, observatórios de astronomia e templos.

O maior deles, a peça central do local, tem seu acesso feito por cinco rotas, e, de um lado e de outro dessas rotas, há cinqüenta e quatro deuses que carregam uma serpente gigante, cujo corpo lembra uma corda, o que dá um total de 108 deuses em cada rota. Parece um cabo de guerra, mas, na verdade, a cobra está enrolada em uma "batedeira de leite", e eles

"desnatam" o oceano leitoso da via láctea.

- E os outros locais?

- Bem, Katmandu fica escondida no alto das nuvens do Himalaia. Ninguém sabe quando foi fundada. Com relação aos outros, são todos ilhotas perdidas na imensidão das águas do Pacífico. Elas abrigam ruínas espetaculares de civilizações extintas há muito tempo, e todas são lugares sagrados.

Catherine fez que sim com a cabeça e olhou para a pilha de mapas que agora

estavam espalhados pela mesa.

- E Bezumov pensa que esses locais estão todos ligados por Linhas de Ley.

Os olhos de Rutherford encheram-se de um brilho súbito, revelando que entendera o que tudo aquilo significava.

- Sem dúvida, acabamos de lhe fornecer a última peça do quebra-cabeça. E o equinócio de primavera, que acontecerá daqui a quatro dias, é, de algum modo, decisivo...

34

Catherine ficou sem ar de tanto pavor. Alguém tentava abrir a porta do seu quarto forçando a frágil fechadura com todo cuidado. Deitada na cama, em meio ao escuro, a audição aguçada, estava bem claro que havia alguém prestes a entrar à força. De repente, ela sentiu uma grande carga de adrenalina invadir-lhe o corpo.

"Meu Deus, é Bezumov! Ele veio para me assassinar!"

Ouviu a maçaneta girar e percebeu que um corpo entrava no quarto. Haveria alguma coisa que pudesse usar como arma, havia uma saída?

Quando tentou se concentrar, apesar do pânico e da escuridão, enxergou uma silhueta musculosa e de baixa estatura. De modo instintivo, rolou da cama para o chão, afastando-se da figura que avançava. Mas, ao primeiro farfalhar das cobertas, uma voz sussurrou na escuridão:

- Catherine, não se preocupe, sou eu, Hernan. A voz do índio soava aflita, desesperada.

Catherine arfou aliviada, e quase sorriu.

- Hernan! O que é que você está pensando? Quer que eu morra de susto?

O despertador sobre o criado-mudo marcava 2h37 da manhã.

Antes que ela conseguisse ao menos perguntar o que se passava, Hernan, ofegante, falou:

- Silêncio! Você tem que sair daqui já.

Conforme a adrenalina diminuía, Catherine tentava entender o que acontecia.

- O quê? Por quê?

- Havia dois homens em Cuzco fazendo perguntas sobre você.

Não sei se alguém do hotel lhes disse que você estava aqui, mas temos que sair

imediatamente.

- Dois homens? Mas quem são eles?

Hernan chegou até a janela para verificar se as cortinas estavam completamente fechadas e, em seguida, acendeu o abajur na pequena escrivaninha.

- É isto que me assusta. Ninguém sabe quem são eles. Nas últimas duas noites, esses homens têm percorrido os hotéis e os albergues de Cuzco tentando descobrir quem esteve hospedado. Eles não são da polícia secreta, sei muito bem disso, embora pareçam militares. Estão tentando ser discretos, mas conheço todos em Cuzco. Estão atrás de vocês dois. Não podemos perder um minuto sequer. Mais cedo ou mais tarde eles irão à estação de trem e descobrirão que vocês pegaram o trem ontem pela manhã e saberão que estão aqui. É possível que já estejam a caminho...

Uma vez mais Catherine sentiu o já conhecido medo percorrer-lhe a espinha.

- Ai meu Deus! O que podemos fazer?

- Nós os levaremos até a fronteira com a Bolívia e desceremos até La Paz. De lá, vocês ficarão por conta própria. O mais importante é tirá-los do Peru, e logo. Dê-me suas passagens de avião. Eu mudarei as datas de embarque com um agente de viagens; isto os deixará confusos e talvez lhes dê um pouco mais de tempo. Certo?

Catherine começava a entender a gravidade da situação, então, de repente, lembrou-se do russo.

Sentando-se na cama, ela disse:

- Hernan, temos um problema.

- Qual?

- Encontramos um conhecido de Oxford.

Hernan mal podia acreditar.

- O quê? Do que você está falando?

Catherine ficou meio sem jeito.

- Olha, eu sei que parece ridículo, mas um sujeito de Oxford que também conhecia o professor veio a Machu Picchu para nos encontrar.

- Você está brincando! Parece que meio mundo está aqui em Machu Picchu. Quem é ele?

- E um cientista russo. Seu nome é Ivan Bezumov.

Ao ouvir aquele nome Hernan ficou tenso como um animal amedrontado.

- Bezumov está aqui, no hotel?

Agora era a vez de Catherine ficar horrorizada.

- Humm... Sim. Você o conhece?

Antes que ela conseguisse fazer qualquer outra pergunta, Hernan agarrou uma cadeira e a usou para calçar a maçaneta.

Virou o pescoço para trás e, com um olhar frio e cintilante, levou o dedo ao lábio pedindo-lhe que se calasse. Em seguida, da mochila que carregava Hernan tirou um revólver. Catherine estava perplexa. Ele se arrastou até a porta e, encostando o ouvido, preparou-se para ouvir atentamente. Depois que pareceu a Catherine uma eternidade, Hernan finalmente virou-se e, arrastando-se pelo quarto como um gato, agachou-se próximo a ela.

- Faça as malas agora - ele sibilou. - Qual é o quarto de James?

Em um sussurro, com a mesma urgência na voz, Catherine respondeu:

- Número vinte e três. Hernan, o que está acontecendo?

- Depois eu digo. Acredite em mim. Ivan Bezumov não é apenas um cientista. Temos que agir rápido; ele é um homem muito, muito perigoso. Você sabe em qual quarto ele está?

- Acho que está no quarto três.

- Certo. Fique aqui. Já volto.

Ainda segurando a arma na mão direita, apontada para o teto, Hernan removeu a cadeira com a mão esquerda e abriu a porta bem devagar. Catherine, apavorada, observava a cena enquanto ele se esgueirava pela porta, saindo para o breu do corredor.

35

Hernan movia-se pelo corredor como um assassino treinado em direção ao quarto de número três. Engatilhou o revólver e apoiou-se na porta, encostando o ouvido no painel de madeira.

Com um empurrão violento, usando toda sua força da compleição andina compacta e musculosa, Hernan bateu o ombro contra a porta. A frágil maçaneta não teve a menor chance. Em uma fração de segundo estava no meio do quarto com as pernas separadas e os braços esticados diante de si, apontando a arma para a cama. Mas ela estava vazia. O russo já estava longe.

Hernan praguejou em alto e bom som e travou o revólver.

Catherine, com os olhos arregalados, apareceu na porta atrás dele. Com a adrenalina baixando, de uma hora para outra Hernan sentia-se exausto.

- Catherine, sinto muito...

Ela não podia acreditar no que via, a silhueta do índio com a arma em punho.

Hernan apertou o interruptor para acender a luz e, fazendo um gesto para que Catherine entrasse no quarto de Bezumov, fechou a porta. Catherine mal continha a vontade de fazer perguntas, mas notou que seria melhor deixar que ele falasse primeiro. Aos poucos, Hernan se recompôs e, quando recobrou o fôlego, olhou para a arma meio envergonhado, e deu um sorriso tentando se desculpar.

- Ivan Bezumov não é apenas um cientista. Foi o que Miguel e o professor descobriram após sua última visita. Ele é um ex-coronel da inteligência naval russa. Enganou a todos nós. É

um homem perigoso, e também muito inteligente. A razão de eles terem levado tanto tempo para descobrir sua verdadeira identidade se deve ao fato de Bezumov ser uma autoridade mundial em sítios arqueológicos antigos, geologia ártica, pré-

história e muitas outras coisas - Hernan prendeu a arma no cinto do *jeans.* - Este

russo afastou-se das ruínas da União Soviética com um sonho, que fora alimentado pelos cientistas durante toda uma geração: utilizar as energias naturais da Terra, as estrondosas correntes eletromagnéticas que fluem do Sol para o nosso planeta. *Wave machines4* e a energia eólica não são nada comparadas a algumas das idéias que esses cientistas russos tiveram. Eles queriam usar o movimento de rotação da própria Terra para criar enormes quantidades de eletricidade gratuita que pudesse ser usada para a finalidade que bem entendessem. Bezumov estava convencido de que a humanidade já usara essa energia poderosíssima. Seu desejo é redescobrir como isso foi feito e então tornar-se o mestre dessas quantidades assombrosas de energia solar.

- Mas isto é simplesmente incrível! - Catherine exclamou.

- Sim, parece loucura. Mas, na verdade, o professor Kent pensou que tivesse mesmo descoberto alguma coisa. Só que ele, como você sabe, acreditava que toda tecnologia leva 4 Dispositivos para a exploração da energia das ondas e das marés. (N. T.) inevitavelmente à degradação da natureza. Ele pensava que os planos de Bezumov para usar essas novas formas de energia seriam muito piores do que nossas tentativas de utilizar combustíveis fósseis ou energia nuclear. Se a humanidade começasse a mexer com a rotação do planeta ou com o enorme fluxo de energia indo e vindo do Sol, os resultados poderiam ser realmente catastróficos.

Catherine ficou de queixo caído. Ela imaginou o lindo planeta azul flutuando majestoso na infinita noite do espaço sideral.

Uma delicada bola repleta de vida, talvez sozinha na infinitude da escuridão, explodindo em bilhões de fragmentos, estraçalhando-se como um espelho, desaparecendo para sempre.

- Temos que detê-lo.

- Você tem toda razão. Bezumov é um megalomaníaco, e fará qualquer coisa para conseguir o que quer. Mas, agora, estou mais preocupado com sua segurança. Temos que sair daqui.

Bezumov não é a única pessoa no Peru interessada em saber onde você está.

TERCEIRA PARTE

36

Eram 7h30 da manhã de sexta-feira em um edifício anônimo no coração financeiro da cidade de Nova York. O secretário Miller estava sentado à mesa de reuniões, acompanhado de dez outros homens bem vestidos, oriundos de diversos países.

- Senhores, muito obrigado pela presteza e lealdade à causa ao longo dos últimos anos. Esta será nossa derradeira reunião matinal; na verdade, será esta a última oportunidade de nos encontrarmos. Agora faltam apenas setenta e duas horas até a aurora do equinócio da primavera. Façamos uma breve recapitulação.

O secretário tirou um par de óculos para leitura do bolso do paletó e, colocando-os, voltou os olhos para a pilha do papel diante de si sobre a mesa. Os onze homens sentados ao redor da mesa aguardavam em silêncio. Quem os visse poderia apostar que eram executivos abastados beirando os 60 anos; tal como o secretário, eram a encarnação da autoridade e da inteligência. Olhando por sobre os óculos, o secretário Miller começou a falar:

- Muito bem, o Oriente Médio está sob a responsabilidade do senador Kurtz e do Conselho. Então, comecemos com o Japão

- e apontou para três orientais sentados na extremidade da mesa.

O delegado japonês meneou a cabeça com discrição:

- Secretário, como o senhor deve saber, o Banco Central Japonês está nas mãos da Corporação desde a Segunda Guerra. Na segunda-feira pela manhã, quando a quebradeira mundial estourar, o banco, ao contrário do que reza a política oficial, transformará todas as ações em dinheiro e venderá todos os ativos estrangeiros e domésticos. O golpe será fatal.

Não haverá nenhuma possibilidade de o mercado se recuperar.

Além disso, o Conselho se comprometeu a eliminar qualquer vestígio de liquidez que possa haver - o homem fez um gesto com a cabeça cumprimentando a todos e sentou-se novamente.

O secretário virou-se para um chinês sentado à sua esquerda.

O oriental meneou a cabeça e começou a falar:

- Secretário, o procedimento adotado pelo Japão, juntamente com a liquidação a ser engendrada pelo Conselho, causará uma crise bancária na China, resultando na dissolução dos mercados financeiros. Mais de duzentos milhões de pessoas ficarão desempregadas da noite para o dia nas principais cidades industrializadas. Haverá uma enorme comoção social e, dez dias depois, nossa moeda perderá seu valor. Nossos agentes militares chineses desenvolveram os planos para uma invasão conjunta à península coreana e Taiwan. Temos plena certeza de que o governo, numa tentativa de distrair as legiões de desempregados, seguirá em frente com esses planos. Já sabemos, por intermédio de nossos irmãos norte-americanos, que a Marinha dos Estados Unidos também atacará o continente a partir de sua esquadra de submarinos nucleares antes de organizar as contra-invasões de Taiwan e da Coréia.

Com a China cambaleando, o caminho ficará livre para a Corporação.

O secretário balançou a cabeça em sinal de aprovação, tendo a sua frente o delegado da Indonésia encarando-o.

- Ao primeiro sinal de ataque dos Estados Unidos a Marinha indonésia colocará minas ao longo do Estreito de Málaga, a rota de comércio mais movimentada do mundo, que afundará qualquer embarcação que tentar atravessá-lo, paralisando assim o comércio internacional. Todas as importações de alimento serão suspensas. Prevemos uma comoção social revolucionária no prazo de uma semana, seguida de uma invasão maciça da Malásia e Austrália.

O secretário voltou os olhos para os sete delegados restantes: um africano, dois asiáticos, e quatro caucasianos:

- Quem falará pela Eurásia e pela África hoje?

Um inglês de rosto magro e pálido, com ar de agente funerário, fez um sinal com a cabeça dirigindo-se ao secretário Miller, indicando que seria o próximo a falar:

- A quebradeira mundial terá início com nossos agentes liderando a liquidação. Nem o Banco Central Europeu nem o Banco da Inglaterra apoiarão o mercado, garantindo que o pânico se espalhe. Ademais, haverá explosão de bombas em

todas as capitais da Europa. A infra-estrutura petrolífera européia, e particularmente a russa, serão destruídas.

Entretanto, isto será feito de modo tal que, quando a Corporação tomar o poder, elas poderão ser reabilitadas em pouco tempo - o inglês fez uma pausa, e continuou: - Na segunda-feira, pouco antes da meia-noite, do lado de fora da residência do primeiro-ministro indiano, será acionado um dispositivo com força suficiente para matá-lo e a sua família.

Um grupo islâmico da Caxemira, criado por nós, assumirá a responsabilidade pelo atentado, envolvendo índia e Paquistão numa longa guerra. Enquanto isso, também podemos trazer para o nosso lado um delta nigeriano em plena guerra civil. Já faz algum tempo que municiamos e financiamos três milícias rebeldes. Não haverá mais exportações de petróleo para aquela região. A fome e a guerra grassarão pelo continente.

- Ótimo - declarou o secretário. - Estarei à frente da coordenação nos Estados Unidos, ao lado dos membros do Conselho. O próprio senador Kurtz lhes enviará as ordens finais, na qualidade de atual representante do Conselho, mas estou plenamente convencido de que todos os códigos estão absolutamente claros para vocês, e que não haverá erros. Faz muito tempo que esperamos por esse dia...

Os homens reunidos concordaram solenemente, acenando com a cabeça, antes que o secretário moderasse o tom de voz, de repente ficando mais cauteloso.

- Senhores, creio ser desnecessário ressaltar que não deve haver dissidências em relação aos nossos planos. A seqüência de acontecimentos é crucial para seu sucesso definitivo. Nada, repito, nada deverá acontecer até o senador dar as ordens. Não ajam até que ele lhes tenha dado a instrução final. Restou alguma dúvida?

Ouviu-se um murmúrio de assentimento.

O secretário juntou os papéis e em seguida se levantou:

- Obrigado, senhores, e boa sorte. Seus filhos e netos lerão sobre vocês nos livros de história. Uma nova ordem mundial surgirá das cinzas do passado. Vida longa à Corporação.

Quando a reunião terminou e os delegados passaram a desocupar a sala, o secretário Miller retornou à sua cadeira e esperou que seu assistente de maior confiança, o agente Dixon, fechasse a porta. Então, fez um gesto para que Dixon se sentasse.

O jovem agente sentou-se e pôs uma pilha de papéis sobre a mesa.

- Senhor, fiz a pesquisa sobre o senador.

- Pode falar, Dixon. Estamos sós.

O agente estava realmente desconfortável. Fazia parte de sua rotina investigar os segredos das pessoas de acordo com as instruções do secretário, mas aquela era a primeira vez que ele tivera de pesquisar um dos membros do Conselho.

- Senhor, parece que o senador Kurtz é membro, desde o nascimento, de uma igreja evangélica consideravelmente radical, chamada Igreja da Verdade Revelada, cuja sede fica em seu distrito eleitoral. Tanto seu pai quanto sua mãe indicaram diversas gerações de ministros para a igreja.

O agente Dixon fez uma pausa para ver se o que dizia estava de acordo com as expectativas do secretário Miller, que apenas fez um sinal com a cabeça indicando que ele prosseguisse.

- O senador não divulga o fato de ser ligado à Igreja da Verdade Revelada, embora o admita quando lhe perguntam.

Fora essas ocasiões, refere-se a si mesmo simplesmente como

"um cristão comprometido". Entretanto, a maior parte dos cristãos evangélicos considera que os dogmas da igreja são muito radicais.

Os olhos do secretário brilharam:

- O que, por exemplo? - ele perguntou, ansioso.

O agente Dixon respirou fundo.

- Senhor, veja, parece que a Igreja da Verdade Revelada acredita piamente no Armagedon. Eles aguardam o fim do mundo. Na verdade, trabalham ativamente

para que isto aconteça. Eles acreditam literalmente no que diz o *Livro das Revelações.* Quando o fim dos dias chegar, os fiéis da igreja subirão ao céu, deixando o resto de nós para trás para que participemos da carnificina causada pela última batalha entre o bem o mal.

O secretário endireitou-se na cadeira. Por um momento, teve dificuldade de respirar. Não era possível que o Conselho tivesse conhecimento das verdadeiras intenções de Kurtz.

Embora estivessem trabalhando com vistas a causar uma destruição e um caos globais, uma coisa era certa: a Corporação não queria causar danos irreparáveis. Tudo o que desejava era alterar o equilíbrio do poder em causa própria.

Miller percebeu que Dixon esperava uma resposta e lançavalhe um olhar cheio de ansiedade. Tratando de se recompor, decidiu que era chegada a hora de agir.

- Obrigada, agente Dixon. Como sempre, você fez um trabalho exemplar. Estou certo de que não preciso lhe dizer que mantenha absoluto sigilo dessas informações. Por favor, apronte meu carro. Estarei lá em cima cinco minutos.

Assim que Dixon saiu, o secretário Miller pôs-se de pé e caminhou até o armário de madeira que ficava no canto da sala. Tirando uma chave do bolso, destrancou as portas e girou rapidamente o segredo do cofre. Ouviu-se o estalo das travas e a porta com dez centímetros de espessura se abriu.

Pôs a mão dentro do cofre e retirou um simples envelope marrom. Dobrando-o uma vez, colocou-o no bolso interno do paletó antes de fechar e trancar o cofre.

Seu coração estava aos pulos. Ele ajeitou o cabelo, com o suor escorrendo-lhe pelas têmporas. Enquanto ajustava o paletó, balançou a cabeça num gesto de negação, custando a acreditar na imprudência dos próprios atos. Se alguém descobrisse, ou mesmo suspeitasse do que estava fazendo, ele não chegaria vivo ao fim do dia. Na verdade, por mais triste que fosse, teria de se livrar do agente Dixon. Graças ao caráter meticuloso de seu trabalho, o jovem agora representava um risco em potencial.

O secretário Miller caminhou a passos largos até a porta e tocou a maçaneta. A situação era desanimadora. O que o consolava era saber que ao menos, a esta altura, os dois acadêmicos estavam mortos.

37

Hernan já estava dirigindo há quatro horas, desesperado para conduzir seus passageiros com segurança à fronteira boliviana antes que fosse tarde demais. Rutherford e Catherine passaram pela extremidade sul do magnífico lago Titicaca e ficaram encantados com o tamanho. De onde quer se estivesse, era possível avistar os picos dos Andes, alguns envoltos em nuvens, outros claramente visíveis contra um céu azul de tirar o fôlego. Na beira do lago, a vegetação era escassa. Eles estavam muito acima da linha das árvores; o solo pobre e o frio quase constante não proporcionavam o melhor dos ambientes para nada mais além da vegetação mais resistente própria das montanhas. Hernan chamou a atenção dos amigos para as conchas na margem e a extensa marca esverdeada deixada pela maré que manchara a beira dos penhascos, evidências de que uma grande inundação atingira o platô andino, que se localiza a três mil e duzentos metros acima do nível do mar.

Continuaram viajando a toda velocidade até chegarem à famosa cidadela de pedra em ruínas, conhecida como Tiahuanaca, a cidade perdida entre as nuvens.

Hernan conduziu o veículo a um local de parada à margem da moderna estrada que passa pela cidade antiga e desligou o motor. À frente, a apenas uma hora de viagem, ficava o local que representava a segurança: a Bolívia. Na planície ao lado, as ruínas daquilo que um dia havia sido uma cidade imensa sumiam na distância. Enormes construções de pedra desmanteladas se alastravam pela paisagem e montes de terra de proporções colossais mantinham-se ali como prova de um sacerdócio que há muito deixara de existir.

- Eu queria ver este local, nem que fosse por um minuto. É

nosso local mais sagrado. No meio desta cidade em ruínas está enterrado um templo, dentro dele há um pilar de rocha vermelha com a escultura de um homem com barba. Quem quer que seja esse homem, uma coisa é certa: ele não era inca.

Rutherford virou-se e olhou surpreso para Hernan:

- Quantos índios com barba você viu no Peru?

Catherine balançou a cabeça lentamente.

- A escultura representa Viracocha, certo?

- Sim! Há entalhes dele espalhados por toda esta cidade antiga. Algumas das imagens o retratam com elefantes e cavalos, mas não temos elefantes na América do Sul há quase 10 mil anos. A maior estátua apresenta Viracocha como uma espécie de sereia. Da cintura para cima é humano, mas da cintura para baixo está coberto de escamas. Ele veste um tipo de manto feito de escamas de peixe.

Rutherford estava intrigado, sua cabeça dava voltas.

- Espere um pouco! Já vi aquela figura antes!

Hernan parecia confuso. Rutherford voltou-se para ele e para Catherine com uma expressão de quem descobrira algo precioso. Emocionado, ele disse:

- Vocês sabem alguma coisa sobre mitologia mesopotâmica?

Os caldeus, a civilização mais antiga de que se tem registro no mundo?

Hernan e Catherine fizeram que não com a cabeça.

- Há um semideus chamado Oannes. Ele se assemelha a um homem, mas veste roupas de peixe e é parcialmente anfíbio e ensina os povos selvagens a ler e escrever, a lavrar a terra e a criar uma administração racional e civilizada. Por fim, ele parte e desaparece ao longo da superfície do mar.

Catherine estava boquiaberta.

- Mas isto é incrível! É a história de Osíris mais uma vez.

- E isto não é tudo! Você se lembra dos maias, dos astecas e das outras civilizações da América Central?

Catherine tinha uma vaga lembrança dos astecas com suas pirâmides e sua adoração ao sol. Encolheu os ombros e fez sinal para que Rutherford prosseguisse.

- Os maias acreditavam em uma figura chamada Kukulkan, "a serpente alada";

os astecas, em Quetzacoatl, a serpente emplumada, a mesma figura, com o nome ligeiramente diferente. Uma divindade com barba e pele branca que aparentemente chagara ao México cruzando o mar num passado distante. Ele ensinou às pessoas as artes da civiliza-

ção. Deve ser o mesmo homem. Ele desapareceu no mar a bordo de um bote... A razão de Cortes, o líder da pequena força invasora espanhola, não ter sido morto de imediato ao desembarcar foi porque Montezuma, o rei dos astecas, pensou que devido à pele branca e à barba devia ser Quetzalcoatl que retornava.

Catherine ficava cada vez mais espantada:

- Isto é extraordinário. Agora temos quatro aparições desses estranhos homens de barba branca ocorridas em diversas partes do mundo.

Hernan balançava a cabeça demonstrando estar muito impressionado.

- E há uma prova ainda mais importante aqui - disse ele. - A de que Viracocha viveu antes do nascimento da história.

Algum de vocês sabe algo sobre o alinhamento das estrelas relacionado aos antigos monumentos e sobre como, usando modernos programas de computador, as datas originais podem ser calculadas?

Catherine e Rutherford negaram com um balançar da cabeça.

- Bem, todas as pedras e estátuas de Tiahuanaca se alinham perfeitamente a uma data do passado. Muitos astrônomos e arqueo-astrônomos verificaram isto e é incontestável...

Catherine interrompeu o índio, desesperada para saber:

- Que data é esta?

- Quinze mil a.C.

Os três se calaram, como se contemplassem a idéia desses povos pré-históricos, muito à frente de seu tempo, trabalhando sem parar, com grande inteligência e uma energia prodigiosa, para criar aquele local impressionante que agora tinham diante de si. Catherine voltou-se para os dois homens:

- Mas isto não nos ajuda a entender por que o professor pensou que estávamos sendo alertados. E o mais importante de tudo, não nos ajuda a entender por que há forças tão determinadas a manter escondido este conhecimento, tanto, que estão dispostas até a matar pessoas inocentes.

Rutherford e Hernan estavam igualmente confusos. Então, lançando um olhar ansioso para um lado e para o outro, Hernan girou a chave na ignição, e o motor voltou a roncar.

- Não podemos perder nem mais um minuto sequer - disse ele.

- Eu os levarei aos índios aymara, que moram na fronteira.

Toda a terra localizada nesta região, em ambos os lados da fronteira, lhes pertence. Eles lhes fornecerão um visto falso de turistas bolivianos e os levarão a La Paz. Com a ajuda deles vocês sairão vivos daqui.

38

O senador Kurtz desceu do helicóptero mergulhando no resplandecente sol da tarde. Abaixando-se sob as pás do rotor, atravessou apressadamente o heliporto e chegou ao enorme gramado junto à sede da Igreja da Verdade Revelada.

Quando o helicóptero levantou vôo novamente, o senador não conseguiu se conter e sorriu. Não havia quase nenhuma nuvem no céu, o ar estava fresco e limpo, e este, de todos os lugares da terra, era o seu preferido. Que alívio estar longe da agitação de Washington D.C. e das pressões do trabalho na Corporação. Mas tudo aquilo valeria a pena. Dentro de muito pouco tempo as profecias do *Livro das Revelações* se cumpririam e ele estaria entre as poucas almas que ascenderiam para escapar à tormenta que seria infligida ao resto da humanidade...

Centro e trinta metros à frente, os edifícios da Igreja da Verdade Revelada, recém-construídos, se erguiam em todo seu esplendor, com as janelas cintilando à luz do sol.

Enquanto o senador cruzava o gramado, tentava conter um certo orgulho. Grande parte do aumento na renda da igreja nos últimos anos, que chegava a centenas de milhares de dólares ao ano atualmente, se devia a ele.

O estúdio de televisão, localizado no centro do complexo, era o coração da igreja. Tinha a forma de um anfiteatro grego com os assentos organizados em forma de ferradura erguendo-se de todos os lados e um pódio central onde o pregador podia ficar, aumentando a intensidade e o clima da ocasião.

Transmitiam-se cultos fervorosos para toda a nação, faziam-se pedidos de doações e contavam-se, em primeira mão, histórias de como a igreja mudara a vida das pessoas. Tudo isso assistido por uma platéia de fiéis em êxtase.

O senador Kurtz passou apressado pela recepcionista sorridente e seguiu pelo labirinto de corredores até chegar a uma sala de espera palaciana. Carpetes espessos e mobília de couro proporcionavam a mesma sensação de conforto de um hotel cinco estrelas. O ar-condicionado zumbia tranqüilamente. O único traço de religiosidade, na verdade, o único item de decoração existente nas paredes espartanas, era uma simples cruz de madeira pendurada ao lado de uma

porta fechada no fundo da sala. Na placa de identificação acima dela lia-se "Reverendo Jim White". Sem hesitar, o senador cruzou a sala e bateu com força na porta. Um segundo depois ouviu-se uma saudação rude grunhida vinda de lá de dentro:

- Entre!

O sotaque era texano, a voz, enérgica.

O senador Kurtz abriu a porta e pisou na sala. A figura beligerante do Reverendo saudou-o com um urro de satisfação.

O Reverendo Jim White era um homem baixo, de compleição forte, na casa dos cinqüenta e poucos anos, com o nariz achatado como o de um boxer e a testa impetuosa.

- Senador! Que bela surpresa. Eu não esperava vê-lo até amanhã - o Reverendo levantou-se da cadeira e avançou, contornando a escrivaninha, a voz texana ribombante enchendo a sala.

O senador agarrou-lhe o braço esticado e o dois homens apertaram-se as mãos calorosamente e em seguida se abraçaram. O Reverendo se dirigia ao senador Kurtz por seu título político mais como uma brincadeira carinhosa do que por qualquer outra razão. Eles se conheciam desde crianças.

Juntos haviam planejado a transformação da igreja, que passara de uma seita obscura a uma força importante no movimento evangélico. Juntos, tinham trilhado um caminho longo e árduo e, por meio da força da fé e do puro carisma, haviam convencido milhares de norte-americanos comuns a segui-los.

O senador Kurtz deu um passo para trás e olhou o amigo de cima a baixo.

- É muito bem vê-lo, Jim. Você parece muito bem. Está usando a piscina como lhe recomendei?

O Reverendo riu à solta.

- Ah! Quando tenho tempo, quando tenho tempo. Temos tido tanta coisa para fazer, gravar programas, transmiti-los, apresentar novos membros... mal sobra tempo para pensar.

Mas, sente-se. Quero ouvir tudo.

Os dois homens caminharam até um par de poltronas que ficavam uma de frente para a outra e entre elas uma mesa de centro. A expressão jovial do Reverendo de repente ficou séria e ele agarrou o queixo com a mão direita.

- Então, o que é que você conta? Estamos quase lá?

O senador Kurtz balançou a cabeça com gravidade, indicando que sim, enquanto lenta e deliberadamente dava as notícias.

- Jim, creio que conseguimos.

O rosto do Reverendo voltou a iluminar-se. Não cabia em si de tanto contentamento.

- Não diga! Você acha mesmo que o momento final está próximo?

- Sim, Jim, está. Não vejo de que modo poderíamos ser detidos. As coisas não podiam estar caminhando melhor. As heresias perigosas do professor inglês foram apagadas da história. E os planos para a tomada de poder por parte da Corporação estão avançando. Estive na reunião do Conselho.

Faltam apenas alguns dias para o Armagedon.

Os olhos do Reverendo Jim White saltaram das órbitas.

Finalmente, depois de tanto esforço e luta, tudo indicava estarem a um passo de realizar o sonho que acalentavam havia tanto tempo. O senador prosseguiu:

- Voarei diretamente para minha base, no Cairo. Já combinei tudo com nossos agentes em Israel, eles estão prontos. Já contrabandeamos um mini-dispositivo termonuclear para o santuário muçulmano da mesquita de Al-Aqsa em Jerusalém.

Ele deverá ser detonado paralelamente à crise global deflagrada pela Corporação. Como você sabe, nossos agentes já plantaram minas no Muro das Lamentações por meio da rede de esgotos romana desativada. Quando a parede estiver reduzida a pó, a força aérea receberá ordens dos israelenses para que bombardeiem

Meca imediatamente. O Oriente Médio ficará cercado de chamas. Estou certo de que Israel lançará mão de armas nucleares, e estimo que haverá mais de 100 mil mortes durante os primeiros dias. Tudo isso acontecerá sob as minhas ordens na segunda-feira pela manhã, na aurora do equinócio da primavera.

O pregador levantou-se e, com a mão direita aberta e os dedos esticados, ergueu as mãos para o teto da luxuosa sala. Os olhos brilhavam marejados pela emoção. Com sua voz tonitruante gritou, extravasando a alegria delirante que sentia: Glória ao Senhor!

39

Eram 7h35 no Hotel Ruínas, em Machu Picchu, quando um carro japonês novo em folha brecou cantando os pneus em frente à entrada. Destoando muito dos camponeses andinos maltrapilhos e do majestoso pano de fundo das montanhas, o assassino do professor Kent e seu cúmplice mais jovem saíram do veículo pisando no adro poeirento do hotel.

Os dois homens, sem desperdiçar sequer um minuto, dirigiram-se apressadamente ao saguão do hotel. Atrás da mesa da recepção havia um senhor idoso, e no canto da sala uma índia limpava o chão. Tanto o recepcionista quanto a faxineira olharam surpresos para os dois homens. Não era comum ver pessoas vestindo ternos e dirigindo carros novos em Machu Picchu e, em todo caso, todos no Peru, da criança mais nova ao velho mais idoso e definhado, sabiam que a melhor coisa a fazer era ficar bem longe desse tipo de gente.

A mulher idosa apoiou o esfregão na parede e escapuliu pelo corredor.

O assassino dirigiu-se ao cúmplice. A voz era gutural e cheia de traços de frustração e revolta:

- Ouça o que digo. Nós os perdemos...

O cúmplice parecia preocupado. Ele caminhou até a mesa da recepção e ordenou, com rispidez, ao recepcionista:

- Quero ver os registros de ontem à noite. Ande...

O velho, com o semblante aterrorizado, atrapalhava-se com o livro de reservas encadernado de couro, os dedos retorcidos tentando abri-lo na página desejada.

- Dá isso aqui, seu velho tonto.

O jovem arrancou o livro das mãos do recepcionista e começou a virar as páginas. Segundos depois, corria os dedos pelos nomes de dois dos hóspedes, Donovan e Rutherford.

Proferindo uma palavra de baixíssimo calão, ergueu os olhos.

- *Ok viejo, para onde eles foram? Donde están los gringos?*

Os olhos do velho recepcionista, arregalados, demonstravam que tinha medo e que não entendia o que estava acontecendo.

Afastou-se da mesa e passou pelo vão de uma porta. O jovem pulou o balcão da recepção e o seguiu, entrando no cômodo atrás do saguão. Tomado de pavor, o velho encolheu-se na parede da pequena sala e começou a resmungar coisas incompreensíveis num dialeto índio. O jovem saíra do sério, e começou a gritar:

- Onde estão Donovan e Rutherford? *Donde están* Donovan e Rutherford?

O recepcionista estava de joelhos, protegendo o rosto com as mãos, como se esperasse receber uma pancada. Num inglês precário, deixou escapar:

- *Señor,* o casal de estrangeiros partiu no meio da noite.

- Para onde? Para onde eles foram?

- Para a estrada que leva à Bolívia.

O jovem endureceu a voz e agarrou o recepcionista pelo cangote.

- Eles estavam sozinhos? Com quem estavam?

- Sim, senhor... Sim, senhor. Eles estavam com um amigo, alguém que já esteve aqui antes. O *señor* Flores.

O assassino agora juntara as coisas. Ao falar, sua boca se retorcia, tamanha sua revolta.

- Eles sabem que estão sendo seguidos. Temos que agir logo.

O bandido mais jovem jogou o velho recepcionista no chão e os dois homens saíram apressados do hotel.

40

Depois de Catherine e Rutherford descerem do carro na fronteira da Bolívia e esticarem as pernas, Hernan apontou para além da cabana que fazia o controle da travessia da fronteira, na direção de um único veículo de quatro rodas parado logo após a fronteira.

- Lá está sua carona. Não demorará muito e vocês estarão em La Paz. O nome do motorista é Quitte. Ele não fala uma palavra de inglês, mas os levará à casa da família em La Paz.

De lá vocês podem planejar uma partida segura.

Hernan pôs as mãos em forma de concha ao redor da boca e gritou na direção do veículo estacionado:

- *Hola, Quitte, estoy aqui com mis amigos. Vámonos!*

A porta do lado do motorista se abriu e do carro saiu um índio baixo e sorridente. Ele acenou e Hernan lhe acenou de volta.

Em seguida, Hernan dirigiu-se aos amigos pela última vez.

Seus olhos brilhavam, e cada músculo e cada fibra do seu corpo pareciam instá-los a ir em frente, desejando que tivessem sucesso em sua busca.

- Meus amigos, boa sorte - ele encarou Catherine com seu olhar penetrante. - E tenham cuidado.

Catherine sentiu um nó na garganta. Tinha a sensação de que algo terrível estava para acontecer.

- Você não pode nos acompanhar a La Paz, ficar escondido por alguns dias?

Hernan sorriu e sacudiu a cabeça em sinal de negação.

- Não, Catherine. Tenho que voltar para a minha família, ainda estamos de luto, tenho que ficar com eles.

Eles se abraçaram, e Catherine afastou-se com os olhos marejados. Rutherford apertou a mão de Hernan calorosamente.

- Obrigada por tudo. Prometo que faremos tudo que pudermos para desvendar este mistério por Miguel e pelo professor.

Traremos a verdade à tona e deteremos Ivan Bezumov.

Hernan inclinou-se para a frente e abraçou o inglês.

-James, cuide de você e dessa bela mulher.

James abraçou o índio atarracado e em seguida se separaram, pela última vez.

41

No interior do edifício da Sotheby's, na York Avenue, no escritório do negociante de obras de arte em Manhattan conhecido em todo o mundo, uma mulher atraente, jovem e bem vestida conduzia o secretário Miller a uma sala escura e sem janelas. Tateando a moldura da porta com as unhas impecavelmente feitas, ela encontrou o interruptor de luz e a sala surgiu da escuridão.

- Esta é a sala de mapas. Como o senhor pode ver, não há janelas, portanto, não existe possibilidade de que a luz natural venha a danificar sua peça. Por favor, sente-se. Nas paredes estão algumas das peças de nossa coleção que podem interessá-lo. O sr. Silver logo estará aqui.

O secretário correu os olhos pela sala grande e elegante. Havia uma mesa de conferências no centro, rodeada por cadeiras de couro. Acima da mesa, presa ao teto, ficava uma luz para análise técnica que podia ser elevada e abaixada em qualquer direção. As paredes eram decoradas com mapas emoldurados.

A jovem mulher prosseguiu:

- Aquele ali é o mapa original feito por Cristóvão Colombo sobre sua primeira viagem à América. Seu valor é inestimável, e esta é a razão de ele estar protegido atrás de um vidro à prova de balas com uma moldura de aço inoxidável incorporada à estrutura do edifício - ela deu um sorriso largo.

- O senhor aceita alguma coisa? Chá ou café?

O secretário Miller grunhiu uma resposta:

- Não, obrigado. Como disse, não sou um especialista, e acredito que minha peça é uma cópia, não um original. Tudo que preciso é da identificação.

Naquele momento, a jovem, que ainda estava de pé à porta, virou-se:

- Ah! Aqui está ele.

Byron Silver, considerado a autoridade mundial em cartografia antiga, entrou na sala. Devia ter seus cinqüenta e tantos anos, mas aparentava mais idade. Vestia

um terno de três peças em risca de giz e era quase careca. O rosto fino e pálido retratava os muitos anos passados na penumbra em antigas bibliotecas estudando mapas e manuscritos. Ele estendeu a mão ao secretário:

- Olá. Você deve ser o senhor Miller.

- Sim. Obrigado por vir me encontrar assim, tão em cima da hora, senhor Silver.

O antiquário sorriu com adulação, sua voz refinada era suave como seda.

- Não há nenhum problema nisso. Para alguém que reconhece o valor de meu conhecimento e tem condições de pagar tão bem quanto o senhor, fico satisfeito em trabalhar mediante um chamado feito com tão pouca antecedência.

A jovem deixou a sala, fechando a porta com discrição atrás de si. Silver fez um gesto apontando a mesa:

- Podemos começar? É inútil manter a cerimônia.

O secretário Miller caminhou até a mesa, pôs a mão no bolso do paletó e retirou o envelope marrom. Com todo cuidado, abriu-o, puxou uma única folha e colocou-a sobre a mesa.

Silver franziu o cenho. Buscou no bolso um par de óculos dobráveis, pondo-os na ponta do nariz. Em seguida, alcançou, ligou e posicionou a luz acima do mapa. O secretário Miller observava-o como uma águia, desesperado para obter algum sinal de reconhecimento. Passado um minuto, Silver ergueu os olhos e tirou os óculos.

- Então, você sabe o que é isso?

Silver balançou a cabeça afirmando que sabia muito bem do que se tratava.

- Sim. É uma cópia do mapa de Piri Reis. O *senhor* sabe o que significa isto?

O secretário sacudiu a cabeça com irritação, e Silver prosseguiu:

- É um mapa feito por um almirante turco, chamado Piri Reis, da Idade Média. E baseado em mapas antigos, muito mais antigos, ou assim diz ele, cuja intenção era auxiliar os turcos em suas navegações, caso viessem a navegar pelos mares

do sul.

O secretário Miller estava perdido. Que raios significava aquilo? Por que o senador queria o professor morto, e por que pedira que o mapa fosse destruído?

Byron Silver, entretanto, estava empenhado na tarefa.

- Ele mapeia a porção territorial da Antártida, mostrando-a livre de gelo. Em conseqüência disso, este mapa é uma peça de antiquário, um item de colecionador.

- O senhor quer dizer que mapeia a Antártida *com precisão*?

Como isto é possível? Corrija-me se eu estiver errado. Mas aquele lugar não está enterrado debaixo de gelo?

Byron Silver sorriu.

- Bem, ninguém sabe. Mas esta é a razão de o mapa ser valioso. Isto é, além e acima de seu valor histórico. Os colecionadores adoram peças que tenham uma qualidade misteriosa. Sempre que temos a sorte de ter em nossas casas artefatos estranhos como o mapa de Piri Reis, ficamos sempre muito interessados.

Byron Silver estendeu a mão para apagar a luz e, quase sem perceber, acrescentou:

- É claro, também recebemos muitas reclamações de nossos clientes que têm, como posso dizer, uma inclinação religiosa das mais prosaicas.

O secretário Miller ficou petrificado.

Byron Silver virou-se rapidamente para ele, percebendo claramente a tensão na voz do cliente.

- Bem, só quero dizer que há pessoas que não aprovam os artefatos que questionam o relato bíblico do passado.

O sangue do secretário Miller gelou nas veias. Olhou horrorizado para o mapa. Então, o professor jamais representara um perigo à Corporação. Estava claro que o senador usara a rede de agentes da Corporação para seus próprios objetivos.

Isto jamais acontecera antes. Seria possível que o secretário Miller agora tivesse se tornado apenas um instrumento nos planos do senador? Estaria toda a Corporação a caminho de ser seqüestrada para promover suas finalidades religiosas?

O secretário Miller não podia descartar a possibilidade, mas tinha de avaliar a situação. A ordem de prosseguir com os planos na segunda-feira já fora dada, e ele ainda teria de cumprir sua parte.

Ele desafiaria o senador cara a cara antes disto. Mas escolheria o momento com sabedoria, ou em muito pouco tempo também teria o mesmo fim dado ao professor Kent.

42

Quando o carro desceu a estrada vertiginosa e cheia de curvas do Altiplano que leva à capital boliviana, Catherine e Rutherford estavam mergulhados em pensamentos. Quitte, sorridente e cheio de energia, dirigia com habilidade e a toda velocidade.

Catherine observava as vastas paisagens dos vales e os picos das montanhas, sempre pensando no professor, imaginando o que ele teria feito nessa altura dos acontecimentos. Ele sentia muito sua falta. Falta de sua circunspecção e de sua delicadeza. Rutherford, que estivera meditando em silêncio por algum tempo, admirava o cenário andino espetacular.

Com o cenho franzido, corria os olhos, através da janela, pela paisagem como se esperasse encontrar as respostas ali. Então, de repente, dirigiu-se a Catherine.

- Você conhece a história de Gilgamesh?

Os dois entreolharam-se. Rutherford ergueu as sobrancelhas, esperando que sim, mas Catherine sacudiu a cabeça dizendo que não. Ele mudou de posição para que pudesse vê-la melhor.

- É a base para a história bíblica de Noé. O primeiro registro que temos dela está em inscrições cuneiformes que datam mais ou menos de 2.000 a.C. Mas deve ser anterior à sua origem. Gilgamesh era o rei de Uruk na Suméria, e relata como conheceu um rei chamado Utnapishtim, que estivera vivo antes do dilúvio. Utnapishtim fora alertado por um dos deuses de que o dilúvio estava próximo. Ele, então, construiu uma nau, embarcou diferentes tipos de animais e todos os tipos de sementes. Houve uma grande tempestade e nada restou além de água. Utnapishtim libertou uma pomba...

Catherine interpôs:

- Mas isto é ridículo. Quero dizer, os autores do Velho Testamento simplesmente pegaram toda a história...

- E por que não? É uma boa história. Podemos partir do princípio de que Utnapishtim era um símbolo, uma única figura representando todos aqueles que

sobreviveram ao dilúvio. Do contrário, a raça humana jamais teria voltado ao tamanho que tem atualmente. Esses mitos correspondem aos relatos feitos em primeira mão relacionados a um cataclismo que quase destruiu todos os nossos ancestrais. A humanidade quase desapareceu.

- Nossa! Esta é uma concepção e tanto.

- Sim, mas é a única razão de esta história assustadora poder estar no centro de tantas culturas. É nossa memória compartilhada... Há muitas outras descrições de destruição que envolvem terremotos, fogo e frio, e eles parecem coincidir com as histórias de dilúvios. As escrituras zoroastras, por exemplo.

Catherine franziu o cenho.

- Os zoroastras? Quem são eles?

- Eles são os seguidores do profeta Zoroastro, ou Zaratustra, como também é conhecido. Eles ainda existem, embora haja apenas alguns milhares ainda vivos, principalmente em Bombaim, na Índia. Dizem que Deus fez uma revelação a Zoroastro...

Catherine fez um paralelo:

- Então, ele corresponde a Maomé para os muçulmanos, ou Moisés para os judeus?

- Sim. Só que Zaratustra é mais antigo. Ele viveu por volta de 2.000 a.C. Os zoroastras, que crêem que seu povo nasceu no norte da Rússia, acreditam que um dia o demônio decidiu destruir Airyana Vaejo, o Éden Zoroastra, localizado em alguma parte da Sibéria. Em vez de inundá-la, ele a congelou.

As escrituras falam de como a terra um dia bela foi coberta de neve e gelo e mergulhou num inverno perene.

Catherine ouviu com interesse.

- Este é um fato muito peculiar, não é o tipo de coisa que simplesmente se inventaria.

- Sim, e mesmo os *vikings* têm uma concepção parecida -

Rutherford estava entusiasmado em expor seus conhecimentos. - Eles crêem num tempo em que se tinha a impressão de que a Terra cairia num abismo de caos para sempre. As colheitas não vingavam, havia guerra e tudo ao redor da neve se deteriorou. Depois do frio, a Terra incendiou-se, transformando-se numa enorme fogueira. Todo e qualquer vestígio de vida foi incinerado. Então, por fim, como se a Terra não tivesse sofrido o suficiente, as marés subiram repentinamente e enterraram tudo sob um cobertor de água.

Rutherford bateu as mãos uma na outra. Catherine pensava na terrível versão dos vikings.

- O problema é que em nenhum momento, em nenhum dos mitos que você acaba de contar, ficamos sabendo o que realmente causou esse desastre mundial. Se desconhecemos a causa, como podemos evitar o mesmo destino?

Rutherford começou a pensar alto:

- E apesar disso, o professor estava convencido de que era exatamente isto que diz a mensagem secreta.

- Talvez devamos tentar analisar o problema de outro ângulo.

- O que você quer dizer?

- Bem, em vez de confiar apenas em nossa habilidade para interpretar os mitos com o intuito de descobrir o que destruiu o mundo do passado, por que não tentamos encontrar outras provas de um cataclismo ambiental de grandes proporções? Se usarmos fontes geológicas legítimas, ou fósseis, é possível que consigamos localizar um período tão dramático da história da Terra. Combinando os dados técnicos com os mitos poderíamos até mesmo descobrir exatamente em que momento o mundo do passado chegou ao fim - ela explicou.

Rutherford balançou a cabeça demonstrando que achava uma boa idéia.

- Mas isto nos ajudará a entender por que ele chegou ao fim, a decifrar o alerta?

- Sem dúvida. Olhe só. Se soubermos como o cataclismo realmente aconteceu, então ficará mais fácil depreendermos quais foram as verdadeiras causas - os olhos de Catherine se iluminaram; em seguida, ela bateu a mão no banco da frente.

- Von Dechend!

Rutherford fez um sinal afirmativo com a cabeça, dizendo que concordava plenamente.

- Sim, é claro. Perfeito. E estamos certos de que podemos confiar nele... Temos de voltar para Oxford imediatamente.

Hernan seguiu de carro pelas estradas vazias do altiplano, voltando em direção a Cuzco. Ele estivera mergulhado num estado de sobressalto exaustivo desde a morte do irmão; nada parecia real. Embora temesse estar em perigo, de qualquer maneira, no momento do golpe não estava preparado. Com o surgimento daqueles estranhos, ele tivera a sensação repentina de que ainda havia um fio de esperança. *"Em vista disso, ao menos as mortes do professor Kent e de Miguel teriam algum sentido."*

Hernan pensava na fuga de Catherine e Rutherford, desejando que seguissem adiante. *"Eles precisam fugir."* De repente, notou um carro logo à frente, atravessado na estrada. Em ambos os lados do caminho havia buracos e fragmentos de rocha, era impossível passar.

O carro de Hernan parou a cinco metros do veículo estacionado. Um homem branco troncudo, com óculos escuros e terno, saiu de trás do carro. Hernan ficou apavorado quando o homem ergueu um revólver e o apontou na direção do pára-brisa com o intuito de atingir-lhe o rosto.

Em uma fração de segundo Hernan percebeu o que estava acontecendo. Pisou firme no acelerador e seguiu em frente, na direção do veículo estacionado, colidindo violentamente contra ele, tirando o homem do caminho e fazendo com que perdesse a mira por algum tempo. Hernan forçou o carro em marcha a ré e pisou fundo novamente, mas, imediatamente viu um segundo homem com a arma apontada para ele a menos de um metro de distância da porta do motorista.

De repente, houve uma terrível explosão. Hernan sentiu uma dor lancinante, e percebeu que estava deitado no banco do passageiro respirando com dificuldade. Sentia que era impossível encher os pulmões de ar. Tudo estava úmido.

Agarrando o volante com a mão direita, tentou erguer-se para poder se sentar, mas o esforço foi inútil, e ele apenas escorregou para trás.

Ouviu a porta do passageiro se abrir e sentiu que uma mão o puxava pela roupa ensopada.

Uma certa voz disse:

- E, é mesmo ele, mas os outros não estão aqui.

Em seguida, outra voz:

- Certo. Vamos em frente. Estamos chegando perto deles.

Pegue a identidade e o celular. Acabe com ele.

Hernan, gemendo de dor e de susto, tentou, em vão, se reerguer. Pensou no irmão, em Rutherford e Catherine, e os viu juntos e sozinhos durante a noite. Tentou chamar por eles, mas era tarde demais...

43

No heliporto da Igreja da Verdade Revelada, um modelo civil do helicóptero de ataque Apache de propriedade da Força Aérea dos Estados Unidos estava pousado tal qual um gafanhoto gigante; as pás do rotor zumbiam fazendo um ruído infernal.

O senador Kurtz e o Reverendo Jim White estavam de pé à porta da catedral. Trocaram umas últimas palavras e se abraçaram uma última vez. A jornada estava quase no fim.

Como haviam chegado longe. Naquele momento, a mesma coisa passava pela cabeça dos dois, haviam construído a igreja com tão pouco. Aquilo era realmente um milagre.

Resoluto, o senador atravessou o gramado carregando uma valise. Quando se aproximou da aeronave, intentando se proteger, abaixou-se, pondo a mão na cabeça e, cruzando o heliporto com toda a pressa, passou rapidamente pelos leões de chácara e subiu os degraus retráteis, entrando enfim no aparelho. A porta foi logo empurrada atrás de Kurtz que, com certo ar de impaciência, alisou o cabelo despenteado. No alpendre da igreja o Reverendo Jim White observava o helicóptero levantar vôo aos solavancos e se afastar. Todas as esperanças que tinha de trazer a salvação aos escolhidos partiam com o senador. Voltou às costas para o gramado e desapareceu nas sombras do santuário da igreja, para retornar às suas orações.

O interior do helicóptero estava bem longe da austeridade comum à sua função militar. O esquema de cores preta e verde foscas havia sido totalmente substituído. Os painéis de madeira e os monitores de vídeo cobriam as paredes, as caixas de munição e os assentos forjados em aço de acordo com as especificações militares haviam sido trocados por bancos longitudinais à parede revestidos de couro. Em uma das extremidades da carcaça, de 18 metros de comprimento, havia uma escrivaninha feita de carvalho e atrás dela uma cadeira de couro.

Assim que as portas à prova de som foram fechadas, como que por milagre, o silêncio voltou. O senador sentou-se à escrivaninha e tirou do bolso interno do paletó um telefone preto e delgado, apertou a tecla de discagem rápida e o

segurou junto ao ouvido. Enquanto aguardava a conexão com a linha, observava a sede da Igreja da Verdade Revelada. À

medida que o helicóptero se afastava, ela ficava cada vez menor, até se transformar em um minúsculo conjunto de manchas brancas sobre a imensa tela da paisagem.

Mas seus pensamentos estavam longe. Agora era sexta-feira à tarde. Mais dois dias e a vitória estaria assegurada.

Fez-se a conexão. Uma voz feminina atendeu prontamente e com toda a presteza:

- Global Operações, às suas ordens.

O senador recostou-se na cadeira. Concentrado, tinha o rosto retorcido. Sibilando, ele ordenou:

- Localize o secretário Miller. Aqui é o senador Kurtz.

Pela voz da telefonista, percebia-se que ficara apreensiva:

- Sim, senhor. Imediatamente, senhor.

Houve alguns minutos de silêncio. Em seguida, a voz feminina retornou à linha. Desta vez o medo era evidente:

- Queira me perdoar, senhor. O secretário Miller não foi localizado.

O senador Kurtz ficou visivelmente contrariado:

- Escute aqui, mocinha. Quero que você abandone seu posto e vá dizer ao secretário Miller, agora, que se eu não tiver notícias dele dentro de dez minutos a culpa será sua.

O secretário Miller começava a sentir a pressão. Sentado em seu escritório, balançava a cabeça em sinal de preocupação e observava o telefone. A recepcionista continuava a importuná-

lo. Enfurecido, discou um número e segurou o telefone junto ao ouvido. No

primeiro chamado a ligação foi atendida. Ele mudou de posição na cadeira, e ficou ainda mais tenso. Até que confrontasse o senador, estava decidido a não desobedecer frontalmente suas ordens, a fim de não levantar suspeitas. Mais dois inocentes mortos, se era possível considerá-los realmente inocentes, que não tinham nada a ver com o grande plano. Em todo caso, era bem provável que os acadêmicos soubessem muito a respeito da Corporação. Sua própria segurança e a integridade da Corporação vinham em primeiro lugar.

- Preste atenção - disse o senador Kurtz. - Nosso pessoal no Peru fez besteira. Estamos procurando duas pessoas. James Rutherford, cidadão inglês, trinta e poucos anos, e Catherine Donovan, cidadã norte-americana, vinte e poucos anos.

Entendeu? Entre em contato com o Reino Unido imediatamente. Obtenha os números dos celulares dessas duas pessoas, passe-os para os comandos de operações em Lima e La Paz e descubra o paradeiro deles na mesma hora. Quero que os matem imediatamente. Esta agora é nossa maior prioridade. Telefone-me assim que isto tiver sido feito.

44

A casa da família de Quitte era um apartamento localizado em um edifício de dez andares típico da região central de La Paz.

Ele estacionou o carro do lado de fora, na rua estreita e esburacada. Havia outros carros parados nos dois lados da rua, todos dando a impressão de já terem tido melhores dias.

Quitte conduziu Rutherford e Catherine à entrada do prédio.

Ao empurrar a frágil porta de duas folhas, foram recebidos com o odor acentuado de pimenta caiena refogada. À

esquerda do pequeno saguão havia um elevador. À direita, um lance de escadas caindo aos pedaços, que serpenteava na direção dos andares superiores. O índio não parava de falar e gesticulava indicando, com os dedos, que subissem.

Acompanhando o corrimão à medida que este ziguezagueava ao longe, Rutherford esticava o pescoço tentando enxergar uma clarabóia muito suja dez andares acima. Dirigindo-se a Catherine, ele sorriu: - Acho que isto quer dizer que o elevador quebrou. Ambos ergueram as mochilas, ajeitando-as nos ombros, e seguiram o índio pela escadaria sinuosa.

O interior do apartamento revelou-se uma bela surpresa para quem vira a sujeira das ruas e o aspecto deprimente do saguão. O vão que ficava no patamar da escada ia dar em um corredor curto que levava a uma sala ampla. Havia uma pequena sacada, onde mal cabiam duas cadeiras, mas a sala era clara e arejada, porque as duas paredes de ambos os lados das portas da sacada eram envidraçadas, cuja vista dava para a rua em frente ao prédio. Da sala partia um corredorzinho que conduzia aos três quartos e a um banheiro.

Toda a mobília era revestida com tecidos coloridos de padronagens indígenas, a maior parte feita de madeira entalhada. Havia brinquedos infantis espalhados para todos os lados, e sobre a grande mesa de madeira, que parecia ser a mesa de jantar da família, havia vasilhas e talheres do café da manhã. Era evidente que a família não era abastada, mas tinha feito o possível com os parcos recursos, e, por isso, o apartamento tinha uma atmosfera aconchegante. Catherine sorriu para

Quitte.

Ele retribuiu o sorriso calorosamente e, em seguida, os conduziu pelo corredor a um dos quartos, onde deixaram a bagagem. Quitte lhes mostrou a pequena cozinha onde havia café fresquinho e, em seguida, gesticulando muito, deu a entender que se ausentaria por uma hora, antes de sair correndo de novo. Assim que Catherine fechou a porta, suspirou aliviada.

-James, pela primeira vez, desde que partimos, sinto-me quase segura! - ela abriu o telefone e começou a discar o número do celular de Hernan.

- Vou falar um minutinho com Hernan e lhe dizer que estamos bem.

Ruhterford pegou um gole de café e apoiou os cotovelos na mesa.

Estava exausto, acabado mesmo.

O telefone chamou uma, duas, três vezes. Contra sua vontade, Catherine sentiu um embrulho no estômago.

De repente, o telefone parou de tocar. Alguém pegara o telefone. Aliviada, Catherine saudou o amigo.

- *Hola!* Hernan, sou eu.

Do outro lado, ninguém dizia nada.

- Hernan? Você está aí? Alô?

Ouvia-se o barulho de alguém atrapalhado com o telefone que, em seguida, ficou mudo, como se tivesse sido desligado repentinamente. Catherine e Rutherford entreolharam-se, os dois estavam pensando a mesma coisa, mas nenhum deles querendo admitir.

No alto do mais novo arranha-céu de La Paz, em um escritório localizado no sexagésimo sexto andar, havia um homem gordo e baixo sentado a uma escrivaninha, com um par de fones de ouvido. O escritório era muito bem iluminado, graças às janelas que iam do chão ao teto. Além do homem, havia ali uma enorme quantidade de equipamentos eletrônicos, monitores de TV e computadores.

Da janela, a vista era panorâmica. Abaixo, uma neblina amarronzada e quente embaçava La Paz. As ruas sujas fervilhavam de gente. Pequenos carros entupiam as ruas e pessoas ainda menores circulavam com dificuldade pelas calçadas.

O homem baixo e gordo usava camisa de colarinho e gravata de um azul-escuro reluzente. Nas suas axilas formavam-se enormes manchas de suor. Não era o calor que o fazia transpirar, porque os escritórios tinham ar-condicionado.

Atrás dele, próximo aos ombros, estava o assassino do professor, todo vestido de preto, com o rosto exibindo um profundo desprezo. Com impaciência, o homem gordo tirou os fones do ouvido, enroscando-os na parte de trás do pescoço, e anotou às pressas alguma coisa no bloco de papel que ficava sobre a escrivaninha ao lado do teclado do computador. Pulou da cadeira, tirou a folha do bloco e, sacudindo-a, começou a gritar:

- Chefe! Chefe! Eu os encontrei...

O ocidental agarrou o pedaço de papel e leu o endereço. Com a mão esquerda, tirou um celular do bolso e o abriu. Sem tirar os olhos do pedaço de papel, segurou o telefone no ouvido.

Um segundo depois, começou a falar. Tinha um tom confiante, e sua voz soou áspera:

- Já sabemos onde estão. Vamos.

45

Na tentativa de se distrair, Catherine andou pela sala. Quando Rutherford jogou-se no sofá, ela puxou um Atlas da estante.

Sentou-se à mesa e, abrindo-o, começou a folhear lentamente as páginas lustrosas. Fixou os olhos em um mapa-múndi que tomava duas páginas. À medida que corria os olhos pelas páginas, murmurava, para si, a longitude de diversos lugares antigos.

Agitada, mexeu-se na cadeira, e franziu o cenho quando se debruçou sobre o mapa e o analisou com toda atenção. Ao perceber que a mesma sensação voltava a invadi-la, seu coração disparou. Aquela era a sensação de que contemplava o imenso buraco negro do passado, e que de suas profundezas emanavam sinais estranhos e incompreensíveis, sinais tão antigos quanto o próprio tempo.

- James, James, acorde!

Catherine chacoalhou o ombro de Rutherford com toda força.

Ele gemeu, ainda meio sonolento:

- O quê? O que foi? Estou exausto.

- É incrível. As conseqüências são estranhas demais... Aqui...

Olha só.

Catherine pegou a caneta e começou a fazer desenhos no mapa.

Rutherford aproximou-se, sentou-se à mesa e olhou surpreso para o Atlas.

- O que é que você está aprontando?

- Você vai ver. Apenas observe. Agora, imagine que o meridiano principal não fique em Londres, mas em Gizé, no Egito. Sim, na grande pirâmide, como Bezumov disse.

Catherine continuou a desenhar as posições longitudinais de todos os locais que

usavam Gizé como grau zero.

- Veja, Katmandu fica exatamente a 54° a leste de Gizé. A 54°

de Katmandu está localizada a ilha sagrada de Yap. Angkor Wat fica a exatamente 72° a leste de Gizé, e Nan Madol fica a exatamente 54° a leste de Angkor. Quase não dá pra acreditar.

Yap e Nan Madol são pontos minúsculos no oceano. Olhe!

Mesmo Raiatea fica a precisamente 188° a leste de Gizé.

Catherine levantou a cabeça para se certificar de que seu amigo tinha entendido.

- Você não entende? São todos números inteiros, o que é surpreendente. Mas o que é ainda mais estranho é que são divisíveis por seis ou doze. É muito improvável que isto seja uma coincidência.

Rutherford analisou o mapa e começou a entender as implicações desta nova descoberta alarmante.

- Você acredita que todos esses lugares antigos foram posicionados propositalmente segundo um plano geral de caráter global?

Os olhos de Catherine brilharam.

- Sim! E os espaços entre os lugares são particularmente interessantes; 54, 72, são números precessionais.

- Precessão? -Rutherford perguntou.

- O que você sabe sobre astronomia e o movimento de nosso planeta?

- Não muito. Sei que a Terra gira em torno do próprio eixo a cada 24 horas. Sei que completa uma volta completa ao redor do Sol a cada 365 dias, e também que ela fica inclinada com relação ao plano da eclíptica, e que esta inclinação varia, oscilando para a frente e para trás entre 21° e 24°. Uma oscilação completa leva 41 mil anos.

- Isso mesmo. Bem, há mais um movimento realizado pelo nosso planeta. O

próprio eixo gira para trás, na direção oposta à do movimento de rotação do planeta.

- O que isto significa?

- Imagine que a Terra seja um pião que gira em torno do Sol.

Ele dá voltas ao redor do próprio eixo, inclina-se, graciosamente, de um lado para o outro e, por fim, o eixo passa a girar na direção oposta à do movimento de rotação do planeta. A este movimento retrógrado chamamos precessão. O

que importa nisso tudo é que tais movimentos são normais.

Este é um dos prazeres de ser um astrônomo. Uma rotação completa do eixo leva 25.776 anos.

Rutherford balançou a cabeça, concordando com o que acabara de ouvir:

- É tudo muito gracioso. Mas os antigos tinham alguma idéia do que era precessão? Se ele demora tanto para acontecer, seriam necessárias muitas gerações para observar qualquer movimento significativo.

- Eu jamais teria considerado a possibilidade de os antigos conhecerem a precessão até embarcarmos nessa jornada, mas agora começo a considerar a possibilidade. A visão ortodoxa é a de que Hiparco, um astrônomo grego, coligiu dados vindos de Alexandria e da Babilônia. Quando os comparou, percebeu que havia uma diferença na posição das estrelas, e então propôs o conceito da precessão. Talvez ele não tenha sido o primeiro; talvez a precessão tivesse apenas sido esquecida.

Rutherford franziu o cenho.

- Certo, mas isto ainda não explica por quê. Por que os antigos estariam se referindo à precessão afinal? Que importância tem isto?

Catherine ficou quieta por alguns instantes:

- Veja bem. Quando percebi que os números precessionais pareciam desempenhar um papel considerável na localização desses monumentos, de repente me ocorreu que um dos principais números precessionais também

sempre aparece nos mitos que vimos investigando.

- É verdade? Qual?

- Bem, você disse que Osíris foi assassinado por 72

conspiradores, e que havia 72 templos em Angkor Wat.

Setenta e dois é, sem sombra de dúvida, o principal número precessional. Leva 72 para a Terra precessar um grau em seu eixo. Talvez haja outras ocorrências.

Os olhos de Rutherford se arregalaram de entusiasmo.

- Meu Deus, você tem toda razão. Setenta e dois. Tem que ser isto. Falta pouco para decifrarmos o código.

46

Rutherford jamais se sentira tão acordado. Sua cabeça dava voltas pensando nos mitos antigos sobre os quais jamais lera.

- Há outros números precessionais? Ou o 72 e o outro de base 12 são os únicos?

Catherine pensou por um instante, e então respondeu:

- Não, de jeito nenhum. Há outros: 1.080, 2.160, 4.320...

- Espera um pouco. Qual era o último?

- O número de anos que leva para avançar duas casas do zodíaco: 4.320.

Rutherford dava a impressão de que acabara de ter uma visão.

- Isto é incrível, verdadeiramente incrível...

Catherine agarrou-lhe o braço.

- O quê?

Os olhos de James brilharam.

- O texto místico mais antigo dos hindus, o Rigveda, é composto de 10.800 estrofes, e todo o trabalho tem precisamente 432 mil sílabas. Em gematria, a chave é sempre a ordem dos números; não tem importância se houver zeros depois deles. Sabemos que o código tem de ser global. O texto mais importante da religião hindu está bem aqui, e ele abriga dois números precessionais em sua estrutura.

Rutherford virou-se e encarou Catherine, que lhe deu um sorriso largo.

- É isso aí. Encontramos ouro. Estamos na pista do código.

Onde mais surgem esses números?

- Em toda parte. É como se o objetivo desses mitos fosse o de nos fazer lembrar

dos mesmos números, independente de haver histórias diferentes em diversos lugares. O antigo livro místico dos judeus chama-se Cabala. Para alcançar o *ain soph*, ou Deus, tem-se de passar pelos 72 caminhos. E

Berossius, o historiador babilônio que descreveu Oannes, diz que antes do dilúvio houve uma linhagem de reis que governou a Babilônia, e que seu reinado durou 432 mil anos.

E tem mais. Berossius nos diz que desde a criação até a época do dilúvio decorreram 2.160 mil anos: 2.160 corresponde à duração de tempo que leva para passar de um signo a outro no zodíaco, não é?

- Sim, é isto mesmo.

- E na gematria! Você se lembra de que calculamos o valor dos vocábulos gregos para Jesus e Maria, 888 e 192. Se você somá-los, chegará a 1.080, um número precessional.

- E este número também corresponde ao raio da Lua em milhas! - Catherine observou, mal conseguindo acreditar no que ouvia. - Misericórdia! Isto está ficando assustador.

Rutherford ergueu a cabeça e olhou para Catherine; a jovem tinha a cabeça baixa em virtude do peso que representava tal descoberta.

- Sim. Isto começa a fazer sentido - ela disse. - Deve haver uma ligação entre a precessão e a destruição do mundo antigo.

Rutherford concordou:

- Sim. É como se esses fabricantes primitivos de mitos, esses portadores da luz dissessem que, a cada oscilação de 26 mil anos realizada pela Terra, um enorme cataclismo recairia sobre o mundo.

Catherine fechou os olhos e tentou organizar os pensamentos.

-James, há mais uma coisa nisso tudo: Bezumov. Você se lembra do que Hernan disse? As correntes eletromagnéticas que ele quer aproveitar estão todas ligadas ao movimento orbital da Terra. Aposto que os antigos eram capazes de influenciar os fluxos dessas energias. Não sei por que faziam isso. Talvez fosse

para gerar energia, talvez para alterar o movimento do planeta. Acho que Bezumov agora acredita que pode reiniciar a máquina. Mas, com certeza, as conseqüências do mau uso da tecnologia antiga podem ser fatais.

Rutherford ouviu aquilo horrorizado. E maldisse entre dentes:

- Aquele russo lunático! Mas, diga, por onde ele começaria?

Uma coisa é descobrir as ruínas de uma tecnologia antiga, outra é descobrir como usá-la.

- James, escute, temos que encontrar Von Dechend para chegar a uma data verdadeira e precisa para o cataclismo, além de uma descrição acurada do que realmente pode ter acontecido. Então, talvez possamos entender por que o professor tinha tanta certeza de que estávamos sendo alertados, porque as coisas ainda não se encaixam. Qual é a relação entre a precessão e o cataclismo? Por que estamos sendo avisados? O que quer que tenha acontecido com os antigos está prestes a acontecer conosco também? Parece que o professor Kent achava que sim, mas por quê?

Rutherford suspirou e olhou fundo nos olhos de Catherine. Ela sorriu e pôs-lhe a mão no joelho.

- James, nós vamos conseguir. Só precisamos continuar tentando. Temos de terminar o que começamos, e precisamos agir rápido.

Rutherford pegou a mão de Catherine e a apertou. Ela queria tomá-lo nos braços, mas sentia que o tempo se esgotava. Todo aquele estresse a deixara confusa. O toque da mão de James a fizera desejar se esquecer de tudo, daquela perseguição desesperada e de todo o perigo que corriam.

Entretanto, no momento em que ia abrir a boca para dizer alguma coisa, a segurança tranqüila do edifício de Quitte foi estilhaçada pelo som inconfundível do disparo de uma arma vindo da rua.

47

Catherine puxou o ferrolho e, virando-se para ficar de frente para a sala, encostou-se na porta. Uma sombra de puro medo desceu-lhe sobre o rosto. Sua voz estava entrecortada e desesperada:

- Eles estão aqui... Estão subindo as escadas - e Ela olhara pelo vão da escada e vira três, ou talvez quatro homens num tropel, chutando as portas dos apartamentos dos andares inferiores. O prédio enchera-se com os gritos histéricos das famílias apavoradas.

Rutherford estava na sacada que dava para a frente do prédio.

Olhou para baixo e apenas teve tempo de entender o que se passava. Ficou paralisado de pavor quando viu o corpo de Quitte estendido sobre a calçada do lado de fora da entrada.

Em volta dele havia três vultos vestidos de preto e, no meio da rua estreita, dois grandes veículos quatro por quatro bloqueavam qualquer entrada ou saída do edifício. Enquanto Rutherford lutava para entender o que via, um dos vultos apontou para ele e gritou em inglês:

- Lá está ele! Sétimo andar. Vamos!

Rutherford correu para dentro da sala. Cega de pânico, Catherine tentava dar duas passadas na chave. Lutando contra o medo, Rutherford chegou à conclusão do que deviam fazer.

- Pegue o passaporte e o dinheiro! Rápido! Anda! Vem comigo... E não esqueça os mapas.

James rasgou a parte superior da própria mala e tirou a carteira. Enfiando-a no bolso da calça, caminhou em direção à porta e a destrancou. Catherine estava bem atrás dele, agarrada ao próprio passaporte e ao precioso envelope com os mapas.

- Não podemos sair por aqui!

Rutherford pelejou para abrir a porta e virou-se para ela, seus olhos faiscavam com toda aquela adrenalina.

- Não temos escolha.

Catherine agarrou-se ao braço de James e o seguiu em direção ao patamar, enquanto a porta batia atrás deles. Rutherford apoiou-se no corrimão para olhar o vão da escada. Os homens armados forçavam a passagem pelas nuvens dos explosivos que detonavam e pelas aglomerações lamentosas de moradores aterrorizados em cada um dos andares. Voltou-se para Catherine e fez um sinal com a mão para que subissem.

Ela disparou escada acima sem sequer olhar para trás.

Rutherford a seguiu, olhando para trás sobre o próprio ombro.

Após subir três lances de escada, eles alcançaram o patamar do décimo andar. Uma índia os observava pela fresta da porta.

No patamar, ao fundo, havia uma porta que levava ao telhado.

Os dois correram até ela. Rutherford agarrou a maçaneta e quase arrancou a porta, destrancada, das dobradiças. Passaram pela porta aos trancos e barrancos, subiram o curto lance de escadas e seguiram em direção ao telhado. Tão logo passaram, a porta bateu.

O telhado tinha mais ou menos 90 metros quadrados. Era circundado por uma pequena parede cuja altura chegava ao joelho. O local estava repleto de antenas de TV. Catherine virou-se para Rutherford com um olhar desesperado:

- E agora? O que vamos fazer?

James correu para a parte de trás do telhado. Olhando dali, viu que o telhado do prédio ao lado ficava à curta distância de mais ou menos um metro, e em torno de pouco mais de um metro abaixo de onde estavam.

"Não fica muito distante, dá pra pular..."

- Vamos, Catherine. Teremos que pular.

Catherine correu até a beirada e olhou o vão. Em seguida, segurando no braço de Rutherford, debruçou-se sobre a mureta e mirou o vazio abismai que separava os dois edifícios.

Seu semblante exprimia desespero e aversão.

- Tenho horror a altura.

Rutherford pisou na borda da parede e lhe ofereceu sua mão.

- Suba aqui. Agora olhe para o horizonte.

Inspirando profundamente, Catherine fez o que James lhe pedira. Estavam lado a lado em pé na mureta; a mão direita de Catherine agarrada à esquerda de Rutherford.

- Tudo bem. Quando eu disser pule, quero que você pule o mais longe que puder, e ao atingir o chão, você terá que rolar.

Catherine olhou para trás e viu a porta que levava à escadaria.

Estava prestes a gritar de medo. Rutherford achou graça. O

céu azul, belo e infinito, dominava o cenário. Ela mordeu o lábio e assentiu com a cabeça, fechando os olhos.

Rutherford dobrou os joelhos, verificou se sua mão e a de Catherine estavam firmemente agarradas uma à outra e então, fazendo uma prece silenciosa, concentrou a mente e o corpo.

- Um... dois... três... PULE!

Com um grande baque, ambos aterrissaram um em cima do outro no telhado de concreto do prédio vizinho. Numa tentativa de amortecer a queda de Catherine, Rutherford aterrissou mal sobre o próprio ombro. Quando os dois se levantaram, Rutherford tinha o rosto contorcido de dor. No meio do telhado havia uma pequena casinha de tijolos com uma porta que conduzia à escada; descendo-a, eis ficariam longe das vistas dos facínoras.

A porta estava aberta, e enquanto escapuliam, Catherine tentava enxergar o teto

do edifício onde Quitte morava. Nem sinal dos homens que os perseguiam. Rutherford descia dois degraus por vez, mas o fazia apoiando-se firmemente à parede, apertando o ombro esquerdo. Desceram a espiral da escada, passando pelos *halls* dos apartamentos enquanto seguiam em frente, enfim saindo no *hall* de entrada, no térreo.

Catherine abriu a porta da frente com todo cuidado e observou a rua atentamente. Estava vazia. Dirigiu-se a Rutherford e tocou-lhe o ombro com delicadeza.

- Tudo bem. Acho que o caminho está livre. Temos que sair correndo. E possível que a gente se perca nos becos. Você está bem, James?

Rutherford fez uma careta de dor e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Vamos sair daqui.

Cinco minutos depois, traumatizados e apavorados, Catherine e Rutherford emergiram de uma das muitas das ruelas laterais, saindo para a tumultuada feira de San Salvador. Suas roupas estavam desalinhadas, não tinham mais as mochilas, e tudo o que restara foram os passaportes e o dinheiro.

A velha feira se estendia por quase 800 metros pela Calle San Salvador. Em ambos os lados da rua, uma barraca após a outra vendia frutas e verduras, temperos, cobertores, utensílios de cozinha e aparelhos domésticos, com seus espaços tomados por consumidores e turistas. Catherine tentava recuperar o fôlego, com o tronco curvado e as mãos apoiadas nos joelhos.

Respirou bruscamente, enchendo o pulmão de uma só vez, e endireitou o corpo.

- Como é que eles ficaram sabendo que estávamos aqui? - ela lançou um olhar para Rutherford na esperança de que ele tivesse a resposta. - E quem diabos são eles?

Rutherford balançou a cabeça, observando atentamente a multidão do mercado:

- Não tenho a menor idéia. Mas uma coisa eu sei, não tenho nenhuma intenção de ficar por aqui para descobrir. Temos que chegar ao aeroporto. É nossa única esperança.

A desordem reinava no edifício onde ficava o apartamento de Quitte. Todos os cômodos de todos os apartamentos haviam sido revirados, e hordas de pessoas aterrorizadas e histéricas se aglomeravam nas escadas enquanto o que havia em suas casas era reduzido a um monte de cacos e farrapos jogado ao chão. As camas eram levantadas, as portas dos armários chutadas. Não sobrou pedra sobre pedra. Qualquer um que impedisse aquela explosão de violência era espancado até ceder. O apartamento de Quitte recebeu um tratamento especial. Era como se um maníaco tivesse sido deixado solto lá dentro. Nem sequer um item do mobiliário ou louça foi preservado.

Finalmente, três ocidentais com a cabeça raspada, vestindo camisetas pretas, calças cargo pretas e botas militares, carregando diversos tipos de armamento, irromperam no telhado. Logo atrás deles estava o assassino com rosto fino.

Ele subira último lance de escadas e passara pela porta, que agora balançava nas dobradiças depois do tratamento brutal que recebera dos facínoras. A luz do sol e o ar fresco pareciam irritá-lo. Sua caça desaparecia no vazio do céu azul enquanto inspecionava o telhado, cheio de antenas de TV Seus comparsas tocaiavam as laterais do prédio com as armas apontadas para um lado e para outro. As mãos tinham os pulsos bem fechados. A frustração fervilhava nas veias.

Um de seus homens, que agora estava em pé sobre a pequena mureta próxima do local onde Catherine e Rutherford haviam pulado, fez um gesto para ele. Respirando com dificuldade, mais pela raiva reprimida do que pela exaustão por subir a escada correndo, aproximou-se do capanga. O homem apontou o telhado vizinho.

O ocidental deu uma olhada e, tirando o celular do bolso, deu meia-volta.

- Eles estão a pé pelo *barrio*. Mobilize todos os agentes.

Mande gente para a rodoviária e para o aeroporto. E chame o helicóptero imediatamente.

Logo depois, o assassino de rosto fino sumiu em disparada pelas escadas.

48

O táxi diminuiu a marcha enquanto passava em frente à área de desembarque do aeroporto. Outros táxis e veículos particulares encontravam lugar para estacionar junto ao meio-fio, encostando e despejando os passageiros. Malas e valises eram tiradas dos porta-malas.

Rutherford inclinou-se para falar com o motorista.

- Aqui está bom - e dirigiu-se a Catherine: - Nem acredito que finalmente estamos indo embora daqui. Não consigo deixar de pensar no que pode ter acontecido com o maluco do Bezumov. Você acha que ele se encontrou com aqueles homens de preto? Ele está com eles ou age sozinho?

Catherine não estava prestando atenção, concentrada na multidão do aeroporto, analisando os rostos das pessoas nas calçadas, a maior parte índios e turistas. Havia algo errado.

- James, só um minuto, por favor.

Rutherford já procurava o dinheiro na carteira, enquanto o motorista embicava o carro numa vaga atrás de um micro-

ônibus. Por alguns instantes, um táxi, ao estacionar, atrapalhou a vista que Catherine tinha da calçada. Talvez ela estivesse vendo coisas.

Rutherford tirou algumas notas de dólar da carteira e lhe perguntou:

- O que foi?

De repente, Catherine ficou pálida. Ali, a mais ou menos cem metros do carro, havia dois ocidentais vestindo ternos escuros.

Os dois conversavam baixo, ao pé do ouvido. Havia algo estranho com eles; estavam ambos muito tensos e alertas, a linguagem corporal era muito diferente da usada pelas pessoas do lado de fora do aeroporto. Catherine se aproximou do motorista e agarrou-lhe o ombro.

- *Vamos!* Vá embora! Agora! James, abaixe-se!

Rutherford não perguntou o que estava errado, apenas cumpriu a ordem. Quase deitado no banco do táxi, sussurrou com voz rouca:

- Eles estão aqui?

Catherine balançou a cabeça vigorosamente, dirigindo-se ao motorista confuso:

- Rápido! Leve-nos ao setor de desembarque.

Sem saber o que fazer, os dois grudaram os corpos no assento do carro, rezando para que nenhum dos dois homens sinistros olhassem para dentro do veículo. O táxi afastou-se do meio-fio e entrou no fluxo do trânsito. Duzentos e cinqüenta metros à frente, encostou uma segunda vez. Com o intuito de verificar a situação, Catherine levantou a cabeça. A calçada estava cheia de pessoas que acabavam de chegar. As portas do desembarque derramavam um fluxo constante de passageiros com o semblante cansado. Ela olhava para um lado e para outro da calçada procurando alguma silhueta estranha. O

caminho parecia estar livre.

- Tudo certo. Vamos sair daqui.

Ela abriu a porta e saiu na calçada, seguida por Rutherford, que dera um punhado de dólares ao motorista antes de sair do táxi. De mãos dadas, abriram caminho na multidão, indo no contra-fluxo em direção ao setor de desembarque.

Rutherford puxou o braço de Catherine com força e, arquejante, disse:

- Logo ali. Está vendo? Na ala de embarque. E o balcão da American Airlines. Tenho certeza de que operam a maior parte dos vôos.

James apontou o desembarque e, mais à frente, o ponto em que se encontrava, por meio de uma passagem enorme, com o embarque. Catherine verificou a informação. O balcão da American Airlines parecia muito isolado. Não havia fila, mas ficava muito exposto. Caso se dirigissem para lá e ali ficassem, certamente seriam vistos.

- Você acha que eles têm gente aqui dentro também?

- Não sei. Mas temos que considerar a possibilidade.

Catherine estava com o estômago embrulhado. Olhou uma vez mais para o balcão de passagens. No extremo oposto ficava o controle de passaportes e a entrada para a famigerada segurança do setor de embarque. Tudo que precisavam fazer era conseguir as passagens.

De repente, ela teve uma idéia. Largou a mão de Rutherford e seguiu na direção de uma barraca de produtos para turistas.

Rutherford a acompanhou, tentando entender o que ela pretendia. A barraca vendia todo tipo de produtos: camisetas, bugigangas e peças de roupa típicas. Catherine pegou um chapéu-coco preto e um poncho de lã de lhama multicolorido, ambos itens essenciais do traje de um aimará, e pagou prontamente o sorridente vendedor índio. Em seguida, escorregou o poncho pela cabeça e escondeu o cabelo embaixo do chapéu.

"Uma coisa é certa, sou muito alta, e minha pele, muito branca, mas, à primeira vista, eu poderia me misturar à multidão do aeroporto, porque ocidentais nunca vestem os trajes locais."

Ajeitando o chapéu de modo que lhe cobrisse os olhos, Catherine olhou para o balcão de passagens.

- Dê-me seu passaporte - ela pediu a Rutherford com toda calma. Às pressas, James abriu o zíper da carteira e lhe entregou o documento.

- Você tem certeza?

Catherine fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Irei até o balcão, comprarei as passagens e, assim que eu virar as costas, você corre para o balcão do *check-in.* Eu o encontro lá.

Ela se afastou. Rutherford a aguardou na entrada do setor de embarque, apartado, observando-a de longe, mas procurando fazer o máximo para se misturar à multidão, tentando disfarçar sua figura corpulenta.

Catherine atravessou o espaço que separava o setor de embarque do balcão da American Airlines com a maior calma possível, ainda que tivesse avistado os dois homens vestidos de preto do lado de fora andando para lá e para cá, examinando os táxis ao chegarem para deixar as pessoas no aeroporto. E voltou

a sentir um calafrio de medo.

"Sim, não há dúvida: são eles."

A vendedora no balcão da American Airlines achou graça do traje de Catherine e consultou a base de dados para verificar os vôos disponíveis.

- Senhora, o melhor que posso fazer é colocá-los em um vôo que sai dentro de uma hora. Entretanto, não é direto. Vocês terão de trocar de avião em Miami e há uma espera de três horas no meio da noite. Não há nenhuma outra opção até amanhã de manhã.

- Está ótimo. *Muchas gracias.*

Alguns minutos depois, ela guardou as passagens e os passaportes embaixo do poncho e deu meia-volta. Rutherford, então, começou a atravessar o saguão a passos largos.

Catherine apressou o passo na direção do balcão *de check-in* e entregou as passagens e o passaporte a James. Os dois serpentearam pela fila que fica restrita aos cordões de isolamento até chegar em frente ao balcão de passaportes.

Atrás do balcão estavam sentados dois oficiais da polícia federal. Um deles, visivelmente mais velho, pegou os passaportes e as passagens. Tinha um olhar frio e inexpressivo. Analisou os documentos; seu olhar reptiliano alternava entre as fotos e os rostos de James e Catherine.

Então, depois do que pareceu uma eternidade, o oficial lhes devolveu os documentos. Tentando conter uma sensação de esperança que se formava dentro de si, Catherine sorriu para o policial. Ele retribuiu o sorriso sem demonstrar o menor traço de emoção.

- *Gracias* - ela agradeceu enquanto se virava para prosseguir.

Ele não respondeu. Rutherford já passara do balcão em direção à multidão que enchia a área de embarque logo à frente.

Catherine mal dera três passos quando ouviu o que mais temia: um urro em alto e bom som:

- Senhora!

Ela parou de repente. O que é que ele tinha descoberto?

Teriam dito a eles para detê-los? Talvez fosse melhor escapar e misturar-se à multidão.

Avistou Rutherford logo à frente, procurando por ela com um aspecto ansioso no rosto. Com um profundo sentimento de derrota, ela se virou para o policial. Seu olhar demonstrava tristeza quando ela olhou para ele com uma resignação desencantada. Mas, de repente, percebeu que o oficial sorria.

- Senhora, gostamos do seu traje!

Ambos os policiais sorriram para ela e apontaram o traje típico. Catherine quase desmaiou, tamanho o alívio que sentiu.

Ela retribuiu o sorriso e, em seguida, dando meia-volta, desapareceu na multidão.

49

Chegara o momento de o secretário deixar Nova York. O

helicóptero aterrissou em meio a um ruído ensurdecedor no heliporto do aeroporto JFK. Conforme o planejado, uma elegante Mercedes Benz nova em folha atravessou a pista a toda velocidade e estacionou, aos solavancos, no local combinado. Uma silhueta corpulenta desceu do veículo e correu os olhos pelos arredores. A porta do helicóptero abriu-se automaticamente, os degraus foram acionados e o secretário desceu da aeronave, desaparecendo logo depois no interior do carro com os assentos revestidos de couro.

Contemplando a imensidão árida da pista, o leão de chácara seguiu o exemplo e se enfiou no carro. Passados alguns instantes, o Mercedes cruzava o sombrio pátio de manobras a caminho do complexo que abrigada os jatos particulares do outro lado do campo de aviação.

O secretário Miller fez de tudo para relaxar, ao menos por alguns instantes. A reunião no Cairo seria sua última oportunidade de desafiar o senador. Com o cenho franzido, inclinou-se para a frente e dirigiu-se ao homem sentado no banco da frente:

- Diga ao piloto que nosso destino é o Cairo, mas que faremos uma parada em nossa base na Suíça.

- Sim, senhor.

Ele fechou os olhos e pendeu a cabeça para trás enquanto o carro percorria a pista. Chegara a hora de iniciar a viagem ao Egito. O trabalho na América do Norte estava concluído, pelo menos por enquanto. Agora, o secretário voltava seus pensamentos para a garota e seu companheiro.

“Agora que ela está de volta à Inglaterra, teremos de ser mais discretos."

Estendeu a mão para pegar o telefone e discou um número em Oxford. Após tocar muitas vezes, alguém atendeu. Era a voz inconfundível do Reitor de All Souls.

- Estou telefonando por causa da garota, a tal Donovan. Ela pode aparecer em Oxford a qualquer momento.

O Reitor parecia ansioso e muito tenso.

- O que é que você quer que eu faça agora? Fiz tudo o que podia. Eu lhe contei tudo que sei. Não farei mais nada.

O secretário Miller, com um tom de escárnio, o interrompeu.

- Não seja ridículo. Não confio em velhos para fazer meu trabalho. Tudo o que quero de você é que fique no encalço dela e garanta que não faça mais nenhum passeio ao exterior nos próximos dias. Não quero vê-la criando mais problemas.

- Não vai acontecer nada com ela, vai?

- Isto não é problema seu. Tudo o que peço é que a mantenha em Oxford até terça-feira.

- Como você sabe, ela tem apenas 29 anos. Creio que ela não...

- Reitor, o senhor está começando a encher a minha paciência.

Preciso lembrá-lo de quais são suas obrigações? Falta apenas um semestre para o senhor se aposentar. Vai deixar toda sua carreira ser manchada por uma revelação de última hora?

Houve uma longa interrupção.

- Fui claro?

- Sim, secretário. Foi muito claro.

E nada mais foi dito, a linha emudeceu.

50

Já era sábado de manhã. Após um vôo extenuante, incluindo uma conexão em Miami, Catherine e Rutherford finalmente haviam chegado ao aeroporto de Heathrow. Ao menos para uma coisa o vôo servira, para dar-lhes a oportunidade de sucumbir à exaustão. Durante dezesseis preciosas horas eles haviam ficado suspensos no ar, longe das garras do inimigo que os perseguira pelos Andes, a salvo por um curto período de tempo, embora sem condições de fazer qualquer coisa.

No aeroporto de Heathrow, optaram por uma alternativa extravagante, e tomaram um táxi para voltar a Oxford.

Vivendo dos salários da universidade, nenhum dos dois tinha muito dinheiro, mas agora não era o momento de se preocupar com tais coisas.

Eles pararam do lado de fora do All Souls. Rutherford saiu do táxi e pagou o motorista. Abrindo a porta para Catherine e pegando as mochilas, James ergueu os olhos para contemplar a fachada do edifício.

- Bem, aqui estamos. Nada mudou.

Catherine lançou um olhar suspeito para o portão da faculdade.

- Não tenho tanta certeza disto. Seja como for, vamos torcer para que Von Dechend esteja aqui. Não podemos perder sequer um minuto.

Quando passaram pela portinhola que levava à guarita do porteiro, Catherine olhou ao redor com certa preocupação.

"O que será que está me deixando com os nervos à flor da pele? É tudo tão familiar e, contudo, parece que as coisas não são mais como antes..."

Como de costume, Catherine verificou o escaninho para ver se havia correspondência, e pegou-se pensando no envelope que continha os mapas que fizeram com que embarcassem naquela perigosa aventura. Para seu alívio, havia apenas dois bilhetes.

Ela caminhou até a mesa do porteiro:

- Fred, você está aí?

Um instante depois, o porteiro apareceu no vão da porta.

- Olá, dra. Donovan. Que bom vê-la. Está um lindo dia, não?

"Gostaria de dizer o mesmo", ela pensou com tristeza. Mas, mantendo um ar positivo, retribuiu a saudação:

- Olá, Fred. Vim visitar o dr. Von Dechend. Ele está?

- Sim, está. Deixe-me ajudar a senhora com as malas. Ah, antes que me esqueça, o Reitor está louco para vê-la. Ele não para de me telefonar e de descer aqui para perguntar se a senhora entrou na faculdade.

Catherine olhou para Rutherford. Mas, antes que conseguisse dizer alguma coisa, a voz aguda e seca do Reitor atingiu a guarita. Estava em pé na porta atrás deles. A compleição alta e macilenta tomava conta da entrada.

- Sim. E aqui estou eu de novo - aquele semblante sério recebeu Catherine e Rutherford. - Então, acabam de voltar.

Como foi a viagem?

- Viagem para onde, Reitor?

O rosto do Reitor ruborizou-se.

- Ah, pensei que estivessem fora. Tentei encontrá-los em casa também. Só quero que saibam da reunião do colegiado na terça-feira de manhã. É imprescindível que *todos os* acadêmicos compareçam. Pensei que seria importante deixá-

los cientes para evitar mal-entendidos.

Catherine o encarou.

- Ótimo. Muito obrigada. Nós nos encontraremos lá.

Ele ainda permaneceu na porta por algum tempo e, em seguida, parecendo não

estar muito certo do que fazer, deu meia-volta e passou pelo portão da guarita, saindo para a rua.

- James, vamos. Precisamos falar com o dr. Von Dechend.

Ao sair da guarita em direção ao quadrilátero, Rutherford lhe perguntou:

- O que ele quis dizer com tudo aquilo?

Catherine dava a impressão de estar totalmente confusa.

- Não sei. Tenho tido uma sensação esquisita em relação ao Reitor desde que me chamou para conversar e me falou da morte do professor.

51

Dr. Von Dechend ficou felicíssimo ao vê-los.

- Catherine! Que prazer! James Rutherford, que bom vê-lo!

Isto é muito bom. A *jeunesse d'orée* de Oxford. A juventude brilhante! Uma vez mais aqui, nos meus aposentos! Que honra!

Catherine olhou para Rutherford com um sorriso, enquanto o velho acadêmico os convidava a entrar em seu aconchegante recanto repleto de livros.

- É muito bom revê-lo também, dr. Von Dechend. Espero que o senhor esteja bem.

- Oh, sim, querida - ele respondeu enquanto fazia um sinal convidando-os a se sentar.

Catherine pigarreou.

- Devo dizer que, uma vez mais, estamos aqui em busca de orientações.

- Fale tudo, minha jovem, tudo. Estou à sua disposição.

Catherine esperou que Von Dechend se ajeitasse na cadeira e então, respirando fundo, começou:

- Isto pode parecer enigmático, mas queremos lhe fazer uma pergunta. Não tenho tempo para explicar o motivo, mas realmente precisamos de sua ajuda...

Catherine parou de falar para ver se Von Dechend estava satisfeito com o estranho preâmbulo que fizera. Ele balançou a cabeça bem devagar em sinal afirmativo, encorajando-a a prosseguir.

- Estamos tentando localizar um acontecimento catastrófico que pode estar enterrado nas profundezas do passado, e pode ter feito com que grande parte da humanidade tenha sido dizimada. Buscamos alguma prova nos registros fósseis, na geologia, na paleontologia, onde quer que haja qualquer coisa que indique um cataclismo de proporções tão monumentais que consiga explicar os mitos do fim

do mundo encontrados em todas as culturas ao redor do mundo.

Houve uma longa pausa. Von Dechend olhou para o teto como se estivesse preparando um discurso. Catherine voltou os olhos para Rutherford. Ambos aguardavam em silêncio, nem sequer respirando para não perturbar a linha de raciocínio do velho acadêmico. Após um ou dois minutos de silêncio, Von Dechend se pronunciou. Sua voz parecia muito séria, sua cordialidade desaparecera e sua alegria habitual fora substituída por um tom de absoluta cautela acadêmica. Era quase como se não estivesse nem um pouco confortável discutindo tais coisas.

- Antes de começarmos a falar sobre isso, quero deixar clara uma coisa. Não tenho intenção nenhuma de endossar qualquer teoria sugerindo que os mitos e lendas antigos relacionados ao cataclismo sejam algo mais que mitos e lendas. Há um bando de maníacos que lhes dirão isto, maníacos e fanáticos religiosos. Não me enquadro em nenhum dos grupos a que acabo de me referir, e não tenho nenhum interesse em tais fantasias jactanciosas.

Rutherford captou o olhar de Catherine. Ela hesitou por um instante; ele então decidiu intervir pela primeira vez.

- Não, claro que não, dr. Von Dechend. Não é isto que esperamos que faça. Apenas queremos ter uma conversa racional em particular, confidencial, por assim dizer, que fique entre nós. Não é nada mais que um capricho nosso; tudo que gostaríamos de saber é qual teria sido, mais ou menos, a época em que tal cataclismo pode ter acontecido. Sem dúvida, todos sabemos que isto é apenas uma especulação intelectual.

Rutherford e Catherine, sem nem sequer dar um suspiro, aguardaram que o acadêmico se pronunciasse.

Após outro silêncio interminável, Von Dechend falou novamente:

- Humm... Entendi. Bem, agora que deixamos as coisas claras, posso lhes dar minhas impressões sobre o assunto.

Ao ouvir isso, Catherine e Rutherford automaticamente respiraram aliviados. Von Dechend deu uma baforada no cachimbo e começou a falar:

- Minha primeira impressão sempre foi a de que algo terrível realmente

aconteceu no passado, e que isto se passou no final da última era do gelo.

Catherine e Rutherford estavam ansiosos. Com uma atuação teatral, Von Dechend interrompeu novamente o que dizia antes de voltar a falar, bem devagar:

- A vida humana, antes de registrarmos a história tal como a conhecemos hoje, escapou muitas vezes da aniquilação. Na verdade, não é nenhum exagero dizer que a vida dos ancestrais diretos de cada um de nós deve ter ficado por um fio em algum momento. Entretanto, apesar da fraqueza e da preguiça de alguns dos atuais representantes de nossa espécie, pode-se garantir que descendem de homens e mulheres de extraordinária determinação, iniciativa e bravura. Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que conseguiram superar todas as adversidades que a natureza lhes impôs. Nossa experiência como espécie no decorrer dos últimos milhares de anos fez que nos tornássemos muito complacentes.

Acreditamos que a estabilidade do planeta é normal e, para a maioria, um lugar acolhedor. É um grave erro pensarmos assim. Seria mais apropriado dizer que, nos últimos milhares de anos, estivemos no olho de um furacão; ainda estamos experimentando a calmaria do centro inanimado de um imenso ciclone marcado pela violência e pela destruição.

Catherine e Rutherford ouviram tudo aquilo fascinados. Von Dechend, teatral como sempre, parecia estar preparando seu *côup de grace.5*

- Mas, voltando à era do gelo... Agora, como quase tudo que aconteceu mais de 500 anos atrás, não sabemos exatamente o que ocorreu nessa era. Contudo, sabemos que foi um desastre de proporções terríveis e avassaladoras, e é plausível imaginar que a humanidade teve muita, muita sorte de sobreviver a ele.

Podemos afirmar com razoável grau de certeza que a última era do gelo teve início por volta de 110.000 a.C., com o acúmulo constante de gelo que se espalhou pelo planeta. No período compreendido entre 55.000 e 12.000 a.C., ela atingiu seu ápice. O mundo todo foi afetado. Vista do espaço, a Terra deve ter ficado parecida com uma bola de neve. As camadas de gelo cresciam e em seguida derretiam, um pouco antes de tornar a crescer, desta feita avançando um pouco mais que antes. Isto teria causado uma enorme instabilidade ambiental, com inundações, terremotos, e assim por diante. Mas é o último derretimento

que me interessa. No ápice da última era do gelo, 12.000 a.C., as camadas de gelo se estendiam por quase todo o planeta. Mas, no decorrer dos próximos 5.000

anos, o gelo que levara 100 mil anos para se desenvolver de repente se desfez em um degelo espantoso. Alguns cientistas chegam a acreditar que esse enorme derretimento pode ter ocorrido durante um período de tempo mais curto, algumas centenas de anos, ou mesmo no curtíssimo espaço de uma década. Registros fósseis provam que os habitantes da Terra ficaram expostos às forças incrivelmente poderosas da natureza enquanto as enormes camadas de gelo desapareciam.

É provável que vocês acreditem que as condições de vida melhoraram para a maior parte dos animais, e a longo prazo isto realmente aconteceu. Mas o degelo desencadeou desastres 5 Golpe de misericórdia. (N.T.)

naturais que, a curto prazo, tiveram conseqüências desastrosas para muitas espécies. Os registros fósseis coletados no mundo todo contam a mesma história de extinção em grande escala.

Costumava haver cavalos e outros animais pertencentes à mega-fauna da América do Sul. Esses animais só voltaram a ser vistos por lá quando os espanhóis os introduziram naquele ambiente, e a mega-fauna local desapareceu para sempre. E na América do Norte, 33 dos 35 gêneros de grandes mamíferos foram extintos. Foi um verdadeiro holocausto.

Von Dechend lançou-lhes um olhar penetrante.

- Vocês conseguem imaginar como era a vida naquela época?

Era apavorante. Caso você e sua tribo, ou família, não escolhessem o lugar certo para se estabelecer, estariam perdidos. O gelo em processo de derretimento teria causado perturbações geológicas de proporções gigantescas, terremotos, erupções vulcânicas, tsunamis. E um milagre que a humanidade tenha sobrevivido a tudo isso. O mais estranho, contudo, é que as regiões polares parecem ter sido as áreas mais afetadas. Inúmeras carcaças de animais foram encontradas enterradas sob o gelo.

Na realidade, até hoje, as escavações ainda encontram mamutes preservados, suas presas são usadas para entalhe em marfim.

Catherine estava confusa.

- Mas se eles ainda estão preservados com a carne intacta, isto não significa que devem ter sido congelados em pouquíssimo tempo, e logo após a morte? Do contrário, teriam se decomposto, não é mesmo?

- Sim, muito bem. É estranho. Enquanto as espécies extintas da América do Sul e da Austrália são enterradas com a carne muito tempo depois de decomposta, os animais encontrados no Círculo Polar Ártico, nas regiões do Alasca e da Sibéria, parecem ter sido congelados em muito pouco tempo em escala industrial. Alguns desses animais ainda têm comida não digerida no estômago, o que tem uma única razão: eles foram congelados três horas depois da última refeição. E o mais estranho é que não eram apenas mamutes, tigres-dentes-de-sabre e outros animais que habitavam a região ártica, mas também leopardos, elefantes, cavalos, gado, leões e muitas outras espécies de clima temperado.

Rutherford estava boquiaberto.

- Leopardos e elefantes, no Ártico?

- Parece que sim. Mesmo em locais distantes como as ilhas de Svalbard, ao norte do Ártico, os cientistas ainda encontram animais de clima temperado e vestígios da flora e da fauna que só podem sobreviver em clima tropical.

Rutherford ainda tinha dificuldade para entender.

- Mas isto é incrível.

- Sim. Este é um dos grandes mistérios do fim da última era do gelo. Como é que todas essas espécies de clima temperado acabaram enterradas sob o gelo na região agora conhecida por Círculo Polar Ártico? Fica claro que a era do gelo se aproximava do fim em todo o mundo. Mas essas terras faziam o caminho inverso. De repente, tornaram-se mais frias e menos acolhedoras. Manadas inteiras de animais eram congeladas num piscar de olhos.

- Mas isto não faz sentido, James voltou a falar. - O fim da era do gelo deveria ter proporcionado um clima quente, e, afinal de contas, o que é que essas espécies de clima temperado faziam nessas latitudes congeladas?

- Concordo com você. Não faz sentido. Tudo isso continua a ser um mistério.

Mas o que realmente sabemos é que por volta de 7.500 a.C. o grande degelo chegou ao fim. As camadas de gelo haviam recuado. Os seis ou sete mil anos anteriores teriam representado a época mais terrível para sobreviver.

Vulcões, terremotos, tempestades violentas, tsunamis e coisas parecidas, e, é claro, as inundações. Milhões de toneladas de gelo derretido exercendo pressão sobre a crosta terrestre fizeram com que ela aumentasse. O que causou mais terremotos. As marés subiram. Grandes faixas de terra foram engolidas. As inundações e os tsunamis tinham proporções tais que o Himalaia pode ter ficado temporariamente coberto de água.

- O quê? Isto não é possível! - Ruhterford exclamou.

- Sim, é. Foram encontrados esqueletos de baleia nas montanhas da América do Norte, e até mesmo no meio do Saara, em Wadi Hitan. Por toda a Europa encontram-se picos de montanhas que devem ter servido como último refúgio para milhares de animais aterrorizados que batiam em retirada. Em todo o mundo é possível encontrar diversas covas que abrigam muitos esqueletos no topo dessas montanhas, provas das migrações assustadoras de animais e seres humanos fugindo do aumento no nível da água. Toda a Europa ocidental ficou submersa em diversas ocasiões. Não se sabe por quanto tempo, mas é certo que isto aconteceu pelo menos duas ou três vezes... No final das contas, o período entre 15.000 e 7.000

a.C., e principalmente entre 11.000 e 8.000 a.C., foi caracterizado pela terrível e contínua inundação, pelo congelamento repentino e pela quase total destruição.

Catherine, com a cabeça de tão atônita que estava, ouvira tudo aquilo trespassada.

- Deve ter sido aterrador.

- Sim. E ainda mais porque esses povos primitivos não tinham a menor idéia da razão de tudo aquilo estar acontecendo. Seria muito natural pensar que os deuses estavam zangados, e que eles estavam sendo punidos - dr. Von Dechend suspirou. - Era essa a informação que buscavam?

Rutherford e Catherine trocaram olhares.

- Sim. Muito obrigada por dispor de seu tempo para nos falar sobre isso. Eu não

imaginava que a humanidade passara por uma provação dessas, especialmente num passado relativamente tão recente - Rutherford disse.

Catherine acrescentou:

- Sim, muito obrigada dr. Von Dechend. Não existe muita gente com a gama de conhecimentos que o senhor tem, e seu conhecimento do período foi muito útil. Mas agora temos que ir. Já tomamos muito seu tempo.

- De maneira alguma Catherine, é sempre um prazer. Fico satisfeito por tê-los ajudado. É importante relembrar as pessoas de que vivemos numa época atipicamente calma e tranqüila, que, infelizmente, não vai durar muito!

Catherine e Rutherford levantaram-se para ir embora. O velho acadêmico olhou para ela com uma expressão marota.

- Talvez um dia vocês me contem o porquê de todas essas perguntas.

Catherine sorriu com pesar.

- Eu contarei, dr. Dechend. Um dia prometo que contarei.

52

Uma vez mais, Catherine e Rutherford deixaram a companhia do dr. Von Dechend cheios de esperança. Enquanto desciam as escadas, conversavam com entusiasmo.

-James! Era tudo o que esperávamos e muito mais! Isso explica tudo, inclusive o fato de que o dilúvio realmente aconteceu. E a precessão deve estar relacionada ao fim da era do gelo, ao derretimento! Faz todo sentido. À medida que a órbita muda na passagem do ciclo dos 26 mil anos, os pólos norte e sul são expostos a diferentes intensidades de luz solar.

Em determinado ponto desse ciclo, quando estão mais próximos do Sol, os pólos começam a derreter... O fim da era do gelo é a resposta!

A cabeça de Catherine estava cheia de pensamentos que iam e vinham. Tudo parecia estar se encaixando. Rutherford estava igualmente inspirado.

- Eu sei. Tudo começa a fazer sentido... Os mitos ligados ao dilúvio são relatos verdadeiros dos desastres que quase nos dizimaram.

Catherine falou quase ao mesmo tempo:

- É verdade, e o fim da era do gelo também trouxe o congelamento repentino e paradoxal em determinadas áreas das quais os vikings e os zoroastras falam... - de repente, ela bateu a mão direita na testa. - James, entendi! Não acredito que tenha sido tão burra. Nós já sabíamos a resposta...

Catherine abriu a porta do escritório do professor Kent e caminhou até a escrivaninha. Sobre ela havia um grande globo terrestre, que se iluminou assim que ela apertou um botão.

Dirigindo-se a James, ela começou a falar:

- A teoria de Hapgood sobre o deslocamento da crosta terrestre!

Rutherford empalideceu momentaneamente.

- Você se lembra. Dr. Von Dechend nos falou sobre ela enquanto conversávamos

sobre os mapas. Ele disse que Hapgood usara o mapa de Piri Reis para ajudar a provar sua teoria do deslocamento da crosta terrestre. Segundo ele, a Antártida ficava mais ao norte, mas a crosta terrestre deslizou e a Antártida atingiu o fundo da Terra - Catherine girou o globo lentamente para ilustrar o que dizia. - Lembre-se, toda a crosta se moveu, não apenas uma ou duas placas tectônicas, mas toda a litosfera. Antes, as terras com clima temperado devem ter passado para a parte de cima, ficando além do Círculo Ártico. Não é de estranhar que todos aqueles leões e camelos e outros animais da zona temperada sejam encontrados congelados sob o gelo da Sibéria.

Rutherford de repente entendeu tudo. Seu rosto iluminou-se.

- E isto também significa que antes de esse deslocamento da crosta acontecer, as pessoas poderiam ter vivido na região que hoje é conhecida como Antártida. De uma hora para outra, quando ela se deslocou para o sul, elas foram congeladas, sem contar que também foram destruídas por tsunamis.

- Exatamente! E isto significa que há a possibilidade de a Antártida ter ficado no lugar em que nasceram os portadores da luz. Isto explica o mapa de Piri Reis. Explica tudo, os zoroastras abandonando a terra natal nas planícies da Rússia, quando foi repentinamente deslocada em direção ao norte e congelada, e os portadores da luz subitamente tendo sua civilização destruída quando se deslocou em direção ao sul.

Rutherford crispou a testa tentando se concentrar.

- E ela explica até mesmo um dos maiores problemas que venho tendo com tudo o que descobrimos até agora. Por que não há registros da civilização da qual se originaram os portadores da luz.

- Isso mesmo. Todas as provas foram enterradas sob três mil e seiscentos metros de gelo, e esta é a razão de ninguém jamais tê-las encontrado. Os sobreviventes se espalharam pelos quatro cantos planeta. Eles chegaram ao litoral da América do Sul e do Oriente Médio e tentaram reconstruir seu legado.

Viracocha, Osíris e Oannes eram todos refugiados de uma civilização antártica que foi destruída quando a crosta terrestre se deslocou.

- Eu realmente acredito que isto esteja certo.

- E isto também explica a velocidade do grande degelo.

Quanto mais o gelo se derrete, mais o peso da superfície da Terra se redistribui.

Isto fez que a crosta deslizasse; de repente, os pólos se deslocaram para baixo em direção a latitudes mais quentes, causando ainda mais derretimento. Não é de estranhar que os níveis do mar tenham subido em tão pouco tempo.

Rutherford estava novamente mergulhado em pensamentos.

- Certo. Mas há uma peça faltando no quebra-cabeça. Por que o professor Kent estava convencido de que estamos prestes a passar pela mesma coisa? Não estamos próximos do mesmo ponto no ciclo precessional... Não estamos sequer próximos do fim da era do gelo, como estavam os antigos. Então, por que ele pensava que corremos perigo de sofrer um outro cataclismo parecido?

- Creio que deveríamos ir para Gizé. Sabemos que lá era o centro do mundo antigo. Bezumov irá para lá, tenho certeza disso. E quando ele chegar, tentará descobrir tudo sozinho.

Podemos chegar antes dele, deter seus planos malucos e então, finalmente, conseguir entender por que o professor pensava que estávamos em perigo.

Rutherford sorriu e balançou a cabeça, dando a entender que concordava com aquilo.

- Está certo, Catherine. Nossa última tacada. Acho que se isto não funcionar, de um jeito ou de outro estaremos todos perdidos mesmo. Então, por que não embarcar numa última aventura, antes do fim da civilização?

QUARTA PARTE

53

A recepcionista do cinco estrelas Nile Hilton, no Cairo, lançou um olhar confuso para o homem branco alto e bem vestido que estava de pé do outro lado do balcão, cuja bagagem se resumia a uma valise. Estava vestido com o que parecia um terno branco impecável, sapatos com cadarços, camisa branca e gravata azul com um padrão elegante, e, ao que tudo indicava, não tinha bagagem. Ele acabara de entrar no hotel e exigira o melhor quarto disponível.

- Desculpe-me, senhor, mas como se soletra seu nome?

- C-H-E-K-H-O-V, Andrey Checkhov.

Bezumov deslizou um passaporte russo novo em folha pelo tampo de mármore do balcão da recepção, entregando-o na mão da recepcionista.

- Ande logo. Estou com pressa.

O sol penetrava pelas janelas enormes que ficavam de frente para o majestoso rio logo abaixo. Em contraste brutal com o barulho e o insuportável calor do lado de fora, garçons solícitos movimentavam-se com toda a elegância pelo átrio de mármore imenso e arejado, servindo bebidas aos turistas abastados sentados nas cadeiras confortáveis espalhadas pelo espaço colossal.

A recepcionista pigarreou com certo nervosismo:

- Sim, senhor. Queira me desculpar. Quantas noites pretende ficar, sr. Chekhov?

- Bem, digamos três, por enquanto. Acho que será suficiente.

- O senhor gostaria de um quarto de frente para o Nilo?

- Sim. Você pode andar mais rápido com isso, por favor?

- Certamente, senhor. Aqui está sua chave.

- Também quero um carro com motorista, um com tração nas quatro rodas, e o motorista deve falar russo fluentemente, e ficar à minha disposição 24 horas por dia. E também, antes que você pergunte, dinheiro não é problema. Aqui está meu

cartão de crédito. Vou subir e ficar um pouco no quarto. Por favor, providencie para que quando eu descer o motorista esteja esperando por mim no saguão.

Bezumov deu meia-volta e caminhou a passos largos em direção aos elevadores.

Sobrevoando o mediterrâneo, Catherine e Rutherford encontravam-se, novamente, mergulhando de cabeça no desconhecido. Sentindo-se meio claustrofóbica, uma vez mais presa em um avião lotado tão pouco tempo depois do último vôo, Catherine fechou os olhos. Tentando compensar as conseqüências da desidratação provocada pelo longo tempo passado no avião, começou a tomar avidamente uma garrafa de água mineral. Depois de bons seis goles vorazes, olhou para Rutherford. Seu rosto demonstrava profunda concentração; ele fazia a leitura rápida de um livro sobre hieróglifos. Catherine inclinou a cabeça para trás e, dando um longo suspiro, esfregou os olhos cansados.

- Ah... Estou arrebentada. Mas não tem jeito, temos que ir em frente. Estou mais determinada do que nunca a acabar com tudo isso.

Rutherford, com os olhos vermelhos, respondeu em tom sinistro:

- Eu também. Estou exausto. Mas alguma coisa me diz que se nada mais acontecer, o Egito é o fim da linha.

Catherine concordou. "Só queria saber mais sobre o Egito antigo. Na verdade, queria saber mais sobre tudo. Isso tudo tem sido uma montanha russa intelectual."

Muita coisa parecia depender da combinação do conhecimento e da inteligência de ambos para ajudá-los a entender por que o professor acreditava que o mundo corria o risco de sofrer um outro cataclismo.

"E mesmo quando tivermos entendido por que corremos o risco de ter o mesmo destino dos povos antigos, ainda temos que descobrir um modo de evitar o desastre, além de deter Bezumov... Eu só queria que o professor ainda estivesse conosco; se ao menos ele estivesse aqui para eu poder conversar com ele..."

Catherine voltou a abrir os olhos e, com cuidado, virou-se para Rutherford:

-James?

Rutherford, profundamente concentrado, murmurou sem tirar os olhos do livro: - Hã?

- Estou contando com o fato de você saber muito mais sobre o lugar para onde estamos indo do que eu.

Rutherford fechou o livro lentamente e o colocou no compartimento atrás do assento à frente do seu. Olhou para Catherine e forçou um sorriso cansado.

- Bem, não posso dizer que sou uma grande autoridade no assunto. Mas já estive aqui diversas vezes. De uma coisa tenho certeza, estarei pisando em terreno mais firme do que na América do Sul, porque ao menos conheço a ortodoxia sobre o antigo Egito. O negócio é o seguinte: depois do que ficamos sabendo, começo a pensar se a ortodoxia vale o papel em que está escrita.

Catherine suspirou:

- Concordo. E posso apostar que descobriremos algumas anormalidades aqui também. Aliás, tenho quase certeza de que os números precessionais estarão novamente por trás de tudo. Mas sou uma principiante. Tudo que sei é o que você me contou sobre Osíris e o pouco que me lembro de aprender na escola. Passei muitos anos estudando as estrelas.

- Não se pode saber tudo. E sem o seu conhecimento das estrelas, não teríamos chegado onde estamos agora. Seja como for, você poderia ter passado anos estudando coisas que, em pouco tempo, poderíamos acabar descobrindo que estavam erradas.

- Bem, temos que partir de alguma coisa. Talvez, se estiver em condições, você possa me dar algumas informações básicas.

Rutherford ajeitou-se na cadeira e chacoalhou os ombros, procurando ficar mais desperto.

- Antes dos detalhes históricos, temos que tratar de dois aspectos interessantes relacionados à geografia. O primeiro é que Gizé, onde ficam as pirâmides e o grande rio Nilo, se divide em direção ao Mediterrâneo, a 30° de latitude. Isto significa que as pirâmides estão localizadas a exatamente um terço do caminho entre o Equador e o Pólo Norte. Eu nunca havia dado importância a isto antes, mas devido à teoria de Bezumov, e principalmente por causa do que você

descobriu sobre a relação entre a posição de todos esses monumentos mundiais, de repente parece fazer sentido.

- Isto *é* interessante! Quero dizer, estou quase certa de que isto não é uma coincidência. Qual é a outra coisa?

- Ah... Ora... Mais uma vez, nunca tinha pensado nisso antes, mas o local em que ficam as pirâmides também fica no centro da terra firme do mundo.

Catherine franziu a testa.

- O que você quer dizer? Significa que, sem dúvida, em algum lugar no meio da Rússia ou da América do Norte fica o centro da terra firme do planeta?

Rutherford mexeu a cabeça, mostrando que não.

- Não, não no sentido a que me refiro. Quero dizer que, se você desenhasse uma linha de um pólo ao outro, descendo pela linha de longitude que passa diretamente pela base da Grande Pirâmide, a extensão de terra firme a ser atravessada por ela seria maior do que a atravessada por qualquer outra linha de longitude do planeta. Além disso, se você desenhasse uma linha de leste a oeste, ao longo da linha de latitude que passa diretamente pelas pirâmides, ela atravessaria mais terra firme do que qualquer outra linha de latitude. Olhe aqui.

James encontrara um mapa na revista da companhia aérea.

Pegou uma caneta e desenhou uma linha de cima a baixo no mapa, cruzando o local onde fica Gizé. Depois, desenhou uma segunda linha que cruzava a primeira de leste a oeste.

Catherine olhou fixamente para o desenho. De repente, mudou de expressão. Seus olhos faiscaram de inspiração.

- Isto não o faz se lembrar do dilúvio?

Rutherford inclinou a cabeça, surpreso.

- Agora que você está dizendo, sim. Creio que os oceanos teriam de cruzar mais terra firme para atingir as pirâmides do que qualquer outro lugar na Terra.

- Sim, e, além disso, aquela poderia ter sido uma das primeiras partes do mundo a secar quando as águas começassem a recuar.

Rutherford começou a rir.

- Claro! Eu não tinha pensado nisso - ele parou de falar, analisando as possibilidades, e, então, então, prosseguiu: -

Dizem que o antigo Egito, tal como o conhecemos, teve origem com um faraó chamado Menes, em 3.000 a.C.

Acredita-se que as pirâmides e também muitos dos outros locais importantes foram criados durante os primeiros qui-nhentos anos, até 2.500 a.C. Essa também é a época em que afirmam que os textos religiosos aos quais tivemos acesso foram entalhados e pintados nas diversas construções.

Catherine analisava o que Rutherford lhe dizia.

- E antes disso, antes de Menes?

- Bem, supostamente, havia muitos pequenos reinos e principados. Esses pequenos Estados nunca atingiram nenhuma importância; a maior parte deles era composta de sociedades primitivas, fazendeiros neolíticos que escolheram as margens do rio Nilo para morar. Tudo o que hoje consideramos grandes avanços dos antigos egípcios surgiu durante eras faraônicas que começaram com Menes.

- Tudo isto me parece muito familiar. Lembra-me muito de como os Viracochas foram apagados da história.

Rutherford tirou outro livro da valise.

- Concordo com você. Leia isto. Vou tentar dormir um pouco.

Ele cobriu os olhos com a máscara de dormir e inclinou a cabeça para o lado, exausto, encostando-a no apoio da cadeira.

Catherine estava ansiosa, mas também aliviada, porque sentia que a jornada chegava ao fim, que talvez eles chegassem a uma conclusão em algum lugar das antigas areias do deserto.

Recordou-se das expressões dos homens que os haviam perseguido, seu ar intimidador, a ameaça real de uma violência horrenda que os rondava. Aquelas recordações a amedrontavam, faziam-na desejar fugir, encontrar um lugar seguro, se é que ainda haveria algum lugar seguro. Mas Catherine sabia que tinha de terminar aquilo, descobrir a verdade. Olhou para Rutherford e agradeceu pela imensa alegria que sentia por tê-lo consigo e pelo fato de não ter de enfrentar tudo sozinha.

54

Duas horas depois de aterrissar, Rutherford e Catherine finalmente tinham passado pela alfândega e viajavam, a passos de tartaruga, em um carro alugado pelo trânsito engarrafado da cidade do Cairo. De repente, Rutherford avistou o que procurava. Ali, nos arredores da capital do Egito, erguiam-se as formas inconfundíveis das três maiores pirâmides de Gizé: a Grande Pirâmide, também chamada pelos egiptologistas de Pirâmide de Khufu; a segunda, a Pirâmide de Khafre; e, por fim, a terceira, muito menor, a Pirâmide de Menkaure. Embora elas estejam localizadas no deserto além dos limites da cidade, seu tamanho é tal que, quando vistas do subúrbio do Cairo, parecem surgir do interior da própria cidade, ofuscando todo o resto.

Rutherford parou no acostamento. O mar de carros continuava a ribombar ao passar por eles.

- Olhe!

Catherine inclinou-se olhando para fora, imediatamente sentindo as ondas de calor. O que viu foi de tirar o fôlego.

Rutherford ficou extasiado quando apontou para a maior das três.

- A Grande Pirâmide. A maior estrutura que as mãos do homem já construiu.

- É claro que não! E os arranha-céus do século vinte?

Rutherford achou graça:

- O *que o menino ouviu no lar repete no portal*! A Grande Pirâmide pertence a uma categoria única. Você verá quando nos aproximarmos, e terá a dimensão de sua magnitude quando entrarmos.

- Ninguém jamais chamou minha atenção para o quanto elas são impressionantes.

Rutherford prosseguiu:

- Sim, e torna-se ainda mais surpreendente se você se lembrar de que a Grande

Pirâmide também foi uma das primeiras construções criadas pelo homem. Ela surge do nada, bem no início da história de que se tem registro. Os arqueólogos acreditam que ela tenha sido construída por volta de 2.600

a.C., e creditam-lhe um alto grau de precisão técnica. Dado que os construtores não dispunham nem de guindastes nem de escavadeiras e toda a parafernália a serviço da engenharia moderna, sua construção é praticamente um milagre.

Catherine olhou para ele. Rutherford estava com os olhos pregados na estrutura gigantesca.

"Ele parece estar enfeitiçado por elas... Enfeitiçado pelas pirâmides."

- Elas não lhe provocam uma sensação estranha?

Rutherford ainda olhava para cima contemplando as pirâmides, e respondeu sem voltar os olhos para ela:

- O que é que você disse?

- Bem... E parecido com a decisão de projetar o primeiro carro que já existiu e fabricar uma Ferrari, e daí em diante contentar-se em produzir *karts* durante milhares de anos antes mesmo de chegar perto de construir uma Ferrari novamente -

Rutherford ouvia atentamente o que Catherine dizia. - Quero dizer que dificilmente alguém descreveria isto como o modelo normal de desenvolvimento. Não tenho muito conhecimento sobre história da arquitetura, mas antes de construírem o castelo de Warwick na Inglaterra, ou os grandes castelos dos cruzados, construíram-se tipos de castelo muito mais primitivos. Houve uma curva de aprendizagem, uma progressão gradual, não foi de uma hora para outra, nos primórdios da história, que se decidiu construir o castelo mais perfeito de todos os tempos. A pirâmide desafia este padrão, está aí desde o início dos tempos, olhando com desprezo para tudo o que veio depois dela.

Rutherford tinha o semblante sério:

- Você está certa. Acho que estamos começando a entender com exatidão o quanto a história oficial é inconsistente - e, com o cenho franzido, dirigiu-se a Catherine: - Venha. Quero mostrar-lhe uma coisa.

James pôs o carro em movimento e ingressou na rua movimentada. Eles seguiram pela estrada por mais um quilômetro e meio antes de sair e pegar diversas marginais que os levaram à beira do deserto. As feias construções de concreto localizadas no centro da cidade do Cairo haviam sido deixadas para trás, e mesmo os prédios de escritório em péssimo estado de conservação que circundavam a estrada tinham desaparecido. Os edifícios ali tinham um aspecto quase rural; era como se os subúrbios tivessem se extinguido para se tornar um vilarejo, ou desaparecido à beira do deserto.

As ruas não eram asfaltadas e a poeira levantada pelos pneus ficava suspensa no ar. Rutherford parou o carro.

As pirâmides pareciam elevar-se acima deles, mesmo que ainda estivessem longe, para além das dunas de areia.

- Aqui estamos. Deste ponto em diante seguiremos a pé.

Era uma da tarde; o sol estava a pino. Eles franziam o rosto enquanto avançavam sob a luz solar. O calor parecia bater na areia escaldante e refletir-se neles. O fedor de esterco de cavalo pairava no ar, moscas voavam ao redor de suas orelhas.

O planalto de Gizé estava quase vazio. Um ou dois sentinelas, que davam a impressão de estar sitiados, andavam ao redor da base da Grande Pirâmide, mas os turistas estavam de volta aos hotéis, a salvo do sol. Após uma caminhada extenuante pela areia, Rutherford e Catherine finalmente chegaram às imensas laterais da Grande Pirâmide.

Rutherford se aproximou do primeiro degrau de alvenaria, mas não parecia muito seguro de si. Bateu de leve em um dos colossais blocos de pedra. Seu tamanho atingia a altura do peito e tinha no mínimo dez toneladas de peso. Ele esticou o pescoço e olhou para cima, na direção do topo da enorme pilha de pedra. Catherine protegeu os olhos com a mão e contemplou o entorno da vasta planície de Gizé.

- Você acha que estamos seguros aqui? Será que eles ainda estão nos seguindo?

Rutherford correu os olhos pelo horizonte com certa ansiedade. Toda a paisagem da planície estava mergulhada num calor opressivo.

- Não sei. Temos de supor que sim. A esta altura eles já devem estar sabendo que vôo nós pegamos. Temos que agir rápido.

A boca de Catherine estava seca. Ela olhou para cima avistando a altura inatingível da antiga pirâmide.

- E temos de encontrar Bezumov. Ele deve estar em algum lugar do Cairo.

Rutherford balançou a cabeça em sinal de concordância e virou-se para ela:

- Bem, ele estará aqui no horário do equinócio da primavera, quanto a isto não há dúvida. Com relação ao que podemos fazer, não tenho certeza - Rutherford deu uma olhadela rápida para trás na direção da Grande Pirâmide. - Mas, por enquanto, devemos nos concentrar na resolução do mistério - então, virou-se e apoiou a mão direita na lateral da fileira de pedras mais baixa. - E uma estrutura milagrosa, não acha? E feita de mais de dois milhões e meio de blocos de pedra, cada um pesando entre duas e cinco toneladas, o que é uma quantidade absurda. Se cada bloco não fosse posto exatamente no lugar certo, então, em pouco haveria uma pressão descomunal e toda a estrutura desmoronaria - James bateu nas pedras milenares. - No início, toda a pirâmide foi encapsulada em um arcabouço de filetes de pedra semelhante ao mármore branco.

Depois, toda a estrutura e as duas pirâmides vizinhas brilhavam como espelhos à luz do sol. O efeito deve ter sido absolutamente incrível.

Catherine caminhou até a base. Correu os dedos pelas pedras.

- Como é que podemos saber que foram cobertas daquele jeito? O que aconteceu com o arcabouço?

Rutherford respondeu à pergunta com toda segurança.

- Primeiro, temos descrições que datam da época dos gregos antigos e, além disso, ainda restam fragmentos dele. Cada um desses pedaços do arcabouço pesava mais de dez toneladas, mas a união de uma placa à outra é tão perfeita que não é possível passar nem mesmo uma folha de papel entre elas.

Muito parecida com a cantaria que vimos no Peru - ele acrescentou.

Catherine inclinou a cabeça para trás procurando avistar toda a construção, da

base ao topo. Tal como acontece com uma grande montanha, era impossível enxergar o topo, a interminável escada de pedra era tudo o que se via. Rutherford deu alguns passos para trás com o intuito de ter uma vista melhor da estrutura.

- Mas isso não é tudo. Como você pode perceber, a base da pirâmide forma um quadrado - Catherine deu um passo para trás de modo a juntar-se a ele. - Os quatro lados deste quadrado são alinhados, com toda precisão, aos quatro pontos cardeais da bússola. Isto significa que a face norte, para a qual estamos olhando agora, está perfeitamente alinhada ao norte verdadeiro. E a face leste ao leste verdadeiro, e assim por diante.

Catherine correu os olhos, de um canto a outro, da face norte.

- Não há possibilidade de este alinhamento não ser *perfeito.*

- Bem, digamos que é o mais próximo da perfeição que a mão humana pode alcançar ao construir uma estrutura deste tamanho. Elas foram todas medidas por especialistas, que usaram instrumentos de última geração, e calcula-se que a margem de erro é de menos de 0,1%.

- Isto é incrível!

Rutherford mostrou-se satisfeito ao ver a reação de Catherine.

- Sem dúvida. Mas também não faz sentido.

- Mas não é de se estranhar. É uma loucura total.

- Não, não é isso. Quero dizer que tal grau de precisão não tem nenhuma necessidade. No que diz respeito ao olho humano, não perceberíamos uma margem de erro de 1%. Um construtor contemporâneo, por exemplo, não se preocuparia nem mesmo com 1,5%. O que torna tudo isso ainda mais incompreensível é que reduzir a margem de erro a menos de 0,1% é muito, muito difícil.

Catherine tornou a ficar pasma com tudo aquilo.

- Então, por que se preocuparam com isso? Com que o objetivo?

Rutherford tocou o queixo com os dedos da mão direita.

- É exatamente este o ponto a que quero chegar. Na verdade, ninguém sabe o porquê. Seja como for, a mania de precisão não para por aí. Os comprimentos dos lados também têm uma uniformidade quase perfeita. E todos os cantos formam, levando-se em consideração as limitações humanas, ângulos precisos de 90°. É inexplicável.

Catherine ficou encantada com a habilidade empregada naquela construção antiga.

- Mas como eles alcançaram tamanha genialidade técnica?

Rutherford tirou a mão do queixo e ergueu o dedo indicador, como se desejasse enfatizar o que queria dizer.

- Ah! Há outro problema. Este grau de habilidade volta a ser alcançado apenas no século XX. Ninguém consegue entender de que maneira é possível alcançar tamanha precisão sem os modernos instrumentos de levantamento topográfico. Mesmo com estes instrumentos isto beira o impossível. Mais um mistério para desvendarmos.

Do outro lado da cidade, no Nile Hilton, o porteiro núbio, elegantemente trajado com turbante, uniforme vermelho e luvas brancas, abriu uma das portas de vidro que ficavam na entrada do hotel quando Ivan Bezumov, com um andar resoluto, passou por ela.

Tão logo Bezumov saiu, deparando-se com o calor escaldante da tarde do Cairo, um motorista, com aspecto nervoso, que o estivera esperando à sombra de uma das palmeiras que decoravam os jardins do hotel, ficou alerta, apagou o cigarro e saltou para dentro do veículo. Era um Toyota Land Cruiser, com tração nas quatro rodas, de acordo com a solicitação de Bezumov.

O motor roncou no momento em que o motorista girou a chave na ignição. Bezumov aguardou com impaciência que o Land Cruiser estacionasse do lado de fora da entrada anterior do hotel. Antes que o motorista tivesse tempo de sair e contornar o carro para abrir a porta do passageiro, conforme o treinamento que recebera, Bezumov entrou no veículo.

- Para as pirâmides. E rápido!

55

Catherine seguiu Rutherford até o canto da Grande Pirâmide.

Ao chegar, posicionou-se a fim de poder enxergar com clareza as faces norte e oeste, ainda que com certa obliqüidade na angulação. Concentrou sua atenção no topo, e observou que as últimas fileiras de alvenaria pareciam estar faltando.

- O que aconteceu com o topo?

Rutherford recuou e admirou a vista voltada para o oeste, que se confundia, na distância, com as ondulantes dunas de areia.

- Ninguém sabe dizer ao certo. Em determinado momento dos últimos milhares de anos, o topo foi suprimido. Há pelo menos 2.500 anos os viajantes já relatavam que as últimas fileiras abaixo do topo não estavam ali.

- O que pode ter estado no topo?

- Acredita-se que a verdadeira ponta teria sido formada pela pedra Benben.

- Como é?

- Benben6 é o nome da construção final, por assim dizer, que é colocada no topo do corpo da pirâmide. Diz o mito que no início dos tempos, Atum, o deus egípcio da criação, moveu-se no vazio e fez que os deuses nascessem. O recuo das águas de todo aquele caos revelou alguns montes de terra firme. Sobre um desses montes de terra firme caiu a pedra Benben.

- Nossa! Mais um mito ligado a um dilúvio.

6 Alguns estudiosos acreditam que a cônica pedra Benben representava o primeiro monte de terra e marcava o ponto onde os primeiros raios de sol caíam de Rá. A forma cônica marcava o caminho do faraó para o paraíso, ascendendo os raios do sol. Outros acreditam que a pedra era na verdade um meteorito de ferro e representava a semente do deus mais antigo, Aton, que criou o planeta através da masturbação: a palavra "benben" significa

"copular". A tampa em forma de pirâmide em um obelisco poderia representar o

divino órgão sexual de Aton e sua semente. (Disponível em: http://discoverybrasil.com/egito/monumento/pedra_benben/index.shtml.) (N. R.)

- Sim, é isto mesmo.

- Mas se é um mito, então, não é mais provável que a pedra Benben seja apenas um símbolo, ou uma metáfora?

- Eu não apostaria nisto. Talvez seja parte de um meteorito.

Há outros casos de povos antigos que idolatravam tais objetos.

Ou talvez seja simplesmente uma pedra sagrada, ou um objeto produzido pelo homem, mas não há razão para acreditar que ela não tenha existido. Aparentemente, a pedra Benben ficava no topo do arcabouço de mármore reluzente, brilhando intensamente, lançando uma luz divina que poderia ser vista a quilômetros e quilômetros dos arredores. Mesmo à noite, a luz das estrelas a iluminava.

- Mas de que ela era feita?

- Diamante, granito polido, ouro... Quem sabe? Dizem que nela tinha o olho de Hórus incrustado. Você sabe a que me refiro? Aquele olho perturbador que se vê na pirâmide retratada na nota de dólar? A tradição acredita que a Benben foi trazida à Terra pelos sumos sacerdotes quando perceberam que os dias da antiga religião chegavam ao fim. O

cristianismo estava em ascensão, eles sabiam que seriam obrigados a remover a Benben, ou mais cedo ou mais tarde alguém a furtaria. Portanto, eles a removeram e esconderam.

Este, sem dúvida, corresponde a apenas mais um dos mistérios das pirâmides.

Catherine virou-se para contemplar o deserto.

"Areia, areia e mais areia, estendendo-se por toda a costa atlântica. Não há muitas rochas por aqui..."

- James, pense bem. Afinal de contas, por que diabos eles construíram as

pirâmides? Como é que transportaram todos esses blocos de pedra gigantes pelo deserto e os empilharam com tamanha perfeição?

Rutherford estivera aguardando a pergunta e se pegou rindo.

- Você não vai gostar da resposta, mas, novamente, ninguém sabe.

Catherine olhou para ele. Tinha um ar de surpresa.

- Há dois milhões e meio de blocos envolvidos, e nenhum deles pesa menos que um carro. Como *você* planejaria mover todos eles sem nem sequer contar com um guindaste? -

Catherine lançou-lhe um olhar sério.

- Não sou egiptologista nem engenheira. Não tenho a menor idéia. Quais são as teorias?

- Creio que a teoria mais popular, a que parece ser a mais ensinada na escola, é a de que os blocos foram empurrados, arrastados e erguidos para serem postos em seu lugar usando a força bruta. Foram necessários cem mil homens e vinte anos para concluí-la.

Catherine refletiu por alguns instantes.

- Isto é uma "pá" de gente. Muitas bocas para sustentar. Eles eram prisioneiros de guerra?

- Não. Supõe-se que eram agricultores. Eles só trabalhavam nas pirâmides durante o período de três meses, quando o Nilo transbordava, época em que tiravam um descanso forçado do trabalho nas plantações.

Catherine começou a pensar alto.

- Um período de férias! Certo. Então, três meses por ano, durante vinte anos, perfaz sessenta meses. Imaginemos que eles trabalhassem doze horas por dia. Com trinta dias por mês a um ritmo de doze horas por dia chega-se a um total aproximado de vinte mil horas. Portanto, se havia dois milhões e meio de blocos, todos pesando pelo menos duas toneladas cada um, suponho que eles teriam de deslocar em torno de cento e vinte blocos por hora. Ou, no mínimo, dois blocos

por minuto.

Rutherford não conseguiu disfarçar a incredulidade.

- Devo dizer que deslocar dois blocos por minuto parece absolutamente inacreditável. Mas o que torna isto ainda mais incrível era que eles não só movimentavam os blocos e os largavam em algum lugar, mas os erguiam a centenas de metros e em seguida os punham no lugar com a precisão de um neurocirurgião.

Rutherford riu, encolhendo os ombros.

Catherine tinha outra pergunta em mente:

- Para começo de conversa, você ainda não me disse com que intuito as pirâmides foram construídas.

Rutherford ficou repentinamente desapontado.

- Eu realmente não sei mais o que pensar. Começo a acreditar que Bezumov está muito mais perto da verdade que a sabedoria convencional.

A testa de Catherine estava enrugada de tanta perplexidade.

- O que você está querendo dizer?

- Os egiptologistas dizem que as pirâmides são túmulos. Elas representam a última morada dos faraós... Eu concordava com eles. Mas, hoje, não mais - Rutherford ergueu o pescoço para enxergar o todo da Grande Pirâmide. - Parece uma explicação muito simplista. Por que ter tanto trabalho? Deve haver muito mais à saber sobre as pirâmides do que simplesmente enxergá-

las como câmaras mortuárias de reis mortos. Desculpe, acho que não estou dizendo coisa com coisa. Algo me diz que...

- Afinal, que provas são apresentadas pelos arqueólogos para que as considerem túmulos?

Rutherford fez uma pausa para organizar os pensamentos e voltou a falar:

- Foi Heródoto, o historiador grego do século V a.C., quem relatou pela primeira vez a teoria de que a Grande Pirâmide foi construída por Khufu, que seu irmão Khafre construiu a segunda pirâmide, e o filho de Khafre a terceira. Desde então, os egiptologistas tendem a concordar com a idéia, e sempre que encontram provas circunstanciais consideram-na uma prova cabal. Por exemplo, eles encontraram diversas inscrições ao redor do local em que Gizé está localizada que atribuem a construção da Grande Pirâmide a Khufu. Mas isto não é prova. Nada mais natural que um faraó apropriar-se dos locais que pertenceram a seus antepassados. Quando as pirâmides foram abertas, estavam completamente vazias, não havia tesouros e, apenas na terceira, a menor delas, havia ossos. Mas estudos mostraram que a data aproximada é a época de Cristo, muito tempo depois que as pirâmides foram construídas. Eles afirmam que no caso da Grande Pirâmide, ela deve ter sido esvaziada por profanadores de túmulos. Mas não se sabe ao certo.

Catherine refletiu sobre o que James dizia.

- Certo. Isso tudo quer dizer que realmente não sabemos nada?

Rutherford sorriu encabulado.

- Sim - ele olhou para cima novamente, contemplando a enorme lateral nua da pirâmide. É outro mistério numa terra de mistérios.

Desconhecemos sua utilidade, não entendemos como alguém poderia tê-las construído, não sabemos *quem* as construiu, e, francamente, nem mesmo sabemos *quando* foram construídas.

Estão bem aqui desde o início dos tempos, e é bem possível que muito antes disso - dando um passo atrás, sorriu para ela.

- Venha, vamos dar uma olhada.

56

Do outro lado do Cairo, dr. Ahmed Aziz retornava ao escritório após um longo almoço. Além de seu papel como diretor de antigüidades egípcias, ele era também o responsável pela Grande Pirâmide e vice-diretor do Museu Egípcio. Era um homem de aparência jovem, parecia ter uns trinta ou quarenta e poucos anos, com um bigode preto e farto, e hoje vestia um elegante terno azul-escuro. Pode-se dizer que estava no grupo dos parrudos, provavelmente em conseqüência dos muitos almoços e jantares a que era obrigado a comparecer, tanto antes quanto depois de ciceronear as delegações estrangeiras pelos fantásticos locais do Egito, mas gozava de perfeita saúde.

A razão de ter ascendido tão rapidamente àquela posição proeminente em um dos mais importantes departamentos do patrimônio histórico do mundo ainda era um mistério, mesmo para muitos dos membros do próprio governo egípcio. Não que lhe faltasse preparo para isto; suas qualificações em determinadas áreas da cerâmica egípcia antiga eram incontestáveis, além de ser pós-doutorado nos Estados Unidos. Mas ser promovido às altas esferas da diretoria com tão pouca idade para isto não tinha precedentes. A vida fora generosa com ele.

Olhou para o relógio na parede de seu confortável escritório.

Eram 15h30. O almoço se estendera mais do que pretendia, mas era quase sempre assim quando estava encarregado de entreter dignitários estrangeiros importantes.

Mal teve tempo de se sentar e a linha direta começou a tocar.

Apanhando o fone com a mão rechonchuda enfeitada com dois grossos anéis de ouro, ele atendeu:

- *Salaam aleikum.*

- Aziz, sou eu - a voz inconfundível do senador Kurtz ecoou pelo telefone.

A expressão de seu interlocutor mudou de imediato. O

semblante de leve enfado e frustração que tinha em seu rosto desaparecera.

Agora estava visivelmente alerta.

Olhou para a porta do escritório. Estava aberta. Podia-se ver, na sala externa onde ficava a secretária junto com o assessor, o sr. Poimandres, um egípcio cristão cóptico de estatura baixa, compleição frágil, com uns sessenta anos. Ambos pareciam estar ocupados, a secretária digitava um documento e o sr.

Poimandres estava ao telefone.

Ele não correria nenhum risco, principalmente com o sr.

Poimandres. Aziz jamais ficara à vontade perto do assessor.

Talvez isso acontecesse por Poimandres ser membro de uma das igrejas cristãs mais antigas do mundo, o que fazia com que Aziz, um muçulmano devoto, sentisse um mal-estar considerável. Os coptas haviam exercido grande poder na sociedade egípcia durante dois mil anos; um poder desmedido, segundo o que alguns disseram. Não fosse pelo fato de Poimandres ser muito confiável e tão bom no que fazia, e Aziz, usando de toda discrição, o teria mandado passear anos atrás.

Aziz conseguia ouvir a respiração impaciente do senador.

- Senhor, um momento, por favor.

Pousou o fone sobre o bloco de anotações com capa de couro sobre a escrivaninha, andou até a porta e, depois de espiar para certificar-se de que não havia mais ninguém no outro escritório, fechou-a e trancou.

- Senhor, às ordens. Estou de volta.

- Aziz, ouça com muita atenção. Se alguém visitá-lo hoje, fazendo perguntas ou oferecendo teorias sobre as pirâmides, quero que responda às questões da seguinte maneira... Está me ouvindo?

- Sim. Sim, senhor.

Houve uma interrupção.

- Diga que suas teorias contêm muitos erros. Diga que essas idéias não são novas

e que, apesar de parecer muito interessantes, não estão calcadas na realidade. Eles tentarão ser racionais, mas não entre em contenda com eles. Entendeu?

Não discuta. Apenas diga-lhes que estão errados.

- Sim, senhor. Talvez o senhor prefira que eu peça licença, ou não aceite recebê-los?

- Não, não faça isso, pode levantar suspeitas. Eles não são curiosos, estamos falando de acadêmicos da Universidade de Oxford, profissionais cuja reputação é impecável. Encontre-os, não entre em conflito e refute tudo o que disserem.

Entendeu?

- Sim, senhor. Sem dúvida, senhor.

- Aziz! Se você preza seu precioso cargo, não faça nenhuma besteira. Dentro em breve estarei no Egito e cuidarei deles pessoalmente.

Aziz engoliu seco, tamanho seu nervosismo, e enxugou a testa suada com o lenço.

- O senhor está vindo para o Egito?

A linha ficou muda. O pulso de Aziz estava acelerado como se tivesse acabado de praticar uma corrida de curta distância.

57

Catherine e Rutherford percorreram metade do caminho que levava à face oeste da pirâmide, em cujo local o moderno andaime suportava o peso de uma escada conduzindo à entrada. À medida que se aproximavam, Catherine olhou para a areia, para os turistas e para os visitantes ocasionais, e ficou pensando se havia alguém atrás deles. Viu um homem desacompanhado, apartado de qualquer grupo, com um traje árabe, mas não parecia estar olhando para ela. Observou uma família que se movia lentamente pela areia. Tinha a impressão de que estava tudo bem, mas tudo podia mudar tão rápido, e a idéia de se tornar prisioneira não a agradava. Mais cedo ou mais tarde Bezumov apareceria, e estava certa de que não ficaria nem um pouco satisfeito em encontrá-los.

Rutherford olhou para ela:

- Então venha. Vamos acabar logo com isto.

Ele também estava preocupado, e os dois trataram de entrar rapidamente, subindo as escadas com dificuldade, com a cabeça abaixada. Ao chegar lá em cima, entraram pela abertura semelhante a uma caverna. Catherine virou o pescoço para trás e correu os olhos pelas areias do deserto em direção ao estacionamento. Os carros iam e vinham. Não havia sequer pisado no enorme túnel, mas já se sentia sufocada pela claustrofobia.

Rutherford deu um passo à frente e esticou a mão, passando-a na lateral da parede cujo relevo era irregular.

- Não preste atenção a este túnel, ele é uma aberração. Foi construído por operários árabes, não pelos extraordinários construtores das pirâmides. Esta é a razão de ser meio malfeito. Chama-se buraco de Mamum, nome do califa egípcio que ordenou o arrombamento da pirâmide.

Em silêncio os dois percorreram a passagem mal iluminada até saírem no túnel principal.

O corredor descendente precipitava-se no escuro. Apesar de as luzes terem sido instaladas a intervalos regulares no teto, era impossível enxergar o chão. Aquele corredor lembrava o interior de uma enorme peça de um maquinário de aço. As

paredes de pedra eram lisas como vidro. Catherine ficou sem palavras ao ver tudo aquilo..

"Isto é simplesmente extraordinário. Não pode ser um túmulo.

Tem-se a sensação de que foi construído para servir a um determinado propósito."

Rutherford deu-lhe um sorriso.

- Imaginei que você ficaria impressionada. Ele se estende por 105 metros a um ângulo de exatamente 26°, metade dos 52°

de inclinação dos lados da pirâmide. Contudo, o mais incrível é que o desvio é inferior a uma polegada de uma ponta à outra. Até mesmo hoje tal precisão seria quase impossível de alcançar.

Rutherford conduziu Catherine pela passagem.

À medida que avançavam, ela olhava ao redor, conferindo a penumbra, quanto suas sombras mudavam de forma nas paredes. Ela ouvia cada passo, cujo som era intensificado pelo silêncio ao redor. De repente, teve a impressão de ouvir passos ecoando atrás de si. Não havia nada mais a fazer, ela pensou, além de ir em frente. Deu-se conta de que tinha a respiração curta, nervosa, e tentou se acalmar. Transpôs alguns degraus que levavam a uma passagem ascendente, a imagem espelhada do túnel descendente. A mesma perfeição maquinal e inclinação angular inatingível, mas, desta vez, apontando para cima. Sua sensação de claustrofobia aumentou. O teto tinha menos de 1,20 metros de altura, e o ambiente era abafado e sufocante. Curvados, os dois continuaram a subir.

Concluído o esforço despendido ao longo do caminho, a passagem estreita de repente se abriu numa câmara bem maior, com 45 metros de comprimento por 9 de altura, com um teto inclinado e abobadado. Rutherford endireitou a postura e espreguiçou-se aliviado.

- Ufa! Estava começando a entrar em pânico ali.

Catherine enxugou a testa, mas não disse nada. Não queria confessar o tamanho de seu medo. Tinha a sensação, cada vez mais clara, de que alguém os seguira à

pirâmide para lhes exigir alguma espécie de vingança terrível. Tentando espantar o pressentimento esmagador, olhou para a passagem de inclinação ascendente que se abria à frente deles.

- O que é *aquilo?* - ela apontou para uma vala que percorria toda a superfície do chão da câmara. - Parece uma espécie de sulco para encaixe de uma peça de maquinário ou coisa parecida. Por favor, não venha me dizer que não sabe o que é.

Rutherford olhou para ela, como que pedindo desculpas por não ter a resposta. Catherine balançou a cabeça em sinal de inconformismo, enquanto começavam a subida em direção à grande galeria.

Depois de atravessar outra passagem, ingressaram num último grande salão. Rutherford endireitou as costas esfregando a região lombar e ajeitou novamente a mochila nas costas.

- Então, aqui estamos nós. A câmara do rei.

Catherine chegou ao lado de James e sentiu o impacto da atmosfera opressiva do lugar. Sabia das toneladas de alvenaria sob as quais estavam, e era como se as grandes lajes de pedra escuras que formavam as paredes estivessem descendo sobre eles.

"SE alguém chegasse agora para nos matar, ninguém ouviria nada. Ninguém jamais ficaria sabendo..."

O rosto de Rutherford reluzia de tanto suor.

- O que é aquilo? - Catherine apontou para a caixa de pedra do tamanho de um homem que estava sobre o chão numa das extremidades do salão.

- Aquilo é um cofre. Está vazio. Venha, vamos dar uma olhada.

Caminharam até a caixa e a examinaram por dentro.

Rutherford, consultando o guia que trazia consigo, murmurou as dimensões do objeto. De repente, exclamou:

- Meu Deus! As medidas imperiais que ainda hoje usamos na Inglaterra e na

América do Norte, as polegadas e os pés, estão relacionadas ao sistema métrico empregado na construção da pirâmide e do cofre.

- O quê? Você quer dizer que isto foi usado como base para o nosso sistema métrico?

- Parece que sim. Eu jamais relacionara esses parâmetros à pirâmide, mas agora tenho a impressão de que é a fonte de tudo. A caixa deve estar aqui desde o início, porque é grande demais para sair passando pelo túnel que acabamos de atravessar. O que também é interessante é que os cantos *internos* têm ângulos retos de uma perfeição absoluta. É

inexplicável como isso pode ter sido alcançado com alguma outra coisa que não a moderna tecnologia. São necessárias toneladas de pressão e brocas de diamante para furar o granito desta maneira.

De repente, Catherine teve um *insight.* Com certo tom de medo na voz, disse:

- Só um minuto. Que medidas eram essas que você acabou de ler?

Confuso com o pedido, Rutherford analisou o rosto de Catherine antes de voltar a olhar o guia.

- O interior dele mede 6 pés por 6.6 polegadas de comprimento...

- Sim - ela o interrompeu. - Foi isto que entendi. Não pode ser uma coincidência, dado tudo que sabemos sobre a mania de precisão que tinham. O comprimento interno deste cofre antigo, localizado no coração da construção mais antiga e estranha do mundo, é 6 X 6 X 6, o número do demônio.

Logo depois, as luzes piscaram e por um breve momento a câmara ficou mergulhada em total escuridão. O pulso de Catherine disparou. Rutherford teve a nítida sensação de que uma onda de puro terror se formava no estômago e aos poucos lhe invadia o peito.

Em seguida, as luzes voltaram a piscar, devolvendo a luz ao ambiente, e o salão emergiu da escuridão. Rutherford parecia dez anos mais velho:

- Certo. Vamos ficar aqui apenas o tempo necessário.

Catherine voltou a respirar:

- Concordo plenamente.

A luz se manteve. Rutherford enxugou o suor com a manga da camisa e recomeçou a falar, mas sua voz soava muito nervosa:

- Na verdade, 666 não é o número da besta.

Catherine, olhando ao redor do salão que lembrava uma tumba e cuja atmosfera era opressiva, não entendeu.

- Em que sentido?

- Bem, ele é muito mais antigo do que o cristianismo. É o número pagão que representa o sol, ou a força terrena. Os alquimistas associaram-no ao enxofre. Em gematria, a frase bíblica *theos eini epi gaia,* "Sou Deus na Terra", tem o valor 666. Os últimos cristãos, que haviam perdido contato com os antigos ensinamentos, temiam os números e seu poder simbólico - Rutherford passou o antebraço pela sobrancelha ardente e, nervoso, correu os olhos pelo local. - Mas há algo mais importante. Venha cá, rápido.

Ele caminhou até a parede sul da câmara do rei. Catherine o acompanhou, todo o tempo temendo que as luzes se apagassem novamente, desejando ter trazido uma tocha.

Rutherford apontou para um pequeno buraco.

- Aqui! Este fosso leva diretamente ao exterior por meio dos blocos da pirâmide. Como tudo aqui, ele também é perfeitamente reto. Dirige-se para cima, pela parte central da alvenaria, a um ângulo de exatos 45°. Milhares e milhares de blocos teriam de ser esculpidos um a um de modo que o fosso pudesse percorrê-los. Mas isto é só a metade da história. Se você estender o fosso ao espaço sideral, por vezes ele cruza com precisão a trilha do meridiano do cinturão de Órion, uma área sagrada do céu na religião egípcia. Do mesmo modo, na câmara da rainha, o fosso sulino está alinhado com perfeição à passagem da estrela Sírius, que também era muito importante.

O hieróglifo que representa Sírius é formado por uma estrela, uma pirâmide e uma pedra Benben.

Ao ouvir a menção a Sírius, Catherine sentiu uma pontada no peito, como se, de repente, tivesse sido levada de volta ao ensolarado auditório do All Souls e sua palestra sobre o mistério das tribos dos Dogon. "Como *é que podemos ter chegado tão longe a ponto de essas questões não mais serem jogos divertidos acadêmicos, mas questões de vida ou morte?"*

Rutherford prosseguiu:

- E cada câmara também tem um outro fosso que se alinha com uma estrela específica. Em geral, quando uma está alinhada, as outras estão apenas apontando na direção de lixo cósmico. Mas, aparentemente, todos os quatro fossos se alinham corretamente quando se volta o relógio estelar ao ano de 2.450 a.C.

- Gostaria de saber que importância teve isso para os construtores. Talvez corresponda à data em que finalmente conseguiram se restabelecer após o caos gerado pelo dilúvio?

Mas existe alguma coisa sobre a relação com Sírius...

Rutherford não entendeu bem aonde Catherine queria chegar.

- Qual?

- Oh, nada... E estranho... Seja como for, não pode ser uma coincidência que os fossos se alinhem nas estrelas.

Rutherford olhou para as luzes com ansiedade, como se esperasse que se apagassem novamente.

- Vamos conversar sobre isto lá fora, não suporto mais esta pressão. Este espaço fechado está me fazendo mal - Catherine falou enquanto se preparava para sair.

- Concordo plenamente. Vamos sair daqui.

58

A porta do avião do secretário Miller se abriu e o calor norte-africano o atingiu como se fosse uma muralha. O aeroporto internacional do Cairo fervia sob o sol. Os motores da aeronave ainda estavam ligados, e o ruído impedia que se conversasse. O ar estava impregnado com o cheiro do combustível.

Com ar contrariado no rosto, o secretário desceu os enormes degraus e pôs o pé na pista, acompanhado de dois de seus guarda-costas mais confiáveis. Enquanto isso, um caminhão com capacidade para quatro toneladas coberto com lona parou, derrapando, a alguns metros do avião. Um homem branco, em boa forma, vestindo um uniforme de combate camuflado, saltou da cabine do motorista e caminhou a passos rápidos até a aeronave. Os motores ainda gemiam lentamente tentando parar, por isso o homem teve de gritar para se fazer ouvir.

- Senhor, tenho seis homens aqui comigo. Todos armados e prontos para partir, e temos agentes de prontidão espalhados por todo Cairo. Informo que os alvos passaram pela alfândega três horas atrás e que agora estão em Gizé.

- E o homem de branco? Vocês o encontraram?

Não, senhor, mais uma vez não conseguimos seguir seus passos. Nossas operações globais dizem que ele é um ex-oficial do exército russo, um cientista e espião renegado, o que provavelmente explica por que o perdemos de vista. Ele trabalhou com o professor Kent dois anos atrás, tem um histórico de interesse nas calotas polares.

O secretário voltou os olhos para o estafeta e, falando com determinação, apresentou-lhe o plano.

- Precisamos encontrar um momento em que os alvos estejam sozinhos, então os pegaremos. Não quero uma repetição do que aconteceu em La Paz. Isso tem que ser feito com toda discrição, mas quero homens armados de prontidão em Gizé.

Quanto ao russo, está na hora de o calarmos também. Nessa altura dos acontecimentos, não podemos arriscar. Dê uma foto dele à todos os agentes imediatamente e atirem nele assim que o virem.

O secretário calou-se e correu os olhos pela pisa em direção aos prédios do aeroporto, onde figuras humanas distantes se movimentavam no calor ondulante. Agora faltavam apenas algumas horas para o equinócio da primavera. Ele aparentava cansaço, até mesmo mais idade. Pela primeira vez seus olhos revelavam certa vulnerabilidade, parecia quase ferido em seu orgulho próprio.

Olhou para os dois guarda-costas, a quem dera instruções no avião. Eles eram muito experientes, e estava certo de que podia contar com a lealdade de ambos para lidar com o senador, que entraria nos planos nos próximos dias. A última coisa que esperava era ser submetido a um interrogatório por parte de um de seus aliados.

59

Emergindo das entranhas da Grande Pirâmide, Catherine e Rutherford ficaram quase cegos com a faiscante luz do sol. O

céu azul sem nuvens estendia-se em todas as direções, e mesmo a vista desoladora do deserto vazio lhes deu uma sensação de alívio após o intenso medo e claustrofobia gerados no interior das passagens subterrâneas da Grande Pirâmide.

Catherine protegeu os olhos com a mão esquerda enquanto com a outra tentava se livrar da poeira nas roupas.

- Ah! Ar! Ar fresco e luz do sol. Graças a Deus estamos aqui fora. Não gostaria de ter que passar a noite lá dentro.

Rutherford tirou os óculos escuros da mochila e respirou fundo:

- Concordo!

Catherine se virou e olhou para trás, avistando a estrutura monumental da Grande Pirâmide:

- Bem, uma coisa é certa. Isto não foi construído por um povo primitivo. E não era uma simples câmara mortuária. Quem dera o professor Kent estivesse aqui para conversarmos. Ele saberia o que fazer.

Rutherford discordou, gesticulando a cabeça, e com uma determinação obstinada na voz disse:

- Temos que prosseguir. Acabaremos descobrindo tudo.

Catherine caminhou até ele, envolveu-lhe os ombros com os braços e o abraçou sem dizer nada. Por pouco tempo ficaram abraçados, e, em seguida, Catherine se afastou e pôs a mochila nas costas.

Juntos contornaram o canto nordeste da Grande Pirâmide e avistaram a Necrópole de Gizé.

- Ali está.

Rutherford apontou em direção ao sudeste, para além do platô rochoso, cujo declive gradual conduzia ao local onde estava a esfinge, aninhada na vala feita pelo homem. Com corpo de leão e cabeça de homem, ela está deitada com as patas dianteiras esticadas e tem o volume do corpo fundido à rocha maciça por detrás. Estava ali, aguardando, desde tempos imemoriais. A areia invasiva a enterrara por completo em diversas ocasiões, mas havia sempre um imperador, rei ou governante que acabava por desenterrá-la.

- Ela está voltada para o leste, creio eu - observou Catherine.

- Sim, o leste verdadeiro, na direção do nascer do sol. Desta vez os construtores estão marcando a era astrológica de Leão, que começa em 10.970 e termina em 8.810.

- Isto é impressionante. Encaixa-se perfeitamente às datas relacionadas ao final da última era glacial. Você acha que eles estavam fazendo a marcação quando sua civilização foi destruída?

Rutherford não respondeu, e os dois se aproximaram da lateral da esfinge gigante. Tinha em torno de 18 metros de altura por 73 de comprimento, a maior escultura já feita. James esticou o pescoço:

- Está vendo como ela foi erodida? - Catherine analisou os grandes buracos e fendas que marcavam a pedra milenar da qual a fera fora criada. Em determinadas partes tinha-se a impressão de que se tratava de um modelo feito de cera que aos poucos se derretia. Havia enormes furos, de cima a baixo.

- Leva literalmente milhares e milhares de anos para causar uma erosão como esta.

- E de que maneira essa erosão acontece?

- Chuva, chuva, e mais chuva. O Saara é um deserto jovem.

Aqui nem sempre foi assim. Um dia já foi verde, fértil e agradável. E bem se vê que choveu muito, e por um longo tempo.

- Então, quando é que se acredita que ela sofreu esse desgaste?

- Bom... Veja. Isto depende da pessoa a quem você perguntar.

Os dois caminharam até a frente da esfinge e contemplaram-lhe a face secular.

- Os especialistas em desgaste de pedra calcária concluíram que ela deve ter sido deteriorada há pelo menos 9.000 anos. E

esta é uma visão conservadora. É enorme, quase incompreensivelmente antiga. E é claro, como já sabemos, a história ortodoxa diz que naquela época todos nós andávamos por aí vestindo tangas, usando instrumentos da idade da pedra.

Olhando para o rosto inescrutável da esfinge, Catherine pensou nas pessoas admiráveis que deviam tê-la criado tantos milhares de anos atrás.

- Certo - Catherine respondeu. - Então, temos uma pirâmide construída de acordo com especificações que a NASA teria dificuldades de cumprir. Ela, por si só, parece sugerir um conhecimento de astronomia e de matemática avançadas se a analisarmos mais detidamente, além de ter também feixes estelares que se alinham em 2.450 a.C. Temos aqui uma esfinge que tem pelo menos 9.000 anos de idade. Mas é provável que seja muito mais velha. E tudo isso indica uma relação evidente com a era de Leão. Mas, apesar disso, toda a comunidade histórica refuta essas provas incontestáveis.

Catherine contornou lentamente as patas dianteiras da estranha criatura:

- E tem mais. Os criadores dos verdadeiros mapas, que serviram como ponto de partida para iniciarmos esta busca, acreditavam que o centro do mundo ficava aqui. E, ainda, temos os mitos de todo o mundo que descrevem um bando de iluminados surgindo após o grande dilúvio para reconstruir suas civilizações destruídas. Esses mitos também contêm, conforme sugeriu o professor Kent, muitas das informações técnicas que podem estar relacionadas a um cataclismo causado pelo deslocamento da crosta terrestre. E, por fim, graças a Von Dechend, podemos dizer que esse cataclismo ocorreu em algum momento da última era do gelo, algo em torno de 11.000 a.C. Isto dá aos refugiados tempo para fugir da Antártida para o Egito, com o intuito de se restabelecer e esculpir a esfinge.

Rutherford voltou-se para Catherine com um sorriso encabulado no rosto:

- E tem mais uma coisa.

Catherine franziu o cenho demonstrando ansiedade:

- O quê?

Rutherford olhou para os próprios pés.

- Esqueci de lhe contar sobre os barcos.

60

Catherine sentiu que começava a ficar tonta.

- Que barcos? - ela perguntou com cautela.

Rutherford olhou para cima. Estava quase sem jeito por ter de revelar mais um mistério.

- Arqueólogos desenterraram diversos barcos da areia próxima às pirâmides. Eles são enormes; embarcações feitas para navegar no oceano, que os arqueólogos marinhos afirmam só poderem ser o resultado de uma longa tradição de experiência projetando barcos.

Catherine jogou a cabeça para trás e riu. Havia ainda uma última informação que precisava obter.

- Temos conhecimento do que os antigos egípcios tinham a dizer sobre suas próprias origens?

- Sim. E, de certo modo, a própria versão do passado fornecida pelos egípcios melhor condiz com as provas do que a história convencional. Isto é, se estivermos inclinados a ler os mitos com olhos solidários.

- O que você quer dizer?

- Ora... Por exemplo, Osíris é um dos deuses egípcios, os Neteru, como eram chamados. Eles chegaram de sua própria terra natal, assim como Quetzalcoatl e seus seguidores, ou os Viracochas. Mas se os Neteru fossem uma civilização mais avançada, com infinita quantidade de conhecimentos técnicos e religiosos, não é de se estranhar que os habitantes originais do Egito atribuíam a eles características divinas.

Catherine era o retrato da concentração.

- Então, os Neteru, que os egiptólogos descartam como deidades mitológicas, devem ter sido os portadores da luz. E

parece ser isto mesmo. Há inscrições hieroglíficas no interior da Pirâmide de

Unas, em Saqqara, cuja data aproximada é 2.400 a.C. Elas são interessantes porque, como as pirâmides aqui em Gizé, também surgiram de repente.

- Em que sentido?

- Bem... Antes do surgimento repentino dessas inscrições, não há registro de escrita primitiva. Não há hieróglifos primários anteriores a esses usados para contar suprimentos ou marcar a passagem dos dias, como é o caso da escrita cuneiforme da Babilônia; em vez disso, passamos diretamente para os hieróglifos mais sofisticados que o Egito jamais voltaria a ver.

E tem mais. Os temas em discussão correspondem a concepções metafísicas e teológicas de alta abstração, completados com um grupo de deuses e deusas de conteúdo bastante simbólico. Wallis Budge, que foi o grande acadêmico inglês da egiptologia, uma vez disse que era simplesmente inexplicável que uma civilização tão sofisticada tivesse surgido do dia para a noite. Seria como ter os Bosquímanos do Kalahari dando à luz toda cultura e religião dos judeus no espaço de cem anos, enquanto também construíam o maior edifício do mundo no deserto da África.

Catherine tentava pensar em qual seria o próximo passo.

- Quem é o responsável por todos esses lugares antigos?

Quero dizer, a quem cabe a palavra final para se estudar essas construções e testar novas teorias? Quem tem o poder de anular essa opinião ortodoxa equivocada?

Rutherford analisou o rosto de Catherine.

- Dr. Ahmed Aziz, o diretor de antigüidades egípcias. Ele pode acabar com a carreira de qualquer egiptólogo com uma simples assinatura, recusando-lhe permissão para visitar os locais ou mesmo impedindo sua entrada no Egito. Ele tem poder absoluto.

Catherine fez que sim com a cabeça:

- Bom, então pelo menos sabemos quem dá a palavra final. Se ele tivesse que fazer um esforço para redatar tudo, então talvez isso realmente acontecesse. Se ele acreditasse que a versão da história egípcia que as pessoas têm hoje está fora

de questão, ele poderia tentar mudar as coisas.

Rutherford olhou para trás contemplando a extraordinária pirâmide.

- Temos que nos perguntar por que ele ainda não fez isso.

Temos que acreditar que ao menos tem conhecimento dessas evidências. Talvez ele não reveja as evidências devido à pressão religiosa por parte do governo.

Catherine não entendeu a lógica daquela explicação.

- Por que isso seria uma razão?

Rutherford tirou os óculos e passou a mão pelo cabelo.

- Bem, os muçulmanos fundamentalistas, que têm grande influência política no governo egípcio, não são muito diferentes dos fundamentalistas cristãos dos Estados Unidos, ou dos judeus, nesse assunto. Eles também têm sua própria versão da história da humanidade, um tipo de versão muçulmana da criacionista cristã. Duvido que eles aceitem ter que explicar, de uma hora para outra, um mundo totalmente novo que tenha precedido este... Mas, não sei, é só especulação.

Catherine sentiu que havia alguma verdade naquilo.

- Acho que devíamos ir até lá e procurar saber. Talvez possamos até mesmo encontrar esse tal Aziz. O que você sabe sobre ele?

- Muito pouco. Encontrei-o uma única vez, anos atrás, embora não tenha muita certeza. Ele ministrou uma palestra em Oxford. Isso aconteceu muito antes de ele ser indicado a diretor. Acho que seu antecessor morreu em um acidente de carro. Lembro-me de que a indicação de Aziz causou uma certa polêmica. Ele é muito jovem, e estudou nos Estados Unidos - Rutherford parecia querer mudar de assunto. - Creio que vale a pena tentar. Até agora não tivemos sinal de Bezumov, mas ainda faltam doze horas para o equinócio. Não sei bem o que ele tem em mente. O que é que se pode fazer com milhões de toneladas de pedra? - ele deu de ombros. -

Tudo bem, vamos tentar falar com Aziz e ver o que ele tem a dizer sobre todas essas inconsistências - James lançou um último olhar demorado para a face

imóvel da esfinge e então jogou a mochila nas costas. - Vamos voltar para o carro.

Catherine contemplou a face imortal da escultura secular e murmurou, quase para si mesma:

- Ainda desvendaremos seu enigma, grande esfinge.

Dando meia-volta, ela acompanhou Rutherford ao longo da leve inclinação do platô de Gizé em direção ao carro.

- *Pare!*

Ao ouvir o grito esganiçado de Bezumov, o motorista parou o carro abruptamente na beirada do estacionamento de Gizé. O

ar encheu-se de poeira na traseira do carro.

Bezumov não acreditou no que via. Franziu os olhos, tentando enxergar os dois ocidentais que via caminhando sobre a areia na direção do estacionamento, afastando-se da esfinge. Seu rosto exibia um misto de raiva e surpresa. À medida que as duas figuras se aproximavam, suas suspeitas se comprovaram.

Ele os seguiu com olhos enquanto chegavam até o carro. A primeira a entrar no veículo foi Donovan, seguida do inglês irritante. Bezumov atingiu o painel do carro com a palma da mão.

De modo instintivo, buscou o coldre sob o paletó. A arma estava lá.

"Mas este não é o lugar adequado."

O carro afastou-se do estacionamento.

- Motorista, siga aquele carro. Não o perca de vista, nem por um segundo!

61

Cairo não é uma cidade em que seja fácil dirigir. Muitas das ruas parecem exatamente iguais, há poucas placas e, esporadicamente, o tráfego é estarrecedor, e os motoristas do Cairo tratam o Código Nacional de Trânsito, quando muito, como um conjunto de orientações vagas e, na pior das hipóteses, como algo sem a menor importância.

Depois de contornar muitas ruas erradas e de buzinar muito, Rutherford e Catherine finalmente entraram em um estacionamento atrás do Departamento do Patrimônio Histórico. Rutherford parecia muitíssimo estressado:

- Isso foi um pesadelo. Pensei que jamais encontraria este lugar, e tive a impressão de que éramos seguidos, até perceber que nem mesmo o criminoso mais determinado do mundo poderia lidar com esse trânsito.

James pulou para fora do carro e olhou na direção do edifício, com a nítida sensação de que havia algo proibido nele.

- Você acha mesmo que vale a pena tentar conseguir uma reunião com Aziz? Refiro-me ao que ele nos dirá mesmo que concorde em nos receber?

Catherine bateu a porta do passageiro.

- James, nossa abordagem funcionou até agora. Se não der em nada, podemos sair daqui, procurar um hotel e tentar pensar em outro plano. Tudo o que quero é ver qual será a reação dele.

Um guarda vestido com um uniforme marrom mal ajustado ao corpo e um boné com viseira andava para lá e para cá do lado de fora de uma guarita, e acenou para que eles se dirigissem à entrada nos fundos do prédio. Catherine e Rutherford caminharam até ele.

- *Salaam aleikum.* Os passaportes, por favor.

Eles apresentaram o passaporte e, após um gesto simbólico de escrutínio, o guarda indicou-lhes que atravessassem a porta.

Lá dentro, um corredor escuro com o piso revestido de linóleo se estendia à frente deles, conduzindo, de acordo com a placa que havia no alto, à recepção. Em ambos os lados do corredor havia portas fechadas e, vez por outra, outros corredores que levavam a quem sabe aonde. Tentando enxergar o final do corredor principal, Catherine olhou para Rutherford.

- O que você acha?

Ele hesitou por um instante e então respondeu:

- Não sei, suponho que devemos nos dirigir à recepção.

Alguns passos depois, Rutherford notou uma placa em inglês e árabe apontando para um corredor que conduzia à direita, na qual se lia: "A Sala do Diretor e ao Salão de Conferências".

- Pensando bem, por que não deixamos a recepcionista para lá e pulamos uma etapa na burocracia. Ela vai nos deixar esperando por horas. Se nosso amigo diretor quiser nos receber, ele assim fará de imediato, e se não, então poderá nos dizer isto pessoalmente, contanto, é claro, que não esteja em horário de almoço.

- Ou fora do país - Catherine acrescentou.

Na metade do corredor ficava a porta que levava ao escritório do diretor. Rutherford ergueu a mão para bater na porta, mas parou por um momento e olhou para Catherine:

- Ok. Lá vai! - e terminou por dar sonoras batidas na porta.

Aguardaram algum sinal com uma expectativa impaciente.

Decorridos mais ou menos trinta segundos, a porta foi aberta por uma jovem usando o habitual xale de cabeça muçulmano, que pareceu surpresa ao ver Catherine e Rutherford em pé no corredor.

- Olá, posso ajudá-los? - ela tinha um bom domínio do inglês com um forte sotaque egípcio.

Rutherford olhou para Catherine, e começou a falar:

- Humm... Sim. Viemos falar com o dr. Aziz. Ele está?

A secretária olhou para os dois como se suspeitasse de alguma coisa.

- Vocês têm hora marcada?

Rutherford não sabia muito bem o que responder, mas, antes que pudesse pensar no que dizer, Catherine tomou a iniciativa.

Em um tom de justa indignação, dirigiu-se à mulher.

- Com licença... - ela deu um passo à frente de Rutherford. -

Sim, temos hora marcada. Por favor, você pode dizer ao dr.

Aziz que Catherine Donovan e James Rutherford, da Universidade de Oxford, estão aqui para vê-lo? E faça a gentileza de nos deixar entrar, não me agrada nem um pouco ter que esperar no corredor, especialmente após um longo vôo.

A atitude funcionou. A secretária abriu a porta imediatamente, revelando a espaçosa ante-sala do escritório de Ahmed Aziz, fazendo sinal para que eles entrassem. O escritório tinha grandes janelas que davam para um jardim egípcio bem cuidado, e uma segunda porta que Catherine supôs devia levar ao escritório particular de Ahmed Aziz. Havia dois sofás grandes de couro verde, acompanhados de charutos turcos ornamentais, e enquanto Catherine analisava a sala, percebeu que havia outra pessoa sentada no escritório. Um egípcio baixo, franzino, que ocupava a segunda escrivaninha. Ele sorriu para ela, e seus os olhos escuros piscaram. A secretária, parecendo muito ansiosa, os conduziu a um dos sofás.

- Por favor, sentem-se. Sr. Rutherford e Senhorita Donovan, certo?

Catherine respondeu com soberba:

- Na verdade, dr. Rutherford e dra. Donovan. Obrigada.

Lançando mais um olhar ansioso para eles, a secretária caminhou de volta à escrivaninha e sentou-se. Apanhou o telefone e discou um número. Rutherford acompanhou cada movimento dela.

Depois de murmurar em um árabe gutural por alguns instantes, desligou o telefone.

- Dr. Aziz já vai recebê-los.

Catherine olhou para Rutherford com um sorriso conspirador, e ambos sentaram-se em um dos amplos sofás de couro. Um minuto depois a porta do escritório do dr. Aziz se abriu e o próprio homem a atravessou.

- Olá. Bem-vindos ao Cairo. Por favor, entrem, entrem.

Tanto Catherine quanto Rutherford ficaram surpresos com a cordialidade da recepção enquanto o acompanhavam ao escritório. Não era para ser assim tão fácil; em qualquer lugar do mundo esperava-se que fosse muito difícil ver pessoas tão importantes com tão pouca antecedência. *"Isso é muito estranho"*, pensou Rutherford. Ele chegara até ali esperando despender um grande esforço. Na melhor das hipóteses, esperava que lhe dissessem para voltar no dia seguinte, ou dentro de dois dias. Mas, agora, aquela autoridade lhes pedia que entrassem imediatamente, sem perguntar nada.

O escritório de Aziz era suntuosamente decorado com tapetes turcos e cadeiras revestidas de couro. As paredes eram enfeitadas com pôsteres do Ministério do Turismo egípcio que retratavam os lugares mais importantes do país, e sobre a escrivaninha havia um peso de papel, uma miniatura, com cinco centímetros de altura, a reprodução da pedra de Benben.

Aziz fez um gesto para que se sentassem, acomodou-se atrás da escrivaninha e começou a falar. Tinha um sotaque egípcio marcante, mas seu inglês era fluente. Catherine julgou que a voz acusava um tom indulgente e ligeiramente vil.

- Então... Aceitem minhas desculpas. Minha secretária deve ter cometido um erro ao marcar sua visita - ele se acomodou na cadeira com um dos braços dobrado sobre o apoio e lhes sorriu, dando a nítida impressão de não estar com pressa. -

Café? Chá de hortelã?

Rutherford não entendia a razão de tanta gentileza. Catherine inclinou-se para a frente:

- A razão de estarmos aqui se deve ao fato de desejarmos lhe fazer algumas perguntas... Algumas perguntas sobre a idade das pirâmides e da esfinge.

Aziz balançou o corpo para a frente e apoiou os cotovelos e os antebraços sobre a escrivaninha, com as mãos entrelaçadas:

- É claro. Tenho um pouco de conhecimento sobre este assunto! - ele riu da própria piada. E Rutherford decidiu ir direto ao assunto:

- Queríamos saber o que você achou das evidências fornecidas pelos geólogos provando, conclusivamente, em minha opinião, que a esfinge é milhares de anos mais antiga do que se pensava antes.

O semblante de Aziz mudou subitamente. De repente ficou sério. O charme sumiu-lhe do rosto. A voz dava sinais de uma agressão iminente.

- Sem dúvida. Ouvi falar desta teoria absurda. Nossos geólogos analisaram a esfinge e descartaram essas alegações.

Custo a acreditar que dois acadêmicos de uma instituição com a reputação da Universidade de Oxford estariam propensos a cogitar de uma idéia ridícula como esta. Foram necessários centenas de anos de erudição para descobrir a cronologia correta de nosso passado egípcio. Centenas de anos. Muitos especialistas notáveis de todo o mundo contribuíram para a execução deste grande trabalho, inclusive muitos homens de seus países - Aziz os encarou com os olhos em brasa. - Suas insinuações são disparatadas e insultantes, não só para mim, mas para toda a ortodoxia egiptológica. Estou abismado.

Catherine teve dificuldade de entender a súbita ferocidade da resposta. Aziz recostou-se na cadeira e dirigiu-se a eles com frieza:

- Sugiro a vocês que visitem uma biblioteca, talvez no retorno a Oxford, e façam uma pesquisa adequada e abrangente, antes de voltar a incomodar alguém em um cargo como o meu -

subitamente ele abaixou o tom de voz. - E sugiro que, para resguardar sua reputação como profissionais, não alardeiem muito esse tipo de bobagem por aí. Leva muito anos para construir uma reputação acadêmica, e um segundo para destruí-la.

Catherine olhou para Rutherford, que levantou as sobrancelhas em um gesto de incompreensão e surpresa, meneando a cabeça como se lhe dissesse "não chegaremos a nada". Catherine se levantou:

- Muito obrigada, dr. Aziz, foi um prazer conversar com o senhor. Somos apenas amadores nessa área. Por favor, perdoe-nos se o ofendemos.

Aziz pôs-se de pé, caminhou até a porta e a escancarou.

Permaneceu ali em um silêncio ameaçador, impedindo qualquer pergunta ou conversa. Catherine e Rutherford deixaram o escritório particular e retornaram à ante-sala. Aziz chamou seu assessor de confiança.

- Poimandres, por favor, mostre a saída aos nossos visitantes.

Dirigindo-se aos dois ocidentais uma última vez, Aziz despediu-se

de um modo superficial, com o rosto desprovido de simpatia:

- Tenham um bom dia, dra. Donovan e dr. Rutherford. Foi um prazer conhecê-los.

O sombrio copta saiu de trás da escrivaninha e sorriu para os dois.

62

Catherine lançou um olhar incrédulo para a porta do escritório de Aziz. A branquidão do pórtico resumiu a finalidade daquela despedida.

- Boa tarde, meu nome é sr. Poimandres, sou assessor do dr.

Aziz. O pequeno copta estendeu a mão para Catherine.

Ligeiramente espantada, ela apertou-lhe a mão.

- Prazer em conhecê-lo, sr. Poimandres. Sou Catherine Donovan, e este é James Rutherford.

Rutherford estendeu a mão e cumprimentou-o:

- Olá, prazer em conhecê-lo. Então, o senhor vai garantir que deixemos as dependências.

Poimandres sorriu para Rutherford. Tinha o rosto ossudo, honesto, de um monge asceta:

- Sim, pode-se dizer que sim. Façam a gentileza de me acompanhar. Rutherford sorriu. Havia algo estranho, quase etéreo, a respeito do pequeno homem sombrio. Depois da hostilidade e da condescendência de Aziz, Poimandres parecia transpirar simpatia e calma. Passou pela secretária, que estava sentada à escrivaninha em silêncio, e saiu para o saguão.

Quando pisaram no corredor escuro e silencioso, Poimandres fechou a porta atrás deles. Em seguida, olhou para um lado e para outro do corredor, como se estivesse se certificando de que não havia ninguém.

- Vocês vieram buscar informações sobre as origens da civilização egípcia com o dr. Aziz?

Catherine voltou-se de imediato para Rutherford, que parecia tão perplexo quanto ela.

- Temos diversas teorias que desejávamos discutir com ele.

Entretanto, ele não teve tempo para nos ouvir.

Poimandres continuou a sondá-los.

- Dr. Aziz está em uma situação difícil. Não tem liberdade para especular.

Rutherford ficou intrigado. Por que aquele estranho homúnculo lhes dizia aquilo? Percebendo uma oportunidade, perguntou:

- Sr. Poimandres, o senhor acredita que nossa linha de pensamento é razoável?

Com bastante vagar, os olhos escuros do copta se desviaram para se concentrar no rosto de Rutherford.

- Dr. Rutherford, isso depende muito de *por que* vocês estão fazendo essas perguntas.

Catherine perguntou:

- O que o senhor quer dizer com *por que* estamos fazendo essas perguntas?

- Quero dizer: qual é o motivo? Vocês esperam obter glórias acadêmicas ou... - Poimandres interrompeu o que dizia por alguns segundos. Seus olhos escuros tremeluziam, enquanto encarava Catherine como se varresse sua mente buscando uma outra reação. - Ou estão atrás de outra coisa?

Pelo olhar penetrante do copta, Catherine sentia que aquele era um momento crítico em sua busca. Não entendia o que estava acontecendo, mas alguma coisa lhe dizia que a resposta que desse àquela pergunta poderia fazer toda a diferença. "Ele *entende. Está do nosso lado."*

Estava claro que Poimandres aguardava a resposta. Em um lampejo repentino, ela visualizou mentalmente uma das imagens reproduzidas com freqüência a partir dos textos escritos em hieróglifos na pirâmide. Era a sala de julgamento de Osíris. Osíris, sentado resplandecente em seu trono, é presenteado com as almas dos recém-falecidos. Ele segura um conjunto de balanças nas mãos diante de si. Compara o peso do coração humano com uma pena; a essência da leveza e da verdade. O coração é puro? Catherine olhou no fundo dos olhos de Poimandres e tomou a decisão:

- Acreditamos que o mundo corre perigo. Achamos que houve tentativas deliberadas de subverter os registros históricos e encobrir a verdade sobre o passado. O conhecimento das civilizações de povos antigos está sendo deliberadamente escondido de nós, e apenas este conhecimento poderá nos salvar. Se não descobrirmos o que os antigos sabiam, seremos vítimas de um terrível cataclismo, tal como se passou com eles. As pirâmides não foram construídas pelos faraós em 2.500 a.C., elas são monumentos dos povos que sobreviveram ao grande dilúvio.

Poimandres baixou os olhos. E, sussurrando, respondeu:

- Por favor, vocês precisam me acompanhar a Gizé. Mas primeiro...

Ele os conduziu por uma porta que os afastou do corredor. A passagem levava a um quarto de despejo. Entre as ferramentas, latas de tinta e outros tipos de material, havia alguns uniformes de trabalho egípcios.

- Tomem. Vistam estes *jellabas7* - Poimandres entregou a cada um deles uma vestimenta egípcia cujo comprimento ia até o tornozelo. Catherine e Rutherford entreolharam-se e, então, vestiram os uniformes semelhantes a uma capa. Com os capuzes cobrindo-lhes a cabeça, ficaram irreconhecíveis.

Poimandres abriu a porta que dava para o corredor e lhes deu o sinal de que não havia ninguém ali.

Sigam-me.

63

Do outro lado do Departamento do Patrimônio Histórico havia um Toyota Land Cruiser branco estacionado. Caíra a noite sobre o Cairo, mas Bezumov permanecia alerta como sempre, observando com paciência qualquer sinal de atividade. De repente, depois do que parecera uma eternidade, houve movimento.

- Ora, o que é que está acontecendo?

A espera começava a irritá-lo. Sua paciência estava se esgotando, ele era essencialmente um homem de ação.

7 Túnica larga com mangas compridas e capuz. (N. T.) Observou quando um sujeito de compleição miúda e definhada, vestindo um *jellaba* branco, saiu do edifício com toda cautela. Era evidente que tinha certa autoridade, a julgar pela prontidão com que o guarda o atendeu. O homem seguiu em frente, acompanhado de duas outras pessoas, ambas usando capas com capuz bastante sujas. Bezumov desviou o olhar para o motorista, que estava meio sonolento, e lhe uma pancada no braço.

Em seguida, sob a luz da porta aberta, Bezumov divisou os belos sapatos ocidentais que Catherine usava, visíveis apenas quando andava.

- *São eles!*

64

Em meio à escuridão, depois de Poimandres falar com os vigilantes noturnos e receber autorização para prosseguir, seu jipe agora encostava ao pé da Grande Pirâmide.

Rutherford e Catherine entreolharam-se em silêncio e saíram do carro, sob as estrelas resplandecentes no céu límpido da África do Norte. Catherine fechou a porta, olhou para cima na direção do grande volume que era a pirâmide e depois para o copta, que os aguardava com toda paciência no início da rampa.

Em tom baixo, ela murmurou:

- Certo, vamos ver o que ele tem a dizer. Fique de olho para ver se o russo aparece.

Poimandres olhou para os dois com certa gravidade. O

motorista aguardava próximo ao Land Rover, em um lugar do qual não podia ouvir o que diziam. Poimandres fez uma reverência com a cabeça e começou a falar:

- A construção da Grande Pirâmide foi a última tentativa de uma civilização que se extinguia para preservar sua sabedoria milenar - ele estudou o semblante dos dois jovens. - Se não me engano, vocês já sabem disso. É por isso que estão aqui.

Por isso vieram falar com Aziz.

Catherine e Rutherford fizeram um sinal afirmativo com a cabeça, e ele continuou:

- E vocês também estão certos de pensar que o mundo está em perigo. Não sei como vocês sabem essas coisas, e não preciso saber. Vocês foram trazidos até mim porque têm o coração puro. Não há coincidências no universo. É minha obrigação ajudar qualquer um que busque a verdade. Revelarei os segredos da Grande Pirâmide para ajudá-los em sua investigação. Nós os aguardávamos havia muito, muito tempo.

Poimandres virou-se para contemplar a pirâmide. Ela reluzia um amarelo-escuro graças ao holofote posicionado em algum ponto próximo à guarita. A maioria dos turistas tinha partido há algum tempo, e uma calma arrepiante envolvia o lugar. As dunas de areia subiam e desciam indefinidamente, por milhares e milhares de quilômetros, até atingirem a costa do Atlântico. Era uma paisagem apocalíptica, maravilhosamente bela e, ao mesmo tempo, estranhamente deprimente, uma paisagem desprovida de vida e de amor. O rosto de Poimandres era magro, as bochechas fundas, e mesmo seus olhos pareciam estranhamente encovados. Sua voz era suave, mas deixava transparecer certa urgência.

- A Grande Pirâmide foi construída para preservar os antigos conhecimentos para todo o sempre. Mesmo que a civilização que a construiu um dia viesse a perecer, as futuras gerações ainda poderiam saber a verdade. As proporções de suas dimensões contêm todas as fórmulas matemáticas que governam o universo. Ela é um "glifo" científico que, ao receber a meditação de um iniciado, revelará os segredos da vida. O traçado do céu é indicado pela posição dos blocos. É

uma mensagem criada para ser lida por nós no futuro e, ao mesmo tempo, um acumulador de energia em pleno funcionamento, capaz de atrair e utilizar uma força prodigiosa. Mas, primeiro, antes que eu explique esses segredos, quero ter absoluta certeza de que vocês entendem o fato de ter havido mundos e civilizações anteriores à nossa.

Creio que entendem, não?

Catherine balançou a cabeça, afirmando.

- Sim. Tivemos tantas provas disso que fica difícil pensar o contrário.

- Não temos dúvidas sobre isso - Rutherford confirmou.

Poimandres pensou por um momento, e começou a explicar com muita cautela:

- A Terra foi mapeada no decorrer da existência do último mundo pela última grande civilização. Suas dimensões foram calculadas com precisão...

Catherine assentiu com a cabeça novamente:

- Sim, vimos os mapas que ligam suas construções espalhadas pelo mundo.

O copta ergueu os olhos, certificando-se de que eles ainda acompanhavam o que dizia.

- A rede mundial do sistema de linhas de energia, que vocês chamam linhas de Ley na Inglaterra, é uma das manifestações do trabalho dessa civilização. O desastre que dizimou a civilização anterior foi tão feroz, que acabou fazendo com que o alinhamento dos continentes se alterasse, a ponto de ficarem irreconhecíveis, mudando para sempre os padrões energéticos do sol e da Terra e, por conseqüência, a organização das linhas de Ley. Os homens e mulheres que sobreviveram ao desastre viram-se desabrigados e impotentes. Toda sua civilização se apoiara no conhecimento e na compreensão dessas energias. E, numa tentativa desesperada de salvar o próprio mundo, encontraram a posição do novo centro de energia, aqui no platô de Gizé, e começaram a reconstruir sua civilização, partindo de sua tecnologia sagrada: a Grande Pirâmide - Poimandres virou-se para olhar a pirâmide. O topo reluzia sob a luz artificial. - Imagine uma bola, coberta de pelos, ou os cabelos em uma cabeça humana. Em algum lugar da superfície da bola ou da cabeça, uma única fibra ficará levantada e todas as outras se alinharão a ela. É o mesmo que acontece com o campo magnético do planeta.

Rutherford pensou em Ivan Bezumov: "O russo estava certo, como o professor Kent suspeitava".

Poimandres afastou-se e dirigiu-se ao motorista, falando em árabe. Em seguida, voltou-se novamente para eles.

- Mas não estamos seguros aqui. Temos que descer e entrar no *bir,* o fosso. Só lá posso lhes revelar os segredos da pirâmide e explicar por que o mundo corre perigo. Por favor, sigam-me.

Em meio à escuridão Poimandres os conduziu à rampa que seguia em direção ao leste a partir da segunda pirâmide, a Pirâmide de Khafre, descendo até a esfinge. Enquanto os últimos turistas saíam, os guardas se preparavam para começar as rondas noturnas, a fim de garantir que ninguém tentasse escalar as pirâmides.

Eles seguiram pela rampa em direção aos flancos da esfinge.

Mais ou menos na metade do caminho, Poimandres parou.

Trocou algumas palavras com o motorista e depois fez sinal para que Catherine e

Rutherford o seguissem quando ele pulasse da rampa sobre a areia.

O motorista permaneceu onde estava. " *Provavelmente este será o vigia",* pensou Rutherford.

Os dois seguiram Poimandres pela areia e, para surpresa de ambos, avistaram a entrada de um túnel embaixo dos grandes blocos de pedra calcária que formavam a base da rampa.

Entrando no túnel, a uma distância de mais ou menos um 1,80

metros, ficava um portão composto de grossas barras de ferro.

Poimandres remexeu os bolsos do seu *jellaba* e tirou um conjunto de chaves grandes, fazendo um sinal para que eles se aproximassem da entrada do túnel, afastando-se do campo de visão dos turistas e de qualquer guarda que porventura passasse.

Ele destrancou o portão e fez sinal para que Catherine e Rutherford entrassem pelo que, na verdade, era uma pequena caverna. Ajoelhou-se e ligou uma luz fraca. No canto da caverna havia um fosso, com uma escada de aço que descia ao poço. Poimandres fechou o portão e disse:

- Serei o primeiro. Venham atrás de mim. E tenham cuidado, é muito escorregadio.

Catherine e Rutherford olharam-se surpresos. O copta queria que o seguissem ao interior das entranhas da terra. Quando Poimandres desapareceu na escuridão, Rutherford respirou fundo:

- Faltam apenas cinco horas para o amanhecer, não há mais como voltar atrás. Quer ir primeiro?

Catherine encheu-se de coragem e agarrou a parte superior da escada.

- Tudo bem. Encontro você lá embaixo.

"Se *houver 'lá embaixo'",* pensou Rutherford.

65

O secretário Miller, batendo as mãos na roupa para se livrar da poeira, e seus dois guarda-costas desceram do caminhão no hangar do heliporto. Os três homens brancos musculosos, usando óculos escuros, camisetas pretas e carregando rifles de assalto, protegiam a entrada. O secretário sentia-se desconfortável e vulnerável naquele terno empoeirado.

De repente, ocorreu-lhe uma solução. Era agora ou nunca.

Levantou o braço direito para tocar a pistola que carregava no coldre preso ao ombro e, em seguida, fazendo um breve sinal com a cabeça para os dois guarda-costas, atravessou a passagem estreita entre as portas deslizantes do hangar do heliporto.

Mas, enquanto seus olhos se acostumavam ao negrume do lugar, percebeu que estava em apuros. Antes que pudesse dar dois passos à frente, sentiu o aço frio do cano de uma arma pressionada contra a têmpora. Então, no momento seguinte, as luzes do hangar piscaram, revelando a tremenda extensão do erro que o secretário cometera. Diante dele havia uma dúzia de homens com as armas em punho.

O secretário Miller e seus dois guarda-costas não tiveram tempo sequer de pensar, e já ouviam uma voz dizer entre-dentes:

- Muito bem, vocês dois, para trás. Deitem já com a cara no chão.

Os dois guarda-costas do secretário entreolharam-se e em seguida cumpriram a ordem, deitando-se no frio chão de concreto.

O homem que apontava a arma para a têmpora do secretário escorregou a mão pelo coldre no seu ombro e, com calma, pegou sua arma. A seguir, pressionando-lhe as costelas com a arma, fez um sinal para que caminhasse pelo hangar na direção da porta isolada na outra extremidade.

Com um pavor e uma ansiedade terríveis, o secretário Miller começou a longa caminhada. Uma dúzia de helicópteros desligados estava espalhada pelo local, semelhante a uma caverna, lançando sombras estranhas, como dinossauros em

um museu.

O secretário seguiu em frente, inseguro, o estalido do salto dos sapatos ecoavam pelo enorme hangar. Não havia qualquer outro movimento, nenhum outro som. A cada passo que dava, mais o coração se acelerava e mais aguçados ficavam seus sentidos. O que deveria fazer agora? O que dizer?

Em meio à escuridão, do outro lado do hangar, na parede surgiu uma nesga de luz que passou a ficar do tamanho de um retângulo branco, com o formato perfeito de uma porta. O

secretário apressou o passo, mas em seguida diminuiu o ritmo ao aproximar-se do vão da porta. A luz que vinha de fora era tão resplandecente, que não conseguia enxergar nada, era como olhar para dentro de um universo paralelo. Sabia que tinha de atravessá-lo. Por cima do ombro, contemplou o local, vasto e arejado, e sentiu-se invadido por uma estranha onda de tristeza. Logo em seguida, deu um passo um à frente penetrando na luz.

Enxergou a pista e as pálidas dunas a distância, e ali, à sua frente, um estranho tipo de aeronave. Era preta, do tamanho aproximado de um avião bombardeiro que não pode ser detectado por radar. Mas era mais arredondado, mais achatado, tal qual um peixe volumoso de águas profundas, que evoluíra com o objetivo específico de suportar os milhões de toneladas de pressão no fundo do oceano. A cor preta de aspecto aveludado parecia atrair toda a luz para sua superfície.

Era um belo espetáculo, realmente belo, mas, contudo, irradiava uma força terrível. Da base da aeronave uma escada retrátil desceu ao chão. No degrau mais alto estava o senador Kurtz, acompanhado de dois outros homens. O secretário sentiu o sangue gelar em suas veias. O senador, com o rosto impassível como uma pedra, ergueu uma pistola na mão direita e a apontou para a testa do secretário.

Tomado pelo pânico, o secretário Miller gaguejou:

- Não! Por favor, vamos conversar.

O senador Kurtz nem mesmo piscou, puxou o gatilho. A cabeça do secretário explodiu em pedaços e o corpo foi ao chão, tal qual uma boneca de pano. Com toda calma, o senador aproximou-se para examinar os danos. Olhou para baixo na direção do corpo desfigurado e balançou a cabeça:

- Descanse em paz, pecador. Que Deus o poupe no dia do juízo final, que não tarda a chegar.

Deu meia-volta, guardou a arma no coldre preso ao ombro e caminhou lentamente de volta à estranha aeronave.

66

Nove metros abaixo, a escada terminava em uma plataforma.

Poimandres tirou três pequenas lanternas do seu *jellaba.*

- Aqui. Peguem. Deste ponto em diante não há luz.

Catherine e Rutherford pegaram as suas e as guardaram nos bolsos. Do outro lado da plataforma havia uma segunda escada. Ainda existia luz suficiente para perceber que os poços do fosso haviam sido feitos pelas mãos do homem, não eram apenas fissuras na rocha.

Rutherford passou o dedo pela parede. Estava úmida. " *Quanto tempo tem este poço?",* ele se perguntou em pensamento.

Poimandres desaparecera para além da plataforma em direção ao breu. Catherine agarrou-se ao topo da escada, e enviou aos céus um pedido desesperado: *"Não permita que fiquemos presos aqui, por favor!".*

Mais 9 metros abaixo e a escada terminava no canto de uma caverna subterrânea úmida construída pelo homem.

Poimandres logo acendeu a lanterna. O brilho fraco era suficiente para revelar as dimensões do local. Tinha em torno de 12 metros de comprimento por 6 de largura e 3 de altura.

Quando os olhos de Catherine se acostumaram à escuridão, ela de repente notou que havia dois cofres de granito, cada um deles de um lado da caverna escura.

- O que é que eles fazem aqui? - Rutherford desceu, pondo-se ao seu lado. - Meu Deus! Sarcófagos!

Poimandres apontou para o canto do cômodo claustrofóbico.

Havia um buraco ainda mais escuro, um outro *bir* que descia ainda mais fundo.

- Ainda não terminamos. Sigam-me.

Em silêncio, os três seguiram até a boca negra do poço.

Poimandres desligou a lanterna, guardando-a no bolso do *jellaba* e, em seguida, agarrou a escada e lançou-se na negra escuridão. Balançando a cabeça, contrariada, Catherine foi logo atrás. Rutherford, mal acreditando no que faziam, deu uma última olhada ao redor da caverna antes de acompanhá-

los rumo ao desconhecido.

Mais 12 metros abaixo, Rutherford chegou a um lugar espaçoso. Ainda surpresa, Catherine olhava em volta, apontando a lanterna em uma e outra direção. A sala, embora fosse difícil ter uma impressão real devido à escuridão, parecia ter em torno de 18 metros quadrados. O teto era baixo, e pelas suas paredes escorria água. Rutherford apontou a fraca lanterna em direção ao centro. Ali, tinha-se a impressão de que havia uma ilhota rodeada por um fosso como aqueles que rodeavam os castelos, cuja largura tinha em torno de 3 metros.

Na "ilha" era possível divisar montes de pedra espalhados, como se tivessem um dia feito parte de uma estrutura que há muito fora desmantelada ou destruída.

Poimandres esperou por eles e então disse:

- Chegamos ao fundo. Ou a "um fundo", para ser mais preciso.

O platô de Gizé é crivado de túneis e salas.

Catherine não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

- Catherine, esta sala não é nada. Há imensas criptas aqui embaixo. Câmaras gigantes que contêm bibliotecas inteiras sobre a sabedoria antiga. A câmara principal, a mais importante de todas, é a sala dos registros, o repositório de todo o conhecimento acumulado desde antes do grande dilúvio.

Rutherford estava pasmo. Passara a vida inteira estudando mitos e religiões antigas, tentando reconstruir o passado. E, agora, estavam eles nas profundezas abaixo da superfície do mundo, recebendo a informação de que os segredos da história estavam bem ali.

- Mas, Poimandres... As pessoas abriram a sala de registros?

Você a viu? Aziz a viu?

Poimandres fez um sinal com a cabeça:

- Não. Eu poderia contar nos dedos o número de pessoas a quem foi dada permissão de ver essa câmara.

Catherine não entendeu.

- Mas por que você, por que Aziz não revela isso ao mundo?

O semblante de Poimandres ficou sério.

- Aziz tem conhecimento apenas desta sala. Não sabe da sala de registros, o que é ótimo, porque, de outro modo, tenho certeza de que tentaria entrar lá e travá-la ou destruí-la... Aziz não quer encontrar mais nada. Ou, para ser mais exato, seus patrões não querem encontrar mais nada. Eles temem a pirâmide e os seus segredos. Na verdade, eles têm pavor. Não querem que ninguém saiba o que há aqui embaixo, e sem dúvida não querem ninguém fazendo pesquisas aqui.

Rutherford estava boquiaberto.

- Mas por quê? E quem são os patrões de Aziz?

- Há uma organização chamada Corporação. Aqueles que pensam estar no controle da Corporação são escravos do poder. Eles acreditam que, controlando as pessoas e o mundo que os cerca, conseguirão fazer o bem. Para atingir esse objetivo, farão com que o mundo fique sujeito ao seu domínio. Eles têm grande interesse em manter nossa crença na versão ortodoxa da história - Poimandres fez uma pausa e lançou-lhes um olhar sério. - Se a verdade viesse à tona, toda a visão que a humanidade contemporânea tem do mundo teria de mudar. Mais do que isso. As crenças que sustentam a obsessão por crescimento que há no mundo moderno se mostrariam como realmente são, perigosas, o que levaria, a curto prazo, à pilhagem dos recursos naturais, atitude que resultaria em mais um cataclismo inevitável. Se a verdade viesse à tona, a população em geral não mais suportaria a mentalidade do "crescimento a todo custo" e a tremenda avareza e ganância que há por trás dela. Estaríamos todos condenados.

Catherine estava pasma, e, assustada, dirigiu-se a Rutherford:

- Esta Corporação deve ter sido a responsável pelos assassinatos do professor Kent e de Miguel Flores - sua voz soava inconformismo. Era muita coisa para dar conta naquele momento. Rutherford tocou-lhe o ombro com a mão e virou-se para Poimandres:

- Ainda custo a acreditar que a existência das salas subterrâneas e da sala de registros jamais tenha vindo à tona.

O olhar fixo do copta fazia um contraste considerável com as expressões escandalizadas dos dois acadêmicos.

- Tudo o que sei é que Aziz e essas pessoas terríveis para quem ele trabalha não querem que ninguém descubra a verdade sobre os povos antigos.

Rutherford estava completamente perplexo:

- Por que você não quer que as pessoas saibam?

- O conhecimento nas mãos dos insensatos é letal, conforme podemos perceber no mundo todo. As pessoas hoje em dia não estão preparadas para ter tal conhecimento; não têm sabedoria suficiente, e terminariam por fazer somente o mal.

Temos que esperar até o momento em que seja possível confiar nas pessoas para que não abusem do poder que vem com o conhecimento. Os homens por trás da Corporação, loucos como são, ainda assim são normais para esta época negra em que vivemos. Imagine o que eles tentariam fazer se tomassem posse dos conhecimentos dos povos antigos.

Então... Como vocês podem ver, é do interesse de todos nós, tanto nosso quanto de Aziz, manter tudo isso em segredo.

Rutherford mal podia acreditar no que ouvia. Uma mina de ouro de conhecimento, os verdadeiros registros dos portadores da luz, estava ali ao alcance, entretanto, as únicas pessoas que sabiam disso eram obrigadas a garantir que jamais fosse encontrada.

- Mas, e se *houver* um outro cataclismo? E se o mundo for destruído antes que as pessoas estejam prontas?

- Este é um risco que temos que correr. No fim das contas, um outro mundo nascerá, tal como o que temos hoje, surgido depois do grande dilúvio. Tudo o que podemos esperar é que o próximo mundo se desenvolva com mais harmonia, e que esses povos do futuro sejam os herdeiros preparados para a sabedoria dos antigos.

Poimandres começou a andar na direção da beirada da água.

- Venham. Aproximem-se da ilha.

Em meio ao breu, era impossível imaginar a profundidade da água oleosa e de cor negra, mas Poimandres não hesitou.

Pisou na superfície da água e, em vez de afundar, continuou a atravessá-la. Cinco passos depois ele alcançava a terra firme.

- Pisem onde pisei. Há uma rampa a mais ou menos um centímetro e meio abaixo da superfície da água, exatamente por onde cruzei.

Catherine olhou para Rutherford, e caminhou até a beirada da água no ponto em que Poimandres pisara. Segurando a respiração, buscou a rampa com o pé direito.

Tão logo o sapato que usava rompeu a tensão superficial da água, Catherine sentiu a reconfortante presença da pedra rígida, exatamente como Poimandres dissera. Com certo nervosismo ela chegou à ilha. Rutherford cerrou os dentes e foi logo atrás.

Poimandres começara a acender velas na ilha. Entre os blocos de pedra espalhados havia um tablado. Ele dispôs seis velas sobre a plataforma, e passou a se movimentar entre os outros blocos, equilibrando as velas onde podia, até que os megalitos estivessem marcados com os minúsculos pontos brilhantes representados pela luz das velas. As bochechas do copta estavam altas e firmes. A testa era protuberante e forte. Mas seu rosto parecia cansado, quase dissecado sob a luz fraca, mumificado.

- Sou membro da Igreja Católica mais antiga, a Igreja Cóptica Egípcia. O evangelista São Marcos chegou a Alexandria, na costa do Egito, em 45 d.C. e começou a pregar a palavra de Jesus. Nossa cristandade remonta diretamente dele e dessa época. Mas, além de ser um cristão cóptico, também sou gnóstico,

um seguidor da gnose,palavra do grego antigo que significa "conhecimento" - Poimandres interrompeu o que dizia por alguns instantes. - Nós gnósticos somos os herdeiros dos últimos remanescentes de uma tradição espiritual que já existia antes do dilúvio, os antepassados dos projetistas das pirâmides, que chegaram a Gizé há muito tempo. Eles sabiam que as almas eram imortais e que somos todos fragmentos da consciência universal. Somos todos um. Todas as pessoas, todas as plantas, toda matéria, tudo que está contido na per-petuação da relação tempo-espaço. Herdamos este conhecimento dos ancestrais que viveram antes do dilúvio e o escondemos nos evangelhos de Jesus Cristo. O verdadeiro cristianismo não é nada mais que a continuação da sabedoria antiga. São Marcos era, sem dúvida, um gnóstico, assim como eram todos os primeiros cristãos. Hoje em dia, entretanto, as pessoas não percebem esta verdade. Em vez disso, entendem a história literalmente e lêem outros livros supostamente cristãos, como os escritos de São Paulo. Mas São Paulo e os outros escritores que surgiram após os evangelhos não eram gnósticos e, portanto, seus livros não contêm a sabedoria antiga escondida neles. O Cristianismo foi seqüestrado pela Igreja. Criou-se um sacerdócio, a verdade ficou obscurecida e o conhecimento da mensagem original se perdeu. Em vez de ser um veículo da verdade, a Igreja tornou-se um veículo de poder e repressão. E, por fim, na era moderna, a sociedade ocidental descartou a Igreja. Tudo o que resta é o desejo de ter poder e de controlar, a vontade de escravizar cada uma das pessoas e a natureza.

Poimandres balançou a cabeça, inconformado, e continuou:

- Nos últimos anos surgiu outro perigo no mundo. Nasceu uma Igreja radical que prega a verdade literal pregada pela Bíblia. Essa igreja tenta destruir qualquer prova que infrinja o relato bíblico da criação, incluindo a prova do último mundo.

Mas, pior do que isto, está decidida a transformar as terríveis visões do *Livro das Revelações* em realidade. Neste exato momento, seus líderes estão trabalhando para causar o Armagedon final. Nosso medo é de que, se eles se infiltrarem na Corporação, estaremos todos condenados, porque terão acesso à riqueza e ao poder terreno ilimitados desta Corporação. Essa nova Igreja é a incorporação da rejeição da sabedoria antiga. Em vez de abraçar o cosmos e considerar toda a natureza uma, ela busca destruir o universo material de modo que reúna seus seguidores com Deus. Ela não percebe que todos somos Deus - Poimandres, aparentando um homem velho demais, suspirou. - Nós, gnósticos, somos pacíficos.

Não podemos empunhar armas contra nossos inimigos porque isto iria contra os preceitos da sabedoria antiga e contra o que Cristo pregou. A violência apenas leva a mais violência, e o poder corrompe qualquer um que tente se aliar a ele ou usá-lo.

Portanto, nós simplesmente jamais revelaremos os segredos da sabedoria antiga a essas pessoas, nem lhes contaremos mentiras sob as pirâmides.

Rutherford não conseguia acreditar no que ouvia. Ele tinha informações sobre os gnósticos e sua tradição antiga, mas, supostamente, eles estavam mortos há muito tempo.

Poimandres tocou no ponto-chave:

- Passado o último dilúvio, os humanos que sobreviveram ficaram espalhados em bandos isolados em todo o mundo. A humanidade foi maciçamente reduzida, mas não totalmente dizimada. Os antigos vieram a Gizé, e para alguns outros lugares ao redor do planeta, para tentar reconstruir seu mundo entre os remanescentes da população humana. Quando chegaram aqui, a terra era verde e fértil, e as pessoas receptivas. Os antigos trouxeram a agricultura e o conhecimento prático, e, o mais importante de tudo, trouxeram o antigo conhecimento sobre a natureza universal de Deus. Esse conhecimento sobreviveu por milhares de anos, até que Pitágoras, o pai da ciência ocidental, chegou ao Egito.

Ao retornar à Grécia, ele levou esses conhecimentos consigo e tornou-se a base da filosofia e da ciência gregas. Logo após, nossos antepassados, os primeiros cristãos gnósticos, procuraram trazer esse conhecimento sobre a verdade aos judeus. E foi então que os evangelhos foram escritos. O filho de um carpinteiro de Nazaré, nascido de uma virgem, foi apresentado como o símbolo de Osíris e de Dionísio aos judeus.

Rutherford não conseguia mais se conter:

- O quê? Você quer dizer que Jesus é apenas um símbolo de Osíris e Dionísio? Está dizendo que Ele não existiu?

- Sim, e não. Ele foi uma pessoa real, mas também era uma representação. Eles são todos, representações da mesma idéia.

Osíris morreu e ressuscitou, o mesmo aconteceu com Dionísio e Jesus. Todos nasceram de mães virgens. Todos tiveram doze seguidores. Todos nasceram sob a luz de uma estrela. Todos são homens-deuses que se deixaram perseguir por livre e espontânea vontade... Todos morrem por nossos pecados e renascem, para que possamos renascer como eles... Todos pregam o mesmo credo: se alguém lhe fizer o mal, dê a outra face... Há apenas um deus. Os gnósticos queriam trazer a sabedoria antiga aos judeus, que trabalhavam, por engano, sob os mandamentos de um deus tribal. A história de Cristo foi a tentativa de fazer isto. Queríamos passar a sabedoria antiga adiante antes que fôssemos destruídos...

De repente, Poimandres parou de falar.

- Eu já disse o suficiente. Temos pouco tempo. Preciso lhes mostrar os segredos da pirâmide. Só é possível compreender a harmonia do universo por meio do entendimento da harmonia dos números. Onde a ciência ocidental moderna enxerga números, que nada mais são do que ferramentas para expressar a quantidade, a civilização anterior à nossa os enxergava como componentes envolvidos em um quebra-cabeça cósmico - o copta mantinha as mãos unidas como se rezasse. - Um entendimento adequado dos números e das proporções pode revelar as leis essenciais do próprio universo.

Os números divinos são aqueles que sempre vêm à tona nas mais diversas áreas da vida, nas escalas musicais, no espectro eletromagnético, no movimento das estrelas. Todos os esforços das antigas civilizações se baseavam e diziam respeito a esses números e fórmulas que foram enterrados nos textos sagrados do mundo usando-se códigos gemátricos.

Catherine sentiu aquela sensação já conhecida de formigamento provocada pela excitação enquanto ouvia, encantada, a explicação de Poimandres.

- Do mesmo modo, cada uma das últimas construções sagradas da antigüidade também foi traçada de maneira tal que suas dimensões deveriam ser relevantes em termos de gematria. A arte da gematria não foi uma invenção grega. Os egípcios a conheciam, porque por eles havia sido preservada após o colapso da antiga ordem universal - Poimandres ergueu os olhos, e agora parecia irradiar paciência e sabedoria. - Há muitas portas que conduzem ao passado. Elas permanecem escondidas, fora de nosso alcance, a menos que se saiba o que procurar. A Grande Pirâmide é uma dessas portas. E é um dos monumentos físicos que nos ligam diretamente com a civilização que existiu antes do dilúvio.

Para entender os segredos, comecemos com o objeto físico em si. Vocês conhecem as dimensões da Grande Pirâmide de Gizé?

Catherine respondeu prontamente:

- Sim. Acho que conhecemos - e dirigiu-se a Rutherford: -

James?

- Sim. O comprimento de cada um dos lados da base é 230,124 metros, o que significa que o perímetro do toda a pirâmide é de 920,496 metros. A altura é 148,65 metros, ou 275 cúbitos egípcios.

- Sim, está certo. E vocês sabem alguma coisa sobre gematria?

Uma vez mais, Catherine olhou para Rutherford.

- Sim, sabemos, um pouco.

Poimandres parou de falar por alguns instantes, como se estivesse decidindo de que modo trataria do assunto.

- Bem, 755, o comprimento dos lados na base, é igual em valor a o *petros*, a rocha.

Ele caminhou ao redor do tablado de pedra em direção aos dois e continuou, com toda cautela, como se temesse que sua explicação pudesse confundi-los se fosse muito rápido.

- Bem, Jesus disse que seu discípulo Pedro era a pedra sobre a qual ele construiria sua igreja. Petros, além de significar rocha, é também o nome grego para Pedro. Lembrem-se.

Como eu disse, nós, os gnósticos, não entendemos o novo testamento tão ao pé da letra quanto a maioria dos cristãos, porque nunca nos esquecemos de que foi escrito em código gemátrico. Ele é um modo de transferir a antiga sabedoria por meio de uma história. A história corresponde à vida, morte e ressurreição de Cristo. Pedro, a rocha, representa a antiga sabedoria dos antepassados, como os que estão contido na Grande Pirâmide de Gizé. Jesus construía sua nova Igreja com base na antiga sabedoria, e ela está aqui, para todos aqueles que souberem

enxergar.

Rutherford ouvia tudo com deslumbramento. Ele era uma autoridade mundial em mitos e religiões, mas podia sentir que Poimandres os conduzia a águas desconhecidas, e que isso em nada se parecia com um jogo acadêmico. Poimandres estava prestes a revelar os segredos que haviam ficado guardados com muito cuidado durante milênios.

67

Poimandres organizou os pensamentos.

- Como vocês devem ter visto, a Grande Pirâmide está sem o ápice. Os cinco maiores cúbitos egípcios da estrutura foram removidos há muito tempo, antes que o poder da antiga sabedoria minguasse. Com o ápice removido, a pirâmide se reduziu à altura atual de 275 cúbitos egípcios. Isto é o mesmo que cinco cúbitos, porque um grande cúbito é igual a 55

cúbitos egípcios. Não há nada de casual nisso, é claro. Cinco é o número da criação e da regeneração. A simetria pentagonal é a chave da vida. É a quintessência, as cinco partes que compõem o todo: terra, ar, fogo, água, e mais o quinto elemento, a centelha divina que produz a vida a partir dos outros quatro. Cinqüenta e cinco também corresponde, ele mesmo, a um número piramidal. A entrada da Grande Pirâmide está, como não poderia deixar de ser, localizada na 55a fileira de alvenaria.

Catherine e James aguardaram, ambos trespassados com o que Poimandres dizia.

- O ápice que foi removido, na verdade, é outra pirâmide. Sua altura, com a qual vocês não ficarão surpresos, é de 5 cúbitos egípcios. O principal dogma dos antigos, ou dos portadores da luz, como vocês os chamam, era "assim como é em cima, é embaixo". As mesmas regras que governam o crescimento de uma única célula humana, também governam os movimentos das galáxias - ele começou a se mover para trás, em direção ao tablado de granito. - Esta segunda e pequena pirâmide, que foi removida da Grande Pirâmide, também tinha um ápice, a pedra Benben. Tinha um volume que correspondia a exatamente 5 polegadas cúbicas, e caberia confortavelmente na palma da sua mão... Durante muitos milhares de anos especulou-se sobre o que fora feito da pedra Benben. Quem a removeu; onde estava escondida; o que era...

Poimandres estava de costas para eles, debruçado sobre o tablado.

- E esta, esta é a pedra Benben.

Ele deu meia-volta. Na palma de sua mão aberta estava uma bela e resplandecente pirâmide, com alguns centímetros de altura. No ápice havia um

cristal, cintilando à luz da vela e enchendo as paredes e o teto com um milhão de luzes oscilantes.

Catherine e Rutherford ficaram sem ar, tamanha sua admiração. Catherine não conseguia enxergar muito bem do que era feita.

- De que é feito o ápice?

- É um diamante. É "o grão da semente da mostarda", *kikkos sinapeos*, em grego. Tem um valor correspondente a 1.746 em gematria. Um círculo com a circunferência de 1.746 tem um diâmetro de 555. Uma vez mais voltamos ao 5.

Rutherford estava boquiaberto, sem palavras. Toda a estrutura começava a fazer um sentido perfeito e divino, os números pareciam fluir para baixo e para cima em torrentes de perfeição cósmica.

Poimandres prosseguiu:

- Ele também corresponde à soma do sol, 666, e da lua, 1080.

Como vocês devem saber, os alquimistas acreditavam que a vida foi criada a partir da fusão do enxofre e do mercúrio; aquele correspondendo ao sol e este à lua. Tudo sobre a Terra é alimentado pelo sol; toda espécie de vida, mesmo o movimento de rotação do planeta, deriva da influência do campo gravitacional do sol. Mercúrio, a centelha divina, combina-se com o enxofre para criar a vida - ele olhou para Catherine e Rutherford com extrema seriedade. - A força das pirâmides pode ser usada para o bem, mas, nas mãos erradas, esta força pode causar um mal terrível. Ninguém que não tenha recebido treinamento adequado e não tenha a alma completamente pura pode ter permissão de usar este poder.

Por este motivo é que o ápice da pirâmide foi removido quando a antiga sabedoria declinou. Os antigos sabiam que a era das trevas se aproximava, e decidiram remover a pedra Benben e os cinco cúbitos de alvenaria do ápice, para que ninguém pudesse religar a máquina.

Rutherford imediatamente pensou em Bezumov.

- Então... Ela é uma máquina?

O copta ergueu os olhos para Rutherford, seu rosto tinha um aspecto sério:

- Oh, sim. A pirâmide é a maior máquina que já foi construída.

Sua estrutura foi projetada com o objetivo precípuo de acumular a energia do universo. Ela foi posta nesta posição para que a energia terrestre pudesse ser afunilada e armazenada, e então transmitida para os muitos lugares ao redor do mundo. Tão logo a pedra Benben retorne ao topo da pirâmide, a máquina entrará em funcionamento novamente. A energia que a move hoje em dia é chamada campo magnético, e ainda é uma força pouco conhecida.

Poimandres virou-se e, com todo cuidado, pôs a pedra Benben sobre o tablado. Ela parecia gerar sua própria luz interna, embora isto, é claro, fosse impossível. Sua grande simplicidade e poder atraíram a atenção de Catherine.

- No interior da Terra, bem no centro, há uma massa de ferro sólida e esférica quase do tamanho da lua. Ela está suspensa em um fluido incandescente feito de ferro fundido, que por sua vez está envolvido por uma camada de lava, com milhares de quilômetros de espessura e toda envolta na litosfera. Essa enorme bola de ferro que fica no centro de nosso planeta gira mais rapidamente do que a porção exterior do globo. Se isto ajuda a criar essas forças magnéticas ninguém sabe dizer ao certo, o conhecimento agora se perdeu. Os antigos sabiam como armazená-las e manipulá-las. Como vocês viram, eles eram capazes de criar estruturas imensas, extrair pedras e entalhar materiais mais duros que o ferro, e sabiam controlar e ajustar o movimento orbital do planeta.

Catherine pensava na mensagem secreta.

- Poimandres, preciso lhe fazer uma pergunta.

- Claro.

- Nossa busca consiste em descobrir o que causou o último cataclismo e como podemos evitar que volte a acontecer.

Agora sabemos que o cataclismo foi causado pelo deslizamento total e imediato da litosfera, e que isso estava relacionado à precessão e ao movimento orbital da Terra. Mas não entendemos bem por que isso voltará a acontecer.

Poimandres balançava a cabeça lentamente, demonstrando que acompanhava o raciocínio de Catherine. Seu rosto sábio, sorrindo para ela, transbordava entendimento:

- Vocês percorreram um longo caminho. Posso ajudá-los nos últimos passos. Você está certa. O mundo moderno está sendo alertado.

Caminhamos para outro apocalipse. A cada ano que passa, a sabedoria antiga diminui, o número de pessoas que a entendem é cada vez menor, ao passo que a força inimiga é cada vez maior. Os mestres da Corporação estão cada vez mais poderosos. Sua obsessão pelo mundo material, pelo domínio da natureza e pela escravização de seus semelhantes está nos precipitando para o abismo. Suas máquinas e sistemas devoram o mundo, e a cada dia mais recursos naturais são atirados à grande fogueira. Eles estão literalmente pondo fogo no mundo - seu semblante demonstrava uma incrível tristeza, quase como se acreditasse não haver nenhuma esperança. - À medida que homens sem escrúpulos atiçam suas fogueiras, as calotas polares derretem. Quanto mais alimentam a fornalha de sua cobiça, mais cresce a temperatura do planeta, mais rápido as camadas de gelo se liquefazem.

Catherine balançou a cabeça, concordando com o que Poimandres dizia, e tinha a sensação de que estava prestes a tomar conhecimento do destino da humanidade pelas palavras do frágil copta.

- A posição da litosfera de nosso lindo planeta é determinada pela distribuição do seu peso pela superfície do planeta.

Embora a Terra seja uma esfera, seu peso não é distribuído igualmente pela superfície da crosta. Em algumas regiões há terra firme montanhosa, e ali a litosfera é espessa e pesada. Na região superior da Antártida há uma camada de gelo cuja espessura mede 1.600 metros, e pesa bilhões de toneladas.

Isso cria um peso enorme na parte inferior do planeta, que ajuda a manter a litosfera em repouso. As forças centrífugas se equilibram nesse mecanismo, e também pelo peso de milhões de toneladas de gelo no Pólo Norte. Foram necessários milhares de anos para que esse gelo se formasse. Se permitissem que a natureza seguisse seu curso, isso permaneceria assim até que a precessão do globo terrestre aproximasse a Antártida do sol, e então, finalmente, muito milênios mais tarde, ela começaria a derreter. E como se fosse um relógio. Esta é a mensagem secreta. E isto o que os antigos gênios estavam tentando nos dizer, e é uma das razões pelas quais eles criaram o *global grid*, para influenciar a precessão e nos poupar deste destino inevitável. Mas eles eram muito poucos. Muitos deles não sobreviveram ao próprio cataclismo.

Passadas algumas gerações, estavam todos mortos, deixando-nos apenas as ruínas de sua tecnologia e seus alertas secretos contidos nos mitos.

Catherine estava horrorizada.

- Mas ainda não consigo entender por que corremos perigo.

Com toda certeza, ainda levará milênios para a precessão causar outro dilúvio, não? Pode ser algo que ocorre regularmente, entretanto, é um processo muito lento.

O velho copta lançou-lhe um olhar sério:

- Hoje a Terra está equilibrada, a crosta está numa posição considerada correta para a atual distribuição de peso e há pouco movimento. Contudo, se o gelo derreter e escorrer, como aconteceu na última era do gelo, todo esse peso colossal será redistribuído nos oceanos. Como conseqüência, novamente a litosfera será obrigada a reorganizar-se de maneira que possa continuar a girar. Nesse ponto, ela voltará a escorregar e porá um fim à vida como a conhecemos hoje.

Atualmente testemunhamos o próprio homem dando início a este processo. Não precisamos aguardar o lento processo da precessão; nós mesmos estamos derretendo o gelo. Os antigos jamais previram isso. Eles jamais teriam imaginado que, mesmo cientes, causaríamos nossa própria destruição.

Os olhos de Catherine se arregalaram de pavor. O que Poimandres dizia tinha todo sentido.

- Poimandres, você acredita que seja muito tarde? Acha que ainda podemos deter esses acontecimentos?

Mas, antes que ele conseguisse responder, ouviu-se um ruído repentino, que emanava do fosso do poço. Eram passos procurando fazer o mínimo de barulho possível enquanto desciam os degraus da escada.

68

Da escuridão do poço surgiu Ivan Bezumov. Com um tom bastante sarcástico, ele disse:

- Desculpem-me, incomodo?

O terno branco dava-lhe um aspecto fantasmagórico em meio às sombras da câmara subterrânea. Ele colocou a mão na parte interna do paletó, e quando a tirou Catherine percebeu que segurava alguma coisa. Seu coração bateu descompassado.

- O que é isso, Bezumov?

- Isto, Catherine, é uma arma. Uma Heckler e Koch, para ser mais exato.

O russo engatilhou o cano da arma com a facilidade de um profissional. Catherine, Rutherford e o copta nem se mexeram.

- O que é que você está fazendo? Ficou maluco? Afaste isso.

- Não, Catherine, não estou maluco. E acho que a arma vai ficar bem aqui. Quero que todos vocês se afastem da rocha.

Fiquem ali. Por favor, não façam nenhuma gracinha, como dizem nos filmes. Vocês não serão os primeiros em quem atiro, e duvido que serão os últimos.

Rutherford, muito alarmado, juntou-se aos outros:

- Por que você está fazendo isso, Bezumov?

Segurando o revólver na mão direita, de um modo quase descontraído, Bezumov jogou a cabeça para trás e riu com escárnio.

- Finalmente uma pergunta inteligente, dr. Rutherford. Eu estava cansado da lerdeza lamentável com que se apreende os conceitos da astronomia. Permita-me dizer-lhe por que estou apontando esta arma para vocês. Chegou a hora de os grandes educadores de Oxford aprenderem uma lição - brandindo o cano da arma, ele os conduziu ao fundo da ilha. - Estou fazendo isso porque um

instrumento científico fabuloso aguarda para ser religado.

Mantendo a arma apontada, Bezumov ajoelhou-se e apanhou alguns pedregulhos, aproximando-se da beirada da água. Em seguida, espalhou as pedras pela superfície. Aquelas que caíram sobre a rampa permaneceram parcialmente visíveis, e com esta espécie de guia ele começou a avançar pela passagem.

- Esta máquina representa a tecnologia mais importante que o homem já desenvolveu. Seu projeto é tão engenhoso e sofisticado, que ela utiliza o próprio movimento da Terra ao redor do sol e o emprega para proteger o planeta. Comparadas a ela, nossas idéias modernas para a produção de energia são incrivelmente primitivas. Você está certa, Catherine, esta máquina é um monumento à precessão, mas também foi desenvolvida para controlar o movimento do moinho. As energias de rotação da Terra podem ser controladas e utilizadas.

Agora, Bezumov estava a apenas alguns metros deles.

Catherine conseguia enxergar seus olhos com toda clareza.

Pareciam quase distantes, como se ele estivesse programado para agir automaticamente. Estava absorto em seus pensamentos, profundamente concentrado neles, mas, contudo, tinha um largo sorriso no rosto.

- Agora, finalmente, tenho a pedra Benben. Eu a colocarei de volta em seu lugar no topo da Grande Pirâmide e as correntes invisíveis que correm soltas pelo planeta uma vez mais estarão sob o controle da humanidade.

Catherine não podia mais se conter, e sequer pensou na arma.

- Não! Bezumov, você está cometendo um erro terrível. Os antigos tiveram um motivo para remover a pedra Benben.

Bezumov a ignorou e deu um passo à frente na direção do copta.

- Sr. Poimandres, muito obrigado pela palestra; achei muito interessante, mas ela apenas confirmou todo meu trabalho.

Agora, se você não se importa, por favor, passe-me a pedra -

com um sorriso repugnante no rosto o russo avançou um pouco mais. - E pensar que eu começava a me preocupar se conseguiria encontrá-la a tempo.

Poimandres apertou a pedra contra o peito.

- Nunca! Só sobre o meu cadáver...

Levantando a mão direita e apontando com todo o cuidado a arma para o peito do copta, o russo respondeu secamente:

- Imaginei que diria isso. Já que insiste...

Quando a arma disparou no espaço confinado da câmara, o barulho foi tão alto que Catherine teve a impressão de que seus tímpanos haviam estourado. Por instinto, agachou-se e cobriu a cabeça. Quando voltou a si e abriu os olhos um segundo depois, percebeu que Rutherford também ficara na mesma posição, meio agachado e pronto para sair correndo.

No canto, o corpo de Poimandres caíra de um modo estranho, e ela não conseguia ver se ele ainda respirava. O tiro fora dado a uma pequena distância, por isso ela acreditava que estivesse morto. Sentiu uma onda de raiva invadir-lhe o corpo. Assim como acontecera com o professor, toda a sabedoria de Poimandres fora aniquilada com um único ato de violência insana.

O cheiro de pólvora irritou-lhe o nariz. Seu rosto estava molhado de lágrimas, e na tentativa de se conter para não avançar sobre o perverso russo, cerrou os dentes.

Quando Bezumov voltou a falar, tinha a voz firme:

- Vocês dois fiquem bem aí onde estão. Não tenho a intenção de machucar ninguém, a menos, é claro, que seja necessário.

Os ouvidos de Catherine zumbiam. Ela olhou para o corpo de Poimandres amontoado no canto da câmara, esparramando sangue sobre o chão de pedra. Pelo bem de Poimandres, do professor, e de todos os detentores da sabedoria antiga, os últimos baluartes contra a loucura representada por Bezumov e a ainda mais sinistra Corporação, ela sentia que tinha de fazer alguma coisa.

- Bezumov, o que você está fazendo é loucura - ela disse, com a voz entrecortada

de tanta emoção.

- Bobagem! Sou a única pessoa preparada para pôr a mão no leme do globo e manejá-lo com segurança. Apenas eu entendo a grande máquina. Se não me permitirem que dê vazão à minha ambição, então a Terra será destruída.

Bezumov ergueu a pedra em sua mão. Seus olhos brilhavam e o rosto irradiava a energia de um maníaco. Tinha a voz grave e falava quase num sussurro:

- Durante cinco mil anos o planeta viveu um período pacífico do ponto de vista ambiental. Mas isso é uma aberração. Muito em breve o mundo voltará a ser o lugar violento que na verdade é, e seremos todos banidos. Você consegue imaginar como será quando um vulcão entrar em erupção, já que a qualquer hora pode acontecer? Isso tem sido bastante comum no decorrer da vida em nosso planeta, e apenas uma coisa é certa. Voltará a acontecer. E quando acontecer, as luzes se apagarão. A cinza e os resíduos, como já aconteceu um dia, encherão o céu de poeira que impedirá o sol de iluminar o planeta. As plantações não vingarão, a civilização industrial entrará em colapso de imediato, o caos reinará. Vocês duvidam desse futuro cenário? Vocês realmente questionam o que digo? A história do passado é também a história do futuro. Até o sr. Poimandres concordaria comigo nesse ponto.

Tanto os acontecimentos passados quanto os futuros existem.

Nenhum deles pode ser alterado ou evitado, a menos que eu religue a máquina e conduza a todos a uma situação de segurança.

Catherine olhou horrorizada para Bezumov. Suas terríveis previsões podiam ter fundamento, mas ele ainda estava completamente louco. Tinha que ser detido.

- Isto não está certo. Você destruirá tudo.

Os dentes de Bezumov lampejaram quando sorriu para ela, sua autoconfiança era quase tangível no escuro.

- Não vou ficar aqui discutindo como uma acadêmica qualquer. Tenho muito o que fazer.

Dando a conversa por encerrada, ele se virou e cruzou a passagem de volta. Como um fantasma, caminhou silenciosamente até o fosso do poço antes de se

dirigir a eles uma última vez:

- Não tentem me seguir. Se tentarem, não hesitarei em atirar.

Trancarei o portão lá de cima. Não se preocupem, vocês não morrerão sufocados, e talvez, quem sabe mais tarde, sejam até mesmo libertados, antes que morram de sede ou de fome! Até logo.

Sacudindo a lanterna, Bezumov despareceu.

69

Catherine correu para perto de Poimandres, deitado de costas ao lado do tablado. Sua mão direita agarrava a frente ensopada de sangue do *jellaba* branco, enquanto o braço esquerdo repousava inutilmente a seu lado. Catherine agachou-se e tocou-lhe o pescoço, tentando encontrar o pulso.

- James, ele ainda está vivo.

Rutherford estava em pé acima dos dois.

- Temos de levá-lo a um médico imediatamente. Vou tentar sair.

Catherine virou a cabeça para olhá-lo.

- Não adianta. Você ouviu o que Bezumov disse.

Rutherford parecia desesperado.

- O que então podemos fazer? Não podemos simplesmente ficar sentados enquanto Poimandres morre e Bezumov religa a máquina.

Catherine consultou seu relógio.

- Falta apenas uma hora para amanhecer.

Ela se levantou. Tinhas as mãos penduradas ao lado do corpo, como se não estivesse certa do que fazer. Balançando a cabeça de um lado para outro, de repente falou:

- Certo. Vá e veja o que pode fazer. Mas, James, por favor, tenha cuidado. Não acredito que chegamos tão longe para acabar entregando a pedra Benben a Bezumov.

Rutherford virou-se, atravessou a água correndo e pegou o caminho para o fosso do poço em direção à escada. Enquanto isso, Catherine voltou-se para Poimandres. Ajoelhou-se a seu lado e deitou sua cabeça sobre seus joelhos. Bem baixinho, dirigiu-se ao copta inconsciente:

- Por favor, não desista de ter esperança, Poimandres. Agüente firme...

Ivan Bezumov saiu do topo da escada e ingressou na gruta abaixo da rampa. Após a escuridão intensa das cavernas subterrâneas, a luz das estrelas que penetrava na gruta foi um alívio abençoado. Mesmo sem a lanterna, ele conseguia divisar o contorno do corpo do motorista deitado de bruços sobre o chão. Deu umas batidas leves na roupa para tirar um pouco da poeira, e então fechou o alçapão que ficava acima do fosso do poço. Em seguida, encaixou o maciço cadeado e o travou. Pulou sobre o cadáver do motorista, passou pelo portão e o trancou. Ventava forte, uma tempestade se formava. Nuvens de areia atravessavam o platô de Gizé e, a distância, o céu negro estava em ebulição, com trovões resso-ando pelas antigas planícies do deserto.

Segundos depois, Bezumov subia, a passos largos, a rampa que levava à Grande Pirâmide, tendo como única companhia o vento frio e lamentoso do deserto.

70

Rutherford ressurgiu no pé da escada e atravessou novamente a água; o suor escorria-lhe pela sobrancelha. Sem ar, ele disse, ofegante: - Está trancado. Não sei o que podemos fazer.

Catherine passava na testa de Poimandres o lenço embebido na fresca água subterrânea. Os olhos do copta pareciam estar quase se abrindo. Imediatamente, ela disse:

- Poimandres! Seja forte! Nós o *tiraremos* daqui.

Olhou para Rutherford sem saber o que fazer. Ele, por sua vez, olhava desesperado para o copta. Continuando a refrescar-lhe a testa, Catherine dirigiu-se ao paciente com uma voz muito tranqüila, tentando, com todas as forças, esconder a onda de emoção que ameaçava invadi-la:

- Poimandres, há algum outro modo de sairmos daqui? Há uma saída secreta?

Sua boca se abriu e se fechou, e em seguida, com um esforço sobre- -humano, ele disse:

- Na água...

Rutherford se abaixou, apoiando-se no joelho direito:

- Onde?

Poimandres soltou um gemido quase imperceptível, e voltou a falar com a voz quase inaudível. Catherine inclinou-se para a frente a fim de ouvi-lo melhor.

- Há um túnel secreto na água, atrás do tablado. Pegue-o, nade, e você emergirá nas câmaras sagradas. Pegue a bifurcação da direita, ela leva ao exterior por outro caminho.

O que quer que faça... Não... entre na sala dos registros. E se você sobreviver, jamais conte a ninguém o que viu. Por favor, você tem que prometer, você tem... - os olhos de Poimandres se fecharam.

Rutherford estava em pé, olhou para a lanterna, cuja luz se enfraquecia rapidamente. Contornou o tablado a passos largos e parou na beira do negro fosso. Tinha três metros de largura, e ao fundo estava a rocha da parede da caverna, que se erguia de modo irregular até o teto. Era bem possível que a água subterrânea fosse petróleo, pois era impossível enxergar o fundo ou ver o que havia em suas profundezas.

Com todo cuidado, Catherine deitou a cabeça do ferido sobre um dos *jellabas* enrolados e saiu de baixo dele e, sussurrando, fez-lhe um juramento:

- Poimandres, eu prometo... Agüente firme...

Rutherford andava de um lado para outro com a lanterna acesa, tentando desesperadamente encontrar um ângulo na superfície da água que revelasse o que havia no fundo.

Catherine aproximou-se dele.

- Você consegue enxergar alguma coisa?

- Nada. Não tem jeito.

Catherine virou-se para ver Poimandres e em seguida olhou para a água.

- Não temos alternativa. Precisamos tentar, ou ficaremos presos aqui. Bezumov conseguirá o que quer, e Poimandres morrerá.

Segurando o braço de James, ela tirou os sapatos e pisou na água, mas o declive era acentuado. Catherine sentou-se na beirada do fosso e entrou na água aos poucos. Era gelada e totalmente escura. Cada átomo do seu corpo dava-lhe a sensação de que uma corrente elétrica o atravessava enquanto a água congelante a envolvia. Respirando com dificuldade, remava com as mãos para manter a cabeça acima da água.

Agarrou-se à lateral, ergueu os olhos para James e recuperou a respiração.

- Você vem?

Em silêncio, ele tirou os sapatos e entrou na água gelada, com os olhos arregalados com o choque.

- Certo. Agora vejamos o que há lá embaixo...

Rutherford respirou fundo e desapareceu abaixo da superfície.

Tudo era escuro, silencioso e frio. Ele bateu o pé no fundo e um momento depois tocou a parede de pedra que ficava no extremo da sala. Apalpou seu entorno. A parede era rugosa e tinha ondulações. Ele já começava a perder o fôlego, e se tornava cada vez mais difícil ficar submerso. Como um cego, tateou em volta e então, de repente, lá estava. Abaixo dele, à direita, a parede desapareceu e surgiu o túnel. Era largo, provavelmente um metro de um ponto a outro. Havia espaço suficiente. Exalando enquanto subia, ele eclodiu na superfície da caverna:

- Encontrei. Ele está certo. Está lá.

Rutherford nadou para perto de Catherine, que tremia.

- Eu vou primeiro. Siga-me logo atrás. Se você ficar sem ar, volte.

Ambos inspiraram profundamente e em seguida mergulharam as cabeças na água gelada e em direção ao silencioso reino subaquático.

Rutherford dirigiu-se rapidamente para o túnel. Verificando sua localização novamente, hesitou por um instante antes de lançar-se no desconhecido. Depois de três fortes braçadas, ele ainda nadava. Os pulmões começavam a sentir a pressão.

Catherine, uma excelente nadadora, estava logo atrás. Ela conseguia sentir os rodopiantes redemoinhos provocados pelas batidas de seus pés. Tentou ficar calma, uma outra braçada, e mais outra. Mas ela sentia o pânico começando a se instalar. De repente, Rutherford percebeu que conseguia enxergar as próprias mãos na água à sua frente. Havia luz.

Aliviado, Rutherford subiu rapidamente à superfície, acompanhado de Catherine logo atrás. Um tanto confusos, os dois se debateram, esforçando-se para respirar, sem entender onde estavam.

- Que lugar é este? - Rutherford perguntou sem pensar.

Eles estavam em uma estreita piscina natural, com dois metros quadrados de área. Os lados da piscina eram feitos de granito ricamente torneado. Ao redor

havia uma pequena sala, quase duas vezes o tamanho da piscina, com um 1,50 metros de altura. Dois degraus perfeitamente esculpidos serviam para sair da piscina em direção a um vão que se abria para um túnel. A sala tinha paredes lisas, impecavelmente lisas, como o interior da câmara real. Eram decoradas com hieróglifos, pintados com uma espécie de substância dourada que lhes dava um brilho delicado no escuro. O teto da pequena sala também brilhava. Era coberto de milhares de pontinhos de luz.

Catherine ficou boquiaberta com toda aquela beleza.

- Isso é incrível! São estrelas! Olhe, é a constelação de Orion acima de nós.

Rutherford arrastou-se pelos degraus e a ajudou a sair.

Ficaram ali em pé por um momento, trespassados pelos surpreendentes efeitos luminosos.

Atordoado, Rutherford disse:

- Estes hieróglifos. Eu nunca tinha visto nenhum deles, nem mesmo um... São todos símbolos desconhecidos. Imagine o que o mundo pensaria, imagine o que isso tudo significa...

Catherine olhava pelo vão da porta em direção à passagem escura.

- O que você acha que há lá na frente?

Caminharam até o vão e tentaram enxergar o escuro da passagem.

- Não tenho idéia. Isso é inacreditável... - Rutherford não conseguia tirar os olhos das lindas paredes.

Catherine ingressou na passagem. Não era tão escura quanto parecia, e também tinha um brilho de estrelas no teto iluminando o caminho. Com o coração aos pulos, ela começou a explorar o caminho. Rutherford, dando uma última olhada na extraordinária disposição dos símbolos, virou-se e a seguiu.

Quando Bezumov chegou à fileira inferior de alvenaria no lado sul da Grande Pirâmide, o primeiro tiro ecoou pelo platô de Gizé. O vento trazia gritos, mas não em árabe, em inglês.

Alguém o vira. Ele agarrou a pedra Benben junto ao peito e, com a mão que estava livre, apoiou-se para subir o primeiro degrau. Sentia-se como um liliputiano em uma terra de gigantes. Virou-se para contemplar o deserto, as costas exerciam pressão contra o peso morto da cantaria da segunda fileira. Não havia ninguém por perto. Em quem atiravam?

Onde estavam?

De repente, no alto do céu noturno, próximo ao topo da pirâmide, um foguete de sinalização explodiu como um fogo de artifício, produzindo uma luz branca e fosforescente.

"Então, eles ainda não me viram..."

Com todo cuidado, Bezumov pisou no próximo degrau, usou a mão como apoio novamente e arrastou-se, atingindo o próximo nível. O foguete de sinalização, que por um momento iluminara a face sul como se estivesse suspenso nos céus, foi apanhado pelo vento e arrastado a uma tremenda velocidade para o meio do deserto. Bezumov voltava a ficar mergulhado no escuro.

Impaciente, ele escalou a pirâmide com dificuldade, com cada nível representando um novo esforço. O tempo passava. Outro foguete sinalizador subiu ao céu. Bezumov encolheu-se contra a pedra, tentando se esconder o máximo possível. Agora, já estava na metade do caminho. A vista dali de cima causava vertigem. Ele enxergava os vultos correndo em direção à base da pirâmide, enquanto o vento varria também o segundo foguete par o meio do deserto. A ventania levantava a areia das dunas e a levantava em enormes nuvens rodopiantes.

Aqueles homens sabiam que ele estava ali em cima?

O russo virou-se para a rocha fria e continuou a subir. Não havia onde se esconder, tinha que prosseguir. Os blocos de granito ficavam menores, agora que ele se aproximava do topo, o que era um grande alívio. Acelerou o passo. De repente, para seu espanto, a luz de uma lanterna atingiu seu braço direito, que estava estendido. A luz continuou a percorrer a extensa parede da pirâmide, e como um fantasma amarelado faiscava aqui e ali, como um círculo de luz dançante. Bezumov voltou a ficar imóvel. Não faltava muito para chegar ao topo. Olhando para baixo, conseguia divisar quatro homens em pé junto à base da face sul; um deles segurava a lanterna.

Tomado pelo pânico, Bezumov olhava para a direita e para a esquerda da fileira de blocos em que estava. Não faltava muito para atingir o topo, e o canto das faces sul e oeste estava a aproximadamente 9 metros à sua esquerda. Encostando-se ainda mais contra a pedra, começou a andar de lado, arrastando os pés ao longo das saliências da pedra. A luz da lanterna ziguezagueava pela cantaria em seu redor. Faltavam apenas 2 metros. Foi então que o feixe de luz parou exatamente sobre ele, apanhando-o em meio à escuridão, iluminando-lhe o peito e a cabeça como um anjo no meio da noite.

Logo em seguida, Bezumov ouviu um tiro, e balas voaram penetrando a pedra em ambos os lados de onde estava.

Quando os projéteis atingiram o granito, produziram um estampido violento. Desesperado, dirigiu-se rapidamente ao canto da pirâmide, quase não conseguindo se segurar. Em seguida, numa última investida aflita, arrastou-se pela parede contornando o canto da pirâmide em direção à face oeste.

Seus perseguidores começaram a correr em volta do lado da pirâmide. Ele dispunha apenas de alguns segundos para agir.

Olhou para cima. Não faltava muito para subir. Com muita cautela, pousou a pedra Benben sobre o degrau acima dele.

Ato contínuo, puxou o revólver e, usando a experiência de muitos anos de treinamento como militar soviético, começou a atirar sistematicamente.

71

De mãos dadas, Catherine e Rutherford seguiram em frente, pé ante pé, pela passagem que levava ao corredor escuro. Era impossível saber ou dizer quanto tempo ela estivera ali, oculta. Sequer havia qualquer indicação de quando fora construída, a não ser pelo fato de que, do ponto de vista técnico, a maestria extraordinária com que fora criado aquele lugar era comparável às câmaras internas da Grande Pirâmide.

Com os olhos maravilhados, Rutherford mal podia conter a surpresa, e sussurrou:

- Catherine, é isso! Este é o segredo de nossas origens. A raça humana já *foi* notável antes. O mundo anterior ao nosso *realmente* existiu. Este é seu último monumento.

Catherine, com o queixo caído de tanta admiração e temor, tentava enxergar o que havia em meio à escuridão.

Como era de se esperar, 15 metros à frente a passagem chegou a uma bifurcação. A segunda passagem era construída com as mesmas lajes de granito perfeitamente unidas. Os intervalos entre os grandes blocos eram finos como fios de cabelo e as superfícies das paredes, da mesma forma como os tetos enfeitados de estrelas, haviam sido polidas até ficarem lisas como gelo.

À direita, o túnel sofria um declínio e parecia estreitar-se, para então desaparecer na escuridão. À esquerda, elevava-se de modo imperceptível, e 30 ou 40 metros à frente mergulhava em um brilho dourado cuja luz era aconchegante e reconfortante. Rutherford largou a mão de Catherine, abismado com a beleza da estranha luz que parecia atraí-lo para si.

- Meu Deus, nunca vi nada como isso...

Catherine, com seu rosto iluminado por aquele brilho suave, ficou lado a lado com Rutherford.

- O que é isto? O que pode haver para além dali?

Os dois entreolharam-se. Catherine agarrou a mão de Rutherford e a apertou:

- Lembre-se do que Poimandres disse, para pegarmos o caminho à direita.

Rutherford a fitou. Seus olhos, que sequer piscavam, mal registravam as palavras que ouvia.

- Temos que ver. Temos que ir até lá e ver. Não podemos perder esta oportunidade.

Catherine estava dividida. A luz dourada a atraía em sua direção, mas sua consciência relutava, lembrando-lhe das palavras de Poimandres e da promessa de fazer o que ele pedira. Os dois começaram a descer pela passagem, sem forças para tirar os olhos da luz nem para recuar.

Tão logo se aproximaram da fonte de luz, o corredor se abriu abruptamente em um panorama inimaginavelmente estranho.

Antes, abaixo e acima deles estava uma vasta câmara do tamanho de uma catedral, com centenas de metros de comprimento. Jamais, nem mesmo em seus sonhos mais loucos, esperavam ver tal coisa, tantos metros abaixo do solo.

O corredor os despejara em uma saliência de granito a meio caminho de um dos lados da câmara, que tinha 80 metros de altura, e ficaram em pé sobre aquele precipício, chocados com o que viam. Abaixo deles, mais de 30 pirâmides se erguiam do chão, os topos atingindo a metade da altura da parede, cada uma revestida com uma bela pedra branca, com os ápices feitos de uma espécie de metal branco. Uma linda luz elétrica diáfana azul lançava-se alternadamente entre elas, lambendo uma e outra como uma língua de fogo de outro mundo. Toda a estrutura emitia um ruído semelhante a um zumbido fraco, e à medida que a língua de luz azul, com 20 metros de comprimento, se espalhava pela sala, passando de um ápice a outro, produzia um estampido, como o som de madeira seca no forno. Catherine olhava tudo aquilo com um misto de horror e fascinação.

- Que raios de lugar é este?

Rutherford, igualmente espantado e enlevado pela sinistra visão que tinham diante de si, respondeu:

- Não faço a menor idéia. Mas acho que estamos na presença de alguma forma de tecnologia natural, mas muito além de nosso entendimento.

Era verdade. Enquanto Catherine se encantava com a vista extraordinária diante deles, não pôde deixar de pensar que este era o verdadeiro coração da máquina. A saliência sobre a qual estavam apoiados rodeava toda a enorme sala. A intervalos regulares, havia escadas que desciam ao andar inferior, e à cada mais ou menos 15 metros ao redor das saliência outros corredores, como aquele pelo qual acabavam de entrar na câmara, desapareciam no interior da rocha. Os olhos de Rutherford estavam vidrados. Ele deu meia-volta, dirigindo-se a Catherine.

- Temos que prosseguir. Veja!

Com o braço esticado, ele apontou para o outro extremo da grande sala. Havia um enorme vão banhado de luz. A luz irradiava da abertura, e acima da passagem hieróglifos belos e colossais, ainda desconhecidos, brilhavam, representando uma mensagem antiga e enigmática.

- A sala dos registros! - James mal podia conter a alegria. -

Tem que ser. Eu sei que é. Por ali... Podemos contornar a saliência. Venha!

- Não James, vamos voltar. Prometi a Poimandres, e ele está morrendo, enquanto falamos. Temos que deter Bezumov. Era disso que ele falava, esta é a máquina que ele quer religar.

Mas ele não tem a menor noção do que está fazendo, não sabe muito bem com o que está mexendo. Temos que detê-lo.

Agora!

Rutherford olhou para ela com uma expressão de desespero.

Fez um gesto abrindo a mão, como se dissesse: "Veja, não podemos perder esta oportunidade".

- Mas... Não podemos simplesmente deixar...

Catherine pegou as duas mãos de James e olhou-o firme, como se tentasse reverter o feitiço da máquina. E, com calma, lhe disse:

- Podemos voltar. Ela ainda estará aqui. Temos um trabalho a fazer no mundo atual. Voltaremos a lidar com o mundo anterior quando pudermos. Venha. Temos que ir... Antes que seja muito tarde...

Rutherford olhou para trás, contemplando a imensa sala de um canto a outro, com os olhos pregados na grande passagem.

Balançou a cabeça em sinal de inconformismo, e então voltou seus olhos para os próprios pés.

- Mas nós a vimos, não vimos? Não estamos sonhando, estamos?

Catherine fitou o rapaz, e em seguida o magnífico lugar que se estendia à sua frente, muito abaixo do platô de Gizé.

- Não, não estamos sonhando. Agora sabemos, uma outra civilização existiu com sua extraordinária tecnologia, e pereceu, assim como pode acontecer com a nossa - ela tornou a olhar para ele. - James, não temos tempo a perder. Não precisamos da sala dos registros. Temos todo o conhecimento de que precisamos. Não percebeu ainda? Não há mais segredos. Temos que deter Bezumov e a Corporação, e temos que mudar o estilo de vida das pessoas. É tudo o que o professor Kent sempre disse. Mas não quero que Poimandres tenha um fim solitário como teve o professor. Quero que ele seja resgatado, e farei tudo o que for necessário para que isto aconteça. Restam muito poucas pessoas como ele no mundo, e precisamos delas.

Rutherford ouviu tudo em silêncio, e então, voltando-se para ela, balançou a cabeça em sinal de concordância:

- Você está certa, Catherine.

Catherine ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo no rosto.

Dando meia-volta, puxou-o pela mão enquanto mergulhava novamente no túnel que haviam atravessado. Com rapidez, voltaram pelo mesmo caminho, passando de novo pela curva que levava à sala com a piscina e seguindo em frente pela passagem à direita, que Poimandres lhes dissera para pegar. A cada passo que davam a passagem ficava mais escura, começando a dobrar-se para a direita, logo formando uma curva tão fechada que, ao olhar para trás, ambos não conseguiam mais enxergar a abertura para a enorme câmara.

Finalmente, percorridos 50 ou 60 metros, a cantaria mudou de aspecto. O granito bem cortado e polido deu lugar a uma rocha áspera e não trabalhada, e o teto era caído, forçando-os a se agachar. Mais 100 metros à frente, e o corredor terminou abruptamente em uma pilha de entulho e areia que caíam de uma fissura de dois metros de largura na rocha. Rutherford olhou para aquilo consternado:

- Ela despencou. Como vamos sair daqui agora?

Catherine remexeu o entulho no alto da fissura.

- Podemos engatinhar.

Ela se apoiou no entulho e escorregou para dentro da fissura na rocha. Era como se estivesse com a cabeça entre as mandíbulas de um leão, poderia despencar a qualquer momento. Tentando não pensar nisso, começou a arrastar seu corpo para a frente, de barriga para baixo, avançando com as mãos. Catherine conseguia ouvir Rutherford cavando atrás de si.

Após percorrer 10 metros fazendo esse trabalho penoso, com o rosto pingando suor, a passagem estava bloqueada pela areia. Desesperada, escarafunchou o areão, furiosa com o fato de estarem impedidos de sair.

"Não pode acabar assim. Não aqui, não agora, por favor..."

Catherine lutou, e abriu caminho cavando a saída e, de repente, sentiu o ar fresco noturno do platô. Um borrifo de areia fina empoeirou-lhe o rosto, mas ela podia sentir o sopro de ar fresco na pele. Cavou com a obstinação de uma toupeira, usando as mãos como se fossem pás. Finalmente, empurrou o rosto para fora, e o lamento da tempestade de areia ao seu redor representava o som da felicidade.

- Conseguimos!

Movendo-se com dificuldade, como uma criatura que emergisse de um ovo, arrastou-se pelo entulho composto de areia e pedaços de rocha, finalmente chegado ao mundo exterior. Exausta, Catherine jogou-se no chão, deitando de lado. Um momento depois, a cabeça de Rutherford emergiu no vento e em seguida chegou ao lado de fora, juntando-se a ela sobre uma duna, com as pernas e os braços abertos sobre a areia, sob as nuvens carregadas e as estrelas. O céu já clareava, anunciando o amanhecer.

Eles ficaram deitados por alguns instantes, procurando recuperar o fôlego, até que Rutherford virou-se de bruços e olhou ao redor. Ali, a cerca de 200 metros de distância, estava a face oeste da Grande Pirâmide e na base, ao redor da lateral, ele enxergou claramente diversos vultos se movimentando.

Antes que conseguisse distingui-los, ou mesmo entender tudo o que acabara de acontecer, um tiroteio começou. De modo instintivo, ambos colaram-se ao chão.

- Quem é? Estão atirando em nós?

Eles perceberam a alternância nos disparos feitos por armas automáticas.

Então, de repente, um foguete sinalizador explodiu no alto, com a luz fosforescente iluminado a areia abaixo. Rutherford engatinhou até a base da duna sobre a qual estavam deitados.

Mal podia acreditar no que via.

- Meu Deus, olhe! E Bezumov, ele está quase no topo.

Catherine aproximou-se e tirou o cabelo do rosto. Ali, no alto da lateral da pirâmide, a apenas alguns níveis do cume, estava Bezumov. Primeiro o foguete sinalizador, e depois a luz da lanterna focalizaram seu estranho vulto contra a colossal construção de pedra. Parecia um homem prestes a cometer suicídio, vacilando no topo de um edifício, mas não ele, porque sua determinação o fazia subir, sem remorso, como um caranguejo, em direção ao topo. Projéteis voavam pelo ar, atingindo o granito em torno dele, mas com paciência, como um montanhista experiente, ele escalava os blocos de granito, um após o outro, subindo cada vez mais alto.

Quase sem pensar, Catherine e Rutherford se levantaram.

Diante de seus próprios olhos, Bezumov ia ficando fora de alcance. Estava quase amanhecendo. Parecia não haver nada que pudessem fazer agora para detê-lo. Tudo aquilo pelo que haviam passado fora em vão?

72

Com um último esforço hercúleo, Bezumov arrastou-se até o topo da Grande Pirâmide, que tinha em torno de 7 metros de altura por 7 de largura. O vento batia na roupa e ameaçava empurrá-lo lá de cima. Enquanto engatinhava e procurava ficar longe do campo de visão dos atiradores de elite logo abaixo, protegido pelos milhões de toneladas de pedra, ele deu uma gargalhada sinistra.

— Consegui! Estou aqui! Agora veremos! Agora o mundo saberá que estou certo!

Pôs-se de pé e segurou a pedra Benben nas mãos diante de si como se fosse uma jóia preciosa. Seus olhos selvagens buscaram o orbe ardente do sol no horizonte, mas o céu tempestuoso estava tão nublado que lhe impedia esta visão.

Ao contemplar o infinito, Bezumov ouviu um barulho terrível abafando até mesmo o som do vento uivante. Era como se os motores de milhares de aviões estivessem sendo ligados em uníssono. Em meio à confusão, olhou ao redor, agarrando a pedra contra o peito. O pânico tomou-lhe a face. Deu meia-volta; o vento cortante e a escuridão impenetrável deixando-o ainda mais desorientado. Então, ele a viu. A menos de 10

metros de distância, uma aeronave preta monstruosa surgiu na paisagem. Pairou diante dele, como uma espécie de inseto escuro e estranho. Seu arcabouço enorme, arredondado, achatado, tinha um diâmetro de mais de 18 metros de um extremo a outro. Na parte da frente, duas antenas semelhantes a uma lança apontavam agressivamente em sua direção. Entre as duas antenas havia um pára-brisa preto, na mesma altura que ele. Deu uma olhadela e, em seguida virou-se para o leste. Lá, em meio à escuridão, estava o inconfundível primeiro brilho do sol do amanhecer. Girando o corpo, Bezumov soltou um grito no meio da noite que terminava:

— Jamais! Vocês jamais me deterão! Chegaram tarde demais!

Plantou os pés com firmeza no centro do topo. Abaixo dele repousava toda a massa colossal da pirâmide. Ergueu as mãos acima da cabeça e apontou a pedra Benben na direção das estrelas que sumiam. Naquele exato momento, a tempestade elétrica parecia nascer. Lampejos azuis de luz incandesciam as

nuvens ao redor, correndo de um lado para outro, vindos de todas as direções, como se fosse um incêndio numa floresta celestial.

Catherine e Rutherford, embora estivessem a centenas de metros no meio do deserto, não puderam deixar de recuar enquanto todo o brilho no céu parecia correr pelo firmamento, antes de despencar na forma de um enorme lampejo ofuscante sobre o topo da Grande Pirâmide. Houve um trovão monumental e uma gigantesca explosão, centenas de vezes mais brilhante do que os foguetes sinalizadores que haviam sido lançados no céu momentos antes. Eles tentaram se afastar, mas foram jogados ao chão pela força da explosão.

Então, houve uma segunda explosão, ainda mais ruidosa do que a primeira. Era a estranha aeronave. Parecia ter sido atingida por um grande raio, e explodira no mesmo instante.

Uma chuva de escombros metálicos espalhou-se em todas as direções. Catherine se encolheu, e Rutherford a envolveu para protegê-la, pedindo a Deus que nenhum dos estilhaços incandescentes que caíam do céu os atingisse.

Os últimos pedaços dos destroços chocaram-se com a terra, e então tudo ficou em silêncio. Mesmo o vento parecia ter abrandado, carregado pela enorme explosão. Catherine espiou o entorno por entre as mãos. A pirâmide continuava firme. A noite sumia atrás de sua imensa estrutura, enquanto o sol nascia. Era a manhã do equinócio da primavera, e a cena voltava a ser a mesma de dez mil anos antes. A grandiosidade das pirâmides dando um testemunho mudo da insensatez da humanidade. Catherine engatinhou até a duna. Havia pedaços queimados da fuselagem espalhados por toda parte. Mais perto da pirâmide, divisou, à luz do amanhecer, os corpos de diversas pessoas jogados ao chão. Rutherford engatinhou, juntando-se a ela. Ambos contemplavam a cena estranhamente silenciosa, absolutamente chocados, sem saber o que dizer. Viam carros da polícia egípcia chegando e policiais alarmados saindo dos carros com todo cuidado, remexendo os escombros que ardiam sem chamas na base da pirâmide. Rutherford localizou algo brilhando na areia, a mais ou menos 20 metros à frente deles.

— Ei, olhe. O que é aquilo?

Catherine começou a se levantar:

— Misericórdia! Não pode ser...

Catherine, ora engatinhando, ora correndo, foi em direção ao objeto. Virou-se e gritou para James:

— É! É a pedra Benben!

Rutherford juntou-se a ela e, ambos se rastejando, aproximaram-se do objeto com muita cautela. Ali estava ela, aparentemente intacta, sua perfeita superfície dourada brilhando delicadamente na noite, assim como seu diamante, que brilhava como uma estrela. Catherine inclinou-se para a frente para apanhá-la.

— Isso é incrível. Como é que ela ficou inteira? Nossa! -

Catherine a soltou tão logo a tocara. - Está fervendo!

Rutherford rasgou a manga da camisa ainda molhada e a jogou sobre o tremeluzente prêmio. Com muito cuidado, enrolando o pedaço de pano em volta do metal para cobri-lo por completo, pegou a pedra preciosa.

— Consegui! - James olhou para o platô em direção à rampa e à entrada do *bir.* Os policiais corriam e gritavam

— Olhe ali — disse ele. — Eles devem ter encontrado o corpo do motorista. Isso é bom. Eles descerão ao poço e agora encontrarão Poimandres - correndo os olhos pelo platô, ele procurou uma rota de fuga.

As sirenes da polícia enchiam o ar com seu barulho terrível, e diversos holofotes, geralmente usados para produções oferecidas aos turistas, uniram-se ao sol nascente para iluminar as quatro faces da pirâmide. Ruthedrford agarrou a mão de Catherine:

— Certo. Esta é a nossa deixa.

Ambos se viraram e, aprumando-se, seguiram em direção às dunas e à tranqüilidade do deserto.

73

Mais tarde, naquele mesmo dia, Rutherford acordou deitado sobre frescos lençóis de algodão em um quarto de hotel limpo e parcimoniosamente decorado. A luz do sol penetrava pelas janelas e uma brisa leve agitava as cortinas brancas e diáfanas.

Lá fora havia um céu azul e sem nuvens.

No mesmo instante, as aventuras vividas na noite anterior voltaram-lhe à mente. Virou a cabeça cheia de preocupações para ver Catherine deitada a seu lado, dormindo profundamente. Então, é isto, não fora tudo fruto de sua imaginação.

Seus olhos percorreram o quarto do hotel e pousaram sobre a camisa rasgada, que estava sobre uma cadeira do outro lado.

Olhando-a de relance e tentando fazer o mínimo de barulho possível, saiu da cama e pegou a camisa e o que havia dentro.

Com muito cuidado, pôs a trouxa sobre a cama e a desmanchou delicadamente. Ali, diante dele, em toda sua glória misteriosa, estava a pedra Benben. Naquele momento, Catherine virou-se e abriu os olhos.

— James! Onde estamos?

Ele sorriu ternamente, inclinou-se e beijou-lhe os lábios delicadamente.

— Estamos no hotel que encontramos ontem à noite, em algum lugar no subúrbio do Cairo. E não sei que horas são.

Catherine olhou para a pedra Benben.

— Então, quer dizer que nós *realmente* a recuperamos; não foi apenas um sonho maluco. E Bezumov...

Rutherford concluiu o que ela dizia:

— Bezumov já era. Assim como os chefes da Corporação. Eu acho. A estranha aeronave que explodiu em um milhão de pedaços devia pertencer a eles. Está

tudo acabado. Estamos seguros por enquanto. Olhe! - James virou-se para a janela com um sorriso. — Está um dia lindo!

Catherine sentou-se apoiada nos cotovelos e olhou na direção do tranqüilo céu azul.

— No entanto, o que terá acontecido com Poimandres?

Precisamos ver se ele está bem.

Rutherford pôs-se de pé.

— Vou até a recepção agora mesmo e pedirei que entrem em contato com o hospital de Gizé para ver se ele está lá. Acho que devemos ir visitá-lo.

Catherine observou os belos traços da pedra, dando-lhe pancadinhas leves.

— Sim, e temos de encontrar um modo de devolver este objeto extraordinário.

Rutherford abotoou a camisa, calçou as botas e as amarrou.

— Por que não toma um banho e se levanta? Estarei de volta em dez minutos. Então, poderemos sair.

Catherine sorriu-lhe. A brisa soprava pela janela, deslocando a cortina e fazendo com que a luz do sol brilhasse em seu rosto.

— James!

Rutherford virou-se, já com a mão na porta:

— Sim?

Catherine deu-lhe um sorriso radiante:

— Obrigada por tudo.

Poimandres estava deitado na cama do hospital. O lençol fresco puxado até a altura do queixo. A luz do sol, quente e vital, entrava pelas aletas da persiana. Seu rosto, mais do que nunca, tinha o aspecto austero da máscara mortuária de um faraó morto muito tempo atrás. A enfermeira contornou a lateral da cama e

tocou-lhe o ombro com delicadeza. Então, inclinou-se e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. No mesmo instante, Poimandres abriu os olhos. Por um momento, deu a impressão de estar perdido e as pupilas percorreram o cômodo, mas tão logo enxergou as duas visitas, sorriu.

De algum modo, o fato de sorrir parecia trazer cor e vida a seu rosto. Catherine contornou a cama e sentou-se na cadeira ao lado do criado mudo. Rutherford permanecia em pé, na extremidade da cama. A enfermeira cumprimentou Catherine, acenando com a cabeça, e saiu. Catherine inclinou-se na direção do enfermo. Não sabia muito bem por onde começar.

Ela mesma não estava muito certa do que acontecera.

— Sr. Poimandres, está tudo bem. A pedra Benben está conosco. Nós a resgatamos após a explosão, ontem à noite -

ela apanhou a bolsa e a pôs no colo. — Como podemos devolvê-la? - ela olhou ao redor da enfermaria. Uma cortina separava a cama de Poimandres dos outros pacientes. Não parecia o local mais adequado para um artefato tão importante.

Poimandres abriu e fechou a boca. Um sorriso débil, porém determinado, separou-lhe os lábios. Então, reunindo as últimas reservas de energia, falou:

— Não tem problema. A pedra Benben não é importante.

O copta notou o olhar chocado e surpreso no rosto dos dois.

Tossindo brandamente, recomeçou. Era primordial que eles entendessem.

— Não representa nada. E apenas um símbolo.

Catherine mal podia acreditar no que ouvia.

— Você quer dizer que ela não funciona? Mas nós vimos...

Ontem à noite... Ela...

Poimandres tornou a tossir.

— Ela funciona. Só não tem de ser esta pedra em particular. A Benben é um

componente da máquina, mas somente servirá para aqueles que souberem como construir outra. Felizmente, este conhecimento não é muito difundido.

Rutherford riu sozinho. "Bem valeu a pena quase morrer por isso."

Poimandres desviou o olhar para ele.

— Por favor, apenas livrem-se dela. Esta seria a atitude mais segura a tomar.

Rutherford balançou a cabeça, concordando com o pedido.

Poimandres passou a língua pelos lábios secos e retomou o que dizia:

— Houve milagres. Chegamos perto da morte. O homem de branco foi detido. A corporação foi impedida de entender o poder das pirâmides. Alguns deles, pelo menos, foram mortos, e por enquanto seus planos diabólicos foram adiados.

Catherine franziu o cenho:

— Mas eles ainda estão destruindo o mundo. Nós só os detemos por um dia. Agora entendemos que o derretimento do gelo fará com que a litosfera escorregue. O que podemos fazer?

Rutherford deu uma olhada para verificar se a enfermeira estava em algum lugar de onde pudesse ser vista:

— Quem sabe nós mesmos não descobrimos como funciona a máquina? Poderíamos aproveitar sua energia e tirar a humanidade da beira do abismo. Talvez Bezumov tenha tido a idéia certa, mas apenas a técnica errada.

— Não, James. Ninguém está pronto para controlar essa força.

Deve-se resistir à tentação de usar a máquina ou de abrir a sala de registros. Você já tem conhecimento suficiente para isso. Se tentar combater a Corporação com essa força, será destruído por ela, ou a própria força o corromperá, assim como fez com os chefes da Corporação. Há apenas um modo de derrotar a Corporação.

— Como? — Catherine perguntou.

— É simples. Vocês têm de explicar a verdade às pessoas. Mas não podem

coagi-las a mudar de idéia. Vocês mesmos acabariam se transformando em uma nova Corporação.

Lembrem-se, a verdade é mais poderosa do que qualquer força física do universo - Poimandres sorriu. — Estamos ingressando em uma nova era. A Corporação parece ainda mais poderosa, mas isso é um erro. Estamos mais perto de derrotá-los do que jamais estivemos. Se for possível fazer com que as pessoas enxerguem a verdade, elas perceberão que as curas modernas geradas pelo

"desenvolvimento" e pelo crescimento econômico são, na verdade, doenças; entenderão que isso leva à escravização. E

preciso apenas que a próxima geração acredite e transmita esta crença aos filhos. Então, estaremos livres. Finalmente livres dos grilhões da Corporação, e evitaremos a chegada do cataclismo. Acredito que somos capazes de fazer isso.

Devemos fazê-lo. E se não fizermos, então nossa espécie não merece ser salva. No fim das contas, como vocês podem ver, é muito simples - Poimandres parou de falar para tomar fôlego.

— Agora vocês entendem por que a sala dos registros não é importante, nem qualquer outro conhecimento secreto.

Devemos abdicar voluntariamente de todo desejo de poder e riqueza, porque é por meio desses desejos que a Corporação pode nos controlar. Se conseguirmos virar as costas para tal materialismo, então a Corporação, e suas filiais corruptas, serão desmascaradas pelo que realmente são, um atalho para o fim. Mas isso exigirá um grande esforço. Agora vão. Voltem às suas pátrias e espalhem a verdade. O presente ainda pertence a eles, mas o futuro... O futuro pertence a nós.

Poimandres teve um acesso de tosse seca. A enfermeira retornou, e olhou seriamente para Catherine e Rutherford. O

copta fez uma última tentativa:

— Agora vocês estão seguros.

Rutherford estava preocupado.

— Mas... E a explosão? Ela não vai atrair a atenção da polícia egípcia e da mídia? E quanto aos destroços da estranha aeronave?

Reunindo suas últimas reservas de energia, Poimandres respondeu:

— O governo egípcio encobrirá tudo. Acontecem muitas coisas estranhas em Gizé. Vocês não têm nada a temer.

Concentrem-se no futuro.

A enfermeira deu um passo à frente em direção ao leito de Poimandres e se dirigiu aos dois acadêmicos:

— Vocês têm que ir agora. O senhor Poimandres ainda não está em condições de falar muito.

Catherine levantou-se.

— Sim, claro, desculpe-nos - e inclinou-se para que Poimandres pudesse ouvi-la sem dificuldade. — Faremos tudo conforme suas orientações. Alertaremos as pessoas e as convenceremos a mudar. Espalharemos a verdade. Nós prometemos.

74

Ao sair do hospital, mergulhando na intensa luz do sol, Catherine de repente percebeu que aquela era a primeira vez, após um longo tempo, que pisava em um lugar público sem ter de olhar para trás. Era a primeira vez que se sentia à vontade desde o dia em que soubera da morte do professor, e soltou um profundo suspiro de satisfação:

— Então, quer dizer que temos uma tarefa a cumprir agora.

Mas, primeiro, creio que merecemos um descanso. Vamos ao aeroporto ver se conseguimos um vôo de volta para Londres?

Rutherford sorriu-lhe:

— Sim, acho que vimos e aprendemos o suficiente para uma viagem. É hora de voltar para casa.

Catherine fechou os olhos e desfrutou a sensação da luz do sol aquecendo-lhe a pele. Quando tornou a abri-los, James se fora. Olhou ao redor, cheia de ansiedade, e então o viu de pé, na entrada de uma loja de suvenires a alguns passos dali.

— Só vai levar um minuto. Tem uma coisa que prometi a mim mesmo fazer antes de deixarmos o Egito - ele tinha um sorriso no rosto. Catherine olhou para ele sem entender:

— James, o que você está fazendo?

— Espere. Vou levar apenas um minuto.

Rutherford abriu caminho entre os transeuntes na calçada em direção à espelunca que vendia lembrancinhas. O interior representava uma caverna de Alladin, cheia de bugigangas e quinquilharias para turistas, bolsas de couro, camelos de couro, tapetes persas, narguilés e grandes bandejas de bijuterias, com anéis, colares e brincos, todos feitos dos mais diversos materiais, alguns gravados com símbolos egípcios.

Ele vasculhou as caixas e as bandejas de bijuterias. Sobre uma pequena mesa, havia uma camada de espuma na qual estavam presos uma dúzia de anéis, simples aros prateados, com garras que prendiam pedras coloridas, mas não preciosas. Analisando a bandeja, Rutherford escolheu um anel. Um senhor idoso, sem dúvida o dono da loja, aproximou-se dele saindo dos fundos da loja, ligeiramente surpreso em ver um cliente.

Rutherford dirigiu-se a ele e sorriu:

— Eu gostaria de comprar este anel.

O dono da loja grunhiu:

— Cem libras egípcias.

Rutherford não se importou de pagar além do que seria justo.

— Feito. Mas quero que tire a pedra.

O idoso olhou para ele sem entender. Rutherford gesticulou para mostrar o que queria, mas o homem continuava confuso.

— Tirar a pedra? Mas ainda cem libras. Não mais barato sem pedra.

Rutherford fez sinal com a cabeça, concordando:

— Sim, eu entendo. Pagarei o mesmo valor, não se preocupe.

Aqui está o dinheiro.

O velho homem balançou a cabeça, como se dissesse que não entendia e sorriu:

— *Turistas malucos!*

Ele arrastou os pés até os fundos da loja e vasculhou diversas caixas. Rutherford olhou pela porta de vidro da loja. Catherine estava sob o sol, na calçada, observando os transeuntes. Seu coração se encheu de ternura ao vê-la. O velho tocou-lhe o cotovelo.

— Dê.

Rutherford entregou-lhe o anel.

O velho tinha um par de alicates na mão. Com habilidade, desdobrou a garra de metal que segurava a pedra no lugar em cima do anel. Depois, virou o anel de cabeça para baixo e a pedra caiu na palma da sua mão. Ofereceu-a a Rutherford, que sorriu e balançou a cabeça, dizendo que não a queria.

— Guarde-a. Agora, esta é a próxima coisa que quero que faça...

Do bolso, Rutherford tirou a pedra Benben. Os olhos do velho se arregalaram de prazer quando viu o diamante preso ao topo da pequena pirâmide. Rutherford fez um gesto com a mão para indicar que queria a remoção do diamante e a inserção dele na garra do anel.

— Ah!

Agora o velho entendera. Sorriu alegremente para Rutherford e, tirando a pedra Benben de sua mão, dirigiu-se rapidamente aos fundos da loja e uma vez mais vasculhou as caixas de ferramentas. Depois de resmungar um pouco e de diversas tentativas de extrair a pedra com diferentes instrumentos, soltou um grito de satisfação.

O velho segurou o diamante para que Rutherford pudesse inspecioná-lo, e então começou a fixá-lo diligentemente na garra do anel. Um minuto depois, após um ajuste delicado, devolveu o trabalho concluído a Rutherford.

— Presente! — disse o velho egípcio com orgulho.

Rutherford abriu um largo sorriso:

— Exatamente!

Rutherford pagou-lhe, deu meia-volta e atravessou a porta de vidro em direção à rua. O velho, fascinado, caminhou até a porta para observar seu estranho cliente ir embora.

Rutherford respirou fundo e então, cruzando a calçada, caminhou em direção à confusa Catherine.

— O que você fez com a pedra Benben?

Com um brilho no olhar, Rutherford respondeu:

— Bem... Pensei transformá-la em um anel de noivado.

O lindo rosto de Catherine ruborizou-se, transformando suas bochechas em lindas rosas. Sorriu como nunca sorrira antes, e, aceitando o anel sem hesitar, colocou-o no dedo e mergulhou num abraço apaixonado, envolvida nos braços fortes de seu tão conturbado amor.